



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Brian Gordon Lutalo Kibuuka

O POVO CONTRA A DEMOCRACIA
CRÍTICAS ÀS DELIBERAÇÕES DE ASSEMBLEIAS
NAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES

Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, orientada pelo Professor
Doutor Delfim Ferreira Leão, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e
Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Julho de 2022

FACULDADE DE LETRAS

O POVO CONTRA A DEMOCRACIA CRÍTICAS ÀS DELIBERAÇÕES DAS ASSEMBLEIAS NAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	O Povo contra a Democracia
Subtítulo	Críticas às Deliberações das Assembleias nas Tragédias de Eurípides
Autor/a	Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Orientador/a(s)	Delfim Ferreira Leão
Júri	Presidente: Doutora Maria Margarida Lopes de Miranda Vogais: 1. Doutor Delfim Ferreira Leão 2. Doutor Martinho Tomé Martins Soares
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Clássicos
Área científica	Estudos Clássicos
Data da defesa	26-09-2022
Classificação	19 valores



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Delfim Ferreira Leão, as correções atenciosas e excelente orientação.

Agradeço à coordenadora do curso de mestrado, Dra. Maria Margarida Lopes de Miranda, pelo acolhimento.

Agradeço aos meus professores, Dr. Frederico Maria Bio Lourenço, Dra. Luísa de Nazaré da Silva Ferreira (*in memoriam*), Dr. Manuel Ferro, Dr. Manuel Tröster e Dra. Maria do Céu Fialho, pelos ensinamentos e inspiração.

Agradeço à Edeny Silva de Assis Kibuuka e à Aimée de Assis-Kibuuka, esposa e filha, pelo apoio. À minha mãe, Sônia Aparecida Reis, e à minha irmã, Samaly Sônia Kizza Kibuuka.

Agradeço à minha grande amiga, Dra. Francisca de Lourdes Louro, em quem encontrei apoio e razão de estudar na Universidade de Coimbra. Agradeço também à Dra. Socorro Viana de Almeida, grande amiga.

Aos amigos: Dr. Nilo Reis, Dr. Carlos Silva Jr., Dr. Charliston Pablo do Nascimento, Dra. Adriana Reis, Dra. Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa, Dr. Lucas Nascimento, Dr. Luiz Montans, Dr. Carlos Brandão e Dra. Ione Celeste Jesus de Sousa.

Ao meu amigo e mentor, Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, que em todos estes anos tem sido um companheiro de caminho e um grande mentor.

Ao prof. Ricardo de Souza Nogueira, que me apresentou a Eurípides.

Ao NEREIDA e ao Nina Simone, Grupos de Pesquisa que me inspiram.

À Dr. Violaine Sebillotte Cuchet, Dr. Pauline Schmitt-Pantel et Dr. Florence Gherchanoc, dont les investigations m'ont inspirée.

Ao meu irmão Estêvão Queiroga, com afeto.

À Dra. Marina Cavicchioli, com afeto.

Aos companheiros do caminho: André Gonçalves, Mauro Henrique, Leonardo Gonçalves, Tiago Arrais, Dr. Edson Nunes e Dr. Deivy Carneiro.

RESUMO

O Povo Contra a Democracia: Críticas às Deliberações das Assembleias nas Tragédias de Eurípidos

Esta dissertação é uma investigação literário-histórica acerca das imagens e representações das assembleias nos dramas euripidianos, com destaque às reações de personagens à própria existência da assembleia e às suas deliberações. Logo, o tema desta investigação é submeter à análise menções à assembleia nos dramas, colocar em destaque críticas e reações negativas, e identificar os agentes de tais críticas. Em seguida, o que se propõe é identificar as intencionalidades discursivas de tais críticas por meio da análise do Discurso de Dominique Maingueneau, que ajudará a reconhecer uma possível recepção na audiência. Tal recepção depende de um mapeamento das críticas às assembleias, para a identificação das continuidades e descontinuidade discursivas entre as críticas encontradas nos dramas euripidianos, e o debate políade em curso sobre a democracia com ênfase na assembleia como órgão democrático. A discussão desta dissertação é feita em três capítulos. No primeiro, aborda-se a democracia em geral, e as assembleias atenienses em particular no período de produção dramática de Eurípidos. No segundo capítulo, são apresentadas, destacadas e analisadas as assembleias nos dramas de Eurípidos. No terceiro capítulo, os sentidos das críticas às assembleias nos dramas de Eurípidos são vislumbrados em seu contexto de enunciação por meio de ferramentas da Análise do Discurso e da Análise Pragmática dos Enunciados.

Palavras-chave: Eurípidos, Tragédia Grega, Democracia Ateniense, Assembleia, Política.

ABSTRACT

The People Against Democracy: Criticisms of the Deliberations of the Assemblies in the Tragedies of Euripides

This dissertation is a literary-historical investigation about the images and representations of assemblies in Euripidean dramas, with emphasis on the reactions of characters to the very existence of the assembly and its deliberations. Therefore, the theme of this investigation is to analyze mentions of the assembly in the dramas, highlight criticism and negative reactions, and identify the agents of such criticism. Next, what is proposed is to identify the discursive intentions of such criticisms through the Discourse Analysis of Dominique Maingueneau, which will allow recognizing a possible reception in the audience. Such reception depends on a mapping of the criticisms of the assemblies, to identify the discursive continuities and discontinuities between the criticisms found in Euripidean dramas, and the ongoing polyad debate on democracy with an emphasis on the assembly as a democratic organ. The discussion of this dissertation is made in three chapters. In the first one, democracy in general is approached, and the Athenian assemblies in particular in the period of dramatic production of

Euripides. In the second chapter, the assemblies in Euripides' dramas are presented, highlighted and analyzed. In the third chapter, the meanings of criticism of assemblies in Euripides' dramas are glimpsed in their context of enunciation through tools of Discourse Analysis and Pragmatic Analysis of Utterances.

Keywords: *Euripides, Greek Tragedy, Athenian Democracy, Assembly, Politics.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: Princípios teórico-metodológicos para a análise política dos enunciados das tragédias de Eurípides	1
A. Tema.....	1
B. Relevância da pesquisa.....	6
C. Referenciais teórico-metodológicos.....	11
D. Fontes de investigação	16
1. Democracia e teatro na Atenas de Eurípides	23
1.1. O enquadramento temporal de Eurípides.....	23
1.2. A Atenas de Eurípides.....	28
1.3. O povo e a democracia: fragilidades, recursos e aspectos críticos.....	36
2. Assembleias atenienses e assembleias nos dramas de Eurípides.....	43
2.1. As assembleias atenienses no período de Eurípides.....	43
2.2. As assembleias nos dramas de Eurípides.....	49
3. Aspectos críticos às assembleias nos dramas de Eurípides	59
3.1. A análise do discurso e pragmática: as noções adotadas na leitura dos dramas de Eurípides	59
3.2. As críticas às assembleias nos dramas de Eurípides.....	61
3.2.1. <i>Ciclope</i>	63
3.2.2. <i>Alceste</i>	67
3.2.3. <i>Medeia</i>	70
3.2.4. <i>Heraclidas</i>	74
3.2.5. <i>Hipólito</i>	79
3.2.6. <i>Andrômaca</i>	83
3.2.7. <i>Hécuba</i>	86
3.2.8. <i>Suplicantes</i>	92
3.2.9. <i>Electra</i>	97
3.2.10. <i>Hércules</i>	100
3.2.11. <i>Troianas</i>	102
3.2.12. <i>Ifigênia em Táuris</i>	106
3.2.13. <i>Íon</i>	109
3.2.14. <i>Helena</i>	112
3.2.15. <i>Fenícias</i>	114
3.2.16. <i>Orestes</i>	116
3.2.17. <i>Bacantes</i>	121
3.2.18. <i>Ifigênia em Áulis</i>	124
3.2.19. <i>Reso</i>	129
CONCLUSÃO.....	132
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO: Princípios teórico-metodológicos para a análise política dos enunciados das tragédias de Eurípides

A. Tema

Atenas, meados do século V a.C. As guerras descontínuas e os rumores do prolongamento dos conflitos entre Atenas e Esparta e os seus aliados provocaram uma série de mudanças na maneira de pensar a/da πόλις.¹ A democracia, sob a liderança de Péricles, era louvada e compreendida por grande parte dos πολῖται² como uma força superior de governo, resultado da superioridade de Atenas, que correspondia à superioridade dos seus cidadãos.³

¹ Segundo VIRGOLINO, a palavra πόλις pode designar um assentamento ou local; pode ser sinônimo de acrópole, o assentamento fortificado e geralmente localizado em uma região mais alta (ἀκρόπολις significa, literalmente, ‘cidade alta’); é equivalente a ἄστυ (= centro urbano); pode ser também o território sobre o qual uma comunidade tem domínio, ou seja, a ἄστυ (= centro urbano) mais a χώρα (= campo, região); no sentido de comunidade, πόλις é sinônimo de πολῖται; em relação à ἐκκλησία (= assembleia), é um termo alusivo às instituições políticas da cidade e ao δῆμος (= povo); é ainda um vocábulo alusivo à κοινωμία (= à comunidade do corpo político). Usa-se, neste trabalho, geralmente no sentido de ‘território sobre o qual uma comunidade tem domínio’. Ver: VIRGOLINO, M. F. *Redes, Stásis e Estabilidade na Grécia Antiga: um Estudo em Cultura Política*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018, p. 31-32. Ver também: HANSEN, M. H. *Polis: An Introduction to the Ancient Greek City-State*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 56-57.

² Os πολῖται [polítai] são, de forma geral, os cidadãos (PIND. *O.* 5.16, PLAT., *Gorg.* 517c. Esse termo também é utilizado no feminino, sugerindo a cidadania feminina. Cf. SEG 50.589, por exemplo, que alude às “χῆραι πολιτίδες” (= “viúvas dos cidadãos”). Afirma RHODES: “*The city was its citizens. The citizens were thought of as men who had a stake in the city, and that is why the ideal citizen was a man who owned some land in the city’s territory and who had sons to continue his family’s commitment to the city, and why metics unless specially privileged were not allowed to own land. The territory of the state, and the sanctuaries within it, were important (cf. the training program instituted for young Athenians in the 330s: Ath. Pol. 42.3); but the polis was primarily a body of politai, which could continue to exist even if removed from its territory.*” Ver: RHODES, J. P. “Civic Ideology and Citizenship.” In: BALOT, R. K. *A Companion to Greek and Roman Political Thought*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 61 (ver também as p. 57-69).

³ O ideal democrático ateniense sugeria que a democracia é superior porque consiste em um modo particular de fazer a perceptividade nativa dos indivíduos contar, além de ser um espaço em que a dissidência é livremente expressa e encorajada, provocando reflexão. Ver: THUC. 2.40.1-5. ÉSQUINES chega a afirmar, em relação à atuação democrática de um cidadão, que a sua atuação nas assembleias é exemplar, mesmo que ele, no seguimento do discurso, o acuse de práticas desonrosas: “ἐγὼ τὰς τούτων αἰτίας ἐπιδείξω. ὅτι τοὺς μὲν νόμους τίθεσθε ἐπὶ πᾶσι δίκαιοις, οὔτε κέρδους ἕνεκ’ ἀδίκου, οὔτε χάριτος οὔτ’ ἔχθρας, ἀλλὰ πρὸς αὐτὸ μόνον τὸ δίκαιον καὶ τὸ συμφέρον ἀποβλέποντες: ἐπιδέξιοι δ’ οἶμαι φύντες ἐτέρων μᾶλλον, εἰκότως καλλίστους νόμους τίθεσθε.” [“Eu explicarei a você o motivo. É porque vocês decretaram as leis com nenhum outro objetivo além da justiça, nem movidos por ganhos injustos, nem por parcialidade ou animosidade, olhando apenas para o que é justo e para o bem comum. E como creio que vocês são naturalmente mais ponderados do que os outros homens, não é de surpreender que vocês passem as melhores das leis.”] (AESCHIN., *In Tim.* 1.178). Todas as traduções utilizadas neste trabalho da língua grega para a língua portuguesa são minhas, salvo aquelas em que se indique o nome do tradutor. Ver também THUC. 6.39; DEM. 1.1, 2.31, 8.1.

Algumas vezes dissonantes, porém, eram ouvidas nas ἐκκλησίαι,⁴ na ἀκρόπολις, nos ἐμπόρια,⁵ nas φρατρίες,⁶ nos συμπόσια⁷ – e, especialmente, no θέατρον.⁸ Uns, desejosos de uma oligarquia que restabelecesse a liderança dos καλοὶ καὶ ἀγαθοί, dando assim um fim às incoerências da democracia.⁹ Outros, admiradores dos espartanos, procuravam a sujeição de Atenas à forma dessa πόλις educar, e

⁴ As ἐκκλησίαι são as assembleias convocadas (PLAT. *Gorg.* 456b). Em HER., *Hist.* 7.140-144, os atenienses recorriam aos oráculos, mas deliberavam na assembleia, lugar de γνώμαι πολλάί (= muitas sentenças). Sendo assim, as ἐκκλησίαι, reuniões mencionadas desde às assembleias homéricas (ARISTOT. *Pol.* 1285a11), são, no caso ateniense, ocasiões de participação e iniciativa popular fundamentais para o funcionamento da democracia. As ἐκκλησίαι contavam com a participação dos πολῖται, os quais tomavam as decisões em nome de sua cidade (ver nota 2). Ver: SINCLAIR, R. *Democracy and Participation in Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 88-101. Nas ἐκκλησίαι eram feitos os decretos (ψήφισμα = lit. 'aquilo que é votado', 'decreto'), embora esses seguissem a orientação geral ou a recomendação específica da βουλή (= conselho), que era o órgão responsável por preparar a agenda da Assembleia e gerir os assuntos cotidianos da πόλις. Os seus membros eram selecionados provavelmente por sorteio. Ver: RHODES, P. J. *The Athenian Boule*. Oxford: Oxford University Press, 1972, p. 4, 6-7, 107, 214.

⁵ Os ἐμπόρια, os mercados, são locais economicamente importantes, mas os que neles trabalham são estigmatizados. Euxíteo, por exemplo, é ridicularizado por vender fitas com sua mãe no mercado (DEM. 57.30-35). Aristófanes zomba de Eurípides porque ele vendia verduras com a sua mãe (ARISTOPH., *Thes.* 387). Ainda assim, as relações comerciais na Grécia Antiga são fundamentais para o equilíbrio financeiro e a circulação monetária, mesmo que a ideologia aristocrática valorizasse significativamente as atividades no campo. Ver: TANDY, D. *Warriors into Traders: The Power of the Market in Early Greece*. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 141-165.

⁶ As φρατρίες eram irmandades formadas por grupos de parentesco ativos, a base das unidades administrativas e eventualmente militares em muitas πόλεις gregas. Segundo LAMBERT, essas irmandades estabeleciam uma comunidade de relacionamento ou mesmo de oposição dentro e fora da ática (LAMBERT, S. D. *The Phratries of Attica*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993, p. 207). LAMBERT também observa que um φράτηρ é um ateniense, não meramente o membro de uma ou outra φρατρία (LAMBERT, S. D. *The Phratries of Attica*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993, p. 207, nota 12).

⁷ O συμπόσιον era uma instituição social fundamental de Atenas, caracterizada pela fruição do vinho e ações homosociais. Os seus participantes se reuniam e faziam várias atividades, como: reclinar-se, cantar, contar histórias e/ou filosofar, participar de diversões proporcionadas por pessoas contratadas, como músicos multitalentosos, cortesãs educadas, ἐταίραι (POMEROY, S. B. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves*. New York: Schocken books, 1975, p. 88-92; PESCHEL, I. *Die Hetäre bei Symposium und Komos in der attisch-rotfigurigen Vasenmalerei des 6.-4. Jahrh. v. Chr.* Frankfurt: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 1987; STARR, C. G. *The Economic and Social Growth of Early Greece, 800-500 B.C.* New York: Oxford University Press, 1977, p. 131-132). Há referências à embriaguez e a excessos diversos tanto nas referências literárias quanto em imagens de vasos atenienses do período clássico (MURRAY, O. "The affair of the Mysteries: democracy and the drinking group." In: MURRAY, O. [ed.]. *Symptotica. A Symposium on the Symposium*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 149-161), compartilhamento mútuo de vinho de uma cratera comum (LISSARRAGUE, F. *The Aesthetics of the Greek Banquet*. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 197), de canções e de histórias (LISSARRAGUE, F. *The Aesthetics of the Greek Banquet*. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 129). Nessa festa, a suspensão da ordem de Atenas, o relaxamento das normas sociais e dos limites impostos pelo sistema políade privilegiava o excesso. É relevante que tanto Platão quanto Xenofonte escrevam diálogos cuja situação de sua ocorrência seja συμπόσιον. Ver ainda: HER., *Hist.* 2.78; XEN., *Cyrop.* 8.8.10. Sobre o συμπόσιον, ver: a obra geral de DENTZER, J.-M. *Le motif du banquet couché dans le Proche-Orient et le monde grec du VIIe au IVe siècle avant J.-C.* Rome: École Française de Rome, 1982; MURRAY, O. [ed.]. *Symptotica. A Symposium on the Symposium*. Oxford: Oxford University Press, 1990; SLATER, W. J. (ed.). *Dining in a Classical Context*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991; SCHMITT PANTEL, P. *La cité au banquet. Histoire des repas publics dans les cités grecques*. Collection de l'École Française de Rome 157. Rome: École Française de Rome, 1992.

⁸ O θέατρον é, literalmente, o 'lugar de ver' (provém do verbo θεάομαι, 'ver, contemplar'). É um termo utilizado tanto para dar nome ao local de representação dramática (= teatro), como aparece em HER., *Hist.* 6.67, IG II² 1176, quanto para se referir a um local de reunião, como aparece em LYS 13.32, SIG 976.4.

⁹ A expressão καλὸς καὶ ἀγαθός (= belo e bom) é alusiva ao que se chama de καλοκάγαθία, 'excelência'. O termo é comumente uma autorreferência dos aristocratas, como afirma DONLAN, W. The Origin of kalos kai agathos. *American Journal of Philology* 94 (4), 1973, p. 365-374. O trabalho de BOURRIOT, F. *Kalos Kagathos, Kalokagathia*. Georg Olms: Hildesheim, 1995, destaca o uso da expressão e de variantes da mesma em HER., *Hist.* 1.30.4; 2.143.4; ARISTOPH. *Dait.* 1Cassio = 205 K. - A., v. 8, destacando o uso da expressão por Alcibíades, que a teria adotado por influência de Esparta, cidade com a qual tanto ele como sua família tinham laços estreitos. Ver THUC. 4.40, XEN., *Hell.* 5.3, 8-9 e ARISTOPH., *Nu.* 101. Um exemplo de autodefinição dos aristocratas por meio da utilização desse termo é discurso de Terâmenes em XEN., *Hell.* 2.3.19.

eram críticos da democracia.¹⁰ Outros tantos eram inimigos de Péricles;¹¹ outros tantos, de Cléon.¹² Os litígios eram abundantes nos tribunais¹³ e as assembleias eram frequentadas e disputadas.¹⁴ Na Pnix, no teatro, no mercado, nos ritos, *performances* carregavam disputas, divergências, diferenças e desafios cotidianos de Atenas.

Esses ἀγῶνες não ficavam restritos ao campo de batalha ou aos tribunais. Essa relação de constante disputa e conflito se irradiava em muitos aspectos da vida social ateniense. Ἀγῶνες também são característicos das Festas Dionisiacas, sendo a base das competições entre tragédias, comédias e ditirambos.

Os concursos e as disputas interferiam na construção cênico-dramática dos espetáculos, e mais ainda nos conteúdos textuais das peças produzidas pelos dramaturgos.¹⁵ Os dilemas da cidadania ateniense eram postos em cena diante deles mesmos e de cidadãos provenientes das πόλεις aliadas (e até mesmo rivais). Os encenadores, membros do coro, atores e dramaturgos também eram cidadãos. Em cada apresentação, eram representados os embates políticos, as dificuldades dos estrangeiros, as crises diplomáticas e outras questões em disputa, como a presença e o perigo persa,

¹⁰ O filho de Címon se chamava Lacedemônio, e a sua atuação pró-Esparta provocou a oposição de Efiálfes. Ainda assim, Címon liderou os hoplitas contra o exército espartano (PLUT., *Címon* 16.8). Alcibíades tinha vínculos com Esparta e é possível contá-lo entre os atenienses admiradores do modo de vida espartano (ver nota 10). Crítias, discípulo de Sócrates, elogiava inclusive as taças, móveis e passos de dança espartanos. Ver: KRENTZ, P. *The Thirty at Athens*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

¹¹ Por exemplo, os inimigos de Péricles acusaram-no em 449 a.C. de ter financiado obras na acrópole de Atenas com o tesouro dos aliados (PLUT., *Per.* 12.2). Os adversários de Péricles também criticam a sua relação com Aspásia. ARISTÓFANES, em particular, chama Péricles ironicamente de olimpiano que lança flashes e trovões enquanto coloca a Grécia em apuros, fulminando decretos escritos em estilo de música para beber (ARISTOPH., *Acar.* 528-532: κάντεῦθεν ἀρχὴ τοῦ πολέμου κατερράγη / “Ἐλλῆσι πᾶσιν ἐκ τριῶν λαϊκαστριῶν. / ἐντεῦθεν ὄργῃ Περικλέης οὐλύμπιος / ἤστραπτ’ ἐβρόντα ξυνεκῦκα τὴν Ἑλλάδα, / ἐτίθει νόμους ὥσπερ σκόλια γεγραμμένουσ [A partir daí a origem da guerra irrompeu / sobre todos os gregos: de três garotas boas em boquetes. / E então na ira de Péricles Olímpico / iluminou e trovejou e virou a Grécia de cabeça para baixo, / estabelecendo leis que escrevem como canções de beber]). Ver ainda: BALOT, R. Pericles’ anatomy of democratic courage. *American Journal of Philology* 122, 2001, p. 505-525; LEHMANN, G. A. *Perikles. Staatsmann und Stratege im klassischen Athen: eine Biographie*. Munique: C. H. Beck, 2008; AZOULAY, V. *Périclès: La démocratie athénienne à l’épreuve du grand homme*. 12 ed. revisada e aumentada. Paris: Armand Colin, 2015.

¹² Tanto THUC. 4.21-22, 27-28; quanto ARISTOPH., *Eq. passim*, apresentam críticas veementes contra Cléon. ARISTÓFANES chega a elogiar sua própria coragem de criticar Cléon (ARISTOPH., *Nu.* 545-562, V. 1029-1037 e *Paz* 748-761. Ver: MARSHALL, M. H. B. Cleon and Pericles: Sphacteria. *Greece & Rome* 31, 1984, p. 19-36; SALDUTTI, V. *Cleone, un politico ateniese*. Bari: Edipuglia, 2014; FOSTER, E. Aristophanes’ Cleon and Post-Peloponnesian War Athenians: Denunciations in Thucydides. *Histos Supplement* 6, 2017, p. 129-152.

¹³ A respeito do recurso constante às cortes, ver: GAGARIN, M. Background and Origins: Oratory and Rhetoric before the Sophists. In: WORTHINGTON, I. *A Companion to Greek Rhetoric*. Malden, Oxford: Blackwell, 2007, p. 29 [p. 27-36]).

¹⁴ Ao longo dos séculos VI e V a.C., a participação política foi ampliada a uma proporção crescente do corpo de cidadãos. Ver: LIDDEL, P. “Democracy Ancient and Modern.” In: SINCLAIR, R. *Democracy and Participation in Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 13-23; HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 27-54; BALOT, R. K. *A Companion to Greek and Roman Political Thought*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 138-139.

¹⁵ As peças trágicas e cômicas eram encenadas em competições promovidas durante festivais religiosos que duravam vários dias. As Grandes Dionisiacas eram um festival realizado em Atenas na primavera, tendo início após a abertura da temporada de navegação, quando a cidade estava em evidência e os convidados e representantes estrangeiros eram bem-vindos. Ver: WALTON, J. M. *The Greek Sense of Theatre: tragedy and comedy reviewed*. 3 ed. Londres, New York: Routledge, 2015, p. 22, 33 e 134. Ver ainda: PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *The Dramatic Festivals of Athens*. 2 ed. Londres: Clarendon Press, 1989.

os problemas de fertilidade, a escassez e a riqueza.¹⁶ O teatro ateniense era um grande ponto de encontro e um caleidoscópio das questões da πόλις, e até mesmo da Hélade.¹⁷

O teatro também era um laboratório social – os seus espectadores eram cidadãos e os seus enredos diziam respeito à vida em sociedade.¹⁸ As múltiplas dimensões da vida social eram objeto de encenação e reflexão. Aristóteles, na *Poética*, destacou que as tragédias e as comédias eram representações fora do âmbito do que era socialmente ordinário.¹⁹ A razão disso é a impossibilidade de produzir tensão na mola trágica,²⁰ ou de despertar o riso a partir do cotidiano domesticado.

A representação²¹ trágica (e a cômica) é o resultado, entre outras coisas, da antevisão dos dramaturgos dos efeitos que serão produzidos na audiência quando os seus enredos foram encenados. Logo, imagens e representações presentes nas peças têm relação com o conhecimento, pelos dramaturgos, do contexto da audiência, das reações dos espectadores²² e até mesmo dos julgadores dos enredos e das *performances*, uma vez que as encenações se dão no âmbito de um concurso.²³

¹⁶ A respeito das temáticas indicadas, é possível destacar, para exemplificar, peças para cada uma delas: a) as dificuldades dos estrangeiros: *Medeia*, de Eurípidés; b) as dificuldades diplomáticas: *Suplicantes*, de Ésquilo ou de Eurípidés; c) as questões de gênero e sexualidade: *Hipólito*, de Eurípidés; d) as disputas entre as várias classes: as comédias de Aristófanes; e) os embates políticos: *Suplicantes*, tanto a de Sófocles quanto a de Eurípidés; e *Hécuba*, de Eurípidés; e) a presença e o perigo persa: *Persas*, de Ésquilo; f) os problemas de fertilidade: *Íon*, de Eurípidés; g) a escassez e a riqueza: *Troianas*, de Eurípidés; e *Pluto*, de Aristófanes.

¹⁷ Uma evidência disso é a reencenação dos dramas. Para uma análise da influência dos dramas e suas reencenações em várias πόλεις gregas, ver: LAMARI, A. A. *Reperforming Greek Tragedy. Theater, Politics, and Cultural Mobility in the Fifth and Fourth Centuries BC*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017. Ver ainda: ARNOTT, P. D. *Public and Performance in the Greek Theatre*. Londres, New York: Routledge, 1989; LAMARI, A. A. (ed.) *Reperformances of Drama in the Fifth and Fourth Centuries BC: Authors and Contexts*. Berlin-Boston: De Gruyter, 2015.

¹⁸ ROSELLI, D. K. *Theater of the People: Spectators and Society in Ancient Athens*. Austin: University of Texas Press, 2011.

¹⁹ Segundo Aristóteles, a tragédia é uma representação não de ações vulgares, mas daquelas que são elevadas, nobres, importantes (ARISTOT., *Poet.* 6, 1449b24). No caso da comédia, ela é a representação de “pessoas inferiores” (ARISTOT., *Poet.* 5, 1448b31-31).

²⁰ GODOY, M. E. B. de. Rumor (Φήμη) Razão (Λόγος) em Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne: considerações sobre a tragédia ática. *Revista Angelus Novus*, 1, 2010, p. 20 (p. 1-30). Ver ainda: VERNANT, J.-P. A identidade trágica. In: VERNANT, J.-P. *Entre Mito e Política*. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002, p. 402.

²¹ O ponto de partida dessa pesquisa na conceituação de “representação” (em grego, μίμησις) é a utilização do conceito por ARISTÓTELES. Sobre o conceito de representação em ARISTÓTELES, ver: VELOSO, Cláudio William. *Aristóteles Mimético*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004; GEFEN, A. *La Mimesis*. Paris: Flammarion, 2002; ARISTOT., *Po.* IV 1449 b 31-34. Considera-se ainda o drama grego uma representação social, no sentido desse termo adotado em JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 22.

²² São dois os sentidos da relação entre tragédia e contexto da audiência nesta pesquisa. Primeiro, é a capacidade do tragediógrafo de antever os efeitos do seu drama na audiência e assim construir o enredo de acordo com essa percepção chamada por ARISTÓTELES de ὄψις (ARISTOT., *Poet.* 6, 1450 a 9-10). ARISTÓTELES não abordou, porém, a antevisão, pelo tragediógrafo, dos efeitos da configuração cênico-dramática da peça no contexto de sua encenação em uma dimensão social, política. Os tragediógrafos utilizam a tragédia para discutir as questões socioculturais de Atenas e da Grécia. Essa relação é, segundo CROALLY, um intercâmbio entre dramaturgos e sociedade: “*In some ways the context is prior to the performance of the plays; but the plays can also inform or change that context (here understood as the expectation of the audience)*” (CROALLY, N., “Tragedy’s Teaching.” In: GREGORY, J. (ed.). *A Companion to Greek Tragedy*, Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 56).

²³ A descrição dos concursos trágicos em CASTIAJO, I. *O teatro grego em contexto de representação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 95-97. Sobre o tema, ver ainda: CSAPO, E.; SLATER, W. J. (eds.). *The Context of Ancient Drama*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995, p. 157-165; PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *The Dramatic Festivals of Athens*. 2 ed. Londres: Clarendon Press, 1989, p. 95-99; WALLACE, R. W. “Poet, Public, and ‘Theatrocracy’: Audience Performance in Classical Athens.” In: EDMUNDS, L. & WALLACE, R. W. (eds.). *Poet, Public, and Performance in Ancient Greece*, Baltimore: John Hopkins University Press, 1997, p. 97-111; BARKER, E. T. E. *Entering the Agon Dissent and Authority in Homer: Historiography and Tragedy*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009, p. 268-269.

As peças não eram percebidas apenas como encenações – elas eram metáforas da vida cotidiana, e a relação entre os dramas e aqueles que os assistiam não se dava meramente no campo da apreensão estética: ela inclui, decisivamente, o maior ou menor poder representacional dos enredos e das *performances*

Este trabalho, intitulado O POVO CONTRA A DEMOCRACIA: CRÍTICAS ÀS DELIBERAÇÕES DE ASSEMBLEIAS NAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES, é uma investigação literário-histórica acerca das imagens e representações das assembleias nos dramas euripidianos, com destaque às reações de personagens à própria existência da assembleia e às suas deliberações. A análise aqui proposta visa reconhecer nas tragédias de Eurípides encenadas uma relação entre duas formas: a forma estética das tragédias de Eurípides e as formas políticas da Atenas democrática. Logo, procuram-se aqui as representações nos dramas euripidianos da política ateniense concreta, especialmente os debates, as votações, as leis e as decisões, cujos sentidos podem ser vislumbrados nas representações cênico-dramáticas das assembleias.²⁴ Também são destacadas neste trabalho as reações às deliberações em assembleias citadas em tragédias de Eurípides, em particular as reações críticas, negativas ou polêmicas. Por meio da análise de tais reações, objetiva-se mapear os sentidos, para a audiência, das relações entre personagens e deliberações em âmbito cênico-dramático. Em seguida, objetiva-se conectar tais sentidos com personagens e deliberações nas assembleias atenienses.

O pressuposto desta pesquisa é a existência da πόλις como um sistema sociopolítico intimamente relacionado a um senso coletivo de pertencimento territorial e social, de natureza subjetiva e prática em atividades comuns como cultos, cooperação militar, leis escritas, discursos políticos e organização do espaço.²⁵ Em Atenas, os que tinham parte na tomada de decisões políticas nas assembleias eram cidadãos do sexo masculino. Porém, mulheres com condição de cidadania, estrangeiros e estrangeiras, filhos e filhas de atenienses cuja cidadania não era reconhecida por causa de casamentos entre cidadãos e não cidadãos, são designados por nomes diversos. Logo, o vocabulário designativo do *status* político do residente em ambiente políade, como πολίτης, ἀστὸς Ἀθηναῖος, Ἀττικός, envolve desde a participação nas assembleias, até a condição de residente.

A alusão ao povo no título deste trabalho diz respeito à totalidade dos residentes de Atenas na segunda metade do século V a.C. Tais eram atingidos direta e indiretamente pelas deliberações tomadas nas assembleias, e vários grupos reagem a tais decisões. Este trabalho procura mapear os

²⁴ As formas políticas e dramáticas de Eurípides são analisadas por WOHL, que não insere em seu programa a análise das práticas políticas de Atenas ao abordar os aspectos políticos das tragédias euripidianas. Ver: WOHL, V. *Euripides and the Politics of Form*. Princeton: Princeton University Press, p. xiii.

²⁵ Sobre a πόλις, ver: FLENSTED-JENSEN, P.; HEINE NIELSEN, T.; RUBINSTEIN, L. (eds.). *Polis and politics: Studies in Ancient Greek History presented to Mogens Herman Hansen on his Sixtieth Dirthday, August 20, 2000*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2000. Ver uma discussão sobre o assunto em KIBUUKA, B. G. L. A guerra e o teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015, p. 71-79.

modos de reagir, especialmente daqueles que foram críticos às assembleias. Uma vez que as evidências de tais críticas são mais escassas, visto serem os textos em poesia e prosa atenienses desse período majoritariamente produzidos de e/ou para/sobre cidadãos que podiam falar nas assembleias, as tragédias de Eurípides constituem uma fonte importante a respeito dessas críticas. Os que estavam na esfera da tomada de decisão política de forma direta, especialmente após a Lei de Cidadania de Péricles de 451/450 a.C., deliberavam aquilo que atingia desde os candidatos à cidadania que se tornaram mais vulneráveis, até as mulheres, escravos(as), metecos(as), filhos(as) ilegítimos(as), filhos(as) de estrangeiros(as) com atenienses imbuídos de cidadania.

A liberdade de expressão na assembleia, que ecoa nos textos dos oradores gregos, também passa, em maior ou menor grau, por aqueles cuja participação nas assembleias era vedada, mas cujas críticas podem ser encontradas nas vozes de personagens dos dramas euripidianos.²⁶ Este trabalho é um mapeamento das representações dessas vozes em Eurípides, e uma tentativa de compreender como elas evidenciam atores reais que operavam em Atenas. Para isso, procura-se estabelecer nesta pesquisa uma distinção entre grupos em Atenas que se relacione com personagens euripidianos, de forma a observar regras processuais, nível de autoridade, papéis de gênero, ou seja: dados do contexto histórico e social que ajudem na atribuição de significado dos pronunciamentos críticos a deliberações de assembleias principalmente em personagens social, econômica e politicamente marginais nos dramas de Eurípides.

B. Relevância da pesquisa

É possível pensar que os elementos formais cênico-dramáticos das tragédias seriam os responsáveis pela força das caracterizações de personagens euripidianas. Porém, até mesmo as convenções do enredo trágico identificadas nos outros tragediógrafos, especialmente Ésquilo e Sófocles, são rompidas por Eurípides. O caráter inovador de seu drama, apontado pela crítica e pela audiência do seu tempo, tinha relação direta com as peculiaridades de seus enredos e com as caracterizações de suas personagens.²⁷

A proveniência dos enredos e caracterizações de Eurípides está, em grande medida, ligada ao cotidiano. É possível identificar atenienses do tempo de Eurípides em suas tragédias, e a comparação

²⁶ Ver, por exemplo, a discussão a respeito da condição do estrangeiro residente de Atenas casado com uma cidadã, do filho da cidadã com o não-cidadão e da autoctonia ateniense em: LEÃO, D. F. "Autoctonia, filiação legítima e cidadania no Íon de Eurípides". *Humanitas* 63, 2011, p. 105-122.

²⁷ Sobre as inovações de Eurípides, ver, por exemplo: DUNN, F. M. *Tragedy's End: Closure and Innovation in Euripidean Drama*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

de comportamentos “desviantes” de suas personagens são discerníveis em outros *corpora* textuais, especialmente na historiografia, nos discursos de oradores e na legislação vigente em Atenas.²⁸

A questão fundamental é, porém, perceber que os textos do teatro de Eurípides são documentos. Eles apresentam muitas vezes o testemunho do imaginário relacionado às assembleias, representando como as deliberações das assembleias eram o resultado de divergências muitas vezes irreconciliáveis, e geravam contrariedade e discordância naqueles que não podiam participar delas, mas tinham suas vidas impactadas pelas suas deliberações. Eurípides ousa representar as suas personagens abordando temas discerníveis pela audiência, e as assembleias referidas nas tragédias de Eurípides dão indícios do descompasso entre os indivíduos em suas relações sociais. Grupos sociais externos às assembleias, invisibilizados na historiografia e na prosa filosófica, aparecem representados em suas agências, em suas *práxeis* individuais. Ao mesmo tempo, legislações, fiscalizações e censuras, por mais abrangentes que sejam, não se impõem absolutamente sobre as vontades dos indivíduos.

As tragédias de Eurípides não conseguem romper absolutamente dos regimes de cidadania em vigor na Atenas da segunda metade do século V a.C. Elas também não se desprendem da diversidade própria da vida sociocultural de seu contexto de enunciação. Cabe considerar, porém, que os temas políticos não se manifestam nas peças de Eurípides somente por meio da adoção dos estereótipos a ele contemporâneos. Por essa razão, tem grande relevância o exercício de observar o teatro grego a partir da história cultural, pois tal perspectiva é bem produtiva; porém, ainda está em construção.²⁹ A investigação dos dramas gregos do período clássico e, em especial, das obras supérstites dos tragediógrafos a partir das novas perspectivas políticas – a saber, Ésquilo, Sófocles e Eurípides – é necessária. Abordar, porém, as críticas políticas de cada personagem euripídiana que as faz, relacionando-as com dados do contexto de enunciação, é uma tarefa fundamental diante dos avanços da recente investigação da política ateniense no período clássico.

Mais urgente ainda é a tarefa inacabada de desvelar do texto dramático os dados do contexto por meio de um conjunto de metodologias que respeitem as dinâmicas e limites dessa documentação.³⁰ Outrora as peças eram vistas como ‘obras de arte’,³¹ e a sua investigação somente

²⁸ STEVENS, P. T. “Euripides and the Athenians”. *Journal of Hellenic Studies* 76, 1956, p. 87-94, é um artigo seminal na pesquisa entre Eurípides e os seus contemporâneos. A relação entre os enredos e os contemporâneos de Eurípides se desenvolveu com: IRWIN, T. H., Euripides and Socrates. *Classical Philology* 78 (3), 1983, p. 183-197; GREGORY, J. Euripides as Social Critic. *Greece & Rome* 49 (2), 2002, p. 145-162; Goff, Barbara. *Citizen Bacchae: Women’s Ritual Practice in Ancient Greece*. Berkeley: University of California Press, 2004; EGLI, F. *Euripides im Kontext zeitgenössischer intellektueller Strömungen. Analyse der Funktion philosophischer Themen in den Tragödien und Fragmenten*. Munique, Leipzig: K. G. Saur, 2003.

²⁹ Em relação à abordagem do drama grego a partir da história cultural, ver a discussão sobre as principais abordagens teórico-metodológicas, e as possibilidades da investigação culturalista do tema em: HALL, E.; & HARROP, S. *Theorising Performance: Greek Drama, Cultural History and Critical Practice*. Londres: Duckworth, 2010.

³⁰ A encenação é simbólica e se relaciona às territorialidades, tendo por limite o mito. Categorias sociais, o mito e os temas míticos dão força ao enredo e estimulam a reflexão e a *práxis*.

³¹ Estudos que representam a ideia de que a literatura grega, em geral, e o teatro grego, em particular, são obras de arte e de gênio literário: CROISSET, A.; CROISSET, M. *Histoire de la Littérature Grecque*. Paris: Ancienne Librairie Thorin et fils, 1899;

constatava os méritos e o pioneirismo da cultura grega,³² cujo legado literário comprovaria a sua importância. Hoje, porém, o texto literário não é considerado mais uma entidade socialmente vazia, mas um documento que relaciona o ‘artístico’ às realidades socioculturais.³³ Ler um drama criticamente permite a identificação dos elementos pertencentes à tessitura narrativa com os dados da vida cotidiana.³⁴ Observar a relação entre o que é encenado e o que é vivido em outras territorialidades não formalmente miméticas, pertencente a outros espaços públicos e privados, é importante para a reflexão a respeito das *práxeis* em vigor no tempo da encenação.

Diante do exposto, a investigação aqui proposta é cientificamente relevante porque considera a crítica política uma categoria analítica fundamental para ler tais textos. Ao mesmo tempo, é social e cientificamente relevante. Abordar heurísticamente a crítica política como categoria de primeiro plano passa por assumir a tarefa de romper com a perspectiva da Atenas clássica que a torna um clube de homens dotados de cidadania: a Atenas clássica não é um lugar em que transitam e interferem na vida política apenas homens com *status* privilegiado, sendo os outros atores sociais coparticipantes da vida cívica em condição muitas vezes relevante. A pesquisa da crítica política permite um olhar mais aguçado em direção ao quadro político na Grécia clássica em geral, e especialmente na Atenas da segunda metade do século V a.C.³⁵ Também é relevante porque o faz a partir dos estudos do teatro grego, especialmente o teatro eurípidiano, permitindo outras possíveis leituras dos dramas, não mais dirigidas à sua leitura como textos cênico-dramáticos, mas como textos com análises do cotidiano, inclusive políticas.

Já é reconhecido o valor especial dado por Eurípides à discussão política, e as suas obras foram alvo de críticas e reações.³⁶ A relevância científica desta dissertação tem relação com a tentativa feita

DONELLY, F. P. *Art Principles in Literature*. New York: The Macmillan Company, 1923; BUTCHER, S. H. *Aristotle's Theory Poetry and Fine Art*. Londres: Macmillan, 1932.

³² Usar termos como ‘gênio literário’, elogiar a qualidade literária da produção artístico-literária grega e proceder a uma abordagem meramente filológica da literatura grega são ações que devem ser superadas em favor da constituição de uma abordagem da literatura e da arte grega que considere, por exemplo, questões que tragam a diversidade para o centro da discussão, não mais às margens.

³³ Textos que relacionam literatura e história: CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001; em português, a obra pioneira de CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Nacional, 1985. Sobre as “suspeitas” da relação entre literatura e história, ver: BOMENY, H. Encontro suspeito: história e ficção. *DADOS - Revista de Ciências Sociais* 33 (1), 1990, p. 83-118. Sobre a relação entre teatro e história, ver: BENJAMIN, W. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984; MOSTAÇO, E. (org.). *Para uma história cultural do teatro*. Florianópolis/Jaraguá do Sul: Editora Design, 2010; CHARLE, C. *A gênese da sociedade do espetáculo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012; CHARTIER, R. *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

³⁴ TÉTREULT, M. A. “Formal Politics, Meta-Space, and the Construction of Civil Life.” In: LIGHT, A.; SMITH, J. (eds.). *The Production of Public Space*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998, p. 81-97.

³⁵ RAAFLAUB, K. Democracy, Oligarchy, and the Concept of the “Free Citizen” in Late Fifth Century Athens. *Political Theory* 11, 1983; 517-544; RAAFLAUB, K. “Equalities and Inequalities in Athenian Democracy.” In: OBER, J.; HEBRICK, C. (eds.). *Demokratia: A Conversation on Democracies, Ancient and Modern*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 139-174; RAAFLAUB, K. “Learning from the Enemy: Athenian and Persian Instruments of Empire.” In: MA, J. et al (eds.). *Interpreting the Athenian Empire*. Londres: Bristol Classical Press, 2009, p. 89-124.

³⁶ CARTER publicou uma série de textos apresentando a discussão do tema. Em CARTER, D. Was Attic Tragedy Democratic? *Polis: the Journal for Ancient Greek Political Thought* 21, 2004, p. 1-25, o autor responde ao artigo de GOLDHILL que pressupõe

aqui de romper com essa tradição interpretativa, inserindo Eurípides e seus dramas no conjunto de documentos que servirão para uma sólida pesquisa sobre a crítica política na Atenas Clássica, especialmente porque considera-se aqui que Eurípides está a representar a cidade nos dramas. Ele não é apenas um poeta da caricatura: em grande medida, ele causa estranhamento porque os seus dramas são, eventualmente, retratos; e em outros momentos, espelhos.

Este trabalho também tem relevância social porque se ocupa de um *corpus* revelador de relações imbricadas entre o drama e a política na Atenas Clássica, que servem para a leitura de outros *corpora*. Também é uma contribuição para a pesquisa em curso na nova história política por avançar em direção a uma análise a partir do texto trágico que não considera somente a descrição de representações de embates políticos nos dramas, mas investiga o significado social da representação das críticas políticas nos enredos. A pesquisa, portanto, está inserida e é relevante por abdicar de uma noção estrita de literalidade em favor da análise do sentido dos textos do *corpus* como discursos socioliterários,³⁷ material significativo para investigação e uma contribuição significativa para a abordagem histórico-cultural das ideias políticas em geral, e da crítica política em particular, a partir das interações sociais no espaço social do teatro.

A proposta deste trabalho possui relevância social porque as tragédias gregas despertam vívido interesse até hoje, dada a sua recepção e múltipla utilização nas manifestações culturais hodiernas. Sendo assim, a pesquisa visa mostrar não apenas o potencial representativo das tragédias, mas também a vívida interação entre os temas trágicos e a sociedade ateniense, integração que é um campo de fértil investigação e um contributo à percepção dos sentidos da utilização, hoje, de tais dramas.

A. Hipóteses e objetivos

A hipótese central desta dissertação é que as críticas políticas feitas por meio de personagens em dramas euripidianos podem ser explicadas a partir das relações entre tais dramas e o contexto em

uma relação entre as Grandes Dionisíacas e a promoção de valores democráticos políades (GOLDHILL, S. The Great Dionysia and Civic Ideology. *Journal of Hellenic Studies* 107, 1987, p. 58-76). Para CARTER, GOLDHILL carece de maior embasamento, e ele procura no artigo fornecer tais subsídios. A argumentação das relações entre política e tragédia tem continuidade na obra: CARTER, D. *The Politics of Greek Tragedy: Greece and Rome Live*. Exeter: University of Exeter Press, 2007. Pendente, a discussão sobre a participação popular, foi publicada o artigo: CARTER, D. The Demos in Greek Tragedy. *The Cambridge Classical Journal* 56, 2010, p. 47-94, e ampliada em CARTER, D. (ed.) *Why Athens? A Reappraisal of Tragic Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2011. As implicações da atuação de Eurípides em Atenas são discutidas por: HANINK, J. Literary Politics and the Euripidean Vita. *The Cambridge Classical Journal* 54, 2008, p. 115-135. Atores políticos femininos e suas representações em dramas euripidianos são apresentados em: SAXONHOUSE, A. Another Antigone: The Emergence of the Female Political Actor in Euripides' Phoenician Women. *Political Theory* 33, 2005, p. 472-494. A relação geral entre tragédia grega e política é abordada em: EUBEN, J. P. (ed.). *Greek Tragedy and Political Theory*. Berkeley: University of California Press, 2005; WILSON, P. *The Athenian Institution of the Khoregia: The Chorus, the City and the Stage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; WILSON, P. "Tragic Honours and Democracy: Neglected Evidence for the Politics of the Athenian Dionysia". *Classical Quarterly* 59, 2009, p. 8-29.

³⁷ CARDOSO, C. F. Tinham os antigos uma literatura? *Phônix/UFRRJ*, Laboratório de História Antiga. Ano V. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 102-103.

que são produzidos. As críticas políticas são, portanto, indícios das questões, dificuldades e crises da democracia ateniense na segunda metade do séc. V a.C., carregando consigo traços do cotidiano que escapam do patrulhamento das normatizações dos discursos políticos em evidências epigráficas, ou na historiografia do séc. V a.C., por exemplo.

As hipóteses corolárias são três. A primeira é que os dramas de Eurípides apresentam assembleias acompanhadas de discussões a respeito de suas deliberações com o objetivo de colocar em cena questões em debate em contexto políade.

A segunda hipótese é que a caracterização de personagens que fazem críticas às deliberações das assembleias mencionadas em cena permite algum reconhecimento a respeito dos atores sociais na Atenas Clássica.

A terceira hipótese é que a discussão das decisões da assembleia gravita entre a exaltação da democracia e o reconhecimento de suas dificuldades e fragilidades.

O objetivo central desta dissertação é demonstrar que o conjunto de tragédias de Eurípides é, por muitas razões, importante para a investigação da crítica política. De tal objetivo central, se depreendem três objetivos.

Primeiro, objetiva-se demonstrar nesta dissertação que Eurípides faz um conjunto de referências políticas com alguma uniformidade em suas peças. Segundo, objetiva-se reconhecer nas personagens postas em cena por Eurípides atores sociais que podem ser reconhecidos como representados em cena por meio dos atores dramáticos. Por tal razão, não é acidental que Eurípides seja reconhecido por colocar as mulheres em situações excepcionais em cena,³⁸ além de indicar homens em situações precárias.³⁹ Mais ainda: Eurípides ousa colocar tais homens e mulheres ocupando espaços e agindo de forma crítica aos poderes hegemônicos que os subalternizam. Obviamente, esta pesquisa considera o drama uma encenação. Porém, construí-lo envolve pensar no

³⁸ Eurípides era conhecido por representar personagens femininas em estado de penúria. O comediógrafo ARISTÓFANES destaca tal característica do drama euripídico em *Tesmoforiantes*. Em tal peça, as mulheres querem se vingar de Eurípides porque ele as maltrata em seus dramas e um parente do tragediógrafo, diante da recusa de Agatão, se veste de mulher e participa da reunião exclusiva às mulheres no afã de defender sua causa. Em relação à representação de suplicantes, é em *Acarnenses* que Eurípides aparece como promotor de personagens vestidos com trapos, em posição súplice. Diceópolis está em uma condição de penúria e suplica a Eurípides que o coloque no papel de Télefo, o rei mísio andrajoso. Em *Rãs*, por fim, Eurípides é acusado de misoginia, como já o fora em *Tesmoforiantes* e em *Lisístrata*. Para o estudo das personagens femininas e para a acusação de “misoginia” de EURÍPIDES, ver: BOUVRIE, S. *Women in Greek Tragedy*. Londres: Norwegian University Press, 1990; FOLEY, H. P. *Female Acts in Greek Tragedy*. Princeton: Princeton University Press, 2001; MARCH, J. “Euripides the Misogynist”. In: POWELL, A. (ed.). *Euripides, Women, and Sexuality*. Londres: Routledge, 1990, p. 32-75.

³⁹ Sobre o masculino em Eurípides, ver: BLAIKLOCK, E. M. *The Male Characters of Euripides. A Study in Realism*. Wellington: New Zealand University Press, 1952; CHALK, H. H. O. Ἀρετή and βία in Euripides’ *Heracles*. *Journal of Hellenic Studies* 82, 1962, p. 7-18; MASTRONARDE, D. J. “Euripidean Tragedy and Genre. The Terminology and its Problems.” In: CROPP, M. J.; LEE, K. H.; & SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Champaign: Stipes Publishing L. L. C., 1999-2000, p. 23-39; CAWTHORN, K. *Becoming Female. The Male Body in Greek Tragedy*. Londres: Duckworth, 2008; CtHONG-GOSSARD, J. H. K. O. *Gender and Communication in Euripides’ Plays. Between Song and Silence*. Leiden, Boston: Brill, 2008.

improvável possível, gerando mais do que a piedade e o temor, como diz Aristóteles.⁴⁰ A tragédia revela eventualmente a imaginação, mas costumeiramente o imaginário.

Terceiro, procura-se evidenciar que os atores representam nas peças de Eurípides, mas concomitantemente exibem, em cena, representações de agenciamentos em conformidade com expectativas sociais, porém muito mais ações daquilo que constitui transgressão a partir da perspectiva que se depreende dos discursos hegemônicos.

C. Referenciais teórico-metodológicos

Esta dissertação investiga as críticas às assembleias postas em cena no teatro ateniense. A investigação das imagens e representações políticas aqui propostas é feita sob a perspectiva do campo de investigação conhecido como história cultural.⁴¹

Dentro dos possíveis temas no âmbito da análise política das tragédias, propõe-se aqui a investigação das críticas às assembleias a partir de um *corpus* em que tais questões são abundantes: as tragédias euripidianas.⁴²

Recorrer ao drama de Eurípides para construir um quadro da crítica política é uma análise que parte da constatação de que as peças de seu teatro estão imbuídas de dados do imaginário da πόλις, sendo um produtivo veículo de sua expressão.⁴³ Mais ainda: as tragédias em geral, e o drama de Eurípides em particular, são, além de caleidoscópios de imagens sociais, representações em um

⁴⁰ ARISTOT., *Po.* 1449 b 26-27.

⁴¹ Concordamos com a ideia comum à história cultural apontada por SERNA e PONS em SERNA, J.; PONS, A. *La historia cultural: autores, obras, lugares*. Madrid: Akal, 2005, p. 175.

⁴² Esta dissertação analisa todo o drama euripídiano supérstite: sejam as peças completas; sejam as peças atribuídas a Eurípides, mas sobre as quais há dúvidas em relação a sua autoria; sejam os diversos fragmentos de peças e até mesmo descrições de enredos cujos textos não são supérstites. Tais obras são reunidas na edição crítica: DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 1981-1994. Há ainda muitos fragmentos de tragédias de Ésquilo, Eurípides e Sófocles, bem como de outros tragediógrafos, e o conjunto de fragmentos de Eurípides está disponível no TGF. Além disso, como se pretende provar, as peças de Eurípides são muito relevantes, visto que, desde a crítica da Antiguidade, Eurípides é reconhecido por ser inovador e pelo *páthos* de seu drama. Aristóteles não apenas menciona mais vezes seu drama euripídiano na *Poética*, como elogia as suas tragédias (WHITE, S. A. "Aristotle's favorite tragedies." In: RORTY, A. O. (ed.). *Essays on Aristotle's Poetics*, Princeton, 1992, p. 236-237). Os oradores gregos citavam frequentemente Eurípides e Sófocles (WILSON, P. J. "Tragic rhetoric: the use of tragedy and the tragic in the fourth century." In: SILK, M. S. (ed.) *Tragedy and the Tragic: Greek Theatre and Beyond*, Oxford, 1996, p. 312-315). A comédia nova alude frequentemente a Eurípides (PORTER, J. R. "Euripides and Menander: Epitrepontes, Act IV." In: CROPP, M. J.; LEE, K. H.; & SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Champaign: Stipes Publishing L. L. C., 1999-2000, p. 172). Uma das razões do porquê o drama de EURÍPIDES ser tão influente é a sua alusão frequente a personagens que rompem com padrões sociais, inclusive em relação aos conflitos bélicos e demandas da democracia ateniense (KIBUUKA, B. G. L. A guerra e o teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015) ou ao gênero (KIBUUKA, B. G. L. Mito, Representações e Gênero em Medeia de Eurípides. *Hélide* 4 (1), 2018, p. 56-87).

⁴³ A presença de um imaginário da πόλις nas tragédias gregas pode ser atestado em: EASTERLING, P. E. "The Image of the Polis in Greek Tragedy." In: HANSEN, M. (ed.). *The Imaginary Polis*. Copenhagen: The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2005, p. 49-72.

sentido duplo: nelas, os atores representam o represado, apresentando no espaço do teatro aquilo que pertence à alcova, ao mercado, ao banquete, ao tribunal, à assembleia. Ainda assim, as tragédias não deixam de ser, por definição, teatro, uma representação cênico-dramática.⁴⁴

O significado geral das tragédias gravita em torno da tensão entre o distinto e o indistinto, entre o vivido e a encenação do vivido, e tais tensões manifestam o trágico, o qual é próximo o suficiente para ser reconhecido pela audiência; e, ao mesmo tempo, distante o suficiente para não provocar repulsa, reprovação e até mesmo censura.⁴⁵

As tragédias gregas são dramas que apresentam algumas peculiaridades. A primeira delas diz respeito ao tratamento do mito nos enredos trágicos. As tragédias apresentam enredos advindos geralmente dos ciclos míticos troiano e tebano,⁴⁶ com algumas exceções como o ciclo dos Argonautas. Mesmo os enredos de exceção quanto à temática seguem a orientação geral da construção dos dramas do gênero trágico.⁴⁷ O âmago do sentido das tragédias, inclusive as de temas exóticos, subjaz numa dimensão que está, em alguma medida, além dos mitos encenados: ele emerge muitas vezes no resultado final alcançado por estímulo dos recursos cênico-dramáticos da composição trágica.

O centro da força trágica dos dramas está no excesso, na ὑβρις, que suplanta a formalidade (e, muitas vezes, o conteúdo) da tradição mítica que lhes serve de referência e imprime neles um forte sentido político e impacto social.⁴⁸ Esta é a marca indelével das tragédias: elas apelam ao que dá caráter ‘trágico’ ao seu enredo, o excesso, a desmedida, aquilo que é chamado aqui de representação do híbrido.⁴⁹ As peças trágicas mostram reis, escravos, guerreiros, cônjuges, filhos, pais, estrangeiros, deuses, sacerdotes, arautos, subordinados ao próprio excesso ou ao excesso de outrem. A extrapolação, a desmesura e a desmedida não são despropositadas: elas são geralmente controladas

⁴⁴ A ordem não é acidental: a tragédia é, primeiro, encenação que tem relação com o cotidiano. Para cumprir essa tarefa, os atores e o coro representam. A tragédia lança luz sobre um conjunto de ações que terão consequências catastróficas no âmbito de uma conjuntura em que o equilíbrio divinamente ordenado de diferentes obrigações exige a lei como um meio institucionalizado de reconhecimento dessas múltiplas interdependências. Logo, a ação humana não é uma simples afirmação da vontade individual, mas reflete as conexões, os seus vínculos. Por causa deles, os atos das personagens trágicas são geralmente prejudiciais e inseguros. A autodescoberta feita pela personagem se dá no decorrer do enredo – e a audiência sabe disso geralmente desde o início. Ver: WILLIAMS, R. *The Tragic Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 11-13.

⁴⁵ Ver: MUNTEANU, D. L. *Tragic Pathos: Pity and Fear in Greek Philosophy and Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

⁴⁶ GRIFFIN, J. The Epic Cycle and the Uniqueness of Homer. *Journal of Hellenic Studies* 97, 1977, p. 39-53; DAVIES, M. *The Epic Cycle*. Bristol: Bristol Classical Press, 1989; HOLMBERG, I. The Creation of the Epic Cycle. *Oral Tradition* 13, 1998, p. 456-478; BURGESS, J. S. “Performance and the Epic Cycle.” *The Classical Journal* 100, No. 1, 2004, p. 1-23.

⁴⁷ Um exemplo conhecido é a tragédia *Persas* de Ésquilo, encenada em 472 a.C., apenas 8 anos após a derrota persa na batalha de Salamina. Ainda assim, *Persas* pode ser chamada de tragédia típica, como afirma MUNTEANU, D. L. *Tragic Pathos: Pity and Fear in Greek Philosophy and Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 151. O mesmo pode se dizer das tragédias *Saque de Míleto* e *Fenícias*, ambas de Frínico.

⁴⁸ É o mito sendo visto com os olhos de cidadão, em que a desmedida não é apenas pessoal: é simbolicamente cívica. Ver: VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 11.

⁴⁹ A ambiguidade do termo ‘híbrido’ nesta expressão não é acidental. Ao mesmo tempo que as tragédias mesclam o contexto em que elas se inserem ao tema e contexto do mito, pertencente a outros tempos, lugares e relações, elas abordam o excesso, a desmedida, o exagero. Logo, o termo ‘híbrido’ é tomado nesta dissertação no sentido de mescla e, ao mesmo tempo, no sentido de excesso.

para fazerem algum sentido na audiência, de modo que desencadeiem na tragédia a marca de um gênero instrucional, em que uma das funções é tratar a respeito da falta, do erro (em grego, ἁμαρτία [*hamartía*]) A piedade e temor que o trágico desperta se desencadeia por meio do autorreconhecimento no drama, especialmente da *hamartía*, que está relacionada à cegueira que engendra a dimensão trágica da vida humana.⁵⁰ Por essa razão, as tragédias servem de referência para a reflexão, por exemplo, do que se deve ou não se deve fazer. Soma-se a isso um efeito catártico das tragédias na audiência, o que parece contribuir para a avaliação do drama no concurso.⁵¹

O trágico não se manifesta em uma tragédia por meio do jorrar do sangue cênico, ou pelo choro copioso do ator, nem mesmo se manifesta por meio dos efeitos especiais disponíveis aos dramaturgos:⁵² a audiência mal consegue ver o rosto do ator, que geralmente está oculto atrás de uma máscara monolítica, que cristaliza as suas feições.⁵³ Raramente há assassinatos, flagelamentos, sacrifícios, diante da plateia: ela é informada dessas ocorrências por arautos que falam para personagens em cena. A audiência a tudo assiste e ouve. Então, o texto, a cenografia e a *performance* incluem também o ocultamento das imagens que chocam.

É apropriado inferir, portanto, que o drama recorre à capacidade imaginativa da audiência, que serve de prolongamento daquilo que ela ouve, ou de reforço e intensificação daquilo que ela vê. Essa imaginação, que se convencionou aqui chamar de imaginário,⁵⁴ visita durante a encenação ‘lugares’ sociais, culturais, políticos, de classe/estrato/estamento e, no que mais importa a este trabalho, a crítica política. Em tragédias, não é a exceção, geralmente, que gera o espanto, mas sim o excesso: a

⁵⁰ Sobre a *hamartía*, a falta trágica, ver: STINTON, T. C. W. *Hamartia in Aristotle and Greek Tragedy. Classical Quarterly* 25, 1975, p. 221-254. Ver ainda: HIRATA, F. Y. *A hamartía aristotélica e a tragédia grega. Anais de Filosofia Clássica* 2 (3), 2008, 1982, p. 83-96; BREMER, J. M. *Hamartía*. Amsterdam: A. M. Hakkert-Publisher, 1969. A respeito da *áte*, ver: DAWE, R. D. *Some Reflections on áte and hamartía. Harvard Studies on Classical Philology* 72, 1968, p. 82-123.

⁵¹ FERLA, K. *Von Homers Achill zur Hekabe des Euripides: das Phänomen der Transgression in der griechischen Kultur*. Munique: Tuduv, 1996; FISHER, N. R. E. *Hybris: a study in the values of honor and shame in ancient Greece*. Warminster: Aris and Phillips, 1992; STAFFORD, E. J. “Nemesis, hybris and violence.” In: BERTRAND, J.-H. (ed.). *La Violence dans les Mondes Grec et Romain. Actes du Colloque international (Paris, 2-4 mai 2002)*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2005.

⁵² As violências são geralmente relatadas, não encenadas, nas tragédias gregas.

⁵³ As máscaras assumem, no drama trágico ateniense, funções rituais e prática. No campo do ritual, é herdeira das máscaras religiosas, como as máscaras culturais de Dioniso, deus que representa o híbrido, uma vez que as ilusões, as distorções da realidade, a verdade e a mentira e até o masculino e o feminino estão relacionados à caracterização dessa divindade. Ver: FUSILLO, M. *Il dio ibrido: Dioniso e le ‘Baccanti’ nel Novecento*. Bologna: Il Mulino, 2006; VERNANT, J.-P. e VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 163-178. A função prática é descrita por PÓLUX, *Onomastikón*, que afirma existirem 28 máscaras para as tragédias, cuja traços distintivos definem a personalidade, o sexo e a idade da personagem – ou seja, confere a identidade à caracterização, ao mesmo tempo em que oculta a identidade de seu usuário (PUCCI, G. “La statua, la maschera, il segno.” In: BETTINI, M. (ed.). *La maschera, il doppio, il ritratto*. Bari: Laterza, 1991, p. 107-129, especialmente p. 119; FRONTISI-DUCROUX, F. “Senza maschera né specchio: l’uomo greco e i suoi doppi.” In: BETTINI, M. (ed.). *La maschera, il doppio, il ritratto*. Bari: Laterza, 1991, p. 131-158, especialmente p. 132-134). A voz e o gestual que se agrega ao rosto e às vestimentas constituem a caracterização da personagem (CALAME, C. *Facing Otherness: The Tragic Mask in Ancient Greece. History of Religions* 26 (2), 1986, p. 125-142).

⁵⁴ O conceito de imaginário aqui adotado é o de MAFFESOLI. O autor defende haver duas modalidades de imaginário: o imaginário individual e o imaginário coletivo. O imaginário individual se constrói por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário coletivo se adquire por contágio, seja por aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação. Ver: MAFFESOLI, *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 75-76.

ὑβρις se manifesta na encenação, carregando consigo as medidas, as limitações idealizadas e rompidas, que correspondem àquelas convencionadas na dinâmica da vida cotidiana.

A demasia que esta pesquisa destaca diz respeito às críticas às deliberações das assembleias provenientes de camadas sociais, etnias, faixas etárias, condições econômicas e gêneros cuja participação nas assembleias, se não era vedada, era restrita ou até mesmo restringida. Logo, esta pesquisa investiga deliberações democráticas sob uma perspectiva multidimensional dos críticos. Investiga ainda a ὑβρις a partir de outro ponto de vista, não de condutas híbridas, mas de personagens que tecem críticas à democracia e são triplamente híbridas: não participam das assembleias que decidem aquilo que neles interfere, cometendo assim o excesso do protesto; eventualmente ultrapassam as fronteiras socioculturais;⁵⁵ e ultrapassam o espaço do teatro e acabam por se equivaler a atores sociais de Atenas. Tal diversidade é mascarada pela caracterização e ambientação do drama.

Em relação ao método de análise dos conteúdos das críticas, com vista à compreensão de seus sentidos, as relações entre audiência e o drama encenado, há pluralidade de metodologias possíveis para o estabelecimento de uma relação entre o discurso e o seu contexto: a semiótica teatral, a análise retórica, a análise do discurso e a análise pragmática dos enunciados.

Os sentidos das *performances* podem ser elucidados pela semiótica teatral, uma vez que tal método procede a análise das relações entre o teatro e seu contexto cultural.⁵⁶ Ainda assim, tal metodologia privilegia a recepção do espetáculo e a presença de corpos vivos dos atores,⁵⁷ sem dar a ênfase necessária aos objetivos desta pesquisa aos elementos que engendram as representações.

A análise retórica associada à análise das representações sociais permite que se destaque em contextos conversacionais como os argumentos que visam persuadir foram construídos, e quais as técnicas argumentativas que valorizam o que se considera preferível fazer ou ter.⁵⁸ A análise retórica que utiliza a teoria da argumentação soma aos sentidos das *performances* as intencionalidades das mesmas. Ao elucidar como o teatro afeta a audiência, e como é possível vislumbrar o recurso para fazê-lo, fica pendente ainda o conhecimento do contexto no que diz respeito às condições de produção

⁵⁵ As fronteiras socioculturais são descontinuidades maiores de natureza econômica ou étnica, às vezes no espaço – a paisagem – e geralmente sensíveis de um ponto de vista político. No entanto, os limites entre duas áreas socioculturais diferentes – de um ponto de vista linguístico, confessional ou socioeconômico – nem sempre é claro, sendo a evolução espacial dos idiomas um caso especial. As fronteiras linguísticas são objetos difíceis de entender, pois as línguas podem evoluir ou se sobrepor, haja vista que elas não são objetos claros, cujos falantes ocupam um território com a exclusão de qualquer outro. Ver: ROSIÈRE, S. *Géographie Politique et Géopolitique: Une Grammaire de L'Espace Politique*. Paris: Elipses, 2007 apud CARNEIRO, C. P. *Fronteiras Irmãs: Transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016, p. 22.

⁵⁶ CARLSON, M. "Semiotics and Its Heritage." In: REINELT, J. G.; ROACH, J. R. (Orgs.). *Critical Theory and Performance*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007, p.13-25.

⁵⁷ BISHOP, C. *Participation*. Londres: White Chapel Gallery, 2006, p. 22.

⁵⁸ PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; MAZZOTTI, T.; ALVES-MAZZOTTI, A.-J. Análise retórica na pesquisa em representações sociais. In: *Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em questão*. São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010, p. 71.

do discurso que se juncem às intencionalidades discursivas que manifestam como o discurso interfere em tal contexto.⁵⁹

A metodologia adotada nesta dissertação é a análise do discurso, especialmente as ferramentas metodológicas propostas por Maingueneau, teórico da análise do discurso. A análise do discurso de Maingueneau se ocupa das situações comunicativas, enxergando nelas não apenas a enunciação, mas as premissas para a sua realização. Portanto, não o discurso tão somente em si como entidade comunicativa, mas ele em si, suas condições de existência e as relações entre discurso e contexto.

A premissa básica de Maingueneau é que textos são discursos imbuídos de intencionalidades, como toda a linguagem humana, dado anteriormente destacado pela nova retórica.⁶⁰ Porém, ele afirma que o discurso opera no interior de um campo discursivo,⁶¹ em que operações regulares atuam a partir de e sobre formações discursivas já existentes. Tal conceito é importante para a análise dos conteúdos políticos dos dramas de Eurípides tanto em uma perspectiva de enredo dramático, quanto nos enunciados específicos. Uma leitura que destaca o campo discursivo e observa atentamente a discussão, o impasse, o estranhamento e/ou a polêmica – logo, os componentes críticos – auxilia na percepção das intervenções discursivas do discurso teatral diante de seus primeiros espectadores – aqueles que compartilham com o dramaturgo o contexto de produção de enunciados.⁶²

Os discursos são considerados ainda instrumentos de conservação da memória, uma ferramenta da comunicação que tanto torna possível a comunicação, quanto dá acesso à cultura que o engendra, e o contexto que é, em certa medida, engendrado por ele. Utiliza-se, por tal razão, a análise do interdiscurso,⁶³ do espaço e modo de apreensão e construção das regras semânticas que definem os sentidos atribuíveis a uma formação discursiva, para que se explique a existência de

⁵⁹ “Nas sociedades complexas como as nossas é necessário um aparato de conhecimentos sócio-políticos relativamente amplo para ter um acesso qualquer à compreensão e, principalmente, à produção das mensagens de nível sócio-político.” (GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 21).

⁶⁰ “A linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão.” (PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 150).

⁶¹ MAINGUENEAU afirma que campo discursivo diz respeito ao horizonte de construção de domínios que podem ser estudados por estarem em concorrência, delimitados reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. Em tal campo estão em interação redes de trocas significativas que, analisadas, permitem delimitações. Ver: MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 33-35.

⁶² Segundo MAINGUENEAU, “o exercício da polêmica supõe a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe são associadas” (MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997, p. 125). Ou seja: o cruzamento de dados provenientes de diversas matrizes discursivas dentro do mesmo campo permitirá a identificação das divergências.

⁶³ Ao abordar o conceito de MAINGUENEAU, POSSENTI afirma: “interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (POSSENTI, S. *Observações sobre interdiscurso*. *Revista Letras* 61, 2003, Curitiba, p. 264). Tal cadeia significativa prioriza o pré-construído, elemento de síntese entre os aspectos sintático e o semântico que opera por paráfrase, que é a coincidência com o que está nos intradiscursos; ou por polissemia, que é a não-coincidência, o distanciamento dessa pré-construção. Ver: ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

relações entre discursos distintos, ou mesmo entre diversos intradiscursos nas tragédias de Eurípides.⁶⁴ Aceita-se, portanto, a inescapabilidade da “inconsistência de uma formação discursiva, entendida como efeito do interdiscurso enquanto exterior específico de uma formação discursiva no próprio interior dela”.⁶⁵ Isso explica em parte a riqueza, eficiência e polifonia dos dramas de Eurípides. Isso, no caso da análise dos discursos relacionados à crítica política, manifesta a diversidade inerente ao contexto políade, ao mesmo tempo em que a pressão dos estereótipos discursivos provoca um cruzamento de conteúdos que produz identificação e reflexão na audiência.

A compreensão dos espectadores se dá no reconhecimento dos sentidos sociais daquilo que é encenado, cuja produção pelo dramaturgo se deu mediante o compartilhamento da vivência social. Então, a análise do discurso, especialmente a análise das cenas do discurso, dão acessos às condições de produção e compreensão de enredos e enunciados, e para um vislumbre satisfatório do afastamento, indução e emulação de *práxeis* sociais.

D. Fontes de investigação

Esta pesquisa aborda a crítica às deliberações democráticas. Portanto, recorre-se na pesquisa, entre outras coisas, aos bens artístico-culturais da Grécia Clássica, dentre os quais as tragédias são especialmente importantes para a investigação histórica, uma vez que apresentam, sob a forma de *performance*, os temas relacionados à sociedade.⁶⁶ Elas são parte integrante e muito relevante da cultura ateniense, pois os dramas encenados são entretenimento e são, ao mesmo tempo, parte da propaganda cívica e da educação dos espectadores. Conforme afirma Kibuuka:

O teatro era o lugar dedicado à realização das festividades em que os cidadãos eram educados para a civilidade e participavam de atividades de interação pública. As ações trágicas, mais do que elementos tradicionais que constam nos mitos, são evidências do ‘espaço cultural’ e continuam latentes na encenação, o que permite a caracterização do ideário vigente pela existência, nas tragédias, de significativas

⁶⁴ O intradiscorso diz respeito a organização do texto em si. Afirma MAINGUENEAU: “o intradiscorso opõe-se ao interdiscurso como as relações entre os constituintes do discurso opõem-se às relações desse discurso com outros. [...] o intradiscorso é atravessado pelo interdiscurso” (MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997, p. 112). Para alcançar a integração entre os níveis linguístico e semântico em um discurso, a cadeia significativa intradiscursiva precisa ser estabelecida, e analisá-la dá material de acesso ao interdiscurso.

⁶⁵ MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 31.

⁶⁶ Entre os temas passíveis de análise estão a história das emoções e sensibilidades, especialmente relacionada à audiência dos dramas (ver: RUFFEL, I. “Audience and Emotion in the Reception of Greek Drama.” In: REVERMANN, M.; WILSON, P. (eds.). *Performance, Iconography, Reception. Studies in Honour of Oliver Taplin*. Nova York: Oxford University Press, 2008, p. 37-58); a relação entre o teatro e a retórica, ambos pertencentes a contextos performativos (PELLING, C. “Tragedy, Rhetoric, and Performance Culture.” In: GREGORY, J. [ed.]. *A Companion to Greek Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 83-102); e a análise da performatividade do drama grego, ver: WILES, D. *Greek Theatre Performance: an Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; EASTERLING, E. A. “Form and Performance.” In: EASTERLING, E. A. *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 151-177.

evidências das questões colocadas em discussão pelo tragediógrafo. Por meio dos textos encenados, não é conduzido ao palco apenas o mito, mas emerge do palco um conjunto de símbolos significativos para as relações sociais dos espectadores, em especial aqueles que fazem parte da realidade cultural vigente na época de encenação. Nas peças euripidianas estão destacados muito mais elementos relacionados às questões vigentes na sociedade em conflito do que elementos dedicados à necessidade de readmitir o passado heroico retratado nos mitos encenados. A súplica é um desses elementos contextuais que podem ser analisados.⁶⁷

As tragédias de Eurípides, híbridas, serão o *corpus* primário utilizado nesta pesquisa para a discussão das críticas à democracia a partir do teatro. Os dramas atribuídos a Eurípides, supérstites, cuja análise é feita nesta dissertação, são: *Alceste*,⁶⁸ *Medeia*,⁶⁹ *Heraclidas*,⁷⁰ *Andrômaca*,⁷¹ *Hécuba*,⁷² *Suplicantes*,⁷³ *Electra*,⁷⁴ *Hércules*,⁷⁵ *Troianas*,⁷⁶ *Íon*,⁷⁷ *Ifigênia em Táuris*,⁷⁸ *Helena*,⁷⁹ *Fenícias*,⁸⁰

⁶⁷ KIBUUKA, B. G. L. A Súplica em Suplicantes de Eurípides. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 7, nota 3. Ver ainda, citados pelo autor em relação às conexões entre assembleia, tribunal e teatro: SEGAL, C. “O ouvinte e o espectador.” In: VERNANT, J.-P. O Homem Grego. Lisboa: Presença, 1994, p. 173-198. E sobre as referências muitas vezes sutis entre os dramas gregos e os “debates, contradições e questionamentos que surgem desses autores pela abstração que fazem”: WILLIAMS, R. Tragédia moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 36.

⁶⁸ *Alceste*: PULQUÉRIO, M.O.; MALÇA, M.A.N. “Eurípides: *Alceste*.” In: PEREIRA, M.H.R. (dir.). *Eurípides*. Lisboa: Verbo, 1973, p. 15-71; BRANDÃO, J. S. Eurípides. *Alceste*. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1968; MENESES E SOUSA, J. C. *Eurípides. Alceste*. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua, 1908; DALE, A. M. *Eurípides: Alcestis*. Oxford: Clarendon Press, 1954. GREGORY, J. “Eurípides’ *Alcestis*”. *Hermes* 107, 1979, p. 259-270; SEGAL, C. *Eurípides and the Poetics of Sorrow: Art, Gender, and Commemoration in Alcestis, Hippolytus, and Hecuba*. Durham: Duke University Press, 1993.

⁶⁹ OLIVEIRA, F. R. de. *Medéia* – Eurípides. São Paulo: Odysseus, 2007; TORRANO, J. A. A. Eurípides. *Medéia*. São Paulo: Hucitec, 1991; NASCIMENTO, C. Eurípides. *Medéia*. Mem Martins: Inquérito, 1973; PEREIRA, M. H. R. Eurípides. *Medéia*. Coimbra: INIC, 1991; ALLAN, W. *Eurípides: Medea*. Londres: Duckworth, 2002; MASTRONARDE, D. J. (ed.). *Eurípides: Medea*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

⁷⁰ SILVA, C. R. C. *Eurípides. Os Heraclidas*. Lisboa: Edições 70, 2000; ALLAN, W. *Eurípides: The Children of Heracles*. Londres: Warminster, 2001.

⁷¹ FERREIRA, J. R. “Eurípides: *Andrômaca*.” In: PEREIRA, M. H. R. (dir.). *Eurípides*. Lisboa: Verbo, 1973, p. 73-136; DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. Tomos I e II. Oxford: Oxford University Press, 1984/2017, p. 273-332.

⁷² WERNER, C. Eurípides. Duas tragédias gregas: *Hécuba* e *Troianas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; GREGORY, J. (ed.). *Eurípides: Hecuba*. Atlanta: Scholars Press, 1999; DAITZ, S. G. *Eurípides: Hecuba*. Leipzig: Teubner, 1973.

⁷³ FERREIRA, J. R. Eurípides - As Suplicantes. Coimbra: FESTEIA, 2006; COLLARD, C. (ed.). *Eurípides: Supplices*. Groningen: Bouma’s Boekhuis Publishers, 1975.

⁷⁴ VIEIRA, T. *Electra(s). Sófocles*. Eurípides. Cotia: Ateliê, 2009; BRASETE, M. F. *Eurípides. Electra*. Lisboa: Relógio de Água, 1998; CROPP, M. J. *Eurípides: Electra*. Warminster: Aris and Phillips, 1988; DENNISTON, J. D. (ed.). *Eurípides: Electra*. Oxford: Clarendon Press, 1939; PARMENTIER, L.; GRÉGOIRE, H. Électre. In: *Eurípide*, v. 4. Paris: Les Belles Lettres, 1927, p. 171-244, 1927.

⁷⁵ FRANCISCATO, C. R. Eurípides. *Hércules*. São Paulo: Palas Athena, 2003; DIGGLE, J. “Hércules.” In: DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. Tomos I e II. Oxford: Oxford University Press, 1984/2017, p. 117-174.

⁷⁶ WERNER, C. Eurípides. Duas tragédias gregas: *Hécuba* e *Troianas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; BARLOW, S. A., *Eurípides: Trojan Women*. Warminster: Aris and Phillips, 1986; SCODEL, R. *The Trojan Trilogy of Eurípides*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1980.

⁷⁷ PULQUÉRIO, Manuel O. & ÁLVARES, M. M. S. *Eurípides. Íon*. PEREIRA, M. H. R. (dir.). *Eurípides*. Lisboa: Verbo, 1973, p. 137-224; LOURENÇO, F. *Eurípides. Íon*. Lisboa: Colibri, 1994; LEE, K. H. *Eurípides: Ion*. Warminster: Aris and Phillips, 1997.

⁷⁸ CROPP, M.J., *Eurípides. Iphigenia in Tauris*, Warminster: Aris and Phillips, 2000.

⁷⁹ FERREIRA, J. R. *Eurípides. Helena*. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, 2009; GRÉGOIRE, H. & MERIDIÈRE, L. *Eurípide. Hélène, Les Phéniciennes*. Paris: Belles Lettres, 1950.

⁸⁰ SCHÜLER, D. *Eurípides. As Fenícias*. Porto Alegre: L&PM, 2005; MASTRONARDE, D. J. (ed.). *Eurípides: Phoenissae*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Orestes,⁸¹ *Ciclope*,⁸² *Bacantes*,⁸³ *Ifigênia em Áulis*,⁸⁴ além das peças em fragmentos *Télefo*, *Cretenses*, *Estenebeia*, *Belerofonte*, *Cresfonte*, *Erecteu*, *Fáeton*, *Melanipo*, *Alexandre*, *Palamedes*, *Sísifo*, *Melanipo Cativo*, *Andrômeda*, *Antíope*, *Arquelau*, *Hipsípila* e *Filoctetes*.⁸⁵ Por fim, a tragédia *Reso*, que parece não ser de autoria euripidiana, também será analisada.⁸⁶

A tradução e análise textual de tais tragédias foi realizada com a ajuda dos dicionários e manuais de língua e literatura grega. Porém, no que diz respeito ao vocabulário relacionado à cidadania ateniense, é de fundamental importância que as tragédias de Eurípides sejam lidas e analisadas no campo de atribuição de sentidos semânticos para a escolha vocabular feita nas críticas políticas às assembleias. Por essa razão, as tragédias de Eurípides são lidas em conjunto com uma documentação secundária, com a qual pode ser identificada e estabelecida uma importante relação analógica. O microcosmo do teatro de Eurípides relaciona-se com o contexto mais amplo da presença das assembleias no contexto da Atenas da segunda metade do século V a.C. O teatro é um meio de acesso às rivalidades, às particularidades e às generalidades relacionadas às deliberações das assembleias. E ainda mais: na caracterização das assembleias no teatro, é possível atestar as discussões presentes na própria Atenas. Aquilo que é marcante na vida cotidiana consta também na representação do cotidiano encenada no âmbito cênico-dramático do teatro. E isso pode ser notado de forma mais clara no cruzamento dos discursos trágicos com as demais modalidades de discurso.

O *corpus* secundário desta dissertação é acessório, mas é importante para a análise aqui proposta. A razão é dupla: primeiro, as críticas às assembleias se tornam mais evidentes quando se tem como ponto de comparação a documentação secundária. A documentação secundária ocupa uma posição subjacente ou, eventualmente, paralela ao discurso euripidiano. Logo, analisar a documentação secundária e relacioná-la à primária à luz do tema ajuda a destacar, no caso desta pesquisa, as questões que são alvo desta investigação: as sensíveis e quase imperceptíveis nuances que personagens políades assumem no discurso euripidiano.

⁸¹ OLIVEIRA E SILVA, A. F. *Eurípides. Orestes*. Brasília: Ed. UnB, 1999; WILLINK, C. W. (ed.). *Eurípides: Orestes*. Oxford: Clarendon Press, 1986; WEST, M. L. *Eurípides: Orestes*. Warminster: Aris and Phillips, 1987.

⁸² SEAFORD, R. *Eurípides, Cyclops. With introduction and Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1984.

⁸³ PEREIRA, M. H. R. & MACHADO, M. F. M. Eurípides. In: PEREIRA, M. H. R. (dir.). *Eurípides*. Lisboa: Verbo, 1973, p. 225-343; SOUSA, E. de. *As Bacantes de Eurípides*. São Paulo: Duas Cidades, 1974; TORRANO, J. A. A. *Eurípides. Bacas*. São Paulo: Hucitec, 1995; VIEIRA, T. *As Bacantes de Eurípides*. São Paulo: Perspectiva, 2003; WOODRUFF, P. *Eurípides: Bacchae*. Indianapolis: Hackett Publishing, 1998; SEAFORD, R. *Eurípides. Bacchae*. Warminster: Aris and Phillips, 1996; DODDS, E. R. *Eurípides. Bacchae*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1960; MURRAY, G. *Eurípides: The Bacchae*. Londres: Allen and Unwin, 1904.

⁸⁴ ALMEIDA, C. A. Pais de. *Eurípides. Ifigênia em Áulide*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998; JOUAN, F. *Eurípide. Iphigénie a Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983; KOVACS, D. Toward a reconstruction of Iphigenia Aulidensis. *Journal of Hellenistic Studies* 123, 2003, p. 77-103.

⁸⁵ Os fragmentos das tragédias citadas estão reunidos em *TGF*.

⁸⁶ FRAENKEL, E. The Authenticity of the Rhesus of Eurípides. *Gnomon* 37, 1965, p. 228-241; KITTO, H. D. F. The Rhesus and related matters. *Yale Classical Studies* 25, 1977, p. 317-350; LIAPIS, V. "They do it with mirrors: the mystery of the two Rhesus plays." In: JACOB, D. I.; PAPAZOGLU, E. (eds.). *Ekkyklema: Theatrical Studies in Honour of Professor N. C. Hourmouziades*. Heraklion, 2004, p. 159-188.

O drama grego não-euripidiano compõe parte da documentação secundária desta dissertação. As edições críticas das tragédias de Ésquilo,⁸⁷ Sófocles⁸⁸ e das comédias de Aristófanes, especialmente *Rãs*, *Tesmoforiantes*, *Nuvens*, *Vespas* e *Assembleia de Mulheres*,⁸⁹ compõem a documentação secundária advinda do drama grego. Em alguns momentos, recorre-se às comédias de Menandro,⁹⁰ ainda que ele pertença a um período posterior a Eurípides, dada a importância da influência do drama euripidiano na caracterização dos seus estereótipos.⁹¹

O imaginário grego a respeito das assembleias sofre grande influência da poesia homérica e hesiódica. Por isso, fazem parte da documentação secundária da dissertação as obras *Iliada*, *Odisseia*, *Teogonia*, *Trabalhos e Dias*, bem como, pontualmente, os *Hinos Homéricos*, especialmente a *Afrodite*, *Apolo* e *Dioniso*.⁹²

A historiografia ateniense do século V a.C. também é parte da documentação secundária da dissertação. A obra de Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*,⁹³ e a obra de Heródoto, *Histórias*,⁹⁴ são importantes. No caso de Tucídides, a sua importância no surgimento da história como ciência,⁹⁵ no final do século XIX, submeteu-o a uma interpretação unilateral, em que a busca da verdade sobre o passado está baseada na rigorosa investigação dos fatos, uma investigação que deve estar livre de qualquer viés ou partidarismo.⁹⁶ Tal perspectiva, porém, não se adequa ao seu conteúdo e à crítica mais recente feita à sua obra. Tucídides estabelece em sua obra uma relação com Heródoto, seu antecedente, o qual parece ser produto da cultura das cidades muradas, mas cuja autoridade como

⁸⁷ PAGE, D. L. *Aeschylus Septem Quae Supersunt Tragoediae*. Oxford: Oxford University Press, 1972; LLOYD-JONES, H. *Aeschylus: Oresteia, Eumenides*. Londres: 1970; reimpressão em 1979; WEST, M. L. *Aeschylus Tragoediae*. Oxford: Oxford University Press, 1990; PODLECKI, A. J. (ed.). *Aeschylus: Eumenides*. Warminster, 1989; GARVIE, A. F. (ed.). *Aeschylus: Choephoroi*. Oxford, 1986.

⁸⁸ LLOYD-JONES, H. & WILSON, N. G. *Sophocles Fabulae*. Oxford: Oxford University Press, 1990; WEBSTER, T. B. L., (ed.). *Sophocles: Philoctetes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

⁸⁹ HENDERSON, J. *Aristophanes*. Loeb Classical Library, 4 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1998–2002.

⁹⁰ ARNOTT, G. W. *Menander III*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2000; AUSTIN, C. *Menander. Eleven Plays*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 2013.

⁹¹ PORTER, J. R. Euripides and Menander: Epitrepontes, Act IV. In: CROPP, M. J.; LEE, K. H.; & SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Champaign: Stipes Publishing L. L. C., 1999-2000, p. 172 (p. 157-176).

⁹² MURRAY, A. T. *Homer Iliad*. Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1999; *Homer The Odyssey*. Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press 1966; WEST, M. L. *Hesiod Theogony*. Oxford: Oxford University Press, 1966; *Hesiod: Theogony, Works and Days*. Oxford: 1988; *Homeric Hymns. Homeric Apocrypha. Lives of Homer*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

⁹³ CONNOR, W. R. *Thucydides*. Princeton: Princeton University Press, 1984; LATTIMORE, S. *The Peloponnesian War*. Indianapolis: Hackett, 1998.

⁹⁴ GODLEY, A. D. *Herodotos*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

⁹⁵ NOVICK, P. *That Noble Dream: The "Objectivity Question" and the American Historical Profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988; MUHLACK, U. "Herodotus and Thucydides in the View of Nineteenth-Century German Historians." In: LIANERI, A. (ed.). *The Western Time of Ancient History: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 179–209; MORLEY, N. "Thucydides, History and Historicism in Wilhelm Roscher." In: HARLOE, K; MORLEY, N. (eds.). *Thucydides and the Modern World: Reception, Reinterpretation and Influence from the Renaissance to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 115-139.

⁹⁶ IGGERS, G. G. "The Crisis of the Rankean Paradigm in the Nineteenth Century." In: IGGERS, G. G.; POWELL, J. M. (eds.). *Leopold von Ranke and the Shaping of the Historical Discipline*. Syracuse: Syracuse University Press, 1990, p. 170-179; IGGERS, G. G. (ed.). *The Theory and Practice of History: Leopold von Ranke*. Londres: Routledge, 2011; NOVICK, P. *That Noble Dream: The "Objectivity Question" and the American Historical Profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

historiador e etnógrafo deriva “da passagem para além dos muros”.⁹⁷ Grande parte da linguagem e dos métodos de Heródoto é compartilhada por Tucídides e por outros intelectuais da segunda metade do quinto século, incluindo historiadores, sofistas, retóricos e médicos escritores, tornando os dois, Heródoto e Tucídides, fundamentais para a análise aqui proposta.⁹⁸ Heródoto e Tucídides compartilham, em certa medida, métodos, usando termos idênticos para se referirem às suas fontes: boatos [ἀκοή], observação pessoal [ὄψις] e julgamento [γνώμη].⁹⁹ De fato, muitos dos historiadores/etnógrafos da Grécia do século V a.C., incluindo Hecateu, Heródoto e Tucídides, fizeram amplo uso do que “é dito” [λέγεται] para a construção de suas obras.¹⁰⁰ Tais peculiaridades do fazer historiográfico de Tucídides (e de Heródoto) são levadas em conta na análise feita desses autores nesta dissertação.

O *Corpus Platonicum*¹⁰¹ e o *Corpus Aristotelicum*¹⁰² são utilizados, especialmente as obras *República*, *Banquete*, *Teeteto*, *Leis*, *Política* e *Ética a Nicômaco*. A filosofia de Platão e Aristóteles constituem mais um ponto de observação das críticas à democracia, visto serem esses assuntos mencionados de passagem na produção filosófica de ambos.

Os oradores gregos também são fundamentais, pois estão eivados de críticas à democracia e apresentam evidências de críticas às deliberações das assembleias. Isócrates, Lísias, Iseu, Ésquines, Dinarco, Hiperides, Demóstenes, Andócides e Licurgo são,¹⁰³ em um só tempo, fonte de informações sobre as leis de Atenas, de muitas das quais não se teria conhecimento se não fossem as citações em suas peças oratórias; e do cotidiano, visto serem os processos nos quais eles atuam uma fonte privilegiada para o conhecimento da dinâmica das relações entre os que são identificados como cidadãos, cidadãs, metecos, metecas, escravos, escravas, estrangeiros, estrangeiras de várias classes e faixas etárias.

⁹⁷ GREENBLATT, S. *Material Possessions: The Wonder of the New World*. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1992, p. 123.

⁹⁸ THOMAS, R. *Herodotus in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; THOMAS, R. Thucydides’ Intellectual Milieu and the Plague. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. (eds.). *Brill’s Companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006, p. 87-108.

⁹⁹ LURAGHI, N. “Local Knowledge in Herodotus’ Histories.” In: LURAGHI, N. (ed.). *The Historian’s Craft in the Age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 138-160.

¹⁰⁰ WESTLAKE, H. D. ΛΕΓΕΤΑΙ in Thucydides. *Mnemosyne* 30, 1977, p. 345-362.

¹⁰¹ VVAA. *Plato, Complete works*. Loeb Classical Library. Vols. 1-8. Cambridge: Harvard University Press. MÉRIDIER, L. *Platon, Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

¹⁰² FREESE, J. *Aristotle, The Art of Rhetoric*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1926; BRUNSCHWIG, J. *Aristote: Topiques*. Livres I-IV. Paris: Les Belles Lettres, 1967; DUFOUR, M.; WARTELE, A. *Aristote, Rhétorique*. 3 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1960-1973.

¹⁰³ CAREY, C. *Aeschines*. Oratory of Classical Greece 3. Austin: University of Texas Press, 2000; GAGARIN, M.; MACDOWELL, D. M. *Antiphon and Andocides*. Oratory of Classical Greece 1. Austin: University of Texas Press, 1998; WORTHINGTON, I.; COOPER, C. R.; HARRIS, E. M. *Dinarchus, Hyperides, and Lycurgus*. Oratory of Classical Greece 5. Austin: University of Texas Press, 2001; TODD, S. C. *Lysias*. Oratory of Classical Greece 2. Austin: University of Texas Press, 2000.

As evidências epigráficas¹⁰⁴ também compõem o *corpus* secundário desta dissertação. O recurso à epigrafia no Mundo Antigo geralmente é indício do desejo de compartilhar uma comunicação com o maior número possível de pessoas, sendo projetada para visibilidade pública, com a ressalva de que ‘visibilidade’ e ‘legibilidade’ não são necessariamente palavras sinônimas. No caso desta pesquisa, que aborda Atenas no século V a.C., são consultadas as coletâneas de inscrições funerárias, religiosas, legais e óstracos de Atenas e da Ática do período específico da investigação que forneçam indícios sobre as assembleias e leis relacionadas à crítica política.¹⁰⁵

A justificativa para a composição de uma documentação secundária tão abrangente é a necessidade de destacar nas peças de teatro euripidianas valores, princípios, modos de vida, ideias a respeito dos assuntos relacionados à vida da πόλις. Por ser o drama um lugar privilegiado para que se encontre a cidade e os seus habitantes, esta pesquisa procura perceber como a crítica política à assembleia é delimitada e demarcada socialmente por meio de tragédias e dramas satíricos postos em cena por tragediógrafos. É necessário, portanto:

*The recognition that ancient plays may not have been unique events but, by the later fifth century at least, might enjoy unlimited repetition in different times and places, could be taken to legitimate, as it greatly expands, the part that "cultural history" now plays in the study of dramatic production. This is especially true for those interested in dramatic performance from the fourth century BC onwards, when theatre was unquestionably the most central cultural institution of the Greek-speaking world, and when Euripides, arguably, played as great a role in shaping Hellenistic mentality as did Homer in shaping the Archaic and Classical.*¹⁰⁶

No próximo capítulo, será abordada a relação entre a democracia e teatro na Atenas de Eurípides em três partes: na primeira, será feita uma delimitação espacial e temporal da Atenas de

¹⁰⁴ PITCHER, Luke. *Writing Ancient History: An Introduction to Classical Historiography*. Londres: I. B. Tauris & Co. Ltd., 2009, p. 54-57.

¹⁰⁵ LALONDE, G. V.; LANGDON, M. K.; WALBANK, M. B. *Inscriptions. Horoi. Poletai records. Leases of public lands*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1991; MILES, M. M. *The City Eleusinion*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1998; ALESHIRE, S. B. *The Athenian Asklepieion. The People, their Dedications, and the Inventories*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1989; TRAILL, J. S. *Inscriptions. The Athenian Councillors, The Athenian Agora 15*. Princeton: American School of Classical Studies, 1974; WOODHEAD, A. G. *Inscriptions. The Decrees, The Athenian Agora 16*. Princeton: American School of Classical Studies, 1997; LANG, M. L. *Ostraka, The Athenian Agora 25*. Princeton: American School of Classical Studies, 1990; HICKS, E. L.; NEWTON, C. T.; HIRSCHFELD, G.; MARSHALL, F. H. *The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum*, I-IV, Oxford: Clarendon Press, 1874-1916; HILL, F. C. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Londres: British Museum, 1873-1927; HANSEN, P. A. *Carmina Epigraphica Graeca*. Volume I: *Saeculorum VIII-V a. C.*; Volume II: *Saeculi IV a.C.* Berlin, New York: De Gruyter, 1983-1989; BEES, N. A. *Corpus der griechisch-christlichen Inschriften von Hellas, I, Die griechisch-christlichen Inschriften des Peloponnes*, Atenas 1941; BOECKH, A. *Corpus Inscriptionum Graecarum*, I-IV. Berlin: Officina Academica, 1828-1877; DAIN, A. *Inscriptions Grecques du Musée du Louvre: les textes inédits*. Paris: Les Belles Lettres, 1933; KAIBEL, G. *Epigrammata Graeca ex lapidibus conlecta*. Berlin: Berolini, Apud G. Reimer, 1878; BRADEEN, D. W. *Inscriptions. The Funerary Monuments. The Athenian Agora 17*. Princeton: American School of Classical Studies, 1974; HILLER VON GAERTRINGEN, F., *Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores*, editio minor, 1924. ¹³: *Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores*. (1): LEWIS, D., *Decreta et tabulae magistratuum*. Berlin, New York: 1981; (2) LEWIS, D.; JEFFERY, L. *Dedications. Catalogi. Termini. Tituli sepulcrales. Varia. Tituli attici extra Atticam reperti. Addenda*. Berlin, New York: 1994; ²²: KIRCHNER, J. *Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores*, editio minor, 1913-1940; ³: WUENSCH, R. *Inscriptiones Atticae aetatis romanae*, pars. 3, *Defixionum tabellae*, editio maior, 1897; ROEHL, H. *Inscriptiones Graecae antiquissimae praeter Atticas in Attica repertas*. Berlin: Reimer, 1882.

¹⁰⁶ CSAPO, E. Introduction. *Illinois Classical Studies* 24-25, 1999-2000, p. 301.

Eurípides. Na segunda será feita a análise das assembleias atenienses na espacialidade e temporalidade delimitada. A terceira parte será dedicada à análise do discurso das cenas de assembleias atenienses presentes nos dramas de Eurípides.

1. Democracia e teatro na Atenas de Eurípides

Este capítulo apresenta a Atenas em que e para a qual Eurípides encenou os seus dramas. Logo, propõe-se aqui uma delimitação temporal e espacial que permita o reconhecimento das questões contextuais discutidas nas tragédias e drama satírico do dramaturgo relacionadas às críticas às assembleias.

A partir da delimitação temporal do dramaturgo em questão, recorre-se aqui a uma perspectiva histórica de Atenas que permita um enquadramento contextual da produção de Eurípides, uma vez que são constantes as alusões históricas em seu drama. Atenas não era apenas a cidade do presente: a tradição de suas origens e a memória de seus governantes, legisladores, conflitos e conquistas constituem um pano de fundo a partir do qual a democracia se consolida (ou se enfraquece) e os debates públicos são encetados. Logo, este capítulo procura dar um vislumbre das principais questões históricas que envolvem os dramas de Eurípides.

1.1. O enquadramento temporal de Eurípides

O primeiro problema a se enfrentar neste capítulo diz respeito ao enquadramento temporal de Eurípides, aspecto que se relaciona nas fontes que informam sobre o dramaturgo à sua imagem pública. Abordar esse tema tem relação com a necessidade de definir a temporalidade que será utilizada como base para o cruzamento de aspectos presentes no drama euripídiano com os dados do contexto, acessíveis de outras fontes. Por sua vez, vislumbrar nas fontes com informações biográficas do dramaturgo a imagem pública de Eurípides, permite propor o seu enquadramento social e político, cujos traços se evidenciam na modalização de sua produção dramática, e nas relações entre tal produção e o próprio dramaturgo, com reflexos na crítica à obra e à pessoa pública de Eurípides.¹⁰⁷ Esse último aspecto, a modalização, será destacado apenas introdutoriamente, mas será aprofundado no último capítulo desta dissertação.

Há informações biográficas sobre Eurípides posteriores ao período de sua vida que o retratam como um homem decepcionado com seu público e humilhado em sua vida particular, o último

¹⁰⁷ A análise da modalização permite identificar o contexto em que a caracterização de Eurípides aparece e, se necessário, o julgamento implícito ou explícito que a voz enunciativa faz sobre ele. Logo, discursos de culpa, elogios, pedidos, reclamações, acusações etc. apresentam uma visão que a autoridade enunciativa tem sobre a pessoa estudada – no caso, Eurípides. Ver: “(...) la modalisation de l'état du sujet – et c'est de cela qu'il s'agit lorsqu'on veut parler des passions – n'est concevable qu'en passant par celle de l'objet, qui, devenant une 'valeur', s'impose au sujet. C'est une situation comparable, mais antérieure au positionnement actanciel, qu'il s'agit d'imaginer: un sujet protensif indissolublement lié à une 'ombre de valeur', se profilant ainsi sur l'écran de la 'tensivité phorique'.” (GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991, p. 26).

herdeiro de um gênero esgotado: a tragédia. Lefkowitz demonstrou, no entanto, a falta de confiabilidade das informações biográficas em relação ao tragediógrafo, que se dividem em três categorias.¹⁰⁸

O primeiro grupo de informações biográficas sobre Eurípides está nas comédias de Aristófanes. É Aristófanes que menciona ser o tragediógrafo filho de uma vendedora de hortaliças – o que não parece ser uma informação plausível diante de sua educação.¹⁰⁹ Provavelmente tal informação é uma anedota que Aristófanes gostava o suficiente para repeti-la.¹¹⁰

O segundo grupo de informações biográficas sobre Eurípides pode ser inferido a partir de suas próprias tragédias. A ideia da Antiguidade da infidelidade da esposa de Eurípides é inspirada nas heroínas míticas de Eurípides, como Fedra e Estenebeia. Mais uma vez, Aristófanes é a fonte de tal informação.¹¹¹

Por fim, o terceiro grupo de evidências consiste em anedotas que dizem respeito aos poetas e ao seu destino. A afirmação de que Eurípides nasceu no dia da vitória de Salamina está de alguma forma relacionada aos relatos de que Ésquilo lutou nesta batalha¹¹² e de que Sófocles dançara com os meninos pertencentes ao coro nas comemorações da vitória.¹¹³ Quando tomados em conjunto, como o são frequentemente, tais relatos indicam uma transição de Ésquilo para Sófocles, e de Sófocles para Eurípides, interligando cronológica e profissionalmente os três tragediógrafos.

Quanto ao nascimento e à atividade de Eurípides como dramaturgo, afirma-se que ele nasceu em 485/484 ou 480/479 a.C.,¹¹⁴ competiu pela primeira vez em 455 a.C.¹¹⁵ Três anos antes, Ésquilo produziu a *Oresteia*, tendo morrido em 456 a.C.,¹¹⁶ e Sófocles já tinha uma carreira como dramaturgo bem-sucedida.¹¹⁷ As peças de Ésquilo continuaram a ser encenadas após a sua morte ao mesmo tempo em que Sófocles e Eurípides estavam produzindo suas tragédias. Após a morte de Eurípides, Sófocles

¹⁰⁸ LEFKOWITZ, M. R. *The Euripides Vita. Greek, Roman, and Byzantine Studies* 20, 1979, p. 187-210.

¹⁰⁹ KOVACS, D. *Euripidea*. Leiden: Brill, 1994, p. 11.

¹¹⁰ AR., *Ach.* 478; *Eq.* 19; *Thesm.* 387,456; *Ran.* 840.

¹¹¹ AR., *Ran* 1043-1044

¹¹² *Vida de Ésquilo* 10.

¹¹³ *Vida de Sófocles*, 3.

¹¹⁴ Afirma TYRRELL: “*The sources place the birth of Euripides during the archonship of Philocrates (485/4BC) or that of Calliades (480/79). The earlier date is owed to the Parian Marble, a stele set up on the Cycladic island of Paros.*” (TYRREL, W. B. “Life of Euripides”. In: MARKANTONATOS, A. (ed.). *Brill’s Companion to Euripides*. Volume 1. Leiden, Boston: Brill, 2020, p. 12. Ver ainda: *FGrH* 328 F 220.

¹¹⁵ PLUT., *Mor.* 717c; *DIOG. LAERT.* 2.45.

¹¹⁶ TAPLIN, O. “Introduction: Popular Performance”. In: AESCHYLUS. *Oresteia*. Introdução, tradução e notas de Oliver Taplin. New York, Londres: Liveright Publishing Corporation, 2018, p. 8-9.

¹¹⁷ SCODEL menciona que a primeira competição que Sófocles participou foi em 471 a.C. A autora cita ainda o POxy. 2256 fr. 3, que informa que a trilogia de Ésquilo que incluía as *Suplicantes* venceu uma competição com Sófocles na década de 460 a.C. Ver: SCODEL, R. “Sophocle’s Biography”. In: ORMAND, K. (ed.) *A Companion to Sophocles*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 28.

ainda estava vivo.¹¹⁸ Sendo assim, o gênero não morreu com Eurípides, uma vez que novas tragédias ainda estavam sendo produzidas no século V e IV a.C.¹¹⁹

Há um razoável resíduo de informações biográficas críveis nas anedotas que tratam de episódios relacionados à produção dramática de Eurípides. Porém, não há consenso sobre a interpretação das mesmas, e sua pequena acuidade crítica demanda que a sua utilização seja criteriosa.¹²⁰ Sabe-se a partir dos registros de produção que Eurípides ganhou o concurso com apenas uma de suas peças supérstites, *Hipólito*, tragédia que pertencia a uma tetralogia que ganhou o primeiro prêmio nas Dionisíacas Urbanas.¹²¹ No total da produção de Eurípides, ele ganhou o primeiro prêmio apenas quatro vezes em sua vida, mesmo tendo competido vinte e duas ou vinte e três vezes. Os triunfos de Eurípides, quando comparados às dezoito vitórias de Sófocles (ou mais) em cerca de trinta participações parece apoiar a ideia de que Eurípides estava fundamentalmente em desacordo com seu público ou, minimamente, com os seus julgadores.¹²²

Em relação aos triunfos de Eurípides, é evidente que o primeiro prêmio no concurso trágico não deve ser considerado o principal critério de sucesso. O desempenho de Sófocles é excepcional até mesmo quando comparado com o desempenho de Ésquilo. Além disso, o sistema de seleção de juízes não é claro o suficiente para garantir um veredito popular.¹²³ Por fim, há peças que não receberam o primeiro prêmio que parecem ter permanecido fortes na mente dos espectadores – por exemplo, Aristófanes era capaz de se referir ao *Télefo* de Eurípides, parodiando-o treze anos após a sua produção, em *Acarnenses*. Em *Tesmoforiantes*, Aristófanes parodiou a mesma peça anos depois e infere-se que ele continuou a ser compreendido pelos espectadores.¹²⁴ Na mesma tetralogia de *Télefo*

¹¹⁸ SCODEL afirma sobre Sófocles que "(...) when he heard of the death of Euripides in 407/6 BCE, Sophocles wore mourning garb and presented his actors without their customary garlands. This would have to have been at the proagon, and it is probably true. The proagon would have been a public event, and both men were very famous. Sophocles is also supposed to have said, when he heard of Euripides' death: 'The whetstone of my poems has perished.' Aristotle (Po. 1460b 32) quotes a saying of Sophocles that Euripides made his characters the way people are, but he himself "as they should be" – this probably means not as real people ought to be (nobody would want a world peopled by Sophoclean characters), but as tragic characters ought to be." (SCODEL, R. "Sophocles' Biography". In: ORMAND, K. (ed.) *A Companion to Sophocles*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012, p. 36).

¹¹⁹ Ver: DUNCAN, A.; LIAPIS, V. "Theatre Performance After the Fifth Century". In: LIAPIS, V.; PETRIDES, A. K. *Greek Tragedy After the Fifth Century: A Survey from Ca. 400 BC to Ca. Ad 400*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2019, p. 25-65.

¹²⁰ Ver um sumário das discussões modernas de tais anedotas da Antiguidade em: RIBEIRO JR., W. A. *Vitae Euripidis. Caliope* 16, 2007, p. 129, nota 11.

¹²¹ BARRETT, W. S. *Euripides. Hippolytus*. Oxford: Oxford University Press, 1964, p. 10-15; HALLERAN, M. R. *Euripides. Hippolytus*. Warminster: Aris & Philips, 1995, p. 25-37; LOURENÇO, F. *Euripides. Hipólito*. Lisboa: Colibri, 1993, p. 11-14.

¹²² Segundo MARSHALL e WILLIGENBURG, podia interferir no julgamento de uma tragédia o suborno, a intimidação, os gastos dos coregos, a habilidade dos atores, a qualidade do coro, o clima, a qualidade das peças na tetralogia e a situação política na πόλις. Ver: MARSHALL, C. W.; WILLIGENBURG, S. van. Judging Athenian Dramatic Competitions. *The Journal of Hellenic Studies* 124, 2004, p. 90-107, especialmente a p. 101.

¹²³ PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *The Dramatic Festivals of Athens*. 2 ed. Londres: Clarendon Press, 1989, p. 96-97.

¹²⁴ POMPEU enumera as evidências de que a personagem Diceópolis em particular, e a peça *Acarnenses* de Aristófanes em geral, aludem à peça *Télefo* de Eurípides. Ver: POMPEU, A. M. C. Eurípides aristofânico: a tragédia como artifício cômico. *Letras Clássicas* 12, 2008, p. 83-98.

estava *Alceste*, que impressionou tanto a Platão que ele aludiu a esse drama duas vezes no *Banquete*¹²⁵ - no entanto, esta tetralogia foi premiada apenas com o segundo lugar em 438 a.C.

Stevens afirma que a verdadeira medida do sucesso de um dramaturgo não se mensurava em ganhar o primeiro prêmio na competição, mas em ser escolhido para competir nas Grandes Dionisíacas pelo arconte epônimo. Tal escolha garantia espaço público para as produções de um dramaturgo e permitia que ele conseguisse apoio financeiro para a montagem do espetáculo.¹²⁶

A retirada de Eurípides de Atenas à Macedônia na velhice é mencionada em fontes da Antiguidade,¹²⁷ e há uma explicação mais simples para a sua partida: houve um êxodo intelectual em Atenas na última década do século V a.C., pois o rei Arquelaus da Macedônia, em uma tentativa de realçar o prestígio de sua própria corte, trouxe para a Macedônia celebridades da cena cultural ateniense. Sendo assim, ele teria convencido não apenas Eurípides, mas também o tragediógrafo Agatão, o compositor Timóteo, o poeta épico Coérilo e o escultor Zêuxis.¹²⁸ Além disso, a mudança de Eurípides de Atenas à Macedônia seria uma indicação do alcance de sua popularidade: ele era célebre até em locais geograficamente distantes, uma tendência que se aceleraria no século IV a.C.¹²⁹

Apesar de Eurípides não gozar do *status* icônico de Sófocles ou Ésquilo, ele gozava de grande estima, como claramente evidencia o reconhecimento oficial e popular em sua vida.¹³⁰ O quarto século passou por uma mudança em relação à apreciação das tragédias do século V a.C.: Ésquilo saiu de moda, Sófocles manteve a sua reputação, e Eurípides tornou-se o mais admirado dos três. A importância das tragédias fez com que as peças de todos os três dramaturgos fossem copiadas para a preservação nos arquivos estatais atenienses.¹³¹ Quando os oradores Ésquines, Demóstenes e Licurgo queriam utilizar textos dramáticos para apoiar alguma ideia política ou afirmar um ponto de vista moral, eles utilizavam

¹²⁵ PLAT., *Sym.* 179b, 208d.

¹²⁶ Stevens conclui com a pergunta retórica “As it was, if we think of his career as one in which on three occasions at least and probably many more he won the second prize, and on four occasions won the first prize, should we regard this as a failure?” STEVENS, P. T. “Euripides and the Athenians”. *Journal of Hellenic Studies* 76, 1956, p. 92.

¹²⁷ Eurípides teria até produzido *Andrômaca* em homenagem ao rei da Macedônia. Ver: EUR. test. 112–120 TrGF; Σ EUR., *Andr.* 445 (II 284.20–21 Schwartz). Ver ainda: REVERMANN, M. “Euripides, Tragedy and Macedon: Some Conditions of Reception”. In: CROPP, M. J.; LEE, K.; SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Urbana-Champaign: Illinois University Press, 1999-2000, p. 451-467.

¹²⁸ ELIANO, *Varia Historia* 14.13.

¹²⁹ EASTERLING, P. E. Euripides outside Athens: a speculative note. *Illinois Classical Studies* 19, 1994, p. 73-80.

¹³⁰ FINGLASS destaca que a popularidade de Eurípides é mencionada em *Rãs* de Aristófanes, peça encenada em 405 a.C. que indica que as mortes de Eurípides e Sófocles destituem Atenas seus últimos grandes dramaturgos. Ver: FINGLASS, P. J. “The Textual Tradition of Euripides’ Dramas”. In: MARKANTONATOS, A. (ed.). *Brill’s Companion to Euripides*. Volume 1. Leiden, Boston: Brill, 2020, p. 31.

¹³¹ Licurgo, durante seu governo entre 338-325-324 a.C., produziu uma cópia oficial das obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípides (PLUT., *Lyc.* 15; *Vit. Dec.* 841f). Ele também ordenou a reconstrução do Teatro de Dioniso e mandou erigir estátuas para os três dramaturgos.

a tragédia de Sófocles ou de Eurípides.¹³² A comédia nova inspirou-se em Eurípides e atesta o seu triunfo final.¹³³

O tratamento dado por Aristóteles às tragédias de Eurípides acabou por definir a condição de recepção do drama euripídico no século IV a.C. Sabe-se que o *Édipo Rei* de Sófocles era a tragédia favorita de Aristóteles, mas o Estagirita elogia as tragédias com finais infelizes e destaca que Eurípides é o mais trágico dos poetas.¹³⁴ Em seguida, Aristóteles passa a mencionar tragédias com finais felizes e destaca *Ifigênia em Táuris* de Eurípides, elogiando-a. Aristóteles destaca a resposta da protagonista ao infortúnio, independentemente dos desdobramentos no encadeamento dos eventos.¹³⁵

A primeira tragédia supérstite de Eurípides é *Alceste*, encenada em 438.¹³⁶ Como foi dito acima, os tragediógrafos, nos concursos trágicos, encenavam geralmente três tragédias e um drama satírico. *Alceste* foi encenada em lugar do drama satírico. A trilogia apresentada por Eurípides alcançou o segundo lugar no concurso trágico. O enredo de *Alceste* apresenta Admeto que, poupado da morte sob a condição de que alguém deveria aceitar morrer em seu lugar, é favorecido pela adesão de sua esposa *Alceste* ao sacrifício voluntário. *Hércules*, amigo de Admeto, luta com a Morte e resgata *Alceste*, entregando-a viva para o seu marido. A última tragédia de Eurípides que foi conservada inteira é *Ifigênia em Áulis*. Ganhadora do primeiro prêmio no concurso trágico, o enredo foi apresentado *post mortem*.¹³⁷

A Atenas em que Eurípides encena os seus dramas é, portanto, a πόλις que, entre 455 a.C. e 405 a.C., experiencia a democracia na fase de Péricles, e as crises democráticas na esteira da Guerra do Peloponeso.

¹³² WILSON, P. J. "Tragic rhetoric: the use of tragedy and the tragic in the fourth century". In: SILK, M. S. (ed.) *Tragedy and the Tragic: Greek Theatre and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 312-315.

¹³³ PORTER, J. R. "Euripides and Menander: *Epitrepontes*, Act IV". In: CROPP, M. J.; LEE, K. H.; & SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Champaign: Stipes Publishing L.L.C., 1999–2000, p. 172.

¹³⁴ ARISTOT., *Poet.* 1453a29-30.

¹³⁵ WHITE, S. A. "Aristotle's favorite tragedies". In: RORTY, A. O. (ed.), *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 236-37.

¹³⁶ A data é mencionada por IAKOV, que alude à hipótese da peça. Ver: IAKOV, D. I. "Alcestis". In: MARKANTONATOS, A. (ed.). *Brill's Companion to Euripides*. Volume 1. Leiden, Boston: Brill, 2020, p. 49.

¹³⁷ "A tragédia *Ifigênia em Áulis* é uma das últimas peças de Eurípides. Aspectos internos do drama sugerem que é uma obra que foi deixada inacabada pelo dramaturgo, e que sofreu revisões, o que compromete a análise de seu contexto. O escólio de *Rãs* de Aristófanes reforça que *Ifigênia em Áulis* foi produzida postumamente em Atenas, junto com *Bacantes* e *Alcmeão* em Corinto, por Eurípides, o Jovem, filho ou sobrinho de Eurípides. A data de produção sugerida é uma data por volta de 405 a.C." (KIBUUKA, B. G. L. *Mulheres masculinas, homens femininos: representações e identidade de gênero no teatro de Eurípides*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021, p. 546).

1.2. A Atenas de Eurípides

Os dramas de Eurípides refletem não apenas as questões a ele contemporâneas, relacionadas a episódios do cotidiano políade, como a Guerra do Peloponeso,¹³⁸ mas recorre a temas históricos e míticos de Atenas, como a “a ligação primordial, continuada e mesmo congênita entre o cidadão e o solo pátrio”¹³⁹ inerente à tragédia *Íon*. Desrespeito a suplicantes,¹⁴⁰ demagogia,¹⁴¹ tirania¹⁴² e outros temas que podem ser reconhecidos na Atenas anterior a Eurípides também são temas de seus enredos. Por isso, a perspectiva da Atenas e da democracia ateniense que é apresentada aqui mapeia aquilo que, posteriormente, se verá como tema explorado pelo dramaturgo. Conforme afirma Tancredi:

Escrevendo e encenando suas peças teatrais já no século V a.C. Eurípides já desfrutava dos avanços obtidos na legislação de Drácon, das reformas de Sólon e dos efeitos das principais reformas democráticas levadas a cabo por Clístenes, um ambiente muito diverso daquele vivido na fase arcaica, onde os mitos começaram a se fazer registrar por escrito, e onde a vingança, realizada na devolução do mal-feito, envolvendo famílias inteiras em disputas que podiam estender-se por gerações, era a regra.¹⁴³

A tradição em torno do surgimento de Atenas como πόλις autônoma remonta ao período de Teseu, rei de Atenas antes da Guerra de Troia.¹⁴⁴ A evidência histórica indica que Atenas é um dos poucos assentamentos que mostram uma continuidade de ocupação humana entre a Idade do Bronze, a Idade do Ferro e o Período Arcaico, com crescimento populacional constante, a ponto de se tornar líder no início do século V a.C., e a maior πόλις do mundo grego no Período Clássico.¹⁴⁵ A continuidade observável nos vestígios materiais também é identificada na *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, que informa ser a acrópole o lugar em que os atenienses haviam primeiramente se estabelecido.¹⁴⁶ Heródoto descreve Atenas na época das Guerras Persas como uma cidade circular, o que parece corresponder à sua configuração pré-clássica.¹⁴⁷

A tradição aponta para um governo monárquico antes da época de Sólon (e, provavelmente, antes da época de Drácon), seguido por um governo aristocrático regido por famílias nobres que

¹³⁸ KIBUUKA, B. G. L. *Eurípides e a Guerra do Peloponeso: representações da guerra nas tragédias de Hécuba, Suplicantes e Troianas*. Niterói: UFF, 2012.

¹³⁹ LEÃO, D. F. “Autoctonia, filiação legítima e cidadania no Íon de Eurípides”. *Humanitas* 63, 2011, p. 112.

¹⁴⁰ KIBUUKA, B. G. L. *A súplica em Suplicantes de Eurípides*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

¹⁴¹ MORWOOD, J. Euripides and the Demagogues. *The Classical Quarterly* 59 (2), 2009, p. 353-363.

¹⁴² SEAFORD, R. “Tragic tyranny.” In: SEAFORD, R.; BOSTOCK, R. *Tragedy, Ritual and Money in Ancient Greece: Selected Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 90-110; DILEO, D. Tragedy against tyranny. *Journal of Politics* 75 (1), 2013, p. 254-265.

¹⁴³ TANCREDI, M. P. de C. B. Honra no Direito Ático. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2013, p. 164.

¹⁴⁴ THUC. 2.16.1.

¹⁴⁵ PAPADOPOULOS, J. K. “The Emergence of the Polis”. In: NEILS, J.; ROGERS, D. K. *The Cambridge Companion to Ancient Athens*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, p. 35-36.

¹⁴⁶ THUC. 2.15.3.

¹⁴⁷ HDT, *Hist.* 7.140.

lideravam o Conselho do Areópago por meio de arcontes. Aparentemente, um βασιλεύς cuidava dos rituais religiosos e estatais; um πολέμαρχος cuidava dos assuntos relacionados à guerra e um ἄρχων assumia os deveres administrativos gerais, sendo o mandato deste último restrito mais tarde de dez para um ano quando os θεσμοθέται passaram a formular a legislação políade. Aqueles que exerciam tais cargos se tornavam membros do Areópago. Não há informações claras sobre o processo de nomeação desses arcontes, mas sabe-se que eles pertenciam a famílias nobres e eram imbuídos de riqueza.¹⁴⁸

No século VII a.C., a população da Ática foi dividida entre as quatro tribos jônicas, tribos ancestrais que segundo a tradição mítica remontavam a Íon e eram a base da organização militar, religiosa e financeira do território. As tribos eram, por sua vez, subdivididas em tríades ou τριπτύες, sendo cada tríade dividida em quatro ναυκραρία¹⁴⁹ e várias φρατρία, cada uma liderada por uma das famílias nobres, cada uma com seu centro de culto dedicado ao deus ou herói que era considerado o patrono da φρατρία. Os registros nas φρατρία eram uma prova de cidadania.¹⁵⁰

Em 636 ou 632 a.C., Cílon, vencedor da olimpíada, com o auxílio de seu sogro Teágenes, o tirano de Mégara, tentou tomar a Acrópole com o apoio de um grupo de jovens.¹⁵¹ A reação dos atenienses liderados pelos alcmeônidas foi se unirem, cercarem e sitiarem a acrópole. Ainda que os revolucionários tenham se refugiado na estátua de Atena Pólias, os magistrados prometeram clemência se eles se rendessem, mas os alcmeônidas liderados por Mégacles os massacraram até mesmo nos vários altares espalhados pela cidade e pelo campo.¹⁵² Por causa do sacrilégio cometido, os alcmeônidas foram exilados por volta de 621 a.C., não obstante eles não terem agido sozinhos, o que provocou o seu opróbrio duradouro.¹⁵³

É no contexto da punição de famílias nobres que Drácon elaborou aquilo que parece ser o primeiro código de leis atenienses por volta do final do séc. VII a.C.,¹⁵⁴ um código conhecido por ser rigoroso como se tivesse sido feito por uma serpente – um trocadilho aristotélico que joga com o significado do nome Drácon.¹⁵⁵ Ainda que grande parte das evidências sobre a legislação de Drácon

¹⁴⁸ THORLEY, J. *Athenian Democracy*. 2 ed. Londres, New York: Routledge: 2004, p. 7-10.

¹⁴⁹ ARISTOT., *Ath. Pol.* 8.3. Segundo RHODES, os *navkraroi* e as *navkrariai* não existiam mais após as guerras persas, sendo eles os “chefes de navio”, e elas, “associações de marinheiros”. RHODES, P.J. *The Organization of Athenian Public Finance. Greece & Rome* 60 (2), 2013, p 208.

¹⁵⁰ HEDRICK JR., C. W. Phratry shrines of Attica and Athens. *Hesperia* 60, 1991, p. 241-268.

¹⁵¹ HDT., *Hist.* 5.71; THUC., *Sol.* 12.17. Tucídides nos diz que Cílon pensou que estava agindo sob instruções de Apolo através do oráculo de Delfos. O mal-entendido que levou à derrota e morte de Cílon, segundo Heródoto. Tucídides nos diz que Cílon e seu irmão escaparam. Ver também PODLECKI, A. J. *The Early Greek Poets and their Times*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1984, p. 120-121.

¹⁵² PLUT., *Sol.* 12.

¹⁵³ O primeiro capítulo preservado de *Constituição dos Atenienses* condena o sacrilégio, indicando que a pena para ele é exílio perpétuo. O assassinato realizado pelos alcmeônidas fez com que Epimênides, o cretense, purificasse a cidade em 596/595 a 593/592. A SUDA, no verbete *Epimênides*, data a purificação na quadragésima quarta Olimpíada, entre 604/603 e 601/600 a.C.

¹⁵⁴ ARISTOT., *Pol.* 2,1274b15-18; PLUT., *Sol.* 17.

¹⁵⁵ ARISTOT., *Rh.* 1686.

seja do século IV a.C.,¹⁵⁶ parece plausível que tenham sido elaboradas algumas leis sobre homicídio, as quais foram utilizadas por Sólon. Plutarco, em sua vida de Sólon, relata que as leis de Drácon foram revogadas porque a ociosidade ou o roubo de legumes ou frutas eram considerados crimes capitais tão graves quanto sacrilégio ou assassinato.¹⁵⁷ Por outro lado, as leis sobre homicídio de Drácon amainaram as rixas de sangue, criando uma distinção entre homicídio doloso e o homicídio culposo, e respeitando direitos tribais.¹⁵⁸

Atenas continuava a ser governada por famílias nobres que se alternavam no poder, até que uma crise econômica complexa provocou rupturas sociais relacionadas ao abismo que separava as classes privilegiadas dos demais cidadãos, especialmente dos agricultores mais pobres. Tais agricultores eram frequentemente aprisionados ou escravizados por causa de dívidas.¹⁵⁹ Neste contexto, Sólon, poeta, comerciante e nobre, foi eleito em 594 a.C.¹⁶⁰ para promover reformas que enfrentassem o problema. A legislação de Sólon promoveu a manutenção da posse de terras, a libertação dos cidadãos escravizados, o cancelamento de dívidas, a abertura de Atenas para o comércio exterior e a concessão de poder político de acordo com as posses dos cidadãos: os πεντακοσιομέδιμνοι, os ἱππεῖς, os ζευγῖται e os θῆτες.¹⁶¹ Além disso, a Assembleia de Atenas tomou um espaço aberto para todos os cidadãos, que passaram a aprovar leis e eleger os magistrados públicos. O Conselho dos Quatrocentos tinha a função de preparar a assembleia.¹⁶²

O órgão de justiça no tempo de Sólon eram os cidadãos ou o δῆμος. A maioria dos processos ocorria no tribunal de ἡλιαία, composto por 6.000 pessoas eleitas por um ano por sorteio entre todos os cidadãos livres que tinham completado trinta anos de idade e gozavam de plenos direitos políticos, seiscentos cidadãos de cada tribo.¹⁶³ Outro tribunal, o Areópago, foi reestruturado por Sólon¹⁶⁴ para os julgamentos dos casos de εἰσαγγελία e tinha a incumbência da νομοφυλακία. Ele era composto de juízes vitalícios, que julgavam duas categorias principais de procedimentos legais: os casos privados e os casos públicos.¹⁶⁵

¹⁵⁶ VOLONAKI, E. "Apagoge" in homicide cases. *Dike: Rivista di storia del diritto greco ed ellenistico* 3, 2000, p. 147.

¹⁵⁷ PLUT., *Sol.* 17.1-3.

¹⁵⁸ GAGARIN, M. *Writing Greek Law*. New York, Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 96.

¹⁵⁹ PLUT., *Sol.* 13.4-5. Segundo ARISTÓTELES, Sólon criou uma lei para prevenir a acumulação ilimitada de terras (ARISTOT., *Pol.* 1266,16). Sólon retirou marcos – os ὄποι, termo utilizado para designar endividamento. Ver: OBER, J. *The Rise and Fall of Classical Greece*. New Jersey: Princeton University Press, 2015., p. 150). Ver ainda a utilização do termo em SOLON, fragm. 36 West.

¹⁶⁰ LEÃO, D. F. *Sólon. Ética e política*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 270-275.

¹⁶¹ POLLUX 8.130. LEÃO destaca ainda que Sólon acentuou a diferença entre νόθοι e γνήσιοι, o que aperfeiçoou o caráter exclusivo da cidadania. Ver: LEÃO, D. F. Sólon e a legislação em matéria de direito familiar. *Dike: Rivista di storia del diritto greco ed ellenistico* 8, 2005, p. 22-23.

¹⁶² PLUT., *Sol.* 18.4.

¹⁶³ ARISTOT., *Ath. Pol.* 63.1.

¹⁶⁴ ARISTOT., *Ath. Pol.* 8.4.

¹⁶⁵ LANNI, A. *Law and Justice in the Courts of Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 35.

As leis de Drácon e Sólon têm grande importância na segunda metade do século V a.C. As leis de Sólon foram republicadas por ἀναγραφείς após o fracasso do golpe oligárquico de 411 a.C. e a tentativa de recuperar a legislação,¹⁶⁶ e isso impactou o drama. No caso da comédia, Cratino cita de forma direta Drácon e Sólon.¹⁶⁷ No caso da tragédia, Eurípides, e *Orestes*, parece se relacionar com a revisão das leis de Drácon e Sólon, em uma época de desânimo e de pessimismo por causa do descompasso entre as leis e os interesses pessoais e coletivos que as manipulavam e as deixavam à mercê.¹⁶⁸

Após propor uma legislação que desagradou a todos mas salvou Atenas, Sólon deixou Atenas por dez anos.¹⁶⁹ Anos após a atuação de Sólon como legislador, Pisístrato se tornou tirano.

A tirania de Pisístrato foi, na verdade, uma tirania em três etapas.¹⁷⁰ A primeira foi entre 561 a 556/555 a.C.¹⁷¹ A segunda se deu entre 552/551 e 546/545 a.C.¹⁷² A terceira etapa teve início entre 536/535 a.C.,¹⁷³ e terminou com a morte de Pisístrato, que morreu naturalmente na velhice no final de seu terceiro período de poder, provavelmente em 528/527 a.C.¹⁷⁴

O relato da tirania de Pisístrato pode ser encontrado em Heródoto (1.59-64), sendo recontado mais detalhadamente na *Constituição dos Atenienses* (13-20). O sentido da tirania de Pisístrato foi o da usurpação ilegal do poder, contrariando a constituição em vigor. Apesar disso, Pisístrato se esforçou para preservar as formas de governo de Sólon,¹⁷⁵ jungindo essa aparência de ordem constitucional com a promoção com ações de propaganda como as Grandes Dionisíacas,¹⁷⁶ além de fomentar o desenvolvimento político das classes mais baixas¹⁷⁷ e promover uma política de construção que aliviou o desemprego, financiadas por impostos e receitas de minas de Pangaion.¹⁷⁸

¹⁶⁶ LYS. 30; ARISTOT., *Eth. Nic.* 2. Neste contexto, a lei de Drácon sobre homicídio também foi redigida (IG I3 104. 4-6). Ver: LEÃO, D. F.; RHODES, P. J. (eds.). *The Laws of Solon: A New Edition with Introduction, Translation and Commentary*. Londres, New York: I. B. Tauris, 2015, p. 3.

¹⁶⁷ CRATINO, fragmento 300 Kassel & Austin.

¹⁶⁸ SILVA, M. de F. S. "Eurípides' *Orestes*: The Chronicle of a Trial". In: HARRIS, E. M.; LEÃO, D. F.; RHODES, P. J. *Law and Drama in Ancient Greece*. Londres, New York: Bloomsbury, 2010, p. 89.

¹⁶⁹ ARISTOT., *Ath. Pol.* 11; HDT., *Hist.* 1.29.

¹⁷⁰ O epigrama helenístico presente na *Anthologia Palatina* diz que Pisístrato foi exilado três vezes, e o povo pediu para ele voltar três vezes. Ver: *Anthologia Palatina* 11. 442.

¹⁷¹ HDT., *Hist.* 1.60.1; *Anthologia Palatina* 14.3.

¹⁷² HDT., *Hist.* 1.61.1-2; *Anthologia Palatina* 14.4, 15.1.

¹⁷³ HDT., *Hist.* 1.61.1; *Anthologia Palatina* 15.2.

¹⁷⁴ *Anthologia Palatina* 17.1.

¹⁷⁵ MOSSÉ, C. *Histoire d'une Démocratie: Athènes*. Paris: Éditions du Seuil, 1971, p. 30-31.

¹⁷⁶ HDT., *Hist.* 1.64, THUC. 3.104.1; PAUS. 1.14.1. Ver ainda: PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *The Dramatic Festivals of Athens*. 2 ed. Londres: Clarendon Press, 1989, p. 58; DABDAB TRABULSI, J. A. *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Humanitas; Editora UFMG, 2004, p. 201.

¹⁷⁷ ARISTOT., *Ath. Pol.* 16.9; AEL., *VH* 9.25.

¹⁷⁸ SHAPIRO, H. A. *Art and Cult under the Tyrants in Athens*. Mainz: Von Zabern, 1989, p. 5-8, 20-21; DE POLYGNAC, F. "Sanctuaires et société en Attique." In: VERBAUCK-PIÉRARD, A.; VIVIER, D. (eds.). *Culture et cité. L'avènement d'Athènes à l'époque archaïque. Actes du colloque international organisé à l'Université Libre de Bruxelles du 25 au 27 avril 1991*. Paris: De Boccard, 1995, p. 18. Sobre as minas de Pangaion, ver: LAVELLE, B. *Fame, Money, and Power: the rise of Peisistratos and 'democratic' tyranny at Athens*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2005, p. 129-133.

Após a morte de Pisístrato, ele foi sucedido por Hípias, cujo governo parece ter sido moderado até o assassinato de Hiparco.¹⁷⁹ O caráter repressivo do governo de Hípias ajudou na derrubada da tirania por iniciativa dos alcmeônidas, apoiados pelos espartanos, que por causa de um oráculo de Delfos auxiliaram na libertação de Atenas.¹⁸⁰

Clístenes foi o próximo líder decisivo que afastou Atenas da tirania e promoveu a democracia. Clístenes promoveu em 508-507 a.C. várias mudanças radicais na organização social e política de Atenas. Novas tribos foram criadas, ampliando as quatro existentes para dez. Cada área de residência formava um *δήμος*, em um total de 139.¹⁸¹ Cada *δήμος* se organizou em uma das trinta *τριπτύες*, dez para cada região que dividia a Ática. A primeira região era a *ἄστυ*, a zona urbana de Atenas; a segunda era a área costeira, chamada de *παραλία*; e a terceira era o interior, a *μεσόγεια*.¹⁸² Logo, um cidadão ateniense tinha um *status* triplo: ele era cidadão de uma das *τριπτύες*, era cidadão de uma das dez tribos e era cidadão da politeia ateniense.

O Conselho de 500 ou a Bulê, surgido com Sólon como um conselho de 400 membros,¹⁸³ foi reformado por Clístenes. Ele não apenas aumentou o número de seus membros, mas atribuiu ao Conselho a responsabilidade de preparar as questões que a Assembleia deveria discutir e votar, e de executar as decisões tomadas na Assembleia.¹⁸⁴ Os membros do Conselho tinham mais de 30 anos e a participação se dava por apenas um ano. Era possível ser reeleito no Conselho uma vez, sendo os eleitos pelos *δῆμοι* submetidos a uma votação no Conselho para comandar naquele ano. Mais da metade dos atenienses que atingiram a idade de cinquenta anos serviram no Conselho,¹⁸⁵ tendo, portanto, conhecimento da política e dos assuntos públicos.

O elemento mais importante que distinguia a constituição de Atenas sob Clístenes em comparação com a organização de outras da época era que todas as questões de política pública eram resolvidas pela votação em reuniões, regulares ou extraordinárias, da Assembleia.¹⁸⁶ A assembleia de Atenas era composta de todos os cidadãos do sexo masculino com mais de vinte anos, se reunindo quatro vezes a cada prytania, quarenta vezes por ano, com reuniões adicionais emergenciais chamadas

¹⁷⁹ FIGUEIRA, T. "Thucydides and the sexual politics of tyrannicide." In: SOARES, C.; BRANDÃO, J. L.; CARVALHO, P. C. (coords.). *História Antiga: Relações Interdisciplinares. Fontes, Artes, Filosofia, Política, Religião e Recepção*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 23-46.

¹⁸⁰ HDT. *Hist.* 5.63.1. Ver: RODRIGUES, N. S. "Os tiranicidas de Atenas: entre a representação aristocrática e a ideologia democrática." SEBASTIANI, B. B.; LEÃO, D. F.; SANO, L.; SOARES, M.; WERNER, C. *A poiesis da democracia*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 161-186.

¹⁸¹ HENDRIKS, L. *Athens and the Attic Demes: A History of Assimilation and Integration*. Dissertação de Mestrado. Leiden: University of Leiden, 2012, p. 72.

¹⁸² ARISTOT., *Ath. Pol.* 21. Ver também: THORLEY, J. *Athenian Democracy*. 2 ed. Londres, New York: Routledge: 2004, p. 24.

¹⁸³ Segundo BUCKLEY, há a possibilidade do Conselho de 400 ser uma invenção tardia. Ver: BUCKLEY, T. *Aspects of Greek History 750–323 BC: A source-based approach*. Londres: Routledge, 2010, p. 93.

¹⁸⁴ OBER, J. *Democracy and knowledge: innovation and learning in classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2008, p. 142-150.

¹⁸⁵ ROBERTS, J. W. *City of Socrates, an introduction to classical Athens*. 2 ed. Londres, New York: Routledge, 1998, p. 45.

¹⁸⁶ ROBERTS, J. W. *City of Socrates, an introduction to classical Athens*. 2 ed. Londres, New York: Routledge, 1998, p. 41.

ἐκκλησίαι σύγκλητοι.¹⁸⁷ A Clístenes também se atribui a introdução do ostracismo, em que um cidadão poderia ser exilado por dez anos se, em uma assembleia de pelo menos 6.000 cidadãos, fosse deliberada a sua punição.¹⁸⁸

Ao longo dos anos a Assembleia foi a instituição que foi ganhando cada vez mais poderes, e assim o plano de Clístenes de uma Atenas com isonomia (igualdade perante a lei, com direitos políticos iguais), isegoria (igualdade nas assembleias) e isocracia (igualdade no acesso ao poder) foi se reforçando no imaginário políade.¹⁸⁹

Outro fator são as vitórias atenienses em Maratona em 490 a.C., e em Salamina em setembro de 480 a.C., que tornaram Atenas um ator importante no cenário mediterrâneo, o que garantiria sua posterior visibilidade. O êxito contra os persas passou a ser narrado como uma vitória da democracia, servindo para o seu fortalecimento.¹⁹⁰

Outro conjunto de reformas foi promovido por Efiltes, que procurou limitar os poderes judiciários do Areópago, uma antiga instituição constituída principalmente pelos antigos aristocratas e por homens que tinham sido arcontes.¹⁹¹ Após Temístocles ter sido condenado ao ostracismo no final dos anos 470 a.C.,¹⁹² o Areópago o julgou por traição e o condenou à morte *in absentia*.¹⁹³ Isso moveu Efiltes a propor a limitação dos poderes do Areópago.¹⁹⁴ Antes de suas reformas entrarem em vigor, suas denúncias fizeram com que membros do Areópago fossem removidos.¹⁹⁵ Efiltes denunciou o Areópago ao Conselho e Assembleia,¹⁹⁶ fazendo com que os arcontes, futuros membros do Areópago, fossem escolhidos por sorteio, não por voto.¹⁹⁷ As reformas de Efiltes privaram o Areópago da superintendência sobre os julgamentos de assassinato, ferimento, morte por veneno, incêndio criminoso, homicídio involuntário, assassinato de escravos ou estrangeiros, homicídios acidentais ou homicídios em legítima defesa, conduzindo vários crimes a outros tribunais, mantendo a autoridade do Areópago sobre crimes como desenterrar oliveiras sagradas, cuja pena era a morte ou o exílio.¹⁹⁸ Efiltes ajudou Atenas a tornar ainda mais próximo o ideal de uma democracia direta. Se as reformas de Clístenes foram capazes de distanciar os oligarcas da supremacia política em Atenas, eles

¹⁸⁷ IG II2 359. Ver: HARRIS, E. M. How often did the Athenian Assembly meet? *The Classical Quarterly* 36, 1986, p 363.

¹⁸⁸ ARISTOT., *Ath. Pol.* 22.

¹⁸⁹ HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 81-84.

¹⁹⁰ RAAFLAUB, K. A. Democracy, Oligarchy, and the Concept of the "Free Citizen" in Late Fifth-Century Athens. *Political Theory* 11, 1983, p. 517; OBER, J. *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual Critics of Popular Rule*. Princeton: Princeton University Press, 1998, p. 30.

¹⁹¹ ISOC. 7.37; PLUT., *Sol.* 19.1; PLUT., *Per.* 9.3.

¹⁹² PLUT., *Them.* 22.1; THUC. 1.135.

¹⁹³ ARISTOT., *Ath. Pol.* 25.3; THUC. 1.138; PLUT., *Them.* 22.1.

¹⁹⁴ ARISTOT., *Ath. Pol.* 25.3-4.

¹⁹⁵ ARISTOT., *Ath. Pol.* 25.2.

¹⁹⁶ ARISTOT., *Ath. Pol.* 25.4.

¹⁹⁷ ARISTOT., *Ath. Pol.* 22.5.

¹⁹⁸ ARISTOT., *Ath. Pol.* 60.2; LYS. 7.22.

continuaram a ter grande importância por causa da constituição areopagita.¹⁹⁹ Após as mudanças promovidas por Efialtes, o Areópago continuou a ser um tribunal superior, mas a sua jurisdição em questões políticas era menor.

Tem relevância, porém, no contexto euripidiano, Péricles, cuja importância para Atenas fez com que ela atingisse o auge de seu poder e democracia. Péricles foi eleito um dos arcontes de Atenas, permitindo que ele, ao lado de Efialtes, promovesse os pobres aos encargos de juiz e arconte, por meio, por exemplo, da atribuição de uma remuneração dos juízes.²⁰⁰ As ações de Efialtes sofreram a oposição de Címon, cuja tentativa de restauração da aristocracia pré-clistênica e a sua política pró-espartana acabaram por enfraquecer os seus esforços, tornando-os inócuos.²⁰¹

O assassinato de Efialtes por instigação de oligarcas extremistas em 461 a.C. marca o início da chamada era de Péricles. Fontes antigas atribuem a Péricles o estabelecimento do pagamento pelo serviço público, a chamada *μισθοφορία*, em um total de dois óbolos por dia para cidadãos que participassem de julgamentos, e três óbolos de manutenção para soldados e marinheiros na ativa, ou tripulações que receberam treinamento nas sessenta trirremes que Atenas designava para a proteção do mar durante oito meses por ano.²⁰² O julgamento favorável de Tucídides a Péricles se depreende da ideia do historiógrafo, entre outras, de que a pobreza não é empecilho para um homem que pode beneficiar Atenas, por causa das políticas de Péricles.²⁰³ Com Péricles, a autoridade final era da assembleia e dos tribunais – com todos os limites relacionados à participação popular em ambas as instâncias. Também com Péricles abandona-se o processo de escolha de arcontes por sorteio após uma eleição preliminar de candidatos, sendo eleitos por eleição direta os dez *στρατηγοί*, e por sorteio, nove arcontes e secretário dos *θεσμοθέται*.²⁰⁴ Os cargos militares não eram remunerados, o que de certa forma excluía os pobres, e a eleição para as atividades qualificadas, que dependiam de experiência, conhecimento profissional e habilidade técnica, não permitia que fosse empregado universalmente o sufrágio no caso dos *στρατηγοί*, dos *ταξίαρχοι*, dos *έλληνοταμίαι*,²⁰⁵ dos membros de comissões de obras públicas, embaixadas e missões religiosas. Assumiu grande importância a *δοκιμασία*, ou verificação das qualificações daqueles que assumiam cargos no primeiro dia de

¹⁹⁹ KAGAN, D. *The Outbreak of Peloponnesian War*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1969, p. 64.

²⁰⁰ FORNARA, C. W.; SAMONS II, L. J. (eds.). *Athens from Cleisthenes to Pericles*. Berkeley: University of California Press, 1991, p.74.

²⁰¹ PLUT., *Cim.* 16.8.

²⁰² ARISTOT., *Ath. Pol.* 27.3-4; PLUT., *Per.* 9.2-3; 11.4.

²⁰³ THUC. 2.37.1.

²⁰⁴ ARISTOT., *Ath. Pol.* 3.5, *schol.* PLAT., *Phaid.* 235d

²⁰⁵ Os *έλληνοταμίαι* eram tesoueiros da Liga de Delos nomeados por Atenas (THUC. 1.44ss., 1.235-237]). O tesouro da Liga foi provavelmente transferido para Atenas no ano 454/453 a.C. (THUC. 1.96.2; PLUT., *Aristides* 25.3; *Per.* 12.1; IG 13 259. ARISTOT., *Ath. Pol.* 20 prevê a seleção de vinte *έλληνοταμίαι*, que deveriam se encarregar de todas as receitas seculares. O anverso do mármore *Choiseul* (I.G. 12, 304A) apresenta onze nomes de *έλληνοταμίαι*. Isso indica que, entre 410/409 a.C., o número de *έλληνοταμίαι* foi aumentado de dez para vinte.

Hekatombaion, o início do ano ateniense.²⁰⁶ Além disso, o poder da assembleia ateniense de dar um voto de confiança ou desconfiança aos funcionários, e de promover uma investigação aprofundada sobre a conduta oficial, financeira e administrativa feita por auditores nomeados por sorteio do povo, dava uma sensação de controle popular das ações políades.

O processo de financiamento das atividades democráticas promovido por Péricles, ainda que oneroso, era o fundamento para a manutenção da democracia com significativa participação popular, garantindo assim algum equilíbrio e harmonia em contexto políade:

Essa política resultava não apenas de uma reflexão calculada, mas também de uma escolha deliberada com o objetivo de assegurar, ao povo, os recursos para viver condignamente e exercer livremente a sua soberania e de permitir a Atenas, modelo de equilíbrio e harmonia, impor este equilíbrio, ainda que pela força, a todo o mundo egeu.²⁰⁷

Nota-se que a partir das transformações no período de Péricles que a assembleia parece ter sua atuação intensificada nos assuntos relacionados à guerra, paz e alianças; envio de embaixadores e recepção de embaixadores de outras *póleis*. Nos assuntos militares, determinou o número e o caráter das forças a serem empregadas, autorizou as campanhas, nomeou os generais e ouviu os seus relatórios. Despachou colônias e cleruquias. Deliberou a construção de templos e outros edifícios públicos, a introdução de novos cultos, fez a supervisão das finanças do Estado e cuidou dos problemas de abastecimento de alimentos. Promulgou decretos honrando cidadãos e estrangeiros e exerceu autoridade final em aceitar ou rejeitar, emendar e implementar os *probouleumata* que recebia da Bulê, detendo o poder de iniciativa por meio da *γραφὴ παρανόμων*,²⁰⁸ quando uma medida era proposta na Bulê ou na assembleia, ou a qualquer momento após a promulgação do decreto, e qualquer cidadão tinha o poder de iniciar uma ação para contestar a legalidade da forma ou conteúdo do decreto, com julgamento em um tribunal popular com um júri de pelo menos mil *δικασταί* presidido pelos *θεσμοθέται*. Em caso de condenação, uma pena pesada ou a morte era deliberada. No caso de três condenações por essa acusação, o cidadão era proibido de discursar na assembleia. Caso o acusador não obtivesse um quinto dos votos dos jurados, ele seria multado e seria negado a ele o direito de instituir tal acusação novamente.²⁰⁹

²⁰⁶ Havia, segundo ARISTOT., *Ath. Pol.*, quatro categorias de *δοκιμασία*: dos homens de dezoito anos registrados como cidadãos, que eram conduzidos pelas assembleias e pelo conselho (ARISTOT., *Ath. Pol.* 42.1-2); de homens nomeados como conselheiros e funcionários (ARISTOT., *Ath. Pol.* 45.3, 55.2-4, 56.1, 59.4, 60.1); dos cavalos da cavalaria, dos que lutaram com a cavalaria, os próprios cavaleiros (ARISTOT., *Ath. Pol.* 49.1-2); e dos inválidos, que tinham direito a uma bolsa (ARISTOT., *Ath. Pol.* 49.4).

²⁰⁷ MOSSÉ, C. *Atenas a história de uma democracia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997, p. 38.

²⁰⁸ A *γραφὴ παρανόμων*, acusação instituída contra uma pessoa que propôs ou realizou uma lei inconstitucional na forma e/ou no conteúdo, provavelmente foi introduzida por Péricles ao mesmo tempo que as formalidades legislativas, mas adquiriu importância com o desuso do ostracismo por volta de 417 a.C., sendo revogada em 411 a.C. pelos Quatrocentos, viabilizando seus atentados contra a democracia (THUC. 8.67).

²⁰⁹ HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 205-218.

1.3. O povo e a democracia: fragilidades, recursos e aspectos críticos

A democracia ateniense, vigorosa no período de Péricles, passou a reger um império que, sob a justificativa de proteger a Grécia de um já distante perigo persa, serviu de válvula de escape para pressões e necessidades internas. Atenas não passou incólume aos problemas sazonais que exigiram soluções que podem ser vislumbradas como viáveis por causa da simaquia, como a ἀποικία e κληρουχία, busca por metais e por abastecimento para suprir suas necessidades alimentares, por exemplo. Tais medidas se tornam parte das deliberações nas assembleias em contexto políade. Juntamente com tais estratégias de manutenção do tecido social políade, críticas eventuais ao sistema regido pelo povo podem ser notadas. Atenas é um contexto políade marcado por tensões, as quais se relacionam às fragilidades da própria democracia como ela foi composta, que se traduzirá nos golpes contra a democracia no fim do século V a.C., mas que também podem ser mapeados nos discursos socioliterários atenienses, dentre os quais destaca-se aqui as tragédias euripidianas.

A memória coletiva de Atenas coloca em destaque sua vocação colonizadora registrada em sua própria autocompreensão mítico-histórica. A autocompreensão de Atenas como uma πόλις colonizadora remonta às explicações míticas da colonização da Jônia.²¹⁰ Porém, é notável que desde o século VI a.C., Atenas começa a estabelecer suas ἀποικίαι e κληρουχίαι como uma forma de diminuir a pressão populacional que seu crescimento impõe, e como uma necessidade premente de viabilizar a sua presença fora do território da Ática, garantindo entrepostos que deem precioso acesso a Atenas a territórios que forneçam terras agricultáveis, animais e acesso estratégico a territórios que os forneçam. Tal é o caso da cleruquia na fértil planície Lelantina de Erétria de Cálcis após a Guerra Lelantina, tanto 506 a.C. quanto em 446 a.C.,²¹¹ quando Cálcis passou a pagar tributos.²¹² No âmbito das Guerras Médicas, Atenas também estabeleceu seus cidadãos em Lemnos, derrotada por Milcíades na virada dos séculos VI e V a.C.;²¹³ Círos, ilha nas Espórades, que teve seus habitantes escravizados

²¹⁰ THUC. 1.12.

²¹¹ IG I3 39, uma inscrição fragmentária datada de 446/445 ou 424/423 a.C., indica disposições para o estabelecimento de uma ἀποικία após a repressão de uma revolta. Ver: FORNARA, C. W. (ed.). *Archaic Times to the End of the Peloponnesian War*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 102.

²¹² Afirma FERREIRA: “Não esqueçamos, contudo, que no século V a. C. começam a aparecer as cleruquias que já correspondiam à nossa colonização: os seus habitantes, os clerucos, continuavam cidadãos da metrópole, ao contrário do ápoikos que perdia a cidadania da pólis de origem.” (FERREIRA, J. R. “Polis grega e colonização”. In: SOARES, C.; FIALHO, M. do C.; FIGUEIRA, T. (coords.). *Pólis/Cosmópolis: identidades locais & globais*. Coimbra, São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2016, p. 225).

²¹³ Segundo HERÓDOTO, Miltíades subjugou Lemnos e entregou a ilha aos atenienses para que esses se estabelecessem, o que aconteceu ali e na ilha vizinha de Imbros em cerca de 449 a.C. (HDT., *Hist.* 6.136.2). Ver: FIGUEIRA, T. J. *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991, apêndice B.

por Címon em 476/475 a.C. e se tornou em seguida κληρουχία ateniense;²¹⁴ Andros, em 450 a.C.,²¹⁵ Hestieia na Eubeia, que em 446 a.C. teve parte de sua população deportada para a Macedônia e se tornou uma ἀποικία;²¹⁶ Breia, na Trácia, em 446/445 ou 426/425 a.C.;²¹⁷ Eubeia, em 445 a.C., em punição pela execução dos soldados atenienses durante a guerra sagrada de 446 a.C.;²¹⁸ Túrio no Sul da Itália, em 444 a.C.);²¹⁹ Anfípolis na Trácia, em 437/436 a.C.;²²⁰ Sinope, no Mar Negro, para onde 600 atenienses voluntariamente se dirigiram para terras confiscadas em 437/436 a.C.;²²¹ Egina, onde atenienses se instalaram no lugar de eginetas expulsos;²²² e Mitilene, ilha de Lesbos, após os atenienses debelarem uma revolta em 427/426 a.C. Houve outras πόλεις conquistadas após uma revolta, como Cálcis em 446 a.C., e Naxos, nas Cíclades.²²³

A política colonizadora ateniense se desenvolveu paralelamente à criação e fortalecimento da Simaquia de Delos, que, a partir de 477 a.C., começou como uma “aliança voluntária das cidades do Egeu e da Ásia Menor com Atenas, de forma a defenderem os interesses gregos e a manterem as forças persas à distância”, mas depois se tornou “um verdadeiro império tributário, baseado no poder a na eficácia da frota, e alargar a influência política”.²²⁴ Assim, sob a desculpa de proteger contra os persas e de defender a democracia como sistema político dos membros da simaquia, Atenas passa a utilizar

²¹⁴ THUC. 1.98.2; PLUT., *Cim.* 8.3-5; DIOD. 11.60.2; Éforo, FGRH 70 F 191 linha 10 = POxi 13.1610 fragmento 6; FIGUEIRA, T. J. *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991, p. 221 nota b.

²¹⁵ É possível inferir que Andros era uma κληρουχία devido ao tributo reduzido pago à Liga de Delos em 449 a.C. e nos anos seguintes. Ver: IG I3 262.i.19; 263.iv.22; RHODES, P. J. “The Delian League to 449 BC.” In: LEWIS, D. M.; BOARDMAN, J.; DAVIES, J. K.; OSTWALD, M. *The Cambridge Ancient History*. Volume 5. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 60.

²¹⁶ THUC. 1.114.3; IG I3 41; PLUT., *Per.* 23.2; Teopompo, FGRH 115 F 387; DIOD. 22.12.2. Os habitantes que permaneceram em Hestieia tinham seu próprio δικαστήριον (HANSEN, M. H.; NIELSEN, T. H. (eds.). *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 656-667; PÉBARTHE, C. “Émigrer d’Athènes. Clérouques et colons aux temps de la domination athénienne sur l’Égée au Vème siècle a.C.” In: KAISER, W., MOATTI, C.; PÉBARTHE, C. (eds.). *Le monde de l’itinérance en Méditerranée de l’Antiquité à l’époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009, p. 378.

²¹⁷ IG I3 46, o decreto que institui a ἀποικία (FORNARA, C. W. (ed.). *Archaic Times to the End of the Peloponnesian War*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 100) em um local que não foi identificado (MATTINGLY, H. B. *The Athenian Empire Restored: Epigraphic and Historical Studies*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996, p. 126), mas que pode ser Bisaltae (ver a referência em PLUT., *Per.* 11.5).

²¹⁸ Segundo Diodoro e Pausânias, em 453/452 a.C., Tolmides, general ateniense, estabeleceu uma κληρουχία e Eubeia (DIOD. 11.88.3; PAUS. 1.27.5). Ver: FIGUEIRA, T. “Classical Greek Colonization.” In: TSETSKHLADZE, G. R. (ed.). *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*. Volume 2. Leiden, Boston: Brill, 2008, p. 436-439; PÉBARTHE, C. “Émigrer d’Athènes. Clérouques et colons aux temps de la domination athénienne sur l’Égée au Vème siècle a.C.” In: KAISER, W., MOATTI, C.; PÉBARTHE, C. (eds.). *Le monde de l’itinérance en Méditerranée de l’Antiquité à l’époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009, p. 375.

²¹⁹ Os atenienses estabeleceram uma ἀποικία pan-helênica, com um décimo de atenienses (DIOD. 12.9-10; PLUT., *Per.* 11.5; ESTR., *Geog.* 6.1.13c263). Ver: FIGUEIRA, T. J. *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991, p. 163, nota 8.

²²⁰ Os atenienses, após algumas tentativas frustradas, fundaram em Anfípolis uma ἀποικία pan-helênica ao sul de *Ennea Hodoi* (THUC. 4.102.3, 5.11.1).

²²¹ PLUT., *Per.* 20.1-2; PÉBARTHE, C. “Émigrer d’Athènes. Clérouques et colons aux temps de la domination athénienne sur l’Égée au Vème siècle a.C.” In: KAISER, W., MOATTI, C.; PÉBARTHE, C. (eds.). *Le monde de l’itinérance en Méditerranée de l’Antiquité à l’époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009, p. 376-377.

²²² THUC. 2.27.1, 7.57.2, 8.69.3; PLUT. *Per.* 34.1; ESTR., *Geog.* 8.6.16 c375.

²²³ FIGUEIRA, T. “Classical Greek Colonization.” In: TSETSKHLADZE, G. R. (ed.). *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*. Volume 2. Leiden, Boston: Brill, 2008, p. 446, 448.

²²⁴ LEÃO, D. F. Do polites ao cosmopolites. *Anuario de Estudios Filológicos* 32, 2009, p. 160.

os recursos da simaquia primeiro para se recuperar das despesas da guerra.²²⁵ Por fim, o dinheiro da Liga de Delos passa a ser utilizado conforme um decreto de Péricles que propõe transferir cinco mil talentos do Tesouro da Liga para financiar o programa de construção.²²⁶ Em obediência ao decreto, mais três mil talentos levados para a acrópole para o tesouro de Atena em quinze parcelas anuais de duzentos talentos para um ousado projeto de edificações na acrópole.²²⁷ Duzentos a trezentos aliados de Atenas também foram obrigados a pagar 1/60 do tributo a Athena Polias como 'primícias' (ἀπαρχαί).²²⁸ Assim, com domínio sobre aliados, recursos advindos da simaquia, e as pressões populacionais e necessidade de posicionamento geopolítico supridos por meio de ἀποικία e κληρουχία, faltava a Atenas, para viabilizar sua vida pólide, a garantia de recursos públicos para financiar a Guerra do Peloponeso e a importação de alimentos.

Atenas procurou financiar o conflito com Esparta e suas necessidades de abastecimento por meio da busca por metais. Foi crucial em seu desenvolvimento o controle das minas de Láurion, fator fundamental para a unificação da Ática sob Atenas e para o desenvolvimento da cunhagem desde o final do século VI a.C. Além dos recursos advindos das montanhas e planícies, a Ática detinha importantes minas de prata em seu território. São os recursos provenientes das minas que permitiram a expansão naval que auxiliou na atuação de Atenas nas Guerras Médicas e na organização de sua força naval para a proteção do mar contra futuras invasões.²²⁹ A prata também era utilizada para a compra de cereais exportados,²³⁰ sendo uma das assembleias em cada prítania dedicada a discutir o abastecimento de Atenas, sendo esta a assembleia com a maior participação.²³¹

As estratégias atenienses para manter o equilíbrio político envolveu desde a adoção da democracia até a imposição da democracia aos seus aliados; desde o financiamento de cidadãos para participarem da democracia até a retirada de recursos de aliados. Porém, além desses recursos, uma

²²⁵ FRENCH, A. Athenian Ambitions and the Delian Alliance. *Phoenix* 33 (2), 1979, p. 140.

²²⁶ O total de oito mil talentos é referido nas fontes: DIOD. 12.38.2; ISOCR. 8.126.

²²⁷ IG I 52 = ML 58 = Fornara 119; cf. SEG 34.17. THOMPSON, W. E. Internal Evidence for the Date of the Kallias Decrees. *Symposio* 48, 1973, p. 24-46.

²²⁸ Segundo o verbete "Tribute Lists" do *The Oxford Dictionary of the Classical World*, há registros dessas *aparchai* a partir de 453 a.C., quando cada membro da Liga de Delos pagava o tributo e listas numeradas dessas ofertas eram inscritas em Atenas em um único grande bloco de mármore com as ofertas entre 453-439 a.C. Nos anos seguintes, entre 438-431 a.C., outro grande bloco registrou as ofertas. Após 431 a.C., a cada ano era erigida uma estela com as ofertas. Em 413 a.C., a oferta foi substituída por um imposto de 5% sobre todas as mercadorias transportadas por mar. Em 410/409 a.C., o imposto foi reintroduzido. Ver: "tribute lists." *The Oxford Dictionary of the Classical World*. Acessado em 2 de fevereiro de 2022. <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803105654533>.

²²⁹ FINLEY, M. R. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 28-29; PLUT., *Them.* 4.1; CHEVITARESE, A. L. Estratégias de Sobrevivência dos Agricultores na Atenas Clássica. *Phoînix* 6, 2000, p. 74.

²³⁰ BISSA, M. A. E. *Governmental Intervention in Foreign Trade in Archaic and Classical Greece*. Londres: University College London, 2013, p. 209-235; OBER, J. *Fortress Attica. Defense of the Athenian Land Frontier*. Leiden: Brill, 1985, p. 28-30; SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. Londres: Duckworth, 1991, p. 57-58; GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 79-80; CHEVITARESE, A. L. Estratégias de Sobrevivência dos Agricultores na Atenas Clássica. *Phoînix* 6, 2000, p. 74.

²³¹ ARISTOT., *Ath. Pol.* 43.3-4.

imagem da democracia foi construída como um bem e legado ateniense, sendo a democracia traduzida nesses termos na Oração Fúnebre de Péricles:

[1] χρώμεθα γὰρ πολιτεία οὐ ζηλοῦση τοὺς τῶν πέλας νόμους, παράδειγμα δὲ μᾶλλον αὐτοὶ ὄντες τισὶν ἢ μιμούμενοι ἐτέρους. καὶ ὄνομα μὲν διὰ τὸ μὴ ἐς ὀλίγους ἄλλ' ἐς πλείονας οἰκεῖν δημοκρατία κέκληται: μέτεστι δὲ κατὰ μὲν τοὺς νόμους πρὸς τὰ ἴδια διάφορα πᾶσι τὸ ἴσον, κατὰ δὲ τὴν ἀξίωσιν, ὡς ἕκαστος ἐν τῷ εὐδοκιμεῖ, οὐκ ἀπὸ μέρους τὸ πλεόν ἐς τὰ κοινὰ ἢ ἀπ' ἀρετῆς προτιμᾶται, οὐδ' αὖ κατὰ πενίαν, ἔχων γέ τι ἀγαθὸν δρᾶσαι τὴν πόλιν, ἀξιώματος ἀφανεία κεκώλυται. [2] ἐλευθέρως δὲ τὰ τε πρὸς τὸ κοινὸν πολιτεύομεν καὶ ἐς τὴν πρὸς ἀλλήλους τῶν καθ' ἡμέραν ἐπιτηδευμάτων ὑποψίαν, οὐ δι' ὀργῆς τὸν πέλας, εἰ καθ' ἡδονὴν τι δρᾷ, ἔχοντες, οὐδὲ ἀζημίους μὲν, λυπηρὰς δὲ τῇ ὄψει ἀχθηδόνας προστιθέμενοι. [3] ἀνεπαχθῶς δὲ τὰ ἴδια προσομιλοῦντες τὰ δημόσια διὰ δέος μάλιστα οὐ παρανομοῦμεν, τῶν τε αἰεὶ ἐν ἀρχῇ ὄντων ἀκρόασει καὶ τῶν νόμων, καὶ μάλιστα αὐτῶν ὅσοι τε ἐπ' ὠφελίᾳ τῶν ἀδικουμένων κεῖνται καὶ ὅσοι ἄγραφοι ὄντες αἰσχύνῃν ὁμολογουμένην φέρουσιν.

[1] Pois usamos uma constituição que nada das leis dos vizinhos tem a invejar e somos antes modelo para alguém que imitadores de outros. Quanto ao nome, porque não se rege em vista de poucos, mas em vista da maioria, chama-se democracia; segundo as leis, cabe a todos o igual nas divergências individuais mas, segundo o mérito, como cada um se distingue numa função, não por revezamento mais que por valor há privilégio para os cargos públicos e, inversamente, por pobreza, se pode beneficiar em algo a cidade, ninguém é impedido pela obscuridade de sua situação. [2] Com liberdade, no referente ao comunitário, exercemos a cidadania e também, quanto à suspeita mútua nas tarefas cotidianas, sem irritação contra o próximo, se ele age ao seu bel prazer. [3] Sem constrangimento vamos ao encontro de nossas tarefas particulares e, nas públicas, sobretudo por temor não agimos à margem da lei, atentos aos que sucessivamente estão no governo e às leis e, entre elas, sobretudo àquelas que têm por fundamento o auxílio às vítimas de injustiça e àquelas que, embora não escritas, trazem a vergonha como sanção aceita por todos. (THUC. 2.37.1-3).

Logo, a constituição – a saber, a democracia -, com as suas leis, a promoção da isonomia e da liberdade, a vivência da cidadania, da mutualidade coletiva, o estímulo à dedicação às tarefas privadas e públicas feitas com dedicação, e a promoção de justiça são parte do encômio, do elogio que Atenas recebe de Péricles, como se o sistema democrático estivesse incólume. Porém, críticas veementes à democracia ateniense podem ser encontradas em Heródoto, Tucídides, Sócrates, Platão e Aristóteles. Tais críticas são importantes para estabelecer um primeiro contraponto às perspectivas positivas da democracia ateniense, postas eventualmente sob suspeita a ponto de engendrar dois golpes oligárquicos.

A crítica de Heródoto, amigo de Péricles e morador de Atenas, se dá no âmbito do diálogo entre três persas sobre o melhor sistema de governo, em que há uma crítica ao “demos”, considerado arrogante e sem educação para governar. Essa falta de educação seria prejudicial à ordem pública de forma que só quem quisesse o mal para os persas votaria a favor da democracia como o melhor sistema

de governo.²³² Na discussão entre Otanes, Megabizo e Dario, a discussão gravita em torno das vantagens e problemas da democracia, oligarquia e monarquia, com destaque dos aspectos positivos e negativos, mas inicia com a crítica à monarquia e termina elogiando-a.²³³ Os riscos diante de um δήμου ἀκολάστου, de um povo indisciplinado, não permitiriam a confiança em um sistema de governo caracterizado pela isonomia.²³⁴

Se a crítica herodoteana à democracia se dá no âmbito da discussão entre estrangeiros, Tucídides, em *História da Guerra do Peloponeso*, é um crítico da democracia, e opta por um sistema misto de governo que equilibrasse o poder entre ricos e pobres cidadãos.²³⁵ Tucídides, segundo Kagan, foi um nobre que desprezava a democracia, e que apenas a presença do notável Péricles conseguia moderar os excessos dos atenienses,²³⁶ de forma que o δήμος, visto por Tucídides como uma turba tola e volúvel, influenciada ora pela esperança e ora pelo medo, instigada por demagogos, mantinha vivo o apoio à Guerra do Peloponeso que, ao fim, quase ferirá de morte a própria democracia.²³⁷ O episódio da campanha fracassada à Sicília evidencia, na leitura de Tucídides, o encontro entre a imoderação do δήμος e de Alcibiades, o que levou ao colapso da democracia por causa do faccionalismo.²³⁸

É possível encontrar em Platão e Aristóteles críticas direcionadas à desqualificação promovida pela democracia, já que a ocupação de cargos públicos por sorteio eventualmente colocava em uma função alguém que era considerado destituído de qualificações para o bom desempenho da atividade. Sócrates, por exemplo, é constantemente retratado nos diálogos platônicos como um crítico do direito à participação isonômica na assembleia formada por membros com diferentes educações e capacidades.²³⁹ Especialmente em *República*, Sócrates é retratado como um crítico mordaz da democracia, ao lado das críticas à timocracia, oligarquia e tirania. A democracia em particular seria caracterizada pela liberdade excessiva, pelo igualitarismo forçado, pela hostilidade à autoridade e inevitavelmente a democracia se degenerará na tirania.²⁴⁰ Platão afirma que a democracia é uma forma agradável de anarquia, um regime em que é possível a todos viverem como querem. Na classificação

²³² HDT., *Hist.* 3.80-82.

²³³ LEITE, P. G. Breves considerações sobre a democracia e o *demos* em Heródoto e Aristóteles. *Phoenix* 25 (1), 2019, p. 70.

²³⁴ HDT., *Hist.* 3.81.

²³⁵ POPE, M. *Thucydides and Democracy*. *Historia* 37, 1988, p. 276-296.

²³⁶ KAGAN, D. *Thucydides: The Reinvention of History*. New York: Viking, 2009, p. 225-226.

²³⁷ THUC. 1.140-141; 2.12.2; 2.22.1; 2.40.3; MONOSON, S.; LORIAUX, M. The Illusion of Power and the Disruption of Moral Norms: Thucydides' Critique of Periclean Policy. *American Political Science Review*, 92, 1998, pp. 285-297; FOSTER, E. *Thucydides, Pericles, and Periclean Imperialism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010; TAAYLOR, M. *Thucydides, Pericles, and the Idea of Athens in the Peloponnesian War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

²³⁸ THUC. 2.65.

²³⁹ KRAUT, R. Socrates and Democracy. *Popper and the Human Sciences* 19, 1985, p. 185-203.

²⁴⁰ PLAT., *Rep.* 557b, 561d, 564c.

platônica de regimes, destaca-se o regime governado pelos reis filósofos imbuídos com sabedoria, em detrimento da democracia.²⁴¹

Aristóteles também assume uma posição crítica em relação à democracia. Em sua classificação dos regimes em *Política*, a democracia é vista como uma digressão do sistema de governo que é a “Politeia”. Ele acredita que a democracia é governada pelos pobres porque são mais numerosos e têm o mesmo voto que os ricos na Assembleia, o que é prejudicial para a cidade porque a multidão geralmente está tomando decisões erradas. Isso porque a multidão pode ser liderada facilmente por oradores habilidosos ou “demagogos”.²⁴² Além disso, Aristóteles parece duvidar em *Ética a Nicômaco* da possibilidade de uma cidadania democrática equitativa, pois o povo tende a ceder mais à compulsão do que ao argumento.²⁴³ Para Aristóteles, a democracia e a oligarquia se baseiam na busca de interesses opostos,²⁴⁴ e sua rejeição da oligarquia se baseia na organização social baseada nos negócios.²⁴⁵ A democracia, por sua vez, não passa da mais moderada das más constituições,²⁴⁶ sendo o governo dos livres e pobres quando eles são a maioria e têm liberdade,²⁴⁷ vivendo em justiça democrática, a qual é baseada na igualdade numérica e não na igualdade de acordo com o valor, vivendo como desejam.²⁴⁸ As decisões tomadas pela maioria da população podem ser mais sábias do que aquelas tomadas por poucos especialistas,²⁴⁹ mas Aristóteles prefere um δῆμος que só participa de assembleias de forma limitada porque está ocupado trabalhando na terra.²⁵⁰ Aristóteles desconfia dos pequenos comerciantes (ἀγοραῖοι), dos artesãos (βάνουσοι) e dos trabalhadores (θηῆτες),²⁵¹ atitude que parece estar intimamente ligada à sua interpretação da história ateniense em que os demagogos são os vilões e os βάνουσοι são tolos que os servem.²⁵²

As críticas à democracia elencadas têm em comum o fato de não serem necessariamente críticas feitas a partir da consideração da grande população que vivia à margem do sistema democrático. Agricultores e outros trabalhadores pobres, metecos e metecas, escravos e escravas, faziam parte do tecido social, sofriam as consequências das deliberações em assembleias, interferiam junto a cidadãos para terem seus pleitos atendidos à margem do poder decisório políade; porém, não participavam efetivamente das deliberações, podendo se tornar, muitas vezes, críticos de tais

²⁴¹ STANLEY, R. Plato on Democracy. *Polis: the Journal of the Society for Greek Political Thought* 21 (1-2), 2004, p. 160-168

²⁴² ARISTOT., *Pol.* 4, 1279a22-1279b10.

²⁴³ ARISTOT., *Eth. Nic.* 10.9.1180a4-11.

²⁴⁴ ARISTOT., *Pol.* 4, 1296b22ss.

²⁴⁵ ARISTOT., *Pol.* 4, 1280a25ss.

²⁴⁶ ARISTOT., *Pol.* 4, 1289b2ss.

²⁴⁷ ARISTOT., *Pol.* 6, 1317a40.

²⁴⁸ ARISTOT., *Pol.* 6, 1317b.

²⁴⁹ ARISTOT., *Pol.* 4, 1281a40ss.

²⁵⁰ ARISTOT., *Pol.* 4, 1292b22ss.; 6, 1318b6ss., 1319a9ss.

²⁵¹ ARISTOT., *Pol.* 3.1278a8ss.; 6.1319a26; 7.1329a19ss.; 1331a33ss.

²⁵² ARISTOT., *Pol.* 4.1292a4ss., 1292b41ss.

deliberações. No que segue, portanto, apresenta-se um conjunto de características das assembleias entre 455 e 406 a.C., com vistas a que se destaque a representatividade nas assembleias e os problemas que podem ser identificados nas mesmas, que seriam vetores de insatisfações e críticas em uma dimensão mais popular: especialmente, do povo que fazia parte da comunidade ateniense, mas cuja participação era vedada nas assembleias.

2. Assembleias atenienses e assembleias nos dramas de Eurípides

Este capítulo visa apresentar o contexto dos dramas de Eurípides no que diz respeito às assembleias. O que se objetiva aqui é correlacionar as assembleias da segunda metade do séc. V a.C. com uma avaliação geral de como as assembleias dos dramas euripidianos operam. Assim, a intenção é fornecer uma base de comparação que sirva para a análise do discurso proposta no próximo capítulo das menções diretas e indiretas dos embates democráticos de Atenas, com ênfase nas críticas às deliberações ou ao processo de deliberação democrática.

2.1. As assembleias atenienses no período de Eurípides

A *ἐκκλησία* de Atenas no período de produção dos dramas de Eurípides (455-406 a.C.) era uma reunião que acontecia no ar livre na primeira fase de construção de seu espaço de realização na colina chamada Pnίx (Pnίx I).²⁵³ As reuniões aconteciam cerca de quarenta vezes por ano, sendo realizadas quatro assembleias por pritania.²⁵⁴ A Assembleia era, no século V a.C., o órgão deliberativo fundamental dos atenienses, tendo jurisdição sobre assuntos estrangeiros e domésticos, deliberando a respeito de assuntos gerais e de curto prazo, executando o julgamento de funcionários públicos e elegendo magistrados e funcionários não selecionados por meio de sorteios.²⁵⁵

A primeira das quatro assembleias realizadas por pritania era aquela cujos assuntos mais importantes e diversificados eram tratados, como a escolha dos magistrados, o abastecimento da cidade, assuntos de política externa, processos de *εἰσαγγελία* e ostracismo,²⁵⁶ leitura dos bens confiscados, requerimentos relacionados às heranças ou às filhas *epicleras*. As outras assembleias

²⁵³ HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 125-126.

²⁵⁴ O termo *πρυτανεία* correspondia a um dez avos do ano (de 36 a 39 dias), em que cinquenta *πρυτάνεις* escolhidos por sorteio de cada *φυλαί* para permanecer de plantão diário, presidiam as reuniões da *βουλή* e da *ἐκκλησία*, recebiam emissários e cartas direcionadas à *πόλις*, e conduziam assuntos cotidianos do Estado em um escritório circular chamado *θόλος*, construído ao lado do *βουλευτήριον* ao oeste da *ágora*. Ver: ARISTOT., *Ath. Pol.*, 43.2-44.

²⁵⁵ BARBATO, M. *The Ideology of Democratic Athens Institutions, Orators and the Mythical Past*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020, p. 69.

²⁵⁶ No que diz respeito ao ostracismo e outras acusações, a discussão se dá na assembleia principal da sexta pritania. Ver: MOSSÉ, C. *Les institutions grecques à l'époque classique*. Paris: Armand Colin, 2008, p. 62-63.

permitted that any citizen should go to the people to speak of public or private matters, they dealt with religion, foreign policy and the functioning of the city.²⁵⁷

The assembly was the decisive power in the Athenian state,²⁵⁸ being the principal democratic body²⁵⁹ to represent the power of the State,²⁶⁰ crowning thus the political system of Athens.²⁶¹ Part of the importance of the assembly derives from the fact that those who could participate in the assemblies, since the decree of citizenship by Pericles, all the men who had made their oath of citizenship.²⁶² Here they begin, however, the limitations of the assembly: in the final century B.C., the space for the assemblies in the Pnyx could accommodate between six and eight thousand people.²⁶³ Soon, in more crowded assemblies, those who wished to take a good seat or even to participate had to arrive early in the morning and find a place to sit. According to Mossé, the citizens were:

Tout citoyen, né de père athénien (à partir de 451, la mère aussi devra être une Athénienne libre), est à sa majorité inscrit par son père sur les registres du dème de celui-ci, et présenté à la phratrie, association religieuse archaïque qui a survécu aux réformes de Clisthène. L'inscription sur les registres du dème se fait au début de l'année, au cours de l'assemblée générale des habitants du dème, où l'on élit le démarque et les autres magistrats de la circonscription. Tous les citoyens ont le droit - et le devoir - de siéger à l'assemblée populaire. Tous doivent le service militaire en fonction de leur fortune, tous enfin sont égaux devant la loi (isonomia).²⁶⁴

Those who were fit to participate in the assemblies had the right to use the word and to vote,²⁶⁵ and these two are the synthesis of democratic rights. It is worth noting that in the space for the assemblies of the century B.C., the Pnyx, the acoustics did not assist untrained speakers, and many times not even the audience was able to understand what was being said, even when the speaker used the word.²⁶⁶

²⁵⁷ ARISTOT., *Ath. Pol.*, 43.2-44. Ver ainda: MOSSÉ, C. *Les institutions grecques à l'époque classique*. Paris: Armand Colin, 2008, p. 63-65.

²⁵⁸ OBER, J. *Mass and Elite in Democratic Athens*. Princeton: Princeton University Press, 1989, p. 7.

²⁵⁹ OSBORNE, R. *Athens and Athenian Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 27.

²⁶⁰ EHRENBERG, V. *The Greek State*. Londres: Methuen, 1969, p. 58.

²⁶¹ FINLEY, M. *Democracy Ancient and Modern*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985, p. 49-50.

²⁶² ARISTOT., *Ath. Pol.* 41.2.

²⁶³ Segundo AKRIGG, a população da Ática era de 400.000 habitantes aproximadamente antes da Guerra do Peloponeso, após a explosão populacional de Atenas durante a pentecontáetia. Essa população diminuiu devido à Guerra do Peloponeso e à peste de Atenas. Desse total, havia entre 19.000 e 34.000 hoplitas, mais 40.000 ou 30.000 não hoplitas. Logo, Atenas tinha entre 60.000 e 70.000 cidadãos. Eram necessários 32 mil homens escravizados para as minas e a marinha, podendo ser três a quatro vezes maior do que isso o número total de escravos. Os números de envolvidos em projetos coloniais e em cleruquias raramente ultrapassou 1.000 cidadãos de cada vez. Há ainda metecos, uma população heterogênea de gregos ricos, libertos, comerciantes e trabalhadores não gregos. Ver: AKRIGG, B. *Population and Economy in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. Ver ainda as estatísticas indicadas em HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 90-94.

²⁶⁴ MOSSÉ, C. *Les institutions grecques à l'époque classique*. Paris: Armand Colin, 2008, p. 41.

²⁶⁵ HDT, *Hist.* 5.78; EUR., *Supp.* 438, 441; XEN., *Ath. pol.* 1.2; PLAT., *Grg.* 461e, *Prt.* 319b-d, 322d-23a.

²⁶⁶ ARISTÓFANES alude à intolerância e à dificuldade de ouvir do δῆμος (AR., *Eq.* 42). Ver ainda: JOHNSTONE, C. L. "Greek Oratorical Settings and the Problem of the Pnyx." In: JOHNSTONE, C. L. (ed.). *Theory, Text, Context*. Albany: State University of New York Press, 1996, p. 122-127.

A composição social da assembleia de Atenas refletia a diversidade social da ampla gama de cidadãos atenienses do sexo masculino em idade adulta. O Sócrates de Xenofonte destaca que a assembleia estava repleta de aproveitadores e trabalhadores de classes humildes.²⁶⁷ O Sócrates de Platão fala da diversidade social dos membros da assembleia.²⁶⁸ Ambos, Xenofonte e Platão, se referem à presença nas assembleias de jovens como Alcibíades e Glauco, os quais sonhavam falar na assembleia.²⁶⁹ Essa diversidade social e de classe era oportuna para o preconceito nas assembleias: Teofrasto menciona um oligarca imbuído de repulsa por estar ao lado de um cidadão magro e sujo;²⁷⁰ e Aristófanes critica a assembleia tanto por meio de caricaturas de seus participantes, seja por meio de personagens que são fazendeiros que vivem em ambiente políade,²⁷¹ ou de idosos meio surdos e mal-humorados.²⁷²

A diversidade cidadã das assembleias, animada pelas pretensões de isonomia e isegoria, foi muitas vezes desafiada e criticada. Em vez de ela representar a vitória do desígnio da maioria, bastava para desafiá-la manipular o resultado dos votos simplesmente chegando mais cedo à Pnix com vários apoiadores. Tucídides, por exemplo, acusou Alcibíades de lotar a assembleia para a votação da depois fracassada expedição ateniense à Sicília.²⁷³ As mulheres da assembleia de Aristófanes mostram a vulnerabilidade da assembleia quando os conspiradores iam à assembleia tão cedo que enchiam os bancos da frente, e conseguem aprovar um governo só de mulheres.²⁷⁴ Portanto, a vulnerabilidade das assembleias colocava eventualmente em risco os assuntos relacionados à guerra, à paz, às finanças políades, comércio exterior, relações exteriores, honras, eleição de oficiais militares, votos de confiança a titulares de cargos e outros assuntos sensíveis que demandavam a consulta aos cidadãos.

O que era discutido nas assembleias - as propostas - eram redigidas por escrito e exibidas publicamente três dias antes das assembleias.²⁷⁵ As emendas e quaisquer propostas feitas do plenário precisavam ser apresentadas por escrito, sendo lidas em voz alta pelo secretário.²⁷⁶ Logo, a discussão pública dos assuntos se reduzia muitas vezes a um número limitado de oradores capazes de redigir e desenvolver propostas: entre vinte e quarenta oradores participavam da discussão dos assuntos.²⁷⁷

²⁶⁷ XEN., *Mem.* 3.7.6.

²⁶⁸ PLAT., *Prt.* 319d.

²⁶⁹ PLAT. *Alc.* 1, *Alc.* 2; XEN., *Mem.* 3.6.

²⁷⁰ THPHR., *Char.* 26.2.

²⁷¹ AR. *Ach.* 34-37.

²⁷² AR., *Eq.* 40-43.

²⁷³ THUC. 6.13.1.

²⁷⁴ AR., *Eccl.* 296-297, 300-301, 372-477. Ver ainda: HANSEN, M. H. *The Athenian Ecclesia*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1983, p. 27-28.

²⁷⁵ ARISTOT., *Ath. Pol.* 29.1,45. Ver também: RHODES, P. J. *The Athenian Boule*. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 57-81.

²⁷⁶ AESCHIN., *Emb.* 64,68,83-84.

²⁷⁷ OBER, J. *Mass and Elite in Democratic Athens*. Princeton: Princeton University Press, 1989, p. 107-109; HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 144.

Ésquines informa que as reuniões da assembleia iniciavam com atos religiosos, como invocação de deuses, sacrifício e orações,²⁷⁸ sendo essas últimas parodiadas por Aristófanes em *Tesmoforiantes*, em que a assembleia de mulheres parodia a assembleia regular.²⁷⁹ As mulheres de Aristófanes realizam uma assembleia que imita os procedimentos dos homens.²⁸⁰ Sua oração provavelmente está próxima de seu modelo; isso a torna uma fonte de informação sobre a oração real realizada no início dos trabalhos na assembleia. A oração parodiada em Aristófanes também apresenta uma imprecisão que parece corresponder à ἀρὰς ποιούμενοι com que os ímpios eram amaldiçoados, servindo de alerta aos mal-intencionados que pretendiam falar contra os interesses dos atenienses.²⁸¹

Todos os cidadãos do sexo masculino aptos para participar da assembleia podiam votar, e no mínimo nove deliberações eram tomadas em cada assembleia.²⁸² A presença de milhares de pessoas explica a adoção da prática da votação levantando as mãos,²⁸³ mas essa prática deixava os participantes vulneráveis à coação.

As tentativas de reformas dos procedimentos da assembleia na segunda metade do século V a.C. tiveram como motivação o desejo de acabar com a tomada de decisões precipitadas, especialmente devido ao fracasso da invasão ateniense da Sicília em 415-413 a.C. Os atenienses, instigados por Alcibíades, por presságios e oráculos, acreditaram na promessa de que a campanha siciliana seria um sucesso. Mesmo que apenas em retrospectiva após o fracasso da expedição, os atenienses interpretaram sua decisão em 415 como influenciada pelos oráculos.²⁸⁴

Tal fracasso levou ao julgamento e execução irregulares de seis dos dez generais de Atenas responsáveis pelo esforço de guerra após a batalha de Arginusas. Os atenienses decidiram punir o fracasso da expedição siciliana e se voltaram contra os oradores que apoiaram a viagem, como se eles mesmos não tivessem deliberado o que aconteceu.²⁸⁵ Em seguida, deliberações de natureza oligárquica foram tomadas, com claro prejuízo à democracia.²⁸⁶

²⁷⁸ AESCHIN., *In Tim.* 23.

²⁷⁹ AR., *Thesm.* 331-336, 349-351. Ver: Segundo RHODES, a passagem citada é uma invocação dos deuses com algumas modificações. Ver: RHODES, P. J. *The Athenian Boule*. Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 36-37.

²⁸⁰ AUSTIN, C.; OLSON, S. D. *Aristophanes. Thesmophoriazusaes*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 150.

²⁸¹ DIN. 2.16.

²⁸² HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 27-28, 92-93.

²⁸³ AR., *Eccl.* 260-265; HANSEN, M. H. *The Athenian Ecclesia*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 1983, p. 103-121; SCHWARTZBERG, M. "Shouts, Murmurs and Votes." *Journal of Political Philosophy* 18, 2010, p. 448-468.

²⁸⁴ PLUTARCO dá a impressão de que houve discussões religiosas na assembleia, opondo os sacerdotes e os adivinhos trazidos por Alcibíades. Mensageiros públicos vindos de Amon também predisseram o sucesso da expedição (PLUT., *Nic.* 13.1-2).

²⁸⁵ THUC. 8.1.

²⁸⁶ HARRISON, por exemplo, aborda as mudanças na legislação ateniense motivadas pelos eventos do fim do século V a.C. Ver: HARRISON, A. R. W. "Law-Making at the End of the Fifth Century BC." *Journal of Hellenic Studies* 75, 1955, p. 26-35, especialmente a p. 35. BAUMAN destaca que a soberania da assembleia nos anos finais da Guerra do Peloponeso teve um grande e um dano incalculável. Ver: BAUMAN, R. *Political Trials in Ancient Greece*. Londres: Routledge, 1990, p. 77. SUNDAHL destaca os impactos disso na legislação em vigor no século IV a.C. em SUNDAHL, M. "The Rule of Law and the Nature of the Fourth Century Athenian Democracy." *Classica & Mediaevalia* 54, 2003, p. 127-156.

Uma justificativa para a tentativa de controle das deliberações democráticas foi o conjunto de decisões polêmicas, exageradas e até abusivas da assembleia ateniense durante a Guerra do Peloponeso,²⁸⁷ a começar com a importância dos dons retóricos de Péricles como um fator importante na eclosão da guerra.²⁸⁸ Tucídides relata um aumento nos oráculos antes da eclosão da Guerra do Peloponeso, e isso também parece ter interferido na decisão da assembleia.²⁸⁹ Alcibíades ajudou a reiniciar a Guerra do Peloponeso enganando a assembleia.²⁹⁰ O principal orador a favor da execução dos generais de Arginusas em 406 foi acusado por Xenofonte de ter sido subornado.²⁹¹ Os generais foram culpados em parte porque os capitães dos navios envolvidos no combate recrutaram parentes dos mortos para comparecerem à assembleia para pedir por justiça.²⁹²

De acordo com Tucídides, o desdobramento das deliberações malsucedidas foi o fortalecimento do sentimento antidemocrático, que atingiu principalmente a assembleia, principal instância decisória da democracia.²⁹³ Os responsáveis pela derrocada temporária da democracia por meio de um golpe dado em 411 a.C. eram democratas cuja posição mudara.²⁹⁴ A forma de subversão da ordem democrática fez uso da própria assembleia para suspender o direito dos cidadãos de impugnar oradores e processá-los por fazer propostas ilegais. A reunião que deliberou a supressão da democracia foi realizada propositalmente em um pequeno local fora da cidade, perto do acampamento militar espartano, o que desencorajava aqueles cidadãos destituídos de armas de comparecer na assembleia.²⁹⁵ A votação foi unânime – era difícil não ser, diante da manipulação e coação.²⁹⁶ Indícios de que havia algum tipo de intimidação diante da identificação do voto de um cidadão no período que antecedeu o golpe de 411 a.C. apontam para eventuais tentativas de manipulação e controle da vontade popular.²⁹⁷

²⁸⁷ Um exemplo foi a revolta de Mitilene e a deliberação dos atenienses instigados por Cléon de executarem todos os homens e também escravizarem todas as mulheres e crianças (THUC. 3.36-49; AR., *Pax* 603-680). Ver ainda: KIBUUKA, B. G. L. Eurípidés e a Guerra do Peloponeso: representações da guerra nas tragédias de Hécuba, Suplicantes e Troianas. Niterói: UFF, 2012, p. 100. Sobre o controle das assembleias e da restrição da liberdade para a deliberação popular na assembleia ateniense, ver: HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 303-304.

²⁸⁸ THUC. 1.29-31, 127, 145.

²⁸⁹ THUC. 2.8.2.

²⁹⁰ THUC. 5.43-55.

²⁹¹ XEN., *Hell.* 1.7.8.

²⁹² XEN. *Hell.* 1.7.8; HANSEN, M. H. *Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. Norman: Oklahoma University Press, 1999, p. 284; CARAWAN, E. "The Trial of the Arginousai Generals and the Dawn of "Judicial Review".' *Dike* 10, 2007, p. 19-56.

²⁹³ THUC. 8.68.

²⁹⁴ LYS. 13.9-10; ANDOC. 1.36.

²⁹⁵ THUC. 8.67-9, LYS. 12.44, 75-76; FINLEY, M. *Democracy Ancient and Modern*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985, p. 53.

²⁹⁶ THUC. 5.92, 8.66; ANDOC. 2.8; XEN., *Hell.* 2.3-4; ARISTOT., *Ath. Pol.* 29-33, 34-40; *Pol.* 1304b10-15.

²⁹⁷ THUC. 8.65-66,68; LYS. 12.72-75, 20.8-9.

Os cidadãos que decidiam a partir da influência de oradores dominadores e abusadores é um tema importante, tanto no drama,²⁹⁸ quanto na historiografia²⁹⁹ e nos oradores gregos,³⁰⁰ de forma que tal questão constitui um problema a ser enfrentado na análise das assembleias da segunda metade do século V a.C.³⁰¹ Outro aspecto era a falta de participação nas assembleias, o que deixava a Pnix vazia, um forte indício da não-participação do povo por causa de seu desinteresse, e das tentativas de coação para que os cidadãos participassem da democracia que, supostamente, era o sistema que assegurava seus direitos.³⁰²

A reversão das decisões antidemocráticas procurou preservar os aspectos fundamentais de seu funcionamento. O golpe oligárquico de 411 a.C. sofreu uma forte reação da assembleia, que aprovou o decreto de Demofanto que determinava a morte de quem tentasse suprimir a democracia.³⁰³ Além disso, os atenienses fizeram uma reforma jurídica e um novo arquivo jurídico público.³⁰⁴ Quanto à morte dos seis generais de Arginusas em um processo irregular foi abordada em 406 a.C., e uma queixa foi apresentada contra um homem que havia ajudado nos procedimentos que levaram à decisão e ele foi isolado, morrendo de fome.³⁰⁵ Além disso, procedimentos foram adotados para evitar deliberações açodadas e precipitações,³⁰⁶ adotando a pausa para reflexão, a reconsideração, impedindo o radicalismo e a histeria coletiva na assembleia.³⁰⁷ Tais dispositivos se tornaram parte integrante da democracia a partir do final do século V a.C., e no início do século IV a.C.

Observou-se neste capítulo que a democracia ateniense em geral, e as assembleias em particular, eram apresentadas como instituições representativas do vigor de Atenas. Porém, o seu funcionamento, longe de constituir um regime de isonomia, isegoria e isocracia, tinha vicissitudes próprias. A sua representatividade era minoritária, não apenas pela falta de condições para a participação de cidadãos por conta de suas atividades cotidianas, mas pela própria estrutura física de seu lugar de realização. A assembleia se mostrava ainda um ambiente favorável às manipulações de

²⁹⁸ EUR., *Med.* 580-585, *Supp.* 410; AR., *Ach.* 376, 625-637.

²⁹⁹ THUC. 7.8.

³⁰⁰ DEM. 5.12,9.64,22.30-33; AESCH., *In Ctes.* 3.170,220.

³⁰¹ RHODES, P. J. "Demagogues and *Demos* in Athens." *Polis* 33, 2016, p. 243-264.

³⁰² ARISTÓFANES, crítico da democracia, indica a tentativa de obrigar pessoas a irem para as assembleias em: AR., *Acarn.* 19-22.

³⁰³ LYCURG. 1.124-127; ANDOC. 1.96-98; THUC. 8.86; SHEAR, J. *Polis and Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

³⁰⁴ ANDOC. 1.81-89; LYS. 30.2-5; CANEVARO, M. "Making and Changing Laws in Ancient Athens." *The Oxford Handbook of Ancient Greek Law*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

³⁰⁵ XEN., *Hell.* 1.7.35.

³⁰⁶ SCHWARTZBERG, M. "Athenian Democracy and Legal Change." *American Political Science Review* 98 (2), 2004, p. 311-325; SCHWARTZBERG, M. "Was the *Graphé Paranomon* a Form of Judicial Review?" *Cardozo Law Review* 34, 2013, p. 1049-1062; TODD, S. *The Shape of Athenian Law*. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 55.

³⁰⁷ Sobre a pausa: TODD, S. *The Shape of Athenian Law*. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 55; sobre a reconsideração: FINLEY, M. *Democracy Ancient and Modern*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985, p. 27, 118; sobre as deliberações motivadas pela raiva: SUNDAHL, M. "The Rule of Law and the Nature of the Fourth Century Athenian Democracy." *Classica & Mediaevalia* 54, 2003, p. 137; sobre as alterações emocionais: HANSEN, M. H. *The Sovereignty of the People's Court in Athens in the Fourth Century B.C.* Odense: Odense University Press, 1974, p. 50.

grupos que a utilizavam como palco para a prosperidade da demagogia e para os excessos. Além disso, a maioria da população da Ática era atingida pelas decisões tomadas, mas apenas indiretamente podiam interferir nas deliberações, já que a sua participação era vedada.

As críticas à democracia em geral, e às assembleias em particular, partem de premissas relacionadas às constituições, e às melhores conformações políticas diante da perspectiva histórica e dos alinhamentos ideológicos dos críticos tradicionais, especialmente Tucídides, Platão e Aristóteles. Porém, as críticas às assembleias provenientes de grupos populares não são facilmente discerníveis, visto que a documentação raramente menciona tais atores sociais. Daí ser útil e necessário recorrer às tragédias de Eurípides. Nelas, cenas de assembleias e alusões às suas realizações são seguidas de críticas às deliberações feitas por personagens. Tais personagens parecem ecoar, de algum modo, vozes do cotidiano ateniense. O público das apresentações teatrais, aproximadamente seis vezes maior do que o público máximo das assembleias na Pnix, também era mais diverso, e as peças colocam em discussão várias questões cotidianas. O próximo capítulo é um mapeamento de cenas ou alusões a assembleias, às suas deliberações e, mais especificamente, às críticas, destacando o enquadramento social, político e econômico do crítico, no afã de encontrar, representado neste, o ator social concreto, cotidiano, de Atenas, cuja voz parece se fazer ouvir nos dramas de Eurípides.

2.2. As assembleias nos dramas de Eurípides

Há, nos dramas produzidos por Eurípides, a tendência de representar Atenas diante de uma audiência repleta de atenienses. Logo, o potencial crítico das tragédias e dramas satíricos produzidos pelo dramaturgo se alinha tanto aos sentimentos pró-atenienses e patriotismo, quanto às críticas especialmente à gestão política da *pólis*.³⁰⁸ A perspectiva de Atenas apresentada por Eurípides é oferecida em uma época sensível, de conflito bélico de Atenas com Esparta e *póleis* coligadas, período em que os espectadores podem aceitar, resistir ou reagir ao que assistem, pois as peças retratam a democracia sob a máscara do mito distanciada temporalmente daquilo que se pretende destacar.³⁰⁹

³⁰⁸ MILLS, S. *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 45-48; 1999. PRITCHARD, D. *The Fractured Imaginary: Popular Thinking on Citizen Soldiers and Warfare in Fifth-Century Athens*. Tese de Doutorado. Sydney: Macquarie University, p. 13-26; LORAU, *The invention of Athens: the Funeral Oration in the Classical city*. Cambridge (MA): MIT Press, 1986, p. 252-262; HORNBLLOWER, S. *A Commentary on Thucydides, Volume I*. Oxford: Clarendon Press, 1991, p. 295.

³⁰⁹ Muitas vezes, os enredos são relacionados a episódios temporalmente próximos aos espectadores, como em *Persas* de Ésquilo, em que o enredo é encenado poucos anos após a derrota persa. Porém, isso era arriscado: Frínico, por exemplo, foi multado em mil dracmas por colocar em cena a tomada de Mileto e provocar uma forte reação nos espectadores, HDT., *Hist* 6.21). Não é de se estranhar, portanto, que os tragediógrafos discutam aquilo que é contemporâneo a eles sob a máscara do mito temporal e geograficamente distantes deles.

As assembleias de Atenas estão no cerne da democracia vigente na *pólis*, o que faz com que tais reuniões sejam representadas para servirem, em Eurípides, de veículos das críticas e/ou elogios ao seu contexto. A presença de assembleias em Eurípides se dá, como se verá no que segue, geralmente na comunicação de sua realização, que retrata o processo de deliberação e os efeitos das decisões em favor ou desfavor das personagens. Isso reforça o fato de que os dramas euripidianos contêm temáticas que estão imbricadas à democracia ateniense,³¹⁰ tornando-se uma memória dos embates democráticos e das opiniões em relação à própria democracia.

As assembleias são, geralmente, ambientes de deliberação formal. Porém, é possível saber muitas vezes qual será a deliberação de antemão, e o resultado dos debates, pois irradiam nas assembleias os diversos interesses dos cidadãos, e a participação aparentemente isonômica não escamoteia a ação de atores mais ou menos influentes. Logo, no palco da democracia, tanto se delibera quanto se encena uma deliberação cujo resultado era previamente conhecido.³¹¹ Por isso, há, em *Suplicantes* de Eurípides, a possibilidade de Teseu, rei de uma Atenas mítica, levar os assuntos trazidos por Adrasto e por suplicantes diante da assembleia – a configuração prática políade, mesmo no enredo, é democrática.³¹² Concomitante à declaração de que levará a causa para a assembleia, Teseu é capaz de dizer de antemão qual será a decisão, que coincide com a sua proposta prévia de auxílio aos argólicas em resposta às súplicas feitas por Adrasto e pelas mulheres viúvas ou sem filhos, que pedem o direito de sepultar os seus mortos. De igual modo, Demofonte sabe, em *Heraclidas*, que Atenas apoiará os heraclidas que pedem proteção contra as ameaças de morte feitas contra eles, e isso antes mesmo de a assembleia ser reunida.³¹³ A oposição de muitos cidadãos contra Orestes é notada por ele e o assombra em quase toda a extensão da peça homônima, de forma que não é inusitado que o resultado da deliberação seja desfavorável.³¹⁴ Mesmo em contextos em que a assembleia é prescindida, como em *Héacles*, em que Teseu pode deliberar o acolhimento do homicida Héacles em Atenas,³¹⁵ e *Íon*, em que o protagonista informa que os atenienses têm dificuldades para acolherem estrangeiros,³¹⁶ parecem refletir os embates, a profunda divisão que marca a trajetória da

³¹⁰ VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 2005; GOLDHILL, S. "The Great Dionysia and Civic Ideology." In: WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (eds.). *Nothing to Do with Dionysos? Athenian Drama in its Social Context*. Princeton: Princeton University Press, p. 97-129; CARTER, D. M. "Reported Assembly Scenes in Greek Tragedy". *Illinois Classical Studies* 38, 2013, p. 23-63; RHODES, P. "Nothing to do with democracy: Athenian drama and the polis". *Journal of Hellenic Studies* 123, 2003, p. 104-119.

³¹¹ A manipulação das assembleias é abordada por: CAREY, C. (ed.). *Lysias, Selected Speeches*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 4. Ver ainda: TODD, R. "The use and abuse of the Attic Orators". *Greece & Rome* 37 (2), 1990, p. 159-178.

³¹² EUR., *Supp.* 349-353.

³¹³ EUR., *Heracl.* 415-419.

³¹⁴ Em *Orestes*, o protagonista homônimo diz que o povo é terrível se tem por guia um malfeitor (v. 772). De fato, Menelau afirma que é possível vencer por meio do discurso, mas quando o povo é violento, é difícil aplacar sua ira (v. 691-697). O orador que persuade a assembleia é suave, e faz mal à *pólis* (v. 907-908).

³¹⁵ EUR., *HF.* 420-416.

³¹⁶ EUR., *Ion* 420-410.

Atenas democrática, especialmente durante a Guerra do Peloponeso. Por isso, a necessidade de tutela da democracia em *Andrômaca*³¹⁷ ou *Orestes*,³¹⁸ ou o retrato negativo de Teseu em *Hipólito*,³¹⁹ ou mesmo a clara acusação de impiedade diante da deliberação absurda da assembleia em Hécuba.³²⁰

Uma tendência importante nas tragédias eurípidianas³²¹ é o reconhecimento de Atenas como *pólis* acolhedora³²² e a existência de uma controvérsia a respeito do tema, que se desdobra na discussão do papel da assembleia em particular e da *pólis* em geral de exceder na prática da hospitalidade, acolhendo exilados, assassinos, fugitivos e suplicantes.³²³ Isso está subentendido tanto na deliberação de Egeu de acolher Medeia na peça homônima,³²⁴ que aponta para um resultado quase fatal para Teseu, seu filho, quanto na deliberação de Teseu de acolher Hércules na peça também homônima.³²⁵ O mesmo tema se irradia no acolhimento das suplicantes em *Suplicantes*;³²⁶ na disposição das cativas de irem prioritariamente para Atenas em *Troianas*;³²⁷ na fuga dos irmãos Orestes e Ifigênia, juntamente com Pílates, para Atenas em *Ifigênia em Táuris*;³²⁸ na possibilidade de Xuto viver em Atenas com sua esposa Creúsa, e ainda levar para Atenas o seu recém-descoberto filho em *Íon*, filho que clama aos deuses pedindo que sua mãe seja ateniense para que ele possa ter liberdade para falar.³²⁹

Se não havia necessariamente deliberações nas assembleias de Atenas para o acolhimento ou não de estrangeiros, a autoimagem de Atenas como *pólis* hospitaleira determina em muito o debate a respeito do papel dos cidadãos em relação à política externa e justifica as medidas que favoreciam cidadãos em detrimento de metecos, ou que coagem outras *pólis* a permanecerem coligadas a

³¹⁷ Em *Andrômaca*, critica-se os que se acham acima do povo, ao mesmo tempo em que Peleu afirma que o povo, com coragem e conselho, é mais sábio (EUR., *Andr.* 699-702).

³¹⁸ EUR., *Or.* 871-956.

³¹⁹ Em *Hipólito*, Teseu é representado como alguém tomado de cegueira e excesso, a ponto de deliberar exilar seu filho e de orar pedindo a sua morte.

³²⁰ EUR., *Hec.* 286-290.

³²¹ E antes de Eurípides, nas tragédias de Sófocles, como *Édipo em Colono*.

³²² MILLS, S. *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 105-106; KONSTAN, D. *Pity transformed*. Londres: Duckworth, 2001, p. 50-66, 77-90, 128-136; TZANETOU, A. "A Generous City: Pity in Athenian Oratory and Tragedy". In: STERNBERG, R. H. *Pity and Power in Ancient Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 98-122.

³²³ Atenas recebe Édipo em *Édipo em Colono* após a fatalidade de se descobrir assassino do próprio pai e esposo de sua própria mãe. Em *Hércules*, Teseu acolhe Hércules, que acabara de matar esposa e filhos. Em *Medeia*, Egeu acolhe Medeia, que matará os próprios filhos, o rei de Corinto e a sua filha. Em *Ifigênia em Táuris*, Atenas receberá a fugitiva Ifigênia e Orestes, que matou a própria mãe. Atenas atende às suplicantes argólicas e a Adrasto, eu "errara" em dar suas filhas em casamento a estrangeiros (EUR., *Supp.* 220-225) em *Suplicantes*.

³²⁴ EUR., *Med.* 708-758.

³²⁵ Depois de fugir de Corinto, Medeia teria ido para Atenas, onde se tornou esposa de Egeu e mãe de Medos (APOLODORO 1.147). Em seguida, ela tentou, sem sucesso, matar Teseu, filho de Egeu, e acabou retornando com Medos para a sua terra natal (EUR., *Egeu* fr. 1-3 TGF).

³²⁶ Atenas é, em *Suplicantes*, a salvação da Grécia, a garantia da liberdade, a proteção contra os não-gregos (EUR., *Supp.* 226-245).

³²⁷ Uma vez que é inevitável a escravidão, as cativas esperam servir na "próspera terra de Teseu" (EUR., *Tro.* 209).

³²⁸ EUR., *IT.* 1486-1489.

³²⁹ EUR., *Íon* 668-675.

Atenas, como pode ser percebido em outros discursos sobre o mesmo tema.³³⁰ Logo, até mesmo onde a assembleia não é citada em Eurípides, como ruptura da hospitalidade em *Cíclope* e na sua relação com a tirania,³³¹ ou na crítica ao engodo engendrado por Agamêmnon para sacrificar sua filha em favor da guerra e dos guerreiros em *Ifigênia em Áulis*,³³² há uma discussão a respeito dos valores que servem de base para a democracia e dos temas que circulavam na assembleia de Atenas, especialmente em tempo de guerra.³³³ O pêndulo parece oscilar frequentemente entre o encômio e a crítica veemente a Atenas em Eurípides, mas isso se dá em seus dramas em consonância com o debate público próprio da democracia ateniense, que se desdobra muitas vezes em pluralidade de ideias – ideias que circulam na *pólis* e provocam *agônes* múltiplos. Por isso, a constante alusão à assembleia como um lugar para querelas, onde estão em oposição opiniões divididas (EUR., *Hec.* 116-117; EUR., *Phoen.* 1460-1464) e malsucedidas movidas por *páthos* (EUR., *Bacch.* 676-774). É a tragédia de Eurípides que reflete que querelas semelhantes podem ser encontradas também em festas (EUR., *Cyc.* 534), disputas entre amigos (EUR., *Med.* 520-521), entre pai e filho (EUR., *Hyp.* 1441-1443), entre mãe e filha (EUR., *El.* 1121), entre mulheres na mesma casa (EUR., *Andr.* 117-125), entre irmãos (EUR., *IA.* 376-377; EUR., *Phoen.* 81, 636-637, 1275-1283; EUR., *IT.* 811-812) ou entre mulheres que disputam quem é mais bela (EUR., *Andr.* 274-282; *Rhes.* 708; *IT.* 1146-1152). As disputas se estendem a autores de hinos ou obras inspiradas pelas musas (EUR., *Andr.* 476-477; *Rhes.* 915-925), e até mesmo a moradores em situação assimétrica, como um cidadão e um estrangeiro residente (EUR., *Hel.* 1236). É a assembleia o contexto fulcral dos *agônes* em Atenas, pois é nela que as decisões tomadas em contexto políade dos atenienses em relação aos seus inimigos,³³⁴ ou, aparentemente ao menos, em favor dos gregos,³³⁵ se desdobram em controvérsias que atravessam o cotidiano políade, desencadeiam um processo de tomada de decisões, e se desdobram na reverberação das decisões inclusive junto aos habitantes de Atenas impedidos de tomar parte nas deliberações.³³⁶

³³⁰ É possível encontrar estes discursos que refletem acolhimento de estrangeiros em Atenas, ou de tensões entre Atenas e *póleis* coligadas que não agem em reciprocidade em THUC. 2.40.4; 6.13.2. Ver ainda Isócrates (ISOC 4.53), Andócides (ANDOC. 3.28), DEM. 20.3. 32. Ver, especialmente, PL., *Menex.* 240a6-7.

³³¹ EUR., *Cyc.* 23-31, 316-346.

³³² EUR., *IA.* 358-362.

³³³ Um exemplo disso é a discussão na assembleia ateniense a respeito da *xenía* e as implicações dela nas relações comerciais abordadas em ANDOC. 2.11-12. Ao praticar a *xenía*, Andócides abre canais de diplomacia para Atenas, viabilizando que a escassez de grãos por causa da revolta das *póleis* coligadas a Atenas fosse superada pela chegada de quatorze navios de grãos vindos de Chipre até Atenas. Assim, a escassez de grãos desapareceu, e a vitória ateniense na batalha de Cízico na primavera de 410 a.C. abriu o Mar Negro aos atenienses. Isso virou um argumento para reafirmar na assembleia a importância da democracia em Atenas.

³³⁴ LYS. 2.7-10, 11-16; PLAT., *Menex.* 239b; ISOC. 4.55-56, 5.33-34, 10.31, 12.168-172, 194; DEM. 18.186, 60.8; PLUT., *Tes.* 29.17; THOMAS, R. *Oral Tradition and Written Record in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 206-213; ZEITLIN, F. "Thebes: Theater of Self and Society". In: WINKLER, J.; ZEITLIN, F. (eds.). *Nothing to Do with Dionysos?: Athenian Drama in its Social Context*. Princeton: Princeton University Press, p. 130-167.

³³⁵ EUR., *Heracl.* 331; EUR., *HF.* 1275; EUR., *Supp.* 189, 573, 576-577; THUC. 2.36.2, 62.1-3, 64.3; LYS. 2.55.

³³⁶ Um exemplo é exposto no estudo de Whitehead sobre os metecos. Ser meteco era uma condição exposta ao não cidadão livre que permanecia em Atenas por um certo período de tempo, um *status* jurídico-burocrático. Porém, comerciantes

A própria guerra de Atenas contra Esparta parece se traduzir no debate público ateniense como um conflito entre as estereotipações de ambas as *póleis*.³³⁷ Essas estereotipações são desdobramentos de identidades cívicas construídas no ambiente *políade* de Atenas, as quais se encontram, não sem tensão, nos embates na assembleia. Entra em cena, no palco decisório, deliberativo, uma assimetria escamoteada sob o biombo dos rótulos “isonomia” e “isegoria”, de forma que as decisões aparentemente livres pendem por causa das diferenças de poder, privilégios, influência, disponibilidade, habilidade entre outros fatores. Portanto, às margens (na assembleia e da assembleia) há zonas de vulnerabilidade, as quais, apartadas dos acordos políticos e alinhamentos econômicos e sociais que se refletem nos discursos,³³⁸ subsistem com sua voz reprimida ou restringida. Recorrer às personagens eurípidianas marginais, vestidas em andrajos, em condição servil ou cativa, especialmente quando elas tomam ciência de deliberações que as atingem, parece fornecer um ponto de vista representacional, mas ainda importante, sendo um veículo que permite reconhecer os impactos das deliberações das assembleias. Tais pessoas situadas às margens são muitas vezes vítimas da isonomia que os exclui; são silenciados em uma *pólis* que faz questão de propagar sua isegoria enquanto os exclui neste pormenor do seu propalado projeto de acolhimento dos indefesos. Mais ainda: conflitos e assimetrias subjacentes no processo de deliberação atingem, na sua encenação, visibilidade. Assim, é possível observar nas encenações diante dos cidadãos uma Atenas que delibera muitas vezes em prejuízo de fracos e inferiores, que se diz protetora, acolhedora e aliada.

Um elemento que está presente tanto nas deliberações em tragédias quanto na discussão em outros textos a respeito das assembleias é a defesa de uma lei, de um valor normativo que justificaria até eventuais agressões e prejuízos de cidadãos, não-cidadãos e outras *póleis* no afã de atender tal regramento. Concomitante a isso, há uma compreensão de que, na busca do cumprimento da lei, Atenas seria recompensada se agisse sem pensar em ganho, mas motivada pela justiça.³³⁹ Tal relação entre justiça e prejuízo, que redundava ao fim em beneficiamento em favor de quem decide e/ou age, aparece em Eurípides muitas vezes de forma paradoxal, em continuidade com a ambiguidade típica

sidônios obtiveram junto à assembleia o privilégio de permanecer em Atenas sem se tornarem metecos, o que evidencia que os metecos tinham um estigma social considerável que os tornava vulneráveis a ponto de terem de pagar um imposto, o *μετοίκιον*, e terem de obedecer à exigência de nomear um cidadão ateniense como seu *προστάτης*, sob o risco de ser acusado de estar sem tutor (*γραφή ἀπροστασίου*) e ter a sua propriedade confiscada (SUDA, *π*i 2159 Adler; WHITEHEAD, D. *The Ideology of the Athenian Metec*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1977, p. 7-10). Quando um ateniense se tornava um meteco em alguma outra cidade, isso era considerado vexatório, como evidencia Lísias (31.9). Certamente as deliberações contra os metecos tinham reações, e elas parecem ecoar nas reações de metecos presentes nas tragédias de Eurípides.

³³⁷ MILLS, S. *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 67-69; CARTER, L. *The Quiet Athenian*. Oxford: Clarendon Press, 1986, p. 42-58. Ver ainda: THUC. 1.70.4, 2.37.1; PLAT., *Menex.* 238c-d; AESCH., *Ag.* 72-82; EUR., *HF.* 107-114, 435-441; SOPH., *OC.* 884-903.

³³⁸ ARISTOT., *Rhet.* 1385b33-35, 1386b17-24.

³³⁹ HDT., *Hist.* 7.10.1, 9.27.5; THUC. 1.73.4, 74.2.4, 2.37.1, 40.2, 41.2; LYS. 2.20, DEM. 60.10-11; PLAT., *Menex.* 238c-d; SOPH., *OC.* 261, SOPH., *Trach.* 1010-1014; EUR., *Heracl.* 303-306; EUR., *HF.* 1169-1428; ARISTOT., *EN* 1155b27-34; 1162b36; MILLS, S. *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 63-73.

dos mitos.³⁴⁰ Por essa razão, a discussão em uma assembleia termina, em *Hécuba*, na decisão de fazer um sacrifício humano³⁴¹ sob a justificativa de dar um *gêras* a um guerreiro morto;³⁴² ou culmina na punição dos que são considerados maus, punição que atinge inclusive inocentes e *Suplicantes*,³⁴³ e que pode ser encontrada em outras referências feitas principalmente por oradores;³⁴⁴ ou mesmo na exigência de reciprocidade dos aliados de Atenas, como é possível encontrar em *Hércules*.³⁴⁵ O público de Eurípides era capaz de reconhecer nessas e em outras questões a ocorrência de certo prejuízo e vulnerabilidade de grupos inteiros para que a justiça fosse realizada, algo que contrasta com a Atenas eventualmente idealizada de Tucídides: a Atenas que toma decisões que colocam a ela mesma, e não aos outros, em perigo.³⁴⁶ Eurípides não apenas apresenta aos atenienses os seus próprios problemas, mas apresenta teatralmente Atenas decidindo como cidade-mãe dos jônios e protetora de toda a Grécia, o que legitimaria o seu controle, justificando assim o domínio e os eventuais prejuízos sobre aqueles que não detêm cidadania mesmo que vivam e convivam em contexto políade.³⁴⁷

Tanto os colonos, os jônios e os não-cidadãos eram pressionados, no decorrer do século V a.C., a reconhecerem Atenas, obedecendo suas decisões, participando da sua liga de *póleis*, a liga de Delos, e até mesmo participando de atividades cívicas, enviando uma vaca e panóplia para as Panateneias, por exemplo. Caso se recusassem a fazê-lo, ou desafiassem, ou descumprissem o que era considerado pelos atenienses um dever, havia punições.³⁴⁸ Ao mesmo tempo, cidadãos e não-cidadãos viviam, em sua maioria, de forma muito semelhante em Atenas,³⁴⁹ sendo a precariedade evidente, muitas vezes, apenas nos direitos de cidadania. Era a assembleia que manifestava claramente a condição subalterna e precária de não-cidadãos, condição que não era perene e que era reinterpretada como honrosa e

³⁴⁰ Ver o texto: VERNANT, J.-P.; VIDAL-NAQUET, P. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 17-34.

³⁴¹ EUR., *Hec.* 518-582.

³⁴² Sobre o sacrifício humano na tragédia, ver: WILKINS, J. M. "The State and the Individual: Euripides' Plays of Voluntary Self-sacrifice". In: POWELL, A. (ed.). *Euripides, Women and Sexuality*. London: Routledge, 1990, p. 177-194; ROSELLI, D. K. "Gender, Class, and Ideology: The Social Function of Virgin Sacrifice in Euripides' *Children of Herakles*". *Classical Antiquity* 26 (1), 2007, p. 81-169; REBUFFAT, R. *Le Sacrifice humain en Grèce ancienne*. Liège, Athènes: Presses Universitaires de Liège, 1994; O'CONNOR-VISSER, E. *Aspects of Human Sacrifice in the Tragedies of Euripides*. Amsterdam: B.R. Grüner Pub. Co., 1987.

³⁴³ E., *Supp.* 341.

³⁴⁴ LYS. 2.16; DEM. 60.11; PLAT., *Menex.* 240d; ISOC. 12.170, 174; HYP. 5.

³⁴⁵ Atenas, por fazer bem a Hércules, herói pan-helênico, deve ser honrada por toda a Grécia (EUR., *Heracl.* 1328-1335).

³⁴⁶ THUC. 2.39.1-4.

³⁴⁷ EUR., *Erecteu* fr. 360.5-13; ISOC. 4.24, 28-29, 33, 39-40, 12.124; PLAT., *Menex.* 237d-238b; THUC. 1.95.1, 2.36.1, 6.82.3-4. Atenas inclusive sofreu diante dos persas (ROISMAN, J. "'On Phrynichos' Sack of Miletos and Phoinissai". *Eranos* 86, 1988, p. 15-23), não deu auxílio revolta jônica (BADIAN, E. "Phrynichus and Athens' οικήμα κακά". *Scripta Classica Israelica* 15, 1988, p. 55-60), mas assume a proximidade étnica e cultural com os jônios como base para sua atuação próxima (ZACHARIA, K. *Converging Truths: Euripides' Ion and the Athenian Quest for Self-Definition*. Leiden, Boston: Brill, 2003, p. 44-76. Ver ainda: ROSIVACH, V. "Autochthony and the Athenians". *Classical Quarterly* 37, 1987, p. 294-306.

³⁴⁸ Ver: MILLS, S. "Euripides and Athenian Imperialism". In: MARKANTONATOS, A. *Brill Companion to Euripides*. Vol. 2. Leiden: Brill, 2020, p. 877. Ver ainda: VLASSOPOULOS, K. "Free spaces: identity, experience and democracy in classical Athens". *Classical Quarterly* 57, 2007, p. 33-52; HUNTER, V. J. P. "Introduction: Status distinctions in Athenian law". In: HUNTER, V.; EDMONDSON, J. (eds.). *Law and Social Status in Classical Athens*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

³⁴⁹ VLASSOPOULOS, K. "Slavery, freedom and citizenship in classical Athens: beyond a legalistic approach". *European Review of History: Revue Européenne D'histoire* 16 (3), 2009, p. 347-363. Ver especialmente as condições econômicas de escravos, homens livres, metecos e cidadãos que faziam com que a maioria destes vivesse nas mesmas áreas, compartilhando condições semelhantes, sendo difícil distingui-los, como está em *Ath. Pol.* 1.10.

benéfica, se reflete em *Íon* de Eurípides: Creúsa, ateniense, é casada com Xuto, um aqueu – um estrangeiro residente que em um dado momento da tragédia acredita que Íon é seu filho. O fato de saber que deixou de ser órfão e se tornou filho do meteco Xuto desperta em Íon não a gratidão por ter encontrado seu pai, mas preocupação com o orgulho dos atenienses por sua descendência e as desvantagens que um filho estrangeiro de mãe desconhecida enfrentaria em Atenas.³⁵⁰ A descoberta posterior de que Íon é filho de Creúsa dá a ele o direito de governar a *pólis* e colonizar as tribos jônicas.³⁵¹ Portanto, mais do que a questão da crença da origem autóctone dos atenienses, a peça parece refletir a revolta dos aliados jônicos de Atenas entre 412-411 a.C., relançando o tema da ligação entre Atenas e a jônia em termos críticos. A peça parece refletir também a ideia de que Atenas tem uma relação de parentesco, mas em condição privilegiada, com as outras *póleis*: os filhos que Creúsa e Xuto terão *a posteriori* são Doro e Aqueu, ancestrais dos demais gregos.³⁵² A questão da cidadania e, portanto, da condição privilegiada é marcante no texto de Íon.

Fenícias, tragédia de Eurípides, evidencia em seu enredo que o acolhimento da *pólis* era um benefício que não se estendia à participação na gestão da *pólis*. É sob tal ótica que faz sentido, na peça, Édipo dizer para Antígona que ele morrerá errante em Atenas: ele terá um solo para morrer, mas não a cidadania.³⁵³ A Atenas brilhante e próspera cantada pelo coro de Alceste,³⁵⁴ lugar de residência permanente de seus cidadãos,³⁵⁵ acolhe o culpado Édipo, mas não deve ser o lugar de morada do inocente Hipólito³⁵⁶ é o refúgio do matricida Orestes em *Electra*,³⁵⁷ onde a votação divina coincide com a humana, garantindo a absolvição e a paz.³⁵⁸ Mesmo que não haja menção explícita à assembleia, ali não é apenas espaço de autorreconhecimento do corpo de cidadãos do sexo masculino que tem o poder de deliberar nas assembleias, mas é lugar onde não ser de baixo nascimento,³⁵⁹ e ser puro³⁶⁰ tem importância, porque tais preocupações definem o *status* do cidadão que participa das assembleias. Quem não tem os recursos que tornam alguém privilegiado, não detém prioridade nas políticas públicas que dali emergem.³⁶¹

³⁵⁰ EUR., *Íon* 589-594.

³⁵¹ EUR., *Íon* 1571-1575.

³⁵² EUR., *Íon* 1590-1594.

³⁵³ EUR., *Phoen.* 1705.

³⁵⁴ EUR., *Alc.* 472.

³⁵⁵ EUR., *Heracl.* 69.

³⁵⁶ EUR., *Hipp.* 974.

³⁵⁷ EUR., *El.* 1343.

³⁵⁸ EUR., *IT.* 943.

³⁵⁹ EUR., *Íon* 1382-1384; 1473-1476.

³⁶⁰ EUR., *Íon* 94-106, 150, 154-175, 643-645.

³⁶¹ Aristófanes destaca, em *Cavaleiros*, que o povo é facilmente manipulado por líderes políticos. Ao mesmo tempo, a aparente estupidez do povo é um disfarce para obter riquezas de seus líderes ricos, e o interesse e o dinheiro controlam as decisões e julgamentos. Ver: AR., *Hipp.* 42, 76, 255, 798, 1089 e 1111-1150; CAMMACK, D. L. *Rethinking Athenian Democracy*. Tese de Doutorado. Cambridge (MA): Harvard University, 2013, p. 39-40.

O reforço na identidade ateniense também envolve transportar para o teatro os debates étnicos e as rivalidades entre as *póleis*, que são efervescentes nas assembleias. Eurípides coloca em destaque a imagem negativa dos espartanos na peça *Andrômaca*, realçando com adjetivos desairosos que eles são traidores, mentirosos, gananciosos,³⁶² colocando também em evidência críticas às mulheres espartanas,³⁶³ além de mencionar positivamente a Tessália³⁶⁴ e a Molóssia,³⁶⁵ dois aliados de Atenas no final do século V a.C.³⁶⁶

As assembleias de *Troianas* representam as deliberações radicais de assembleias que engendram a condenação da guerra,³⁶⁷ bem como a crítica a Esparta embutida na crítica à personagem Helena,³⁶⁸ crítica que envolve o desejo de se unir ao oriente e escapar da pobreza.³⁶⁹ Ao mesmo tempo, há simpatia entre as cativas por Atenas,³⁷⁰ o que parece ser uma referência de Eurípides à disputa política e à guerra que de fato aconteciam na época da encenação. Neste mundo em conflito, Eurípides utiliza eventualmente da cisão entre a linguagem e aquilo que a linguagem representa para indicar a radicalidade da crise. Por isso, em *Helena*, o mundo ficcional se cruza com o mundo da palavra, do discurso, do embate na assembleia, que dilata tanto o sentido das coisas que a linguagem perde suas referências, e no Egito, uma segunda Helena, um segundo Zeus, uma segunda Esparta e uma segunda Troia provocam desespero e afasia, pois a violência e a maleabilidade das coisas emudecem aqueles que são incapazes de continuar atribuindo sentido para o mundo em que a certeza é a guerra e a hostilidade.³⁷¹

Os temas elencados em Eurípides já são suficientes em si para o reconhecimento das ideias que circulavam nas assembleias, e de como elas reverberavam no teatro – se não em geral, ao menos nos dramas de Eurípides. A assembleia provoca disputas que não se encerram nelas, porque geram o desconforto típico de um mundo efervescente, em ebulição e conflito. Porém, há ainda referências diretas às assembleias e ao corpo de cidadãos nas tragédias, destacando especialmente estereótipos

³⁶² EUR., *Andr.* 445-452.

³⁶³ EUR., *Andr.* 595-626.

³⁶⁴ EUR., *Andr.* 1176.

³⁶⁵ EUR., *Andr.* 594.

³⁶⁶ Em THUC. 1.136-137, a chamada digressão de Temístocles. Ainda assim, Tucídides indica que a Molóssia é um território bárbaro (THUC. 12.80.1). É possível que a referência indique uma encenação de *Andrômaca* na Molóssia. Ver: ALLAN, W. *The Andromache and Euripidean Tragedy*. Oxford: 2000; MEYER, E. A. *The Inscriptions of Dodona and a New History of Molossia*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013, p. 13-15, 115.

³⁶⁷ EUR., *Troi.* 95-97, 400.

³⁶⁸ EUR., *Troi.* 34, 250, 869; cf. 133, 1110-1113

³⁶⁹ EUR., *Troi.* 991-996

³⁷⁰ EUR., *Troi.* 214-229.

³⁷¹ Ver: EUR., *Hel.* 483-499. Ver ainda: EUR., *Hel.* 165, 549, 564, 630-631, 656, 1148-1150, 1196. Para a análise da peça, ver SOLMSEN, F. *Kleine Schriften*. Vol. 1. Hildesheim: Georg Olms, 1968, p. 188-190. Ver ainda, sobre os sentidos difusos e múltiplas possibilidades em um mundo em ebulição e sem referências positivas e negativas tácitas, EUR., *Hec.* 444-484, estásimo em que o Coro de cativas fala das suas alternativas de cativoiro: Esparta, Delos ou Atenas. Ver ainda: HDT., *Hist.* 5.32; THUC. 1.95.3, 128.3, 130.1-2, 132.1.

que estavam em voga no tempo de sua produção dramática. Os demagogos,³⁷² a ineficiência dos discursos para evitar a morte,³⁷³ a ignorância diante do sentido da morte por causa de falas obscuras,³⁷⁴ descompasso entre os oradores,³⁷⁵ a fala que oculta os verdadeiros intentos e ludibria,³⁷⁶ a necessidade constante de deliberar diante de discursos opostos³⁷⁷ sem que as decisões sejam acertadas e sem estancar a recorrência da morte, mesmo que se implore.³⁷⁸ Somam-se a isso as reações dos que não estavam no exército e sofriam os efeitos no ambiente urbano de uma guerra fratricida,³⁷⁹ a atuação das elites no controle das decisões e os impactos dessas decisões nos pobres, que eventualmente agiam como um corpo político capaz de pressionar alguma mudança.³⁸⁰

A tragédia oferece um modelo de assembleia, mas cruza-o com a forma como homens e mulheres em situação de vulnerabilidade de classe baixa podem visualizá-lo. Ela une a perspectiva dos cidadãos que se consideram salvadores da comunidade por meio de deliberações motivadas por sua interferência, às perspectivas de outros grupos que não eram muito favorecidos em seu cotidiano da superioridade econômica e cultural ateniense que era proclamada e servia de base para muitas decisões.

Ainda que Lísias³⁸¹ afirme que é responsabilidade do regime democrático encorajar o maior número possível de pessoas a preferir a democracia, a rivalidade entre as constituições também está em cena nos dramas eurípidianos.³⁸² Soma-se a isso o reconhecimento de que havia oradores que mobilizavam seus ouvintes a se submeterem aos seus objetivos por meio da retórica, o que engendra uma vigorosa crítica à democracia no âmbito da própria democracia.³⁸³ Assim, as referências eventuais

³⁷² EUR., *Hec.* 130-135.

³⁷³ EUR., *Alc.* 72-76.

³⁷⁴ EUR., *Alc.* 522.

³⁷⁵ EUR., *Med.* 252.

³⁷⁶ EUR., *Med.* 316-317.

³⁷⁷ EUR., *Heracl.* 179-180; EUR., *Hec.* 116-118.

³⁷⁸ É o caso da Ama de Fedra, que propõe que ela revele o seu segredo para preservar a sua vida, e tal revelação culminará em sua morte (EUR., *Hipp.* 497-502). Caso semelhante é o de Aquiles, que aconselha a Clitemnestra que utilize do discurso para convencer Agamêmnon a poupar Ifigênia, mas ela falha, vencida pelo desejo de Agamêmnon de ir à guerra (EUR., *IA* 1015-1027).

³⁷⁹ Um exemplo é Jocasta, que não delibera que haverá guerra, mas precisa persuadir Etéocles, Polinices e Tideu a se reconciliarem, depois que o ouro e o desejo de poder os lançou na guerra fratricida. Ver: EUR., *Phoen.* 427-451. Mas nem essa fala será eficaz.

³⁸⁰ Se há pobres com mais sorte do que ricos (EUR., *Hel.* 1213), e se vale mais ter como aliado um pobre bom do que um rico mau (EUR., *Andr.* 639-641; *Íon* 831-835), todo amigo evita o pobre (EUR., *Med.* 561), e a nobreza se defende da má sorte mais do que a pobreza (EUR., *Heracl.* 299-306). Logo, o embate entre pobreza e riqueza vigora, sendo os pobres mais tendentes à justiça, e os ricos, ao poder. A pobreza indesejável e a riqueza admirável (EUR., *Supp.* 176-178) representam uma modalidade de luta de classes que envolve um conflito que irradia das assembleias e do contexto políade em geral para os dramas eurípidianos.

³⁸¹ LYS. 25.8.

³⁸² Ver, por exemplo, a crítica à tirania em *Cíclope*; à democracia em *Orestes*, o debate em torno das constituições em *Heraclidas* e em *Suplicantes*, por exemplo.

³⁸³ *Assembleia de Mulheres* de Aristófanes coloca em discussão os atributos essenciais para o exercício da cidadania, colocando em questão se um decreto da assembleia poderia criar cidadãs participativas do mesmo modo que poderia criar um estado de guerra. Platão, por sua vez, destaca o nexos palavra/fato em *Apologia*, *Críton*, *Górgias* e *República*, elaborando

a tiranias e a regimes oligárquicos se conectam aos interesses daqueles que desejam uma ruptura com a ordem democrática,³⁸⁴ e o retrato dos tiranos e oligarcas parece visar o fortalecimento dos valores compartilhados na assembleia da importância das deliberações coletivas com isonomia e isegoria.

A geografia cívica de Atenas, que tem a assembleia como um dos pólos centrais, se estende, nas tragédias de Eurípides, às margens por meio de arautos, os quais comunicam para personagens muitas vezes marginais, aquilo que interfere em sua vida cotidiana. Diante das decisões tomadas, tais personagens reagem e tentam modificar as deliberações. Isso, encenado diante do público, faz com que o drama tenha, entre outras tarefas, a função de refletir a respeito do cotidiano democrático políade. Os membros da plateia poderiam identificar os elementos das peças que refletiam anseios aristocráticos, métodos de dominação da elite, adeptos da democracia radical e os papéis tradicionais das estâncias democráticas. Em cada uma das referências ao trabalho de classe mais baixas e de escravos, ficam mais explícitas a sua existência e influência. As aspirações e realizações que a cultura dominante negligencia, subestima, a que se opõe, reprime ou mesmo não consegue reconhecer com nitidez, aparecem na tragédia sob o disfarce da Atenas protetora dos fracos, maltratados e oprimidos.³⁸⁵ *Suplicantes* de Eurípides celebram Atenas como refúgio de suplicantes. O mesmo é feito por *Eumênides* de Ésquilo, *Édipo em Colono* de Sófocles; e *Héracles*, *Heraclidas*, *Medeia*, *Electra* e *Orestes* de Eurípides.

O que se coloca em destaque a seguir são as menções às deliberações, ato que antecede a análise das reações a tais deliberações, o que será feito no próximo capítulo com o auxílio da análise do discurso. Logo, a começar de uma pequena introdução do conceito de deliberação, passa-se à análise das deliberações nas peças de Eurípides. Ainda que nem sempre tais deliberações sejam em contexto de assembleia, ou coletivas, considera-se aqui que a decisão de Atenas é uma representação simplificada e precária de uma deliberação que, no contexto de enunciação, se daria na assembleia. Portanto, amplia-se as decisões àquelas que têm impacto sobre uma coletividade, sendo comunicadas direta ou mais frequentemente indiretamente por mediadores.

uma crítica veemente à democracia e à retórica (PLAT., *Grg.* 459a-c). Há também em Platão críticas veementes a Péricles, que teria tornado os atenienses preguiçosos, covardes, loquazes e gananciosos (PLAT., *Grg.* 515e). Isócrates, na via contrária, elogia Péricles e levanta questões sobre quão bom líder ele poderia ter sido se ele não fosse removido do cargo, julgado e multado. Tucídides também partia da premissa de que um cidadão comum carecia dos meios para as verificações da realidade necessárias para uma boa tomada de decisão política (THUC. 1.22). Todos esses autores são apresentados e discutidos com detalhes por: OBER, J. *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual Critics of Popular Rule*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

³⁸⁴ LYS 30.13; THUC. 8.65.

³⁸⁵ EUR., *Suppl.* 379-380.

3. Aspectos críticos às assembleias nos dramas de Eurípidés

Este capítulo visa submeter a passos de análise do discurso as tragédias supérstites de Eurípidés, com o objetivo de colocar em destaque as referências diretas e indiretas às assembleias nos dramas. Em especial, o que se deseja evidenciar são as críticas feitas à democracia que se manifestam nas assembleias.

A análise do discurso proposta utiliza noções propostas por Dominique Maingueneau pertencentes ao campo da análise do discurso. Assim, as situações comunicativas colocadas em cena serão vislumbradas a partir das condições de sua realização e das relações entre discurso e o seu contexto.

A apresentação dos métodos de análise adotados é seguida da análise propriamente dita de cada uma das peças, em três movimentos: primeiro, a apresentação das noções relacionadas à assembleia na peça, por meio de uma análise do campo discursivo; segundo, as críticas inerentes às assembleias; e terceiro, as implicações de tais críticas no contexto de enunciação.

3.1. A análise do discurso e pragmática: as noções adotadas na leitura dos dramas de Eurípidés

Maingueneau parte da premissa de que textos são discursos imbuídos de intencionalidades, como toda a linguagem humana, dado anteriormente destacado pela nova retórica.³⁸⁶ Entre os muitos instrumentos de análise propostos por Maingueneau, utiliza-se aqui o conceito de cena, que é “o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”.³⁸⁷

As cenas indicadas por Maingueneau são três.

A primeira delas é a cena englobante, que corresponde ao tipo de discurso (por exemplo, publicitário, político, religioso, poético etc.). A cena coloca em segundo plano o discurso, pois enlaça os espectadores em uma configuração em que gravitam expectativas.³⁸⁸ Em todas as peças analisadas, a cena englobante será o discurso literário-teatral. Literário, porque os dramas gregos têm a peculiaridade de serem textos que aparecem “[...] como um ‘pseudoenunciado’, que só comunica pervertendo as regras do intercâmbio linguístico. [...] os textos.”³⁸⁹ No caso dos dramas, “o enunciador,

³⁸⁶ “A linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão.” (PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 150).

³⁸⁷ MAINGUENEAU, D. A. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005, p. 85.

³⁸⁸ MAINGUENEAU, D. A. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005, p. 86.

³⁸⁹ MAINGUENEAU, D. A. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005, p. 16.

por sua parte, corresponderia à personagem de teatro”.³⁹⁰ Obviamente, o discurso dos dramas, além de literário, é teatral, porque sem a representação, não é possível reconstituir plenamente as condições de enunciação que permitem promover os sentidos.³⁹¹ Ainda assim, o trabalho de análise do texto teatral cuja *performance* não é plenamente recuperável, que é o caso dos dramas de Eurípidas, é analisá-los considerando que “o traço fundamental do discurso teatral é o fato de só poder ser entendido como uma série de ordens com vistas a uma produção cênica, uma representação, ser endereçado a destinatários-mediadores encarregados de retransmiti-lo a um destinatário-público”.³⁹²

Tais ordens orientam inclusive a encenação, pois:

[...] o discurso teatral (textual e cênico) é uma tomada de posse dos sistemas cênicos, uma utilização individual de potencialidades cênicas (mesmo que o indivíduo - o sujeito] do discurso – seja constituído de fato por toda a equipe de realização). Deve ficar claro que estes sujeitos do discurso teatral devem ser distinguidos das pessoas concretas da equipe teatral; eles se definem num nível teórico (e não-real) como sujeitos em permanente construção, que deixam mais ou menos um rastro visível no enunciado cênico.³⁹³

A busca pelos rastros cênicos citados por Pavis leva à segunda cena proposta por Maingueneau: o gênero do discurso. O gênero do discurso auxilia o co-enunciador, a audiência, a perceber o quadro cênico do texto.³⁹⁴ Em tal quadro cênico, há uma estabilidade que viabiliza o sentido do enunciado. Em um texto pertencente ao discurso literário-teatral, em que aquilo que é encenado é uma personagem-enunciadora que está na posição de suplicante, o gênero pode ser a súplica, que estabiliza as expectativas da audiência, fazendo-a esperar que a suplicante contracene com uma entidade suplicada, que faça um apelo à divindade escolhendo um vocabulário religioso eivado de pedidos e gestos, feito em um local que pode ser um altar. Em suma: organiza-se de tal modo o quadro cênico que a compreensão da audiência e a percepção de rupturas eventuais partem do pressuposto de que o tipo e o gênero de discurso são espaços estáveis.

A audiência também se depara, porém, com uma cenografia que desloca o quadro cênico para o segundo plano, e há um enlaçamento paradoxal no decorrer do discurso. Logo, a cena englobante literário-teatral pode utilizar o gênero discursivo da súplica, mas em seu desenvolvimento, pode se apresentar em sua cenografia como um relato de guerra, cujo resultado desfavorável motiva a súplica. Quando a cenografia se apoia em uma memória coletiva, estereotipada, discernível pela audiência a ponto de não carecer de explicações, ela é chamada por Maingueneau de cena validada.³⁹⁵

³⁹⁰ DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, 192.

³⁹¹ UBERSFELD, A. Para ler o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 158-159.

³⁹² UBERSFELD, A. Para ler o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 164.

³⁹³ PAVIS, P. Dicionário de teatro. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 102.

³⁹⁴ MAINGUENEAU, D. A. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005, p. 87.

³⁹⁵ MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2005, p. 92.

A análise que se propõe neste trabalho pretende reconhecer as diversas cenas englobantes e gêneros discursivos, mas observar na cenografia algum elemento que conduza, direta ou indiretamente, para a crítica da assembleia, de uma deliberação ou processo de deliberação da mesma, ou de aspectos relacionados aos seus processos e atividades não-deliberativos.

3.2. As críticas às assembleias nos dramas de Eurípides

Há, em Eurípides, menções diretas à assembleia (ἐκκλησία), menções muitas vezes alusivas ao que é chamado em grego de τὸ βουλευέσθαι (deliberação).³⁹⁶ A participação na assembleia de Atenas era reservada após a lei de cidadania proposta por Péricles aos cidadãos adultos do sexo masculino,³⁹⁷ os quais tinham ascendência cidadã de pai e mãe, foram registrados nos registros de seus demos aos dezoito anos após ser constatado se eles atingiram a idade legal, e se eram livres e de origem legítima.³⁹⁸ Eles recebiam o *status* de ἄστοί e estavam aptos para participarem das instituições deliberativas, judiciárias, administrativas e de comando,³⁹⁹ sendo eventualmente submetidos a exame (δοκιμασία) para verificação se a idade, o reconhecimento paterno, o casamento dos pais, a condição de ἄστοί dos pais e o seu comportamento eram adequados.⁴⁰⁰

As deliberações nas assembleias gregas eram conversações públicas cujo resultado era representado como a vontade do *demos*.⁴⁰¹ A discussão, reflexão e votação⁴⁰² são atividades na Atenas do séc. V a.C. que constrói o que se pode chamar de discurso público, com ideias expostas, objeções, dissidências que levam a decisões. Tais debates, trocas de pontos de vista, argumentos e ideias que buscam o consenso não representam o fim, pois ainda que as assembleias discutam o que tem importância comum,⁴⁰³ a reunião que provoca consenso⁴⁰⁴ muitas vezes não leva à paz, nem à

³⁹⁶ Seja por meio da expressão τὸ βουλευέσθαι ἢ βούλευσις, a deliberação é um processo decisório ou mesmo a decisão propriamente dita. Em Aristóteles, tanto τὸ βουλευέσθαι (AR., *Eth. Nic.* 1113a; *Eth. Eud.* 1226b) quanto a εὐβουλία (“bom conselho”) podem ser empregados para se referir à deliberação.

³⁹⁷ AR., *Pol.* 1275b17-20.

³⁹⁸ AR., *Ath. Pol.* 42.1.

³⁹⁹ AR., *Pol.* 1275b17-20.

⁴⁰⁰ Sobre a δοκιμασία, ver: FEYEL, Christophe. *Δοκιμασία: La Place et le rôle de l' examen préliminaire dans les institutions des cités grecques*. Paris: de Boccard - Association pour la Diffusion de la Recherche sur l' Antiquité, 2009. Sobre cidadania, ver: KAMEN, D. *Status in Classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2013. Para o vocabulário da cidadania, ver: BLOK, J. “Becoming Citizens: Some Notes on the Semantic of Citizen in Archaic Greece and Classical Athens”. *Klio: Beiträge zur alten Geschichte* 87, 2005, p. 7-40.

⁴⁰¹ HANSEN, M. H. “The Concepts of *Demos*, *Ekklesia*, and *Dikasterion* in Classical Athens”. *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 50, 2010, p. 499-536, especialmente a p. 507: “For the present investigation a key issue is how the Athenians used the term δῆμος about their political institutions, and first of all about the people’s assembly [...]the *ekklesia* is never attested as an acting subject. It is always the *demos* that passes a decree or votes by a show of hands, never the *ekklesia*. I conclude that *ekklesia* signifies a meeting of the assembly or the place where it meets, but the assembly itself was not the *ekklesia*, it was the *demos*.”

⁴⁰² THUC. 2.40.

⁴⁰³ ARISTOT., *Pol.* 1297b40

⁴⁰⁴ ANDOC. 1.73.

aliança.⁴⁰⁵

O consenso precário ou a deliberação em um número reduzido de cidadãos culminava não poucas vezes na necessidade de rediscutir temas,⁴⁰⁶ mesmo que o estímulo à discussão⁴⁰⁷ e a busca do interesse público⁴⁰⁸ fossem atitudes comuns nas assembleias. Ainda que os interlocutores fossem cooperativos e que os discursos contassem com algum refinamento discursivo pela atuação de oradores profissionais,⁴⁰⁹ argumentos *ad hominem* eram frequentes.⁴¹⁰ Além das multidões que participam do processo decisório em eleições, julgamentos e consultas, há, conforme Hansen, cidadãos menos ativos que não participam desse processo, os quais, diante de cidadãos mais ativos, tendiam a ouvir e votar sem maior participação no debate.⁴¹¹ Porém, cidadãos passivos em relação aos processos decisórios, ou mesmo não-cidadãos, podem exercer influência indireta nos processos decisórios por meio de uma atuação prévia.

Uma forma de reconhecer a atuação prévia que influencia as assembleias, os impactos das decisões em diversos grupos marginalizados e as disputas no decorrer do processo decisório – ou seja, aspectos muitas vezes negligenciados nas fontes – é identificar na cenografia dos discursos euripidianos, algum apelo a tais temas, na certeza de que haverá alguma percepção do público, forjada pelas intencionalidades expressas de forma subjacente nos enunciados. Logo, recorre-se, no que segue, à seleção de cenas de cada drama de Eurípides que será submetido à análise discursiva, para destacar críticas às assembleias em particular.

⁴⁰⁵ AESCH 2.109-10.

⁴⁰⁶ Ver, por exemplo, as emendas feitas em decretos do século V a.C. colocadas em destaque por OSBORNE, R. *Athens and Athenian Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press 2010, p. 6, nota 12. Ver ainda: RHODES, P.J. "Public Documents in the Greek States: Archives and Inscriptions". *Greece and Rome* 48 (1), 2001, p. 33-44.

⁴⁰⁷ DEM. 10.29.

⁴⁰⁸ DEM. 8.10.

⁴⁰⁹ HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 142-144.

⁴¹⁰ Ver, por exemplo, a crítica de Ésquines a Demóstenes, relacionando-o à falta de masculinidade, travestimento e lascívia como elementos que o desabilitam como orador (AESCH., *In Tim.* 131-132).

⁴¹¹ HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999, p. 268.

3.2.1. *Ciclope*

Ciclope, único drama satírico completo supérstite,⁴¹² parece refletir os efeitos do retumbante fracasso da expedição ateniense à Sicília (415-413 a.C.)⁴¹³ e do golpe oligárquico de 411 a.C. (Thuc. 8.65-66) que se seguiu: as insatisfações populares decorrentes da supressão da Bulê, a restauração do Conselho, as vitórias nas batalhas de Cinossema, Abidos e Cízico⁴¹⁴ e a restauração da ordem democrática.⁴¹⁵

Ciclope é um drama que retoma o mito do Ciclope presente no nono livro da *Odisseia*: Odisseu, voltando da Guerra de Troia, desembarca na ilha dos Ciclopes e se depara com a caverna de Polifemo, onde o Ciclope age como tirano.⁴¹⁶ Tal referência épica se mescla, em Eurípides, à temática satírica, ligada ao culto a Dioniso, em que se festeja e são acolhidos sátiros e mênades. Em suma: estão jungidos em *Ciclope* a tradição épica, os cânones do drama satírico e a discussão a respeito da tirania/democracia.

O enredo de *Ciclope* é político, visto que denuncia por meio da relação servil entre Polifemo e os sátiros o caráter inaceitável da violência tirânica e do desafio às leis gregas. *Ciclope* convidava seus espectadores a refletirem sobre a democracia por meio da crítica sagaz a sistemas de governo não-democráticos, o que parece estar relacionado com as revoltas de muitas πόλεις jônias contra Atenas, especialmente após o colapso da frota ateniense na Sicília.⁴¹⁷

O primeiro episódio da peça (versos 83-355) é um longo diálogo emoldurado por duas canções corais. Seleciona-se abaixo o discurso da esticomitia (versos 102-162), cujo gênero discursivo é o reconhecimento:⁴¹⁸ as perguntas feitas e respondidas estão em relação intertextual com a cena de Odisseu reconhecendo o território.⁴¹⁹ A cenografia é a cena validada do interrogatório político:⁴²⁰

⁴¹² SUTTON, D.F. *The Greek Satyr Play*. Meisenheim am Glan: A. Hain, 1980, p. 1-13; SEAFORD, R. *Euripides, Cyclops. With introduction and Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1984, p. 10-33; O’SULLIVAN, P.; COLLARD, C. *Euripides’ Cyclops and Major Fragments of Satyric Drama*. Oxford: Aris & Phillips, 2013, p. 22-25. O drama satírico é a representação de um mito em que os sátiros participam da encenação. Ver: LISSARAGUE, F. “Why Satyrs are good to represent”. In: WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (eds.). *Nothing to do with Dionysos? Athenian Drama in its Social Context*. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 228-236; LISSARAGUE, F. “The Sexual Life of Satyrs”. In: HALPERIN, D.; WINKLER, J.; ZEITLIN, F. (eds.). *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 53-81; LISSARAGUE, F. “On the Wildness of Satyrs”. In: CARPENTER, T.; FARAONE, C. (eds.). *Masks of Dionysus*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1993, p. 207-220.

⁴¹³ THUC. 6.

⁴¹⁴ THUC. 8.103-105; XEN., *Hell.* 1.1.1-8

⁴¹⁵ KAGAN, D. *The Fall of the Athenian Empire*. Ithaca: Cornell University Press, 1991, p. 195.

⁴¹⁶ HOM., *Od.* 9.318-414.

⁴¹⁷ Astioco foi o encarregado de fazer prosperar a oposição contra Atenas na Jônia, atuou nos conflitos de Quios e Clazômenas contra Atenas, sem muito sucesso. Ver: FALKNER, C. “Astyochus, Sparta’s Incompetent Navarch?” *Phoenix* 53 (3/4), 1999, p. 206-221.

⁴¹⁸ Reconhecimento, porque são feitas perguntas sobre a terra pelos forasteiros, que são respondidas pelos que moram nela.

⁴¹⁹ Na *Odisseia*, Odisseu também atua como colonizador, observando o potencial agrícola, a presença de água, os portos naturais e se a terra dos Ciclopes é cultivada. Ver: HALL, R. *Introducing Ancient Greeks: From Bronze Age Seafarers to Navigators of Western Mind*. New York: W. W. Norton, 2014, p. 76.

⁴²⁰ Político, porque as perguntas são a respeito da forma de governo.

Ὀδυσσεύς: τίνες δ' ἔχουσι γαῖαν; ἢ θηρῶν γένος;
 Σιληνός: Κύκλωπες, ἄντρ' οἰκοῦντες, οὐ στέγας δόμων.
 Ὀδυσσεύς: τίνος κλύοντες; ἢ δεδήμευται κράτος;
 Σιληνός: μονάδες: ἀκούει δ' οὐδὲν οὐδεὶς οὐδενός.

Odisseu: Quem são então os habitantes da terra? Família de selvagens?

Sileno: Ciclopes, que vivem em cavernas, não em casas.

Odisseu: Quem é o governante deles? Ou o povo governa?

Sileno: São solitários: ninguém ouve nada de ninguém. (EUR., *Cyc.* 117-120)

A cena validada mostra *Odisseu* selecionando duas formas de governo possíveis: a monarquia (τίνος κλύοντες;, verso 119) e a possibilidade de o poder estar nas mãos do povo (δεδήμευται κράτος) – a democracia. Tal possibilidade de democracia parece estar indissolúvelmente relacionada com a constatação de que há um ὄμιλος, uma multidão que poderia estar reunida para uma festa,⁴²¹ para um espetáculo,⁴²² em um tumulto,⁴²³ mas que no verso 119, aparentemente se relaciona à hipótese de as deliberações serem tomadas coletivamente:

Ὀδυσσεύς
 ξένοι, φράσαιτ' ἂν νᾶμα ποτάμιον πόθεν
 δίψης ἄκος λάβοιμεν εἴ τί τις θέλει
 βορὰν ὀδῆσαι ναυτίλοις κεχρημένοις;
 <ἔα:> τί χρῆμα; Βρομίου πόλιν ἔσιγμεν ἐσβαλεῖν:
 Σατύρων πρὸς ἄντροις τόνδ' ὄμιλον εἴσορῶ.
 χαίρειν προσεῖπον πρῶτα τὸν γεραίτατον.

Odisseu

Estrangeiros, vós podeis me dizer onde podemos encontrar uma corrente de água para matar a nossa sede, e se alguém está disposto a vender provisões para marinheiros necessitados?

<Éa!> O que é isso? Parece que marchamos ao país de Brômio.

Pois aqui está uma multidão de sátiros perto da caverna.

Minhas primeiras palavras para o mais velho: Saudações! (EUR., *Cyc.* 96-101)

O gênero discursivo próprio das relações de *xenía*: é um pedido feito para a multidão, com ênfase no fim ao respeito pelo mais velho (Sileno), pois Odisseu o saúda. Logo, em um avanço na cenografia, o pedido de auxílio/informação se torna uma cena validada da saudação. Mesmo que a democracia não seja o modo de governo da terra de Polifemo, a existência de uma população insatisfeita e explorada viabiliza um arranjo coletivo entre Odisseu, os marinheiros, Sileno e os sátiros, os quais estão todos em maior número do que Polifemo, e podem superá-lo. O obstáculo é a hostilidade que inicialmente surge entre Sileno e Odisseu, que leva o primeiro a intervir junto ao Ciclope para que coma o segundo:

Σιληνός
 παραινέσαι σοι βούλομαι: τῶν γὰρ κρεῶν

⁴²¹ HOM., *Od.* 1.225.

⁴²² HOM., *Il.* 18.603, 23, 651; PL., *Pit.* 9.123; AESCH., *Pers.* 123.

⁴²³ HDT., *Hist.* 9.59

μηδὲν λίπης τοῦδ', ἦν τε τὴν γλῶσσαν δάκης,
κομψὸς γενήσῃ καὶ λαλίστατος, Κύκλωψ.

Sileno

Eu quero te aconselhar: não deixe nenhum pedaço
da carne desse homem intocado, e se você mastigar a língua dele,
se tornará inteligente e loquaz, Ciclope. (EUR., *Cyc.* 313-315)

Nos versos 316-317, o gênero discursivo do conselho assume a cenografia do informe. A resposta de Polifemo faz sentido se o que há em vista é o governo políade e os instrumentos para sufocar o governo cuja palavra, e ambiente de deliberação coletiva, pode ter grande peso nas decisões: na democracia, enfim. O Ciclope se recusa inicialmente a comer Odisseu por entender que, tendo riqueza, as demais habilidades são prescindíveis, inclusive a capacidade de persuadir pelas palavras:

Κύκλωψ

ὁ πλοῦτος, ἀνθρωπίσκε, τοῖς σοφοῖς θεός,
τὰ δ' ἄλλα κόμπῃ καὶ λόγων εὐμορφία.

Ciclope

A riqueza, homenzinho, é para os sábios um deus,
as outras coisas são ruídos e bela forma de palavras. (EUR., *Cyc.* 316-317)

A continuação da cena englobante apresenta, na mudança de turno conversacional, um discurso de impiedade religiosa, em que o Ciclope elege como divina a riqueza que ele mesmo possui: a devoção ao que é a sua condição imanente. A referência aos discursos como ruídos desloca a cenografia para o menosprezo também do discurso, instância fundamental da assembleia. O domínio por meio da riqueza se unirá, no enredo de *Ciclope*, à rejeição das leis, do regime de direitos. Por isso, a afirmação do desejo de Polifemo de comer Odisseu se dá no âmbito da tentativa de confinamento, de aprisionamento das liberdades:

[...] οἳ δὲ τοὺς νόμους
ἔθεντο ποικίλλοντες ἀνθρώπων βίον,
κλαίειν ἄνωγα: τὴν <δ'> ἐμήν ψυχὴν ἐγὼ
οὐ παύσομαι δρῶν εἴ, κατεσθίων γε σέ.

[...] Os que as leis

puseram, tornando variegada a vida dos homens,
eu mando confinar: a minha vida, eu mesmo
não farei cessar: faça bem te devorando. (EUR., *Cyc.* 338-341)

O diálogo – assume o gênero discursivo de deliberação do juiz: afinal, ele “manda” prender o que a própria lei diversifica (verso 340). A cenografia, porém, sofre mais um deslocamento em cenas não-validadas: há um duplo movimento deliberativo: o confinamento da lei se opõe à liberdade e proteção da vida de Polifemo, que livremente e sem lei come carne humana, criando uma tensão: o juiz abole a lei e é, ao mesmo tempo, verdugo em favor da continuidade de sua própria vida.

Ainda que *Cíclope* não trate diretamente das assembleias, a peça mostra Polifemo contrário a tudo o que a viabiliza: a habilidade discursiva, a lei, a ordem divina. Por outro lado, a libertação do seu domínio se dá por meio da aliança entre Odisseu, os marinheiros, Sileno e os Sátiros. Por isso, ainda no diálogo, a cenografia migra para outra cena não-validada, em que a multidão precisa ser dispersada porque ela desorganiza os domínios do Cíclope:

Κύκλωψ
 ἦκιστ': ἐπεὶ μ' ἂν ἐν μέσῃ τῇ γαστέρι
 πηδῶντες ἀπολέσαιτ' ἂν ὑπὸ τῶν σχημάτων.
 ἔα: τίς ὄχλον τόνδ' ὀρῶ πρὸς αὐλίοις;
 λησταὶ τινες κατέσχον ἢ κλώπες χθόνα;
 ὀρῶ γέ τοι τούσδ' ἄρνας ἐξ ἄντρων ἐμῶν
 στρεπταῖς λύγοισι σῶμα συμπεπλεγμένους,
 τεύχη τε τυρῶν συμμιγῆ γέροντά τε
 πληγαῖς μέτωπον φαλακρὸν ἐξωδηκότα.

Cíclope
 Nunca: porque no meio da minha barriga
 aos saltos tu me matarias com teus gestos.
 Éa! O que é essa multidão que vejo perto da minha caverna?
 Alguns piratas ou ladrões desembarcaram aqui?
 Eu vejo ovelhas aqui da minha caverna,
 seus corpos amarrados com vimes trançados,
 e meus cestos de queijo todos em desordem,
 e um velho com a cabeça calva inchada de pancadas. (EUR., *Cyc.* 220-227)

A esticomitia da cena englobante dialogada, cujo gênero discursivo é o diálogo no banquete, apresenta a cenografia do discurso descritivo do ambiente privado, em que há a liberação da voz, a partilha da comida e bebida, a redefinição dos vínculos em favor das maiorias e a adoção das consultas públicas. A festa dionisíaca é uma clara alusão na peça àquilo que se celebra nas Grandes Dionisíacas em Atenas:

Κύκλωψ: μισῶ τὸν ἄσκόν: τὸ δὲ ποτὸν φιλῶ τόδε.
 Ὀδυσσεύς: μένων νυν αὐτοῦ πῖνε κεϋθύμει, Κύκλωψ.
 Κύκλωψ: οὐ χρὴ μ' ἀδελφοῖς τοῦδε προσδοῦναι ποτοῦ;
 Ὀδυσσεύς: ἔχων γὰρ αὐτὸς τιμιώτερος φανῆ.
 Κύκλωψ: διδοὺς δὲ τοῖς φίλοισι χρησιμώτερος.
 Ὀδυσσεύς: πυγμὰς ὁ κῶμος λοῖδορόν τ' ἔριν φιλεῖ.
 Κύκλωψ: μεθύω μὲν, ἔμπας δ' οὔτις ἂν ψαύσειέ μου.
 Ὀδυσσεύς: ὦ τᾶν, πεπωκότ' ἐν δόμοισι χρὴ μένειν.
 Κύκλωψ: ἠλίθιος ὅστις μὴ πίων κῶμον φιλεῖ.
 Ὀδυσσεύς: ὅς δ' ἂν μεθυσθεῖς γ' ἐν δόμοις μείνη σοφός.
 Κύκλωψ: τί δρῶμεν, ὦ Σιληνέ; σοὶ μένειν δοκεῖ;
 Σιληνός: δοκεῖ: τί γὰρ δεῖ συμποτῶν ἄλλων, Κύκλωψ;

Cíclope: Eu odeio o odre de vinho. Mas essa bebida eu amo.
 Odisseu: Fique aqui e beba então, Cíclope. Pegue sua alegria.
 Cíclope: Não darei de beber aos meus irmãos?
 Odisseu: Mantenha-a você mesmo e você será mais honrado.
 Cíclope: Ao doá-la, sou mais útil aos meus parentes.
 Odisseu: A festa muitas vezes termina em punhos e brigas.

Ciclope: Por mais enlouquecido que eu esteja seja, nenhum homem me tocará!
 Odisseu: Bom amigo, é melhor quando bêbado fica em casa.
 Ciclope: Tolo é o homem que bebe e não se diverte.
 Odisseu: Mas quem está bêbado e fica em casa é sábio.
 Ciclope: O que devemos fazer, Sileno? Vamos ficar?
 Sileno: Parece bem: para que outros banqueteiros? (EUR., *Cyc.* 529-540)

A mediação festiva das relações, sendo tal festa regada a vinho, aproxima o Ciclope, o Sileno e Odisseu. Essa aproximação viabiliza a punição de Polifemo pelos seus cativos. Ou seja: a festa regada a vinho em honra a Dioniso reorganiza, em termos mais favoráveis, a tirania, quebrando a hegemonia do tirano e deixando-o à mercê da subversão do regime, para o benefício da maioria.

A crítica às assembleias se dá em Ciclope, portanto, no âmbito da dificuldade em estabelecer consensos em nome das necessidades comuns, por causa de oposições e conflitos no interior de uma tirania. A tirania, vista de forma negativa, pode ser superada por meio da socialização entre cidadãos a partir de acordos que pressuponham interesses comuns, que redundarão em uma ação coletiva que provoca o fim da tirania e o atendimento dos interesses comuns. É o que aparece em cena, uma vez que o acordo entre Odisseu, marinheiros, Sileno e sátiros vence Polifemo.

3.2.2. *Alceste*

Alceste é uma tragédia que ocupou o lugar do drama satírico após a encenação das tragédias *Cretenses*, *Alcméon em Psófis* e *Télefo* – uma prática que pode ser típica de seu autor, já que Eurípides só tem oito dramas satíricos nas coletâneas alexandrinas.⁴²⁴ A peça de Eurípides é ambientada em Feras, na Tessália, em uma época anterior à Guerra de Troia, e parece abordar a nova condição das πόλεις gregas após a paz de Cálias.

Os conflitos entre os gregos e persas chegaram ao fim, mas os atenienses continuavam exigindo a manutenção da armada por meio da cobrança de taxas das πόλεις coligadas. Caso alguma πόλις decidisse sair da Liga de Delos, elas eram pressionadas e até mesmo atacadas em nome dos benefícios concedidos pela associação na Liga.⁴²⁵ O fato é que os cidadãos atenienses eram beneficiados com a existência da liga, especialmente porque os seus recursos eram empregados na

⁴²⁴ MASTRONARDE, D. J. *The Dramatic Art of Euripides*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 57.

⁴²⁵ Pode ser citado o exemplo a referência feita por Finley aos benefícios dados a cidadãos atenienses em Oropos, Eubeia, Tasos, Abidos e Ofrineu. FINLEY, M. "The Fifth Century Athenian Empire: A Balance Sheet," in GAMSEY, P.D.A. & WHITTAKER, C. R. (eds.), *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 116.

manutenção do corpo burocrático e jurídico que mantinha o funcionamento do regime democrático.⁴²⁶ Cerca de 700 cidadãos trabalhavam apenas na política externa.⁴²⁷

O tema de *Alceste* se relaciona ao pan-helenismo, mascarado no enredo sob a personagem Hércules, o herói pan-helênico. Ao sair vivo e ao mesmo tempo derrotado por causa da morte de Alceste, Admeto assume a condição dos que deliberam pela morte de outrem para se preservarem a si mesmos, análoga à das assembleias de Atenas, em que muitos que decidiam a guerra contra Esparta não iriam ao conflito. Em seguida, há um compromisso de Admeto com o celibato, por exigência de Alceste, que aponta para o inconveniente de fruir a vida diante da escolha pelo sacrifício da vida, um paralelo perfeito para a gravidade que deveria marcar a vida pública de uma *pólis* cujos cidadãos, majoritariamente jovens, mulheres solitárias e crianças sob o risco constante de orfandade, sofriam por causa da deliberação dos que atravessavam inertes a crise do conflito constante na guerra fratricida, a Guerra do Peloponeso (linhas 343-344). Admeto se metamorfoseia em um morto-vivo.⁴²⁸ A morte prematura da esposa o faz recordar que sua vida só existe por causa da falecida, um paralelo perfeito do luto coletivo que cercava Atenas por ocasião dos mortos. Tal sofrimento coletivo é como o luto de Admeto: ao mesmo tempo que é sincero e comovente, é hipócrita e enganoso, porque é um ritual cívico, atitude que se espera diante da morte em favor da causa *políade*.

O luto de Admeto, interrompido pela chegada de Hércules, é paralelo ao luto de Atenas interrompido pelo festival Pan-helênico que tem em Hércules um de seus heróis notáveis. E Admeto, triste, mas promotor da celebração, da festa, corresponde à Atenas que celebra as Dionisíacas mesmo diante de seus mortos e muitos reveses. *Alceste* mostra Atenas acolhendo as *póleis* nos festejos dionisíacos mesmo enfrentando uma guerra e o luto, por meio de Admeto, que no enredo recebe Hércules, mesmo estando de luto por causa da morte de sua esposa.

Hércules tem o poder de trazer de volta os mortos e pôr fim ao luto. De igual modo, Atenas, acolhendo toda a Grécia apesar de suas agruras e luto, poderá ser beneficiada pela comunidade pan-helênica. Permitir a realização das Dionisíacas permitiria a Atenas o fim dos conflitos e a possibilidade de extensão da festa, com a inversão de sua ordem de desfavorável para favorável. O alvo da construção discursiva da peça é a audiência, a qual deve notar o papel da socialização festiva para equacionar o desequilíbrio do *oĩkos* provocado pela Guerra do Peloponeso, que abala as relações entre pais e filhos, e entre maridos e mulheres.

A parte que permite uma reflexão indireta a respeito das assembleias é o *kommós* (versos 861-961), o gênero discursivo do lamento. Neste, em que se imprime a dor que o funeral de Alceste evoca,

⁴²⁶ POWELL, A. *Athens and Sparta: Constructing Greek Political and Social History from 478 BC*. Londres: Routledge, 2001, p. 76-77.

⁴²⁷ ARISTOT., *Ath. Pol.* 24.3. Citado por FINLEY, M. "The Fifth Century Athenian Empire: A Balance Sheet." In: GAMSEY, P. D. A.; WHITTAKER, C. R. (eds.). *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 108.

⁴²⁸ MARKANTONATOS, A. *Euripides' Alcestis: Narrative, Myth, and Religion*. Berlim, Boston: De Gruyter, 2013, p. 77, nota 84.

há também a referência a uma série de acontecimentos contemporâneos à encenação da peça em contexto ateniense: doenças que vitimam crianças (verso 882). Em resposta, Admeto afirma:

Ἄδμητος
 φίλοι, γυναικὸς δαίμων' εὐτυχέστερον
 τοῦμοῦ νομίζω, καίπερ οὐ δοκοῦνθ' ὄμως.
 τῆς μὲν γὰρ οὐδὲν ἄλγος ἄψεται ποτε,
 πολλῶν δὲ μόχθων εὐκλεῆς ἐπαύσατο.
 ἐγὼ δ', ὄν οὐ χρῆν ζῆν, παρὲς τὸ μόρσιμον
 λυπρὸν διάξω βίον: ἄρτι μανθάνω.
 πῶς γὰρ δόμων τῶνδ' εἰσόδους ἀνέξομαι;
 τί' ἂν προσειπῶν, τοῦ δὲ προσρηθῆεις ὑπο
 τερπνῆς τύχοιμ' ἂν εἰσόδου; ποῖ τρέψομαι;
 ἢ μὲν γὰρ ἔνδον ἐξελάμ' ἐρημία,
 γυναικὸς εὐνάς εὔτ' ἂν εἰσίδω κενὰς
 θρόνους τ' ἐν οἴσιν ἴζε καὶ κατὰ στέγας
 ἀύχμηρὸν οὔδας, τέκνα δ' ἀμφὶ γούνασι
 πίπτοντα κλαίῃ μητέρ', οἱ δὲ δεσπότην
 στένωσιν οἶαν ἐκ δόμων ἀπώλεσαν.
 τὰ μὲν κατ' οἴκους τοιάδ': ἔξωθεν δέ με
 γάμοι τ' ἐλῶσι Θεσσαλῶν καὶ ξύλλογοι
 γυναικοπληθεῖς: οὐ γὰρ ἐξανέξομαι
 λεύσσων δάμαρτος τῆς ἐμῆς ὁμήλικας.
ἐρεῖ δέ μ' ὅστις ἐχθρὸς ὦν κυρεῖ τάδε:
Ἴδοῦ τὸν αἰσχρῶς ζῶνθ', ὃς οὐκ ἔτλη θανεῖν
ἀλλ' ἦν ἐγνημὲν ἀντιδούς ἀψυχία
πέφευγεν Ἄιδην: κᾶτ' ἀνὴρ εἶναι δοκεῖ;
 συγγεῖ δὲ τοὺς τεκόντας, αὐτὸς οὐ θέλων
 θανεῖν. τοιάνδε πρὸς κακοῖσι κληδόνα
 ἔξω. τί μοι ζῆν δῆτα κέρδιον, φίλοι,
 κακῶς κλύοντι καὶ κακῶς πεπραγότε;

Admeto

Amigos, penso que a sorte da minha mulher
 é mais feliz do que a minha, embora possa não parecer.
 Pois ela nunca será tocada por nenhuma dor
 e terminou seus muitos problemas com glória.
 Mas eu, que não deveria estar vivo e ter escapado ao meu destino,
 agora viverei minha vida com dor.
 Agora eu entendo. Pois como suportarei entrar nesta casa?
 A quem saudarei, por quem serei saudado,
 para ter prazer na minha chegada? Que caminho devo seguir?
 Pois a desolação interior me expulsará de casa
 quando eu vir a cama de minha mulher vazia
 e as cadeiras em que ela se sentou
 e na casa o chão não varrido e as crianças caindo sobre meus joelhos
 chorando por sua mãe, enquanto eles outros
 lamentam a dona da casa que perderam.
 Será assim nas moradas. Mas fora delas,
 casamentos de tessálios e reuniões
 cheias de mulheres me levarão de volta para dentro de casa.
 Pois não serei capaz de suportar a visão de mulheres da idade de minha esposa.
E quem for meu inimigo dirá:
“Olhe para este homem que vive em desgraça! Ele não teve coragem de morrer,
mas por covardia fugiu do Hades, dando sua esposa em seu lugar.
E depois disso podemos considerá-lo um homem?
 Ele odeia seus pais, embora ele mesmo não queira morrer.”

Além de minhas tristezas, terei que suportar esse tipo de reputação.
Que proveito, então, meus amigos, em viver,
já que tanto a minha reputação como a minha fortuna estão tão más? (EUR., *Alc.*
935-961)

Os versos acima, cujo gênero discursivo é um pronunciamento a amigos (verso 935) a respeito da condição do parente morto, com uma cenografia que constitui duas cenas validadas: o falatório depreciativo contra o homem sem coragem e a acusação de *anandria* na forma interrogativa (logo, irônica – versos 954-957). As duas cenas validadas indicam que a morte de Alceste não priva apenas Admeto, como indivíduo, de companhia. Ela também o torna incapaz de participar de outras reuniões sociais (verso 950), e deixa Admeto vulnerável a uma má reputação proveniente de opositores. Não a tirania, ou a monarquia, mas a democracia parece ser sugerida, em que a oposição política visa desabilitar e descredibilizar o orador. Neste contexto, são os amigos o recurso de Admeto (verso 960). Logo, a abordagem da assembleia é indireta, uma crítica sutil às tensões no ambiente poliáde advindas da oposição prévia em ambientes deliberativos em que a reputação tem peso, especialmente a acusação de *anandria*, de falta de coragem/masculinidade.

3.2.3. *Medeia*

Medeia é uma tragédia que coloca em cena a personagem homônima, mulher, meteca, traída e abandonada.⁴²⁹ A peça é encenada em Atenas, uma πόλις com uma grande população de metecos, lugar onde vigora a lei de cidadania de Péricles. Ao colocar em cena uma personagem imbuída de poder retórico, mesmo sendo uma mulher estrangeira abandonada, Eurípides explora aquilo que subjaz nas assembleias, desvelando a atuação concreta do feminino e/ou do que é estrangeiro nos ambientes decisórios atenienses.

O enredo de *Medeia* coloca a protagonista em uma relação conflitiva com seu marido Jasão e com o rei de Corinto Creonte, mas em uma relação harmônica, de mutualidade e de solidariedade com as mulheres coríntias.⁴³⁰ Com estas, *Medeia* expressa seus desígnios, tornando-as cúmplices. Diante

⁴²⁹ LUPPE, W. Ein weiteres Zeugnis für zwei MHΔEIA - Dramen des Euripides. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 173, 2010, p. 15-16.

⁴³⁰ MASTRONARDE, D. J. (ed.). *Euripides: Medea*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 23-24; LEVETT, B. Verbal Autonomy and Verbal Self-Restraint in Euripides' *Medea*. *Classical Philology* 105, 2010, p. 62, nota 47; SHAW, M. The Female Intruder: Women in Fifth-Century Drama. *Classical Philology* 70, 1975, p. 259; KNOX, B. M. W. "The *Medea* of Euripides." In: SEGAL, E. (ed.). *Oxford Readings in Greek Tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 1983, p. 287; LAWRENCE, S. Audience Uncertainty and Euripides' *Medea*. *Hermes* 125, 1997, p. 51; BLONDELL, R.; GAMEL, M.-K.; RABINOWITZ, N. S.; ZWEIG, B. *Women on the Edge: Four Plays by Euripides: Alcestis, Medea, Helen, Iphigenia at Aulis*. New York: Routledge, 1999, p. 155; LUSCHNIG, C. A. E. *Granddaughter of the Sun: A Study of Euripides' Medea*. Leiden: Brill, 2007, p. 22; MOSSMAN, J. (ed.). *Euripides: Medea*. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 6.

daqueles, Medeia atua como oradora que diz coisas suaves enquanto carrega dentro de si pensamentos que deliberam algum mal.⁴³¹ Logo, Medeia assume o *ethos* dos oradores comprometidos com seus próprios interesses no espaço de deliberação pública, as assembleias, obtendo por sua persuasão discursiva o que ela deseja.⁴³² Agindo assim, Medeia consegue convencer o rei de Corinto Creonte a deliberar de forma contrária às suas decisões prévias,⁴³³ mudando a sua vontade,⁴³⁴ subvertendo o seu poder.⁴³⁵ Entre os argumentos de Medeia está a interpelação de que o rei de Corinto não podia ser confundido com um tirano,⁴³⁶ sendo a democracia um valor inerentemente positivo na peça. Ela faz o mesmo com Egeu, rei de Atenas, e com seu marido Jasão.

Há a utilização, por Medeia, de recursos masculinos em ambientes masculinos, recusando-se a ser uma passiva⁴³⁷ diante de seus adversários, aos quais ela elogia⁴³⁸ e usa de ironia⁴³⁹ para vencê-los. Por isso, tem grande importância no enredo a crítica à tirania e elogio à vida entre iguais que é feita nos versos 115-130, cujo gênero discursivo é o lamento, mas que nos versos 119-121 apresenta, em sua cenografia difusa, uma crítica à tirania e um elogio à “vida com os iguais”, típica da democracia:

δεινὰ τυράννων λήματα καί πως
ὀλίγ' ἀρχόμενοι, πολλὰ κρατοῦντες
χαλεπῶς ὀργὰς μεταβάλλουσιν.
τὸ γὰρ εἰθίσθαι ζῆν ἐπ' ἴσοισιν
κρεῖσσον:

Terríveis as vontades dos tiranos e como
são poucos dominados, muito poderosos,
difícilmente aplacam a ira.
Acostumar-se à vida com os iguais
é mais forte. (EUR., *Med.* 119-121)

A crítica da tirania já indicia que a tragédia *Medeia* transporta para a cena a necessidade do embate discursivo, possível apenas onde as deliberações podem ser tomadas e mudadas por meio da palavra. Ao reconhecer neste âmbito a diferença entre cidadãos e não-cidadãos, cuja assimetria exige que o estrangeiro residente se sujeite:

χρὴ δὲ ξένον μὲν κάρτα προσχωρεῖν πόλει:
οὐδ' ἀστὸν ἦνεσ' ὅστις αὐθάδης γεγώς

⁴³¹ EUR., *Med.* 316-317.

⁴³² O próprio Péricles, por exemplo, segundo Tucídides, era capaz de conter a multidão, (THUC. 2.65.8) ou distrair os espíritos de seus ouvintes dos males, convencendo com argumentos e atingindo seus objetivos (THUC. 2.65.1-5). O retrato de Medeia na peça homônima parece refletir a mesma disposição e configuração.

⁴³³ EUR., *Med.* 271-276.

⁴³⁴ EUR., *Med.* 325.

⁴³⁵ O poder de usar guardas cede diante da insistência e argumentos de Medeia. EUR., *Med.* 335.

⁴³⁶ O desejo de não ser um tirano faz Creonte agir contra a própria razão: “*hékista toumòn lêm'éphytyrannikón*” [“a natureza de minha vontade não é a de um tirano”] (EUR., *Med.* 349). [é preferível transcrever a expressão grega]

⁴³⁷ EUR., *Med.* 807-809. Ver: LLOYD, C. The Polis in *Medea*: Urban Attitudes and Euripides' Characterization in “*Medea*”. *The Classical World* 99 (2), 2006, p. 123-124.

⁴³⁸ EUR., *Med.* 875-878.

⁴³⁹ Medeia, em EUR., *Med.* 343, utiliza o vocábulo “*mēchanēsasthai*” [construir] – um prenúncio da *mechané*, seu objeto de fuga. [note que não tem usado na transcrição o critério de indicar as vogais longas]

πικρὸς πολίταις ἐστὶν ἀμαθίας ὕπο.

É necessário ao estrangeiro muito sujeitar-se à *pólis*;
 não aprovo morador da *ásty* que, se tornando obstinado,
 é odioso aos cidadãos por ignorância. (EUR., *Med.* 222-224)

A longa *rhêsis* de Medeia às mulheres coríntias (versos 214-266) é, em seu gênero discursivo, um pedido de auxílio, cuja resposta é positiva (verso 267). No trecho destacado (versos 222-224), o pronunciamento sobre o que é adequado ao estrangeiro residente visa obter a simpatia das interlocutoras, além de indicar a autoconsciência da personagem de sua condição política. Isso reforça o descompasso entre a Medeia que deseja se submeter às mulheres, e a Medeia que procura persuadir os homens. A peça, portanto, mesmo não colocando a assembleia em cena, parece operar a partir da consideração de sua existência em contexto ateniense, pois tanto a capacidade de persuasão quanto os direitos de cidadania e comportamentos esperados de cada grupo são descritos. Ao mesmo tempo, Medeia, ao deliberar transitar em ambiente público e cônica de que tal ação constitui uma inadequação (versos 214-215), ela faz-o para denunciar a hostilidade que ela sofre, e que sofrem outros que são, com ela, dotados de sabedoria. Ao mesmo tempo, ela se declara a Creonte não-sábia, mesmo utilizando recursos discursivos que indiquem ser ela apta para discussões e deliberações:

Μήδεια
 φεῦ φεῦ.
 οὐ νῦν με πρῶτον ἀλλὰ πολλάκις, Κρέον,
 ἔβλαψε δόξα μεγάλα τ' εἴργασται κακά.
 χρὴ δ' οὔποθ' ὅστις ἀρτίφρων πέφυκ' ἀνήρ
 παίδας περισσῶς ἐκιδάσκεισθαι σοφούς:
 χωρὶς γὰρ ἄλλης ἧς ἔχουσιν ἀργίας
 φθόνον πρὸς ἀστῶν ἀλφάνουσι δυσμενῆ.
 σκαιοῖσι μὲν γὰρ καινὰ προσφέρων σοφὰ
 δόξεις ἀχρεῖος κού σοφὸς πεφυκέναι:
 τῶν δ' αὖ δοκούντων εἰδέναι τι ποικίλον
 κρείσσω νομισθεῖς ἐν πόλει λυπρὸς φανῆ.
 ἐγὼ δὲ καυτῆ τῆσδε κοινωνῶ τύχης:
 σοφὴ γὰρ οὔσα, τοῖς μὲν εἰμ' ἐπίφθονος,
 [τοῖς δ' ἡσυχαία, τοῖς δὲ θατέρου τρόπου,
 τοῖς δ' αὖ προσάντης: εἰμὶ δ' οὐκ ἄγαν σοφή,]

Medeia
Pheû pheû.
 Agora não é a primeira, mas muitas vezes, Creonte,
 que a opinião atrapalhou muito, trabalhou mal.
 É necessário que um homem sensato nunca produza
 filhos extraordinários educados por sábios.
 Pois além de terem outra acusação de ociosidade
 dos moradores da *ásty* trazem hostilidade.
 Pois levando aos tolos novas coisas sábias
 será considerado produtor inútil e não sábio;
 ainda, se consideram saber algo complexo,
 parecerá mais forte do que o considerado pela *pólis* miserável.
 Eu mesmo sou uma participante desta sorte;

pois sendo sábia, para eles sou sujeita a inveja,
[para outros calma, para outros o contrário,
para outros ainda hostil, não sou muito sábia.] (EUR., *Med.* 292-305)

Os versos 292 a 315 têm o gênero discursivo da defesa: ela está explicando a fama que carrega, e que motivou o procedimento investigatório e deliberação de Creonte (versos 282-291). No âmbito da defesa no processo de banimento, Medeia utiliza em seu proveito a cenografia da acusação: ela denuncia que os cidadãos que julgam as ações são tolos (versos 298-299), pressupondo ser o ambiente coletivo de deliberação a partir de propostas (ou seja, a assembleia), um ambiente de opiniões difusas e caracterizado pela volatilidade, diversidade e ciúme (verso 303). A isso se opõe Jasão, que na sua *rhêsis* cujo gênero discursivo é o discurso oratório, começa sua fala com a expressão “parece bem” no verso 522, utiliza a metáfora da *pólis* como uma nau no verso 533, e destaca a existência da lei, lançando contra Medeia sua condição de bárbara:

πρῶτον μὲν Ἑλλάδ’ ἀντὶ βαρβάρου χθονὸς
γαῖαν κατοικεῖς καὶ δίκην ἐπίστασαι
νόμοις τε χρῆσθαι μὴ πρὸς ἰσχύος χάριν:

Em primeiro lugar, entre gregos e não no país da terra bárbara
moras e conheces justiça
pelas leis sem ter a necessidade do favor da força. (EUR., *Med.* 536-538)

Observa-se uma diglossia operando na tragédia *Medeia*: Jasão louva a ordem democrática, ainda que ele viva em uma tirania que utiliza a deliberação autocrática e o uso da força para cumprir a sua vontade e a vontade do rei de Corinto. Ao mesmo tempo, Medeia usa os instrumentos da democracia: a deliberação dialética, sob os auspícios da persuasão; e a acusação de suas falhas. Por isso, a tragédia *Medeia* apresenta uma reflexão sobre justiça, democracia, vingança e persuasão - Medeia, a meteca bárbara, pleiteia a punição de oradores injustos (o que é, de certa forma, uma denúncia de que existe injustiça promovida por oradores):

ἐμοὶ γὰρ ὅστις ἄδικος ὦν σοφὸς λέγειν
πέφυκε, πλείστην ζημίαν ὀφλισκάνει:

Pois para mim o que é injusto tendo produzido
sábio falar, está condenado à máxima punição. (EUR., *Med.* 580-581)

Medeia indica em sua fala (versos 579-587), cujo gênero discursivo é o discurso oratório, que a ordem políade deveria prever uma punição aos oradores hábeis, mas injustos. Os versos destacados (versos 580-581) acabam funcionando como uma proposta de legislação e se relacionam com o contexto de enunciação, em que a existência na Atenas democrática de demagogos, sicofantas e adeptos da ruptura democrática em favor de seus próprios interesses constitui, em suma, uma

abertura para a injustiça.⁴⁴⁰ Logo, a referência à assembleia em Medeia é indireta, sendo mencionado o ambiente decisório, pressuposto o jogo discursivo que estabelece a deliberação e feita a crítica à assembleia se dá pela alusão à decisão impensada contra estrangeiros residentes ou não. A peça, ao colocar Medeia como crítica da injustiça, mostra o esforço e a influência de estrangeiros residentes e mulheres por meio de estratégias de persuasão.

3.2.4. *Heraclidas*

Heraclidas é a tragédia de Eurípides mais curta (1055 versos),⁴⁴¹ sendo uma das três tragédias euripidianas supérstites relacionadas direta ou indiretamente a Hércules, herói pan-helênico.⁴⁴² Na tragédia, a morte de Hércules deixa os seus filhos à mercê da violência de Euristeu. Porém, o apoio de Demofonte, rei de Atenas e filho de Teseu, faz com que eles sejam acolhidos. O Coro da peça é composto pelos cidadãos de Maratona. As evidências dos metros utilizados na peça apontam que ela foi encenada após 430 a.C., logo após o início da Guerra do Peloponeso em 431 a.C.

Heraclidas é um dos ‘dramas patrióticos’, um encômio a Atenas⁴⁴³ que indica, em um contexto de conflito entre Atenas e Esparta, a proteção a Atenas contra futuros ataques de descendentes heraclidas (versos 1037-1044). Atenas é mencionada mais de setenta vezes na peça, incluindo sete vezes pelo nome. A peça também exalta os atenienses hospitaleiros, repetindo um argumento comum na literatura grega,⁴⁴⁴ sendo Atenas ilustre (verso 39), grande (versos 359-360), generosa (versos 379-380), que socorre amigos (versos 330-333).⁴⁴⁵

É no párodo de *Heraclidas* (versos 73-110) que o Coro entra em cena mantendo com Iolau e com o Arauto um diálogo urgente a respeito da necessidade de proteção. No contexto de enunciação

⁴⁴⁰ Do mesmo modo que Odisseu, orador constantemente citado por Eurípides, narra mentiras que se assemelham à verdade (HOM., Od. 19.203), há oradores que enganam a audiência. Ainda há os que fazem discursos vagos e imprecisos para não serem refutados, que contam mentiras sob juramento, que dizem saber o que nunca acontecerá, imitando aqueles que dizem a verdade, como Ésquines denuncia ser o caso de Demóstenes (AESCH. 3.99). Ver ainda: BOWIE, E. L. “Lies, Fiction and Slander in Early Greek Poetry”. In: GILL, C.; WISEMAN, T. P. (eds.). *Lies and Fiction in the Ancient World*. Exeter: University of Exeter Press, 1993, p. 1-37. Ver também: TODD, R. “The use and abuse of the Attic Orators”. *Greece & Rome* 37 (2), 1990, p. 159-178.

⁴⁴¹ CSAPO, E. “Later Euripidean Music.” In: CROPP, M. J.; LEE, K.; SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Urbana-Champaign: Stipes Publishing, 1999-2000, p. 399-426 (especialmente, p. 410).

⁴⁴² São elas *Hércules*, *Heraclidas* e *Alceste*.

⁴⁴³ São consideradas peças políticas *Heráclidas*, *Andrômaca*, *Hécuba*, *Suplicantes* e *Troianas*. Ver: ZUNTZ, G. *The Political Plays of Euripides*. Manchester: Manchester University Press, 1955; DELEBECQUE, E. *Euripide et la Guerre du Péloponnèse*. Paris: C. Klincksieck, 1951; GOOSSENS, R. *Euripide et Athènes*. Bruxelles: Palais des Académies, 1962; POHLENZ, M. *La Tragedia Greca*. Brescia: Paideia Editrice, 1978, p. 426.

⁴⁴⁴ Ver, por exemplo: Ar., *Lys.* 580; Ar., *Pax* 296-298; Ar., *Ach.* 508; Xen., *Hell.* 6.1.3.

⁴⁴⁵ SILVA, B. M. da. A democracia ateniense e o ideal de liberdade na obra *Os Heraclidas*, de Eurípides. *Faces da História* 4 (2), 2017, p. 42-57.

e no enredo peça, a assembleia de Atenas o órgão decisório que, ouvindo suplicantes, pode decidir pela sua proteção:

Ἰόλαος
Ἡρακλέους οἴδ' εἰσὶ παῖδες, ὧ ξένοι,
ικέται σέθεν τε καὶ πόλεως ἀφιγμένοι.

Χορός
τί χρέος; ἦ λόγων πόλεος, ἔνεπέ μοι, μελόμενοι τυχεῖν;

Ἰόλαος
μήτ' ἐκδοθῆναι μήτε πρὸς βίαν θεῶν
τῶν σῶν ἀποσπασθέντες εἰς Ἄργος μολεῖν.

Iolau
Ó anfitriões,⁴⁴⁶ estes são os filhos de Hércules,
vindos como suplicantes teus e também da *pólis*.

Coro
Qual é a sua missão? Para ganhar o direito de se dirigir à *pólis*?

Iolau
Pedimos para não nos rendermos, para não sermos
arrastados contra a vontade de seus deuses para Argos. (EUR., *Heracl.* 93-97)

Ainda que Iolau apresente os filhos de Hércules como suplicantes, o gênero discursivo de todo o diálogo é o da petição, em que a cenografia passa da apresentação dos petionários (versos 93-94), à interrogação a respeito da base legal do pleito (verso 95) e ao apelo ao caráter sagrado da demanda (versos 96-97). Neste contexto, o elogio à assembleia governa a primeira parte da peça, em que, no primeiro episódio (versos 111-352), o rei de Atenas, Demofonte, filho de Teseu, é alguém que respeita a *xenía* e os protegidos dos deuses (versos 111-115). A voz que critica a iniciativa pertence ao arauto argólida, que lança diante do gestor público a ideia de que a *pólis* pode se prejudicar caso delibere equivocadamente:

ἦ κακὸν λόγον
κτῆσι πρὸς ἀστῶν, εἰ γέροντος οὔνεκα,
τύμβου, τὸ μηδὲν ὄντος, ὡς εἰπεῖν ἔπος,
παίδων <τε> τῶνδ' ἐς ἄντλον ἐμβήση πόδα:

Mau conceito
terás diante moradores da *ásty*, se por um velho,
de tumba, o que é nada, como se diz,
desses jovens, tu colocares o seu pé na lama. (EUR., *Heracl.* 165-168)

A fala do arauto, cujo gênero discursivo é a petição, apresenta na cenografia o conselho para que o rei sequer leve à assembleia a causa dos filhos de Hércules. Mas Atenas está disposta à paz ou à guerra, e o segundo episódio (versos 381-607) contém uma passagem cujo gênero discursivo é um

⁴⁴⁶ O termo grego traduzido por “anfitriões” é ξένοι – aquele que pratica a *xenía*. Ver a nota 333.

pedido, cuja cenografia parte daquilo que pode ser visto (verso 411), o que será visto (verso 416) e o pedido propriamente dito, com justificativa (versos 420-424). É nesta última parte que Demofonte fala indiretamente sobre a democracia,⁴⁴⁷ em que decisões envolvem opiniões diversas, risco de guerra civil e desgaste político para o rei:

Δημοφῶν
 ἐγὼ δ' ἔχω μὲν, ὡς ὀρθῶς, προθυμίαν
 τοσήνδ' ἐς ὑμᾶς: παῖδα δ' οὔτ' ἐμὴν κτενῶ
 οὔτ' ἄλλον ἀστῶν τῶν ἐμῶν ἀναγκάσω
 ἄκονθ': ἐκὼν δὲ τίς κακῶς οὔτω φρονεῖ,
 ὅστις τὰ φίλτατ' ἐκ χειρῶν δώσει τέκνα;
 καὶ νῦν πυκνάς ἄν συστάσεις ἄν εἰσίδοις,
 τῶν μὲν λεγόντων ὡς δίκαιον ἦν ξένοις
 ἰκέταις ἀρήγειν, τῶν δὲ μωρίαν ἐμοῦ
 κατηγορούντων: εἰ δὲ δὴ δράσω τόδε,
 οἰκεῖος ἤδη πόλεμος ἐξαρτύεται.
 ταῦτ' οὔν ὄρα σὺ καὶ συνεξεύρισχ' ὅπως
 αὐτοί τε σωθήσεσθε καὶ πέδον τόδε,
 κἀγὼ πολίταις μὴ διαβληθήσομαι.
 οὐ γὰρ τυραννίδ' ὥστε βαρβάρων ἔχω:
 ἀλλ', ἦν δίκαια δρῶ, δίκαια πείσομαι.

Χορός
 ἀλλ' ἦ πρόθυμον οὔσαν οὐκ ἐᾷ θεὸς
 ξένοις ἀρήγειν τήνδε χρῆζουσιν πόλιν;

Demofonte
 Como vês, estou muito ansioso
 por ajudá-lo, mas não matarei a minha própria filha
 nem obrigarei um dos meus cidadãos a fazê-lo
 contra a sua vontade; própria vontade
 de uma criança que ele ama acima de tudo?
 Agora verás assembleias lotadas,
 alguns sustentando que era justo proteger estrangeiros que são suplicantes,
 enquanto outros me acusam de insensatez.
 Se eu fizer o que me mandam,
 a guerra civil vai estourar.
 Portanto, considere estes fatos e junte-se a mim
 para descobrir como vocês mesmos podem ser salvos e esta terra também,
 e como eu não posso ser enganado aos olhos dos cidadãos.
 Não tenho uma monarquia como a dos bárbaros:
 só se fizer o que é justo serei tratado com justiça.

Coro
 Mas será que o deus proíbe mesmo esta cidade de proteger os estrangeiros,⁴⁴⁸
 embora ela queira fazê-lo e eles precisem da sua ajuda? (EUR., *Heracl.* 411-426)

⁴⁴⁷ WEST, M. L. "King and demos in Aeschylus." In: CAIRNS, D.; LIAPIS, V. (eds.). *Dionysalexandros: Essays on Aeschylus and his Fellow Tragedians: In Honour of Alexander F. Garvie*. Swansea: Classical Press of Wales, 2006, p. 31-40.; CARTER, D. M. Was Attic Tragedy Democratic? *Polis* 2, 2004, p. 1-25; PODLECKI, A. J. "Polis and Monarch in Early Attic tragedy." In: EUBEN, J. P. (ed.). *Greek Tragedy and Political Theory*. Berkeley: University of California Press, 1986, p. 76-100.

⁴⁴⁸ Há, aqui, uma certa ambiguidade entre o ato estranho de proteger os estrangeiros; e a possibilidade de isso acontecer.

Demofonte demonstra previamente quais serão os impactos de sua decisão de acolher os suplicantes, mas ele demonstra disposição para correr perigo para acolher suplicantes estrangeiros. Há, por outro lado, a voz da suplicante, que reconhece o risco, questiona a necessidade de debates em torno da necessidade de acolhimento de suplicantes (versos 425-426) e se dispõe (um dos suplicantes, Macária) a se sacrificar para salvar os seus salvadores:

εἰ πόλις μὲν ἀξιοῖ
κίνδυνον ἡμῶν οὐνεκ' αἴρεσθαι μέγαν,
αὐτοὶ δὲ προστιθέντες ἄλλοισιν πόνους,
παρόν σφε σῶσαι, φευξόμεσθα μὴ θανεῖν;

Se esta *pólis* considera
correr grande perigo por nossa conta,
nós mesmos, impondo males a outros,
podendo salvá-la, fugiremos da morte?" (EUR., *Heracl.* 503-506)

A passagem cujo gênero discursivo é o discurso de compromisso, apresenta dois movimentos em sua cenografia: a indicação introduzida pela conjunção condicional εἰ de que há a possibilidade de Atenas correr risco por causa dos suplicantes; e o compromisso de Macária de morrer, juntamente com os demais suplicantes, pela *pólis* que corre risco ao protegê-los. Isso indicando a sinergia entre as deliberações da assembleia que respeitam a *xenía*, e as *práxeis* dos beneficiados. Essa sinergia se estendeu ao ancião Iolau, que partiu para a guerra, mesmo sendo um ancião, em uma cena de armamento semelhante à homérica⁴⁴⁹ *topos* literário típico de quando idosos guerreiam.⁴⁵⁰

A crítica à assembleia, que se mostra dividida e reticente a deliberar o óbvio, consoante à lei divina, é reforçada quando Euristeu, o adversário, acaba prisioneiro. Alcmene exige a sua morte (verso 958), mas a decisão está nas mãos da assembleia ateniense, que sabe da insistência de Alcmene em matá-lo (versos 1045-1052). Porém, as convenções legais atenienses citadas na peça preceituam a manutenção da vida das pessoas capturadas na guerra:

Ἀλκμήνη: ἄλλως ἄρ' αὐτὸν αἰχμάλωτον εἴλομεν.
<Θεράπων>: <ἄλλως, κατακτανεῖν νιν εἰ πρόθυμος εἶ.>
Ἀλκμήνη: εἴργει δὲ δὴ τίς τόνδε μὴ θνήσκειν νόμος;
Θεράπων: τοῖς τῆσδε χώρας προστάταισιν οὐ δοκεῖ.
Ἀλκμήνη: τί δὴ τόδ'; ἐχθροὺς τοισίδ' οὐ καλὸν κτανεῖν;
Θεράπων: οὐχ ὄντιν' ἂν γε ζῶνθ' ἔλωσιν ἐν μάχῃ.

Alcmene: É à toa que o fizemos prisioneiro?
<Servo>: <Por nada, se matá-lo for o seu desejo.>
Alcmene: Mas que lei é essa que impede que ele seja morto?
Servo: É contrário à vontade daqueles que governam esta terra.
Alcmene: Qual é o significado disto? Para eles, não é belo matar inimigos?
Servo: Não a um inimigo que eles levaram vivo em batalha. (EUR., *Heracl.* 962-966)

⁴⁴⁹ WILKINS, J. *Euripides: Heraclidae*. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 142.

⁴⁵⁰ Hom., *Il.* 22.71-76; Tirteu, fragmento 10 West; Mimnermo, fragmento 13 West

O gênero discursivo aqui é o informe e contestação. O interrogatório é a cenografia, sendo o interlocutor o servo, mas o alvo a assembleia ateniense. Alcmena questiona e ao mesmo tempo reconhece estar ultrapassando a medida da ação feminina:

Ἀλκμήνη
 φιλῶ πόλιν τήνδ': οὐδέν ἀντιλεκτέον:
 τοῦτον δ', ἐπεὶ περ χεῖρας ἦλθεν εἰς ἐμάς,
 οὐκ ἔστι θνητῶν ὅστις ἐξαιρήσεται.
 πρὸς ταῦτα τὴν θρασεῖαν ὅστις ἂν θέλῃ
 καὶ τὴν φρονοῦσαν μείζον ἢ γυναῖκα χρὴ
 λέξει: τὸ δ' ἔργον τοῦτ' ἐμοὶ πεπράξεται.

Alcmena
 Amo esta *pólis*, ninguém me dirá que não,
 mas este homem, que caiu nas minhas mãos,
 não há mortal que o salve.
 Em vista disso, quem quiser pode me chamar de 'impudente'
 ou 'orgulhoso demais para a propriedade de uma mulher':
 este é um feito que vou realizar! (EUR., *Heracl.* 975-980)

Euristeu reage enunciando um oráculo, cuja cenografia vai do elogio ao respeito da *pólis* às leis imbuídas de valor religioso (EUR., *Heracl.* 1012-1017). Porém, cômico de que a disposição de Alcmena é matá-lo, e sabedor da anuência dos anciãos, ele não só aceita, como indica que isso redundará na extensão do conflito:

Ἐυρυσθεύς
 κτεῖν', οὐ παραιτοῦμαί σε: τήνδε δὲ πτόλιν,
 ἐπεὶ μ' ἀφῆκε καὶ κατηδέσθη κτανεῖν,
 χρησμῶ παλαιῷ Λοξίου δωρήσομαι,
 ὃς ὠφελήσει μείζον ἢ δοκεῖ χρόνῳ.
 θανόντα γὰρ με θάψεθ' οὗ τὸ μόρσιμον,
 δίας πάροιθε παρθένου Παλληνίδος:
 καὶ σοὶ μὲν εὔνους καὶ πόλει σωτήριος
 μέτοικος αἰεὶ κείσομαι κατὰ χθονός,
 τοῖς τῶνδε δ' ἐκγόνοισι πολεμιώτατος,
 ὅταν μὲν λωσι δεῦρο σὺν πολλῇ χειρὶ
 χάριν προδόντες τήνδε. τοιούτων ξένων
 προύστητε. πῶς οὖν ταῦτ' ἐγὼ πεπυσμένος
 δεῦρ' ἦλθον, ἀλλ' οὐ χρησμὸν ἠζόμεν θεοῦ;
 Ἦραν νομίζων θεσφάτων κρείσσω πολὺ
 κοῦκ ἂν προδοῦναί μ'. ἀλλὰ μήτε μοι χοῶς
 μήθ' αἴμ' ἐάσητ' εἰς ἐμόν στάξαι τάφον.
 κακὸν γὰρ αὐτοῖς νόστον ἀντὶ τῶνδ' ἐγὼ
 δώσω: διπλοῦν δὲ κέρδος ἔξετ' ἐξ ἐμοῦ:
 ὑμᾶς τ' ὀνήσω τούσδε τε βλάψω θανόν.

Euristeu
 Mata-me, eu não te imploro não fazer. Mas esta *pólis*,
 já que ela me libertou e não quis me matar,
 eu darei de presente um antigo oráculo de Lóxias,
 um oráculo que fará um bem maior do que parece.
 Pois me enterrarás no lugar a que eu estava destinado a deitar,
 diante do santuário da divina donzela, Atena Palene,
 e para ti gentio e meteco salvador da *pólis*

sempre serei, deitado debaixo da terra,
 inimicíssimo aos descendentes deles,
 quando eles vêm aqui com muitas mãos,
 traindo a bondade que mostraste a eles. Tais hóspedes⁴⁵¹
 protegeste. Como então, você perguntará, eu vim aqui
 quando eu sabia dessas coisas, em vez de respeitar o oráculo do deus?
 Foi porque pensei que Hera era muito maior que os oráculos
 e não me trairia. Mas não permitis que libações
 ou o sangue das vítimas pinguem em meu túmulo.
 Pois em troca disso lhes darei uma desastrosa volta ao lar.
 E vós tereis um duplo lucro de mim: morrendo eu trarei benefício para vós e dano
 para eles. (EUR., *Heracl.* 1026-1038)

A decisão da urbe de não punir com a morte o adversário capturado se torna alvo de debate sobre obediência. *Heraclidas* destaca o ambiente dividido e não convicto das assembleias em torno de leis sagradas, e mostra que nem sempre a decisão tomada é realizada. A parte final da peça sai do consenso em torno de decisões que coincidem com a lei para um jogo de influência que envolve uma mulher estrangeira acolhida como suplicante, um homem feito prisioneiro e anciãos que nem à guerra foram, mas são decisivos. As críticas à assembleia são: a desobediência às leis sagradas e a limitação de seu poder diante da contrariedade de pessoas influentes.

3.2.5. Hipólito

Hipólito, também chamada de *Hipólito Stephanéphoros* (“*Hipólito Portador de Coroa*”), obteve o primeiro lugar no concurso trágico⁴⁵² ao abordar o frágil equilíbrio entre Afrodite e Ártemis, e o que acontece quando Afrodite é desprezada.⁴⁵³ Em vez de evitar apenas casos amorosos ou casamentos com estrangeiras ou escravas,⁴⁵⁴ Hipólito, ao rejeitar Afrodite, da corpo a uma negação do estereótipo da masculinização.⁴⁵⁵ Isso desperta o desejo de sua madrasta Fedra por ele.⁴⁵⁶

⁴⁵¹ Aqui, mais uma vez, alude-se à *xenia*.

⁴⁵² BARRETT, W. S. *Euripides*. Hippolytus. Oxford: Oxford University Press, 1964, p. 10-15; HALLERAN, M. R. *Euripides*. Hippolytus. Warminster: Aris & Philips, 1995, p. 25-37; LOURENÇO, F. *Eurípides*. Hipólito. Lisboa. Colibri, 1993, p. 11- 14.

⁴⁵³ FERGUSON, J. *A Companion to Greek Tragedy*. Austin: University of Texas Press, 1972, p. 279-280.

⁴⁵⁴ LAPE, S.; MORENO, A. “Comedy and the Social Historian.” In: REVERMANN, M. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek Comedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 336-369 (especialmente, p. 359).

⁴⁵⁵ CAWTHORN, K. *Becoming Female: The Male Body in Greek Tragedy*. Londres: Duckworth, 2008, p. 89.

⁴⁵⁶ Sobre as heranças sexuais de Hipólito e Fedra, ver: FERGUSON, J. *A Companion to Greek Tragedy*. Austin: University of Texas Press, 1972, p. 282-283. Sobre a negação dos deuses por Hipólito (e Penteu), ver: POWERS, M. *Athenian Tragedy in Performance: A Guide to Contemporary Studies and Historical Debates*. Iowa: University of Iowa Press, 2014, p. 104. Sobre a repressão da sexualidade de Hipólito e a sua permanência na selva, espaço não-civilizado ao qual ele pertence por suas origens amazonas, ver: SEGAL, C. Pentheus and Hippolytus on the Couch and on the Grid: Psychoanalytic and Structuralist Readings of Greek Tragedy. *The Classical World* 72 (3), 1978, p. 129-148 (especialmente, p. 133).

A peça não aborda assembleias, a não ser indiretamente, ao abordar o *status* de Hipólito, um bastardo, e indicar que ele exerce Influência junto aos cidadãos:

ὁ γάρ με Θησέως παῖς, Ἀμαζόνος τόκος,
Ἴππόλυτος, ἀγνοῦ Πιτθέως παιδεύματα,
μόνος πολιτῶν τῆσδε γῆς Τροζηνίας
λέγει κακίστην δαιμόνων πεφυκέναι:
ἀναίνεται δὲ λέκτρα κού ψαύει γάμων,
Φοίβου δ' ἀδελφὴν Ἄρτεμιν, Διὸς κόρην,
τιμᾶ, μεγίστην δαιμόνων ἡγούμενος,
χλωρὰν δ' ἀν' ὕλην παρθένω ξυνὼν ἀεὶ
κυσὶν ταχείαις θῆρας ἐξαιρεῖ χθονός,
μείζω βροτείας προσπεσῶν ὁμιλίας.

Hipólito, filho de Teseu com a amazona
e tutelado do santo Piteu,
o único entre os cidadãos desta terra de Trezena,
diz que sou a mais vil das divindades.
Ele evita o leito do amor e não contrai núpcias,
mas homenageia a irmã de Apolo, Ártemis, filha de Zeus,
considerando-a a maior das divindades,
na floresta verde, sempre consorte da deusa donzela,
ele limpa a terra das feras com seus cães velozes
e ganhou uma companhia maior que a mortal. (EUR., *Hipp.* 10-19)

O gênero discursivo utilizado aqui é o proêmio trágico, que via de regra utiliza referências que ajudem na compreensão do enredo. Porém, o início do proêmio apresenta em sua cenografia a denúncia qualificada: Hipólito é filho de Teseu com a amazona, um bastardo com vínculo com as inimigas míticas dos atenienses. Logo, ao que parece, a influência dos *nóthoi* sobre os cidadãos da *pólis* parece estar no âmago da crítica:

μὰ τὴν ἄνασσαν ἰππίαν Ἀμαζόνα,
ἢ σοῖς τέκνοισι δεσπότην ἐγείνατο
νόθον φρονοῦντα γνήσι', οἷσθ' ἀ νιν καλῶς,
Ἴππόλυτον...

Ó, a rainha equestre das Amazonas,
que teve um mestre para governar seus filhos, gerou
um bastardo [*nóthos*] que se pensa legítimo, sabes bem,
Hipólito... (EUR., *Hipp.* 307-310)

Tais versos são parte da fala da nutriz (versos 284-309), cujo gênero discursivo é o compromisso de sigilo. Dentro do compromisso, há a denúncia de que Hipólito é um *nóthos* que age como se fosse um filho legítimo (*gnésios*). O exílio de Hipólito, ordenado por seu pai, se relaciona com o ostracismo do próprio Teseu, que pressupôs uma reunião da assembleia para tomar essa decisão:

ἐπεὶ δὲ Θησεὺς Κεκροπίαν λείπει χθόνα
μῖασμα φεύγων αἵματος Παλλαντιδῶν
καὶ τήνδε σὺν δάμαρτι ναυστολεῖ χθόνα,
ἐνιαυσίαν ἔκδημον αἰνέσας φυγὴν,
ἐνταῦθα δὴ στένουσα κάκπεπληγμένη

κέντροις ἔρωτος ἢ τάλαιν' ἀπόλλυται
σιγῇ, ξύνοιδε δ' οὔτις οἰκετῶν νόσον.

Mas desde que Teseu deixou a terra de Cécrope,
fugindo do miasma do sangue dos Palântidas,
e navegou com sua esposa para esta terra,
consentindo com um ano de exílio de sua casa,
aqui mesmo, gemendo e abalada
pelo aguilhão do amor, a miserável morreu
em silêncio, e ninguém de sua casa sabe de sua doença. (EUR., *Hipp.* 34-40)

Se a morte dos Palântidas provocou o ostracismo de Teseu, a morte de Fedra provocou o ostracismo de Hipólito, que foi decidido por Teseu, mas que envolve o fim de sua homosocialização com os jovens atenienses:

Ἴππόλυτος
ἄραρεν, ὡς ἔοικεν: ὦ τάλας ἐγώ:
ὡς οἶδα μὲν ταῦτ', οἶδα δ' οὐχ ὅπως φράσω.
ὦ φιλότατη μοι δαιμόνων Λητοῦς κόρη,
σύνθακε, συγκύναγε, φευξούμεσθα δὴ
κλεινάς Ἀθήνας. ἀλλὰ χαιρέτω πόλις
καὶ γὰρ Ἐρεχθέως: ὦ πέδον Τροζήνιον,
ὡς ἐγκαθηβᾶν πόλλ' ἔχεις εὐδαίμονα,
χαῖρ': ὕστατον γάρ σ' εἰσορῶν προσφθέγγομαι.
ἴτ' ὦ νέοι μοι τῆσδε γῆς ὀμήλικες,
προσεῖπαθ' ἡμᾶς καὶ προπέμψατε χθονός:
ὡς οὔποτ' ἄλλον ἄνδρα σωφρονέστερον
ὄψεσθε, κεῖ μὴ ταῦτ' ἐμῶ δοκεῖ πατρί.

Hipólito
A sentença é fixa, ao que parece. Oh, como sou azarado,
visto que sei a verdade, mas não como posso contá-la!
Ó, mais querida para mim dos deuses, filha de Leto,
contigo me sentei, cacei, deixarei como exilado
a gloriosa Atenas. Agora adeus, *pólis*
e terra de Erecteu! Ó solo de Trezena,
tens muitas coisas felizes, como ter juventude!
Adeus: pois é meu último olhar para ti e minha última saudação!
Venham, meus companheiros de idade desta terra,
digam-me adeus e mandem-me embora desta terra,
de modo que nunca vereis homem mais casto do que eu,
ainda que para meu pai não pareça. (EUR., *Hipp.* 1090-1101)

O gênero discursivo dos versos da cena é a sentença, em que a decisão de Teseu é monocrática e tirânica. Ao mesmo tempo, ela insiste no tema do exilamento, que é próprio, no contexto de enunciação, da assembleia, que delibera informada por denunciante. Logo, a cenografia dos versos 1090-1091 parece discutir os erros da assembleia que decide o exilamento ouvindo as denúncias, mas a denúncia é falsa e o *nóthos* não pode se pronunciar para desfazer o equívoco. Portanto, como é costumeiro em Eurípides, há dois movimentos de ostracismo: um ajustado à lei, o exílio de Teseu; e outro à revelia dos fatos, o exílio de Hipólito.

O debate da peça se dá, em relação à democracia e às deliberações da assembleia, em torno do tema do ostracismo, e dos motivos plausíveis e justos para despedir alguém do contexto políade, e o falso testemunho que motiva as deliberações. A audiência tem a oportunidade de refletir sobre os efeitos das deliberações açodadas e motivadas pelo *páthos*, temática que é aprofundada na intervenção de Ártemis. Em sua fala, que recorre ao gênero discursivo da reprovação, utiliza entre as cenografias a necessidade de deliberar consultando vates, aguardando o tempo para que a decisão não seja precipitada:

Ἄρτεμις
 δάκνει σε, Θησεῦ, μῦθος; ἀλλ' ἔχ' ἤσυχος,
 τοῦνθένδ' ἀκούσας ὡς ἂν οἰμώξης πλέον.
 ἄρ' οἴσθα πατρὸς τρεῖς ἀράς ἔχων σαφεῖς;
 ὦν τὴν μίαν παρεῖλες, ὦ κάκιστε σύ,
 ἐς παῖδα τὸν σόν, ἐξὸν εἰς ἐχθρόν τινα.
 πατήρ μὲν οὔν σοι πόντιος φρονῶν καλῶς
 ἔδωχ' ὅσονπερ χρῆν, ἐπεῖπερ ἦνεσεν:
 σὺ δ' ἔν τ' ἐκείνῳ κὰν ἐμοὶ φαίνῃ κακός,
 ὃς οὔτε πίστιν οὔτε μάντεων ὅπα
 ἔμεινας, οὐκ ἤλεγξας, οὐ χρόνῳ μακρῷ
 σκέψιν παρέσχες, ἀλλὰ θᾶσσον ἢ σ' ἐχρῆν
 ἀράς ἀφῆκας παιδί καὶ κατέκτανες.

Ártemis
 Esta história o magoa, Teseu? Mas cala-te,
 para que tu ouças a sequela e gemas ainda mais.
 Sabes que possuis três maldições confiáveis de teu pai?
 Uma dessas tomaste, ó homem vil,
 contra teu filho quando poderias usá-la contra um inimigo.
 Teu pai, o senhor do mar, gentil como era contigo,
 deu o que era necessário, visto que havia feito essa promessa. Mas perante ele e
 perante os meus és vil,
 porque não esperaste nem pela confirmação nem pela palavra
 de um profeta, não provaste, nem ao grande tempo
 investigaste, mas mais precipitadamente do que devias,
 lançaste a maldição sobre o filho e o mataste. (EUR., *Hipp.* 1313-1324)

Teseu é, portanto, a personagem que aglutina em si aquilo que pertence ao ambiente coletivo, a multidão política que pretende regular comportamentos e tecer juízos, mas que constrói sua opinião a partir do que toma conhecimento e delibera a partir das aparências. A peça chega a colocar em questão a habilidade retórica como um instrumento que não executa nem a justiça, nem revela maior sabedoria, ou fidelidade à *philia*. Hipólito indica isso no trecho que segue, cujo gênero discursivo é o da defesa, e que será mal-sucedida:

Ἴππόλυτος
 πάτερ, μένος μὲν ξύντασίς τε σῶν φρενῶν
 δεινή: τὸ μέντοι πρᾶγμ', ἔχον καλοὺς λόγους,
 985εἴ τις διαπτύξειεν οὐ καλὸν τόδε.
 ἐγὼ δ' ἄκομψος εἰς ὄχλον δοῦναι λόγον,
 ἐς ἡλικας δὲ κώλίγους σοφώτερος:
 ἔχει δὲ μοῖραν καὶ τόδ': οἱ γὰρ ἐν σοφοῖς

φαῦλοι παρ' ὄχλω μουσικώτεροι λέγειν.
 ὅμως δ' ἀνάγκη, ξυμφορᾶς ἀφιγμένης,
 γλώσσάν μ' ἀφεῖναι. πρῶτα δ' ἄρξομαι λέγειν
 ὅθεν μ' ὑπῆλθεσ πρῶτον ὡς διαφθερῶν
 οὐκ ἀντιλέξοντ'.

Hipólito

Pai, a raiva e a veemência do seu coração
 são terríveis. No entanto, embora o caso que tu argumentas forneça palavras tão
 belas,
 não é bom, de fato, se alguém o examinar de perto.
 Eu não sou habilidoso para fazer um discurso para uma multidão,
 mas tenho mais habilidade para me dirigir aos meus companheiros e aos poucos.
 Isso também é correto e apropriado, os pífios entre os sábios
 serem muitas vezes oradores mais inspirados diante da multidão.
 Mas, como o desastre me sobreveio, devo
 soltar minha língua. Vou começar a falar do ponto em que tu me atacaste
 antes esperando que me destruísse sem uma palavra
 a dizer em resposta. (EUR., *Hipp.* 983-993)

A falta de habilidade de Hipólito para falar para uma multidão (verso 986) ao se justificar para o seu pai parece entregar a verdadeira intenção do que está em cena: discutir os processos julgados na assembleia e os critérios para condenação – especialmente a pena de ostracismo. Os obstáculos para um julgamento justo são apontados: o sigilo que permeia as relações no ambiente do *oikos*, as testemunhas mentirosas, a necessidade de preservá-las em um contexto assimétrico com o silêncio e a falta de consideração da maior eficiência quando se fala para poucos e amigáveis ouvintes.

3.2.6. *Andrômaca*

Andrômaca é uma crítica contra Esparta,⁴⁵⁷ que serviu para combater a perspectiva filolacedemônia que circulava em Atenas na época da encenação, em torno de 425 a.C.⁴⁵⁸ É ainda uma das três tragédias de Eurípides que dramatizam as experiências das troianas depois da destruição de Troia pelos gregos. A ação de *Andrômaca* ocorre em Ftia, terra natal de Aquiles e de seus Mirmidões, guerreiros em Tessália, e ecoa os padrões de súplica presentes em dramas gregos, utilizando o tema

⁴⁵⁷ TZANETOU, A. "Supplication and Empire in Athenian Tragedy." In: CARTER, D. M. (ed.). *Why Athens? A Reappraisal of Tragic Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 104, p. 305-324.

⁴⁵⁸ FERREIRA, J. R. "Eurípides: *Andrômaca*." In: PEREIRA, M. H. R. (dir.). Eurípides. Lisboa: Verbo, 1973, p. 73-136; KLIMEK-WINTER, R. (ed.). *Andromedatragödien: Sophokles, Euripides, Livius Andronikos, Ennius, Accius*. Stuttgart: Teubner Verlag, 1993.

da relação de Andrômaca com a corte espartana para discutir questões políticas do conflito entre Atenas e Esparta.⁴⁵⁹ Em *Andrômaca*, a casa real espartana é retratada como bárbara.⁴⁶⁰

Há, em *Andrômaca*, uma abordagem direta das assembleias, antecedida por uma discussão a respeito de cidadãos e bastardos, com a relativização evidente da lei de cidadania de Péricles:

πολλάκις δέ τοι
ξηρὰ βαθεῖαν γῆν ἐνίκησε σπορᾶ,
νόθοι τε πολλοὶ γνησίων ἀμείνονες.
ἀλλ' ἐκκομίζου παῖδα. κύδιον βροτοῖς
πένητα χρηστὸν ἢ κακὸν καὶ πλούσιον
γαμβρὸν πεπᾶσθαι καὶ φίλον: σὺ δ' οὐδὲν εἶ.

Muitas vezes,
como o solo pedregoso supera a produção do solo profundo,
muitos bastardos são homens melhores do que filhos legítimos.
Mas leve sua filha embora. Pois é melhor para os mortais
ter um parente pobre e honesto
do que um rico e vil, e tu não és nada. (EUR., *Andr.* 636-641)

O pai de Aquiles e avô de Neoptólemo, Peleu, em sua longa *rhêsis* (versos 590-641), cujo gênero discursivo é a parênese ou exortação, indica para Menelau a possibilidade de que os *nóthoi* sejam melhores que os cidadãos de nascimento legítimo (*gnésioi*), e que os pobres sejam melhores do que os ricos, colocando a honestidade como valor mais importante do que o *status* social e econômico.

A subversão do *status* serve de embreador para que a personagem Andrômaca, escrava e mulher, possa ser inserida como heroína resiliente e hábil em um enredo que coloca em destaque a violência política:

Ἄνδρομάχη
φεῦ φεῦ:
κακόν γε θνητοῖς τὸ νέον ἔν τε τῷ νέῳ
τὸ μὴ δίκαιον ὅστις ἀνθρώπων ἔχει.
ἐγὼ δὲ ταρβῶ μὴ τὸ δουλεύειν μέ σοι
λόγων ἀπίσση πόλλ' ἔχουσιν ἔνδικα,
ἦν δ' αὖ κρατήσω, μὴ 'πὶ τῷδ' ὄφλω βλάβην:
οἱ γὰρ πνέοντες μεγάλα τοὺς κρείσσους λόγουσ'
πικρῶς φέρουσι τῶν ἐλασσόνων ὕπο:
ὅμως δ' ἑμαυτὴν οὐ προδοῦσ' ἄλώσομαι.

Andrômaca
Pheû pheû!
A coisa nova é um mal entre os mortais, e nessa coisa nova,
a que não tem justiça dos homens.
Eu receio que o fato de ser escrava
me impeça de falar, embora meu caso seja justo,
e se eu ganhar a discussão, possa por isso mesmo ser prejudicado.

⁴⁵⁹ CARTER, D. M.; GRIFFITH, M. "Introduction." In: CARTER, D. M. (ed.). *Why Athens? A Reappraisal of Tragic Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 1-7 (especialmente, p. 6).

⁴⁶⁰ MILLENDER, E. G. "The teacher of Hellas": Athenian democratic ideology and the "barbarization" of Sparta in Fifth-century Greek thought. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1996, p. 362; KITTO, H. D. F. *Greek Tragedy: A Literary Study*. New York: Routledge, 1961, p. 232.

Pois aqueles que são grandes não gostam de ouvir argumentos
mais fortes trazidos por mais fracos.
No entanto, não serei culpada de me trair. (EUR., *Andr.* 183-191)

O gênero discursivo do lamento é o meio pelo qual a não-cidadã Andrômaca se declara impedida de se pronunciar, e a cenografia que revela o seu receio também pleiteia que ela será prejudicada apesar de seu pleito ser justo. Em seguida, explica-se a restrição à participação nas assembleias por meio do recurso ao medo dos cidadãos de serem vencidos por argumentos fortes daqueles que estão em vulnerabilidade (versos 189-191). Tal é uma denúncia ao ambiente deliberativo próprio da democracia.

A superação da restrição à fala pelos estrangeiros se dá pelo mensageiro. O gênero discursivo de anúncio é o meio para que, na cenografia caracterizada pela longa anamnese dos eventos, seja explicada a necessidade de mobilização das assembleias antes da sua realização. Os arranjos políticos prévios, calúnias e manipulações propostas por não cidadãos são assim descritos:

Ἀγαμέμνωνος δὲ παῖς διαστειχῶν πόλιν
ἔς οὓς ἐκάστω δυσμενεῖς ἠΐδα λόγου;
Ὅρατε τοῦτον, ὃς διαστείχει θεοῦ
χρυσοῦ γέμοντα γύαλα, θησαυροὺς βροτῶν,
τὸ δεύτερον παρόντ' ἐφ' οἷσι καὶ πάρος
δεῦρ' ἦλθε, Φοίβου ναὸν ἐκπέρσαι θέλων;
κάκ τοῦδ' ἐχώρει ρόθιον ἐν πόλει κακόν:
ἀρχαὶ δ' ἐπληροῦντ' ἐς τὰ βουλευτήρια,
ἰδίᾳ θ' ὅσοι θεοῦ χρημάτων ἐφέστασαν,
φρουρὰν ἐτάξαντ' ἐν περιστύλοις δόμοις.
ἡμεῖς δὲ μῆλα, φυλλάδος Παρνασίας
παιδεύματ', οὐδὲν τῶνδ' ἐπεπευσμένοι,
λαβόντες ἦμεν ἐσχάrais τ' ἐφέσταμεν
σὺν προξένοισι μάντεσίν τε Πυθικοῖς.
καὶ τις τόδ' εἶπεν: "ὦ" νεανία, τί σοι
θεῶν κατευζώμεσθα; τίνοσ' ἦκεις χάριν;
ὁ δ' εἶπε: Φοίβω τῆς πάροιθ' ἀμαρτίας
δίκας παρασχεῖν βουλόμεσθ': ἤτησα γὰρ
πατρός ποτ' αὐτὸν αἵματος δοῦναι δίκην.
κάνταῦθ' Ὀρέστου μῦθος ἰσχύων μέγα
ἐφαίνεθ', ὡς ψεύδοιτο δεσπότης ἐμός,
ἦκων ἐπ' αἰσχροῖς. ἔρχεται δ' ἀνακτόρων
κρηπίδος ἐντός, ὡς πάρος χρηστηρίων
εὔξαιτο Φοίβω: τυγχάνει δ' ἐν ἐμπύροις:

O filho de Agamêmnon atravessou a *pólis*
e falou ao ouvido de cada homem estas palavras hostis:
"Vês este homem, que percorre os recintos carregados
de ouro do deus e os tesouros dados pelos mortais?
Ele veio aqui pela segunda vez com o mesmo propósito
de sua visita anterior e pretende saquear o templo de Febo."
Depois disso, o tumulto percorreu a *pólis*.
As autoridades reuniram-se nos *bouleutéria*,
por si mesmas, os encarregados da propriedade do deus,
e colocaram uma guarda nos corredores do pórtico.
Nós, sem saber ainda nada destas coisas,

pegamos ovelhas, crias da erva do Parnaso,
 e continuando o nosso caminho paramos junto aos altares
 junto com os encarregados dos estrangeiros e mantes píticos.
 Alguém disse: “Ó jovem, o que
 devemos pedir ao deus para ti? Por que você veio aqui?”
 E disse: “Desejo dar satisfação a Febo
 por meu pecado anterior. Pois exigi
 uma vez que o deus pagasse a pena pela morte de meu pai.”
 A essa altura, ficou claro que o enredo de Orestes
 estava tendo um grande efeito, que meu mestre estava mentindo
 e viera com um propósito vergonhoso. Ele subiu os degraus
 e entrou no templo para que diante do santuário
 pudesse orar a Febo. Ele estava entre piras. (EUR., *Andr.* 1090-1113)

As ações e manipulações de Orestes contra Neoptólemo envolveram um trabalho homem a homem, instigando a hostilidade dos cidadãos que deliberariam em prejuízo do filho de Aquiles por causa da falsa acusação de furto (versos 1090-1095). O efeito da acusação construída por meios caluniosos gerou medidas de prevenção tomadas pelas autoridades (versos 1096-1099). Mais do que medidas prévias, a mentira de Orestes surtiu grande efeito (versos 1009-1010).

A peça demonstra, portanto, a vulnerabilidade do povo diante de uma delação mentirosa feita boca-a-boca, a recusa indevida de que pessoas justas possam se defender de acusações falsas, e os efeitos disso. A explicação para tal fragilidade está nos *agônes*, na disposição competitiva que instiga desde competições poéticas até embates na assembleia (versos 471-485). Menelau, rei de Esparta, rejeita o poder da palavra que anima e instiga as assembleias em contextos democráticos, porque para ele estas são inócuas (versos 744-746). Porém, o desfecho da peça mostra que isso não é verdade, sendo necessário a ambientes deliberativos o controle das influências externas; a escuta e a deliberação com cuidado; e a adesão aos argumentos mais fortes, sem subterfúgios que deixarão os ambientes de deliberação à mercê de manipulações.

3.2.7. Hécuba

A tragédia Hécuba, encenada por volta de 425-424 a.C., parece ecoar eventos como a revolta de Mitilene em 427 a.C. e o famoso debate da segunda assembleia, que reverteu a condenação à morte de todos os mitilenos.⁴⁶¹ Em tal debate, a argumentação de Cléon levou os atenienses a decidir pelo morticínio,⁴⁶² enquanto Diodoto propôs moderação no tratamento de seus aliados.

⁴⁶¹ Ver: Thuc. 3.36-49. Ver ainda: HOGAN, J. C. Thucydides 3.52-68 and Euripides' *Hecuba*. *Phoenix* 26, 1972, p. 241-257.

⁴⁶² KONSTAN, D. *Pity Transformed*. Londres: Duckworth, 2001, p. 83.

A ação de *Hécuba* se desenvolve na Trácia, lugar em que havia cleruquias atenienses desde a metade do século V a.C. (Diod. 11.88.3; Plut., *Per.* 19.2). Cinco cidades queronésias aparecem em listas de tributos atenienses,⁴⁶³ o que torna a topografia do enredo menos exótica.

Hécuba é a tragédia que coloca em cena uma assembleia dos aqueus na qual se define a realização de um sacrifício humano:

έν γάρ Ἀχαιῶν πλήρει ξυνόδῳ
λέγεται δόξαι σήν παῖδ' Ἀχιλεΐ
σφάγιον θέσθαι: τύμβου δ' ἐπιβὰς
οἴσθ' ὅτε χρυσέοις ἐφάνη σὺν ὄπλοις,
τάς ποντοπόρους δ' ἔσχε σχεδίας
λαίφη προτόνοις ἐπερειδομένας,
τάδε θωῦσσων:

Ποῖ δή, Δαναοί, τὸν ἐμὸν τύμβον
στέλλεσθ' ἀγέραστον ἀφέντες;
πολλῆς δ' ἔριδος συνέπαισε κλύδων,
δόξα δ' ἐχώρει δίχ' ἀν' Ἑλλήνων
στρατὸν αἰχμητήν, τοῖς μὲν διδόναι
τύμβῳ σφάγιον, τοῖς δ' οὐχὶ δοκοῦν.
ἦν δ' ὁ τὸ μὲν σὸν σπεύδων ἀγαθὸν
τῆς μαντιπόλου Βάκκης ἀνέχων
λέκτρ' Ἀγαμέμνων:
τῷ Θησείδα δ', ὄζω Ἀθηνῶν,
δισσῶν μύθων ῥήτορες ἦσαν:
γνώμη δὲ μιᾷ συνεχωρεῖτην,
τὸν Ἀχίλλειον τύμβον στεφανοῦν
αἵματι χλωρῷ, τὰ δὲ Κασάνδρας
λέκτρ' οὐκ ἐφάτην τῆς Ἀχιλείας
πρόσθεν θήσειν ποτὲ λόγῃς.
σπουδαὶ δὲ λόγων κατατεινομένων
ἦσαν ἴσαι πως, πρὶν ὁ ποικιλόφρων
κόπις ἠδυλόγος δημοχαριστῆς
Λαερτιάδης πείθει στρατιᾶν
μὴ τὸν ἄριστον Δαναῶν πάντων
δούλων σφαγίων εἶνεκ' ἀπωθεῖν,
μηδέ τιν' εἰπεῖν παρὰ Φερσεφόνη
στάντα φθιμένων
ὡς ἀχάριστοι Δαναοὶ Δαναοῖς
τοῖς οἰχομένοις ὑπὲρ Ἑλλήνων
Τροίας πεδίῳ ἀπέβησαν.

Pois em plena assembleia [πλήρει ξυνόδῳ] dos aqueus diz-se estar decidido oferecer como sacrifício tua filha para Aquiles; pois em pé na tumba tu sabes quando ele apareceu com armaduras áureas, e reteve os navios marítimos, embora já tivessem suas velas içadas, gritando assim:
“Para onde, Dânaos, a minha tumba deixais sem *gêras* [ἀγέραστον] e navegais?”
Uma onda de grande rixa colidiu,

⁴⁶³ ISAAC, B. *The Greek Settlements in Thrace until the Macedonian Conquest*. Leiden: Brill, 1986; SEARS, M. A. *Athens, Thrace, and the Shaping of Athenian Leadership*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2013.

e a opinião dos gregos dividiu
o exército guerreiro: para uns oferecer
sacrifício no túmulo, para outros não dar.
Havia em Agamêmnon pressa pelo bem
da mante báquica mantida
em seu leito;
mas os dois filhos de Teseu, descendentes de Atenas,
eram oradores de duplos discursos [δισσῶν μύθων]:
concordavam com uma única opinião,
coroar o túmulo de Aquiles
com sangue fresco; pois as núpcias de Cassandra
não diziam que se colocará
antes da lança Aquiles.
As pressas das falas extensas
eram quase iguais, até que o solerte
mentiroso de fala doce que agrada o povo,
filho de Laertes, persuade o exército
ao melhor de todos os dânaos
não repelir por causa de sacrifícios de escravos,
nem dizer aos que residem finados
junto a Perséfone
que sem gratidão aos dânaos
que partiram, os dânaos foram embora
das planícies de Troia. (EUR., *Hec.* 107-140)

O anúncio do mensageiro, cujo gênero discursivo é a comunicação da decisão para cumprimento da ordem de sacrifício da filha de Hécuba, Políxena, apresenta em sua cenografia uma extensa anamnese do processo deliberativo, enquadrando os eventos em uma moldura repleta de caracterizações das assembleias atenienses: a assembleia é plena, para todos (verso 107), a decisão é comunicada (versos 108-109) e o processo defectivo de tomada de decisão é descrito. Os problemas da discussão estão nos maus intentos do demagogo Odisseu (versos 130-140); e na oposição entre um líder com interesse pessoal na causa, Agamêmnon (versos 120-122), e cidadãos ilustres, os filhos de Teseu, que desmascararam o intento do rei (versos 123-129). A decisão é considerada, ao fim, por quem não tem cidadania e será vítima de uma decisão comum:

Ἑκάβη
σφάξαι σ' Ἀργείων κοινὰ
συντείνει πρὸς τύμβον γνῶμα
Πηλεία γέννα.

Hécuba
A decisão comum dos argivos
impele a te sacrificar junto à tumba
em honra ao filho de Peleu. (EUR., *Hec.* 188-190)

O conceito de opinião comum é instrumentalizado por Hécuba, ao atuar como mensageira do mensageiro para a sua filha – que é aquilo que define o gênero discursivo da cena. A cenografia inclui a imposição como parte da decisão comunicada. Logo, é inusitado que a mesma deliberação seja anunciada pelo próprio Odisseu, que a informa como uma “votação aprovada” (verso 219), cujo

cumprimento, na cenografia que apela à ameaça (versos 227-228), já pressupõe um espaço para a resistência:

Χορός
καὶ μὴν Ὀδυσσεὺς ἔρχεται σπουδῆ ποδός,
Ἐκάβη, νέον τι πρὸς σέ σημανῶν ἔπος.

Ὀδυσσεύς
γύναι, δοκῶ μὲν σ' εἰδέναι γνώμην στρατοῦ
ψῆφόν τε τὴν κρανθεῖσαν: ἀλλ' ὅμως φράσω.
ἔδοξ' Ἀχαιοῖς παῖδα σὴν Πολυξένην
σφάζαι πρὸς ὀρθὸν χῶμ' Ἀχιλλείου τάφου.
ἡμᾶς δὲ πομποὺς καὶ κομιστήρας κόρης
τάσσοουσιν εἶναι: θύματος δ' ἐπιστάτης
ἱερέυς τ' ἐπέσται τοῦδε παῖς Ἀχιλλέως.
οἷσθ' οὖν ὃ δρᾶσον; μήτ' ἀποσπασθῆς βίᾳ
μήτ' ἐς χερῶν ἄμιλλαν ἐξέλθῃς ἐμοί:
γίγνωσκε δ' ἄλκην καὶ παρουσίαν κακῶν
τῶν ὦν. σοφὸν τοι κὰν κακοῖς ἂ δεῖ φρονεῖν.

Coro
E vem Odisseu aqui a passo rápido,
Hécuba, para te mostrar uma mensagem nova.

Odisseu
Mulher! Parece a mim que tu sabes a intenção do exército
e a votação aprovada; mas vou declará-lo.
Parece bem aos aqueus a tua filha Políxena
sacrificar junto ao promontório alinhado da tumba de Aquiles.
Ordenaram-nos sermos escoltadores e condutores
da menina. O diretor desse sacrifício
e sacerdote será o filho de Aquiles.
Sabes o que fazer. Não te tirem à força,
nem saias comigo à luta de braço!
Conheces a força e presença dos teus
males! Nessas coisas é preciso pensar: é sábio em teus males. (EUR., *Hec.* 216-228)

Aqui, opera-se não apenas a indicação de como uma deliberação é cumprida, mas as hierarquias e a condição de quem não participa das deliberações, mas é atingida por elas. A reação de Hécuba, cujo gênero discursivo é súplica, modula as cenografias para inserir uma discussão a respeito da assembleia, mesclada com a discussão a respeito da relação prévia entre Odisseu e Hécuba (versos 251-295). Entre os argumentos críticos à assembleia estão a cobiça por cargos públicos e honra (versos 254-255); a decisão dirigida por um sofisma (versos 257-258); a inadequação do sacrifício humano diante da possibilidade de sacrificar bois (versos 260-261); e a adequação de sacrificar a culpada Helena, e não a inocente Políxena (versos 265-266). A crítica é feita também ao exercício do poder pela assembleia: o poder em demasia ignora que a sorte muda e o poder se dissipa (versos 282-285). Ela ainda apela para que a decisão da assembleia seja mudada pela intervenção do cidadão Odisseu sob o argumento de que a decisão é odiosa (versos 286-290) e que a lei que rege os livres e os escravos

é a mesma (versos 291-292), mas que aquilo que os persuadirá é o renome de Odisseu, mais do que a força dos argumentos (verso 293-295).

Odisseu responde à petição de Hécuba com um discurso deliberativo, cuja cenografia recorre a argumentos explicativos: sem honra para os homens nobres e generosos a *pólis* enfraquece (versos 306-308); destaca a importância da *philia* (versos 311-312); diz que apenas com tal disposição uma *pólis* delibera ir para a guerra e as disputas com inimigos são realizadas (versos 313-316); e usa o argumento de que os bárbaros como Hécuba não valorizam a *philia* (versos 328-331). Nos argumentos de Odisseu, o fato de a refutação se concentrar sobre a temática da honra, e não serem refutadas as críticas à cobiça por cargos públicos, à decisão dirigida por um sofisma, à inadequação do sacrifício humano, à maior adequação da morte da culpada Helena, ao poder demasiado e à transgressão da lei, indica a precariedade da argumentação de Odisseu.

O poder da persuasão passa a assumir o protagonismo na crítica de Hécuba na segunda parte da peça homônima:

τί δῆτα θνητοὶ τᾶλλα μὲν μαθήματα
815μοχθοῦμεν ὡς χρῆ πάντα καὶ ματεῦομεν,
Πειθῶ δὲ τὴν τύραννον ἀνθρώποις μόνην
οὐδέν τι μᾶλλον ἐς τέλος σπουδάζομεν
μισθοὺς διδόντες μανθάνειν, ἴν' ἦν ποτε
πεῖθειν ἅ τις βούλοιο τυγχάνειν θ' ἅμα;

Por que nós, mortais, com todas as outras tarefas
labutamos, como é necessário, e nós buscamos todas as outras ciências, mas a
Persuasão, única tirana dos homens,
não nos esforçamos mais para dominar completamente,
dando salário para aprender, para então
persuadir como quiséssemos e conseguir? (EUR., *Hec.* 814-819)

Hécuba, na longa *rhêsis* que tem por gênero discursivo a súplica (versos 786-845), afirma que as mulheres pagam aulas com persuasão, a rainha dos homens. A cenografia dos versos 814-819 é uma pergunta, uma interrogação a respeito da necessidade de persuadir. A persuasão surte efeito, pois Agamêmnon aceita ajudar Hécuba, mas não agirá contra a assembleia:

Χορός
δεινόν γε, θνητοῖς ὡς ἅπαντα συμπίπτει,
καὶ τὰς ἀνάγκας οἱ νόμοι διώρισαν,
φίλους τιθέντες τοὺς γε πολεμιωτάτους
ἐχθροὺς τε τοὺς πρὶν εὐμενεῖς ποιοῦμενοι.

Ἀγαμέμνων
ἐγὼ σὲ καὶ σὸν παῖδα καὶ τύχας σέθεν,
Ἐκάβη, δι' οἴκτου χειρὰ θ' ἱκεσίαν ἔχω,
καὶ βούλομαι θεῶν θ' οὐνεκ' ἀνόσιον ξένον
καὶ τοῦ δικαίου τήνδε σοὶ δοῦναι δίκην,
εἴ πως φανείη γ' ὥστε σοὶ τ' ἔχειν καλῶς,
στρατῶν τε μὴ δόξαιμι Κασάνδρας χάριν
Θρήκης ἄνακτι τόνδε βουλευῆσαι φόνον.

ἔστιν γὰρ ἧ̃ παραγμὸς ἐμπέπτωκέ μοι:
 — Τὸν ἄνδρα τοῦτον φίλιον ἠγεῖται στρατός,
 τὸν κατθανόντα δ' ἐχθρόν: εἰ δὲ σοὶ φίλος
 860 ὁδ' ἐστί, χωρὶς τοῦτο κού κοινὸν στρατῶ. —
 πρὸς ταῦτα φρόντιζ': ὡς θέλοντα μὲν μ' ἔχεις
 σοὶ ξυμπονήσαι καὶ ταχὺν προσαρκέσαι,
 βραδὺν δ', Ἀχαιοῖς εἰ διαβληθήσομαι.

Coro

É terrível entre os mortais como todo extremo se encontra,
 e as leis da necessidade determinam,
 tornando os amigos, adversários,
 e inimigos os que outrora faziam benevolências.

Agamêmnon

Eu mesmo tenho pena de ti e de tua filha,
 Hécuba, por causa da tua desgraça e de tua mão súplice,
 e quero dos deuses que aquele ímpio hóspede
 dê a ti a multa da justiça,
 se fosse claro ter um bem para ti,
 sem parecer ao exército que, por graça de Cassandra,
 planejei a morte do rei trácio.
 Pois em um ponto sou assaltado pela perplexidade:
 - o exército considera este homem seu amigo,
 os mortos seu inimigo; se é para ti querido
 é uma questão separada, na qual o exército não tem parte. —
 Reflita sobre isso: como me tens disposto
 a trabalhar para ti e estou pronto a ajudar,
 mas estou lento, se serei censurado pelos aqueus. (EUR., *Hec.* 849-863)

A razão porque Agamêmnon tem limitações para apoiar pessoalmente o pleito de Hécuba é a restrição das liberdades individuais pelas assembleias:

Ἐκάβη

φεῦ.

οὐκ ἔστι θνητῶν ὅστις ἔστ' ἐλεύθερος:
 ἢ χρημάτων γὰρ δοῦλός ἐστιν ἢ τύχης,
 ἢ πλῆθος αὐτὸν πόλεος ἢ νόμων γραφαὶ
 εἴργουσι χρῆσθαι μὴ κατὰ γνώμην τρόποις.
 ἐπεὶ δὲ ταρβεῖς τῶ τ' ὄχλῳ πλέον νέμεις,
 ἐγὼ σε θήσω τοῦδ' ἐλεύθερον φόβου.
 σύνισθι μὲν γάρ, ἦν τι βουλευέσω κακὸν
 τῶ τόνδ' ἀποκτείναντι, συνδράσης δὲ μή.
 ἦν δ' ἐξ Ἀχαιῶν θόρυβος ἢ 'πικουρία
 πάσχοντος ἀνδρὸς Ἰθρηκὸς οἷα πείσεται
 φανῆ τις, εἴργε μὴ δοκῶν ἐμήν χάριν.
 τὰ δ' ἄλλα — θάρσει — πάντ' ἐγὼ θήσω καλῶς.

HÉCUBA:

Pheû!

Não há entre mortais quem seja livre:
 Ou é escravo das riquezas, ou da sorte,
 ou o próprio povo da *pólis* ou as letras de leis
 impedem usar modos segundo pensa.
 Já que tendes temor de negociar plenamente por causa da turba,
 eu sem mais te farei livre desse medo.

Pois esteja cōnscio, se eu tramar algum mal
 com quem o mate, mas sê sem ação!
 Se houver clamor aqueu, ou auxílio,
 quando o homem trácio sofrer o que sofrerá,
 impede, sem que pareça a meu favor!
 As outras coisas – tenha coragem! Eu farei tudo belamente. (EUR., *Hec.* 865-875)

Hécuba, na cena cujo gênero discursivo é o lamento, reconhece que a riqueza, as leis e o povo são os três elementos correlacionados que escravizam, contornando-os por meio por meio do acordo com Agamêmnon. Logo, os vários problemas das assembleias em particular, e da democracia em geral, estão explicitamente referidos: a riqueza, a manipulação das decisões por meio de oradores influentes, a transgressão das leis divinas, a ruptura com aliados, uma má aplicação do conceito de honra. Para conseguir contornar esses problemas, as alianças baseadas por interesses comuns, que gerem alguma proteção nas assembleias, são apontadas no enredo de *Hécuba*.

3.2.8. *Suplicantes*

Suplicantes é uma tragédia encenada na primeira fase da Guerra do Peloponeso. Ela foi produzida entre 424 e 416 a.C.,⁴⁶⁴ e o lamento feminino nesta tragédia parece refletir a ameaça que o lamento descontrolado representava para a ordem cívica masculina da comunidade ateniense.⁴⁶⁵

Suplicantes aponta para uma oposição à política externa baseada na guerra (verso 230).⁴⁶⁶ Apresenta, por outro lado, uma atitude positiva em relação a Atenas e a seu rei ideal, Teseu, o que torna a peça elogio, um manifesto favorável a grupos como o de Alcibiades.⁴⁶⁷ A tragédia parece se posicionar contra a possibilidade de retorno da tirania⁴⁶⁸ e contra o comportamento isolacionista de Esparta⁴⁶⁹ por meio do mito da recusa tebana de devolver guerreiros mortos em guerra. É importante destacar que o mito da recuperação dos heróis mortos por Teseu era um assunto típico dos discursos fúnebres atenienses.⁴⁷⁰

⁴⁶⁴ COLLARD, C. *Tragedy, Euripides and Euripideans*. Bristol: Liverpool University Press, 2007, p. 138-140; MORWOOD, J. (ed.). *Euripides, Suppliant Women*. Oxford: Aris & Phillips, 2007, p. 26-30.

⁴⁶⁵ FOLEY, H. "The Politics of Tragic Lamentation." In: SOMMERSTEIN, A. H. et al. (eds.). *Tragedy, Comedy and the Polis: Papers from the Greek Drama Conference, Nottingham, 18-20 de julho de 1990*. Bari: Levante editori, 1993, p. 101-143; LORAUX, N. *Mothers in Mourning: with essay Of Amnesty and its Opposite*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1998.

⁴⁶⁶ CROPP, M.; FANTHAM, E.; SCULLY, S. E. (eds.). *Greek Tragedy and its Legacy. Essays presented to D. J. Conacher*. Calgary: University of Calgary Press, 1986, p. 201-211.

⁴⁶⁷ DELEBECQUE, E. *Euripide et la Guerre du Péloponnèse*. Paris: C. Klincksieck, 1951, p. 212-213; MORWOOD, J. (ed.). *Euripides, Suppliant Women*. Oxford: Aris & Phillips, 2007, p. 171.

⁴⁶⁸ SEAFORD, R. The Social Function of Attic Tragedy: A Response to Jasper Griffin. *The Classical Quarterly* 50, 2000, p. 34-35 (p. 30-44).

⁴⁶⁹ THUC. 1.144.2; AR., Av. 1012-1013; PLAT., *Prt.* 342a-d.

⁴⁷⁰ COLLARD, C. The Funeral Oration in Euripides' *Supplikes*. *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 19, 1972, p. 39-53; WHITEHORNE, J. E. G. The Dead as Spectacle in Euripides' *Bacchae* and *Supplikes*. *Hermes* 114 (1), 1986, p. 68-72.

Suplicantes é a peça mais política das obras supérstites de Eurípidēs, com extensa discussão por personagens dos méritos relativos da democracia e outras formas de governo. Por essa razão, a tragédia considera a centralidade da palavra como instrumento de decisão:

πέρας γὰρ οὐδὲν μὴ διὰ γλώσσης ἰόν.

Não há um termo senão pela palavra. (EUR., *Supp.* 112)

A palavra viabiliza a avaliação e a decisão em um contexto democrático, especialmente nas assembleias. Os processos decisórios, porém, são tomados por cidadãos com perfis diferentes, reconhecidos em *Suplicantes*:

τρεῖς γὰρ πολιτῶν μερίδες: οἱ μὲν ὄλβιοι
ἀνωφελεῖς τε πλειόνων τ' ἐρώσ' αἰεί:
οἱ δ' οὐκ ἔχοντες καὶ σπανίζοντες βίου
δεινοί, νέμοντες τῷ φθόνῳ πλέον μέρος,
ἐς τοὺς ἔχοντας κέντρ' ἀφιᾶσιν κακά,
γλώσσαις πονηρῶν προστατῶν φηλούμενοι:
τριῶν δὲ μοιρῶν ἢ 'ν μέσῳ σώζει πόλεις,
κόσμον φυλάσσοις ὄντιν' ἄν τάξῃ πόλις.

Pois há três categorias de cidadãos; os ricos inúteis, que sempre anseiam por mais; os que nada têm e, destituídos de meio de vida, são terríveis, que nutrem a inveja mais do que o certo e para os que têm lançam malignas ferroadas, ludibriados pelas línguas de maus guias; Das três classes, a do meio salva as *póleis*, observando a ordem que a *pólis* tem. (EUR., *Supp.* 238-245)

Os versos acima são uma parte da *rhêsis* de Teseu (versos 195-249). O gênero discursivo da cena é a resposta à súplica feita antes por Adrasto (versos 164-192). A cenografia do trecho destacado é a descrição referente à cidadania, em que o mau uso da capacidade discursiva (verso 243) se soma à riqueza e à inveja dos que são desprovidos de recursos. O desequilíbrio entre ricos, pobres e demagogos é compensado pela média entre os três, fazendo daquilo que é isoladamente nocivo, algo positivo.

Suplicantes é uma tragédia que coloca em cena a consciência de Teseu do processo de deliberação na assembleia, mesmo após o fim do voto paritário e do estabelecimento da monarquia:

δόξαι δὲ χρήζω καὶ πόλει πάσῃ τόδε.
δόξει δ' ἔμοῦ θέλοντος; ἀλλὰ τοῦ λόγου
προσδοὺς ἔχοιμ' ἄν δῆμον εὐμενέστερον.
καὶ γὰρ κατέστησ' αὐτὸν ἐς μοναρχίαν
ἐλευθερώσας τήνδ' ἰσόψηφον πόλιν.
λαβὼν δ' Ἄδραστον δεῖγμα τῶν ἐμῶν λόγων
ἐς πλῆθος ἀστῶν εἶμι: καὶ πείσας τάδε,
λεκτοὺς ἀθροίσας δεῦρ' Ἀθηναίων κόρους
ἦξω: παρ' ὄπλοις θ' ἤμενος πέμψω λόγους
κρέοντι νεκρῶν σώματ' ἔξαιτούμενος.

Mas exijo também que toda a *pólis* decida.
 Decidirá se for meu propósito: mas sendo comunicada
 a eles a proposta, teria o dêmos mais bem-disposto.
 Pois eu os constituí em monarquia
 libertando a *pólis* com voto igual.
 Tomando Adrasto como prova do que tenho a dizer,
 irei à assembleia dos cidadãos; e se os persuadir disso,
 depois de reunir um grupo seletivo de jovens atenienses;
 virei. Posto em armas, enviarei palavras
 a Creonte, pedindo os corpos dos mortos. (EUR., *Supp.* 349-358)

A cena em que está o texto acima (versos 334-364) é a fala de Teseu dirigida à sua mãe Etra, cujo gênero discursivo é o relatório das ações. A cenografia da cena, porém, é o informe da deliberação de que uma decisão tão grave, a entrada de Atenas na guerra, deveria ser tomada por toda a *pólis* (verso 349) em uma assembleia de cidadãos (verso 355). O processo de tomada de decisões da assembleia é mencionado por Teseu, que afirma ser a *pólis* (= assembleia) um ambiente de deliberação que considera as suas opiniões:

καὶ μὴν ἐκοῦσά γ' ἄσμενη τ' ἐδέξατο
 πόλις πόνον τόνδ', ὡς θέλοντά μ' ἦσθετο.

Além disso, de bom grado por sua própria vontade
 a *pólis* empreendeu esse trabalho, quando percebeu meu desejo. (EUR., *Supp.* 393-394)

Logo, ainda que Atenas seja referida como uma monarquia, apenas a vontade de Teseu e a compreensão de que é preciso considerar as suas ideias apontam para isso. O próprio Teseu, a descrever o funcionamento da *pólis*, caracteriza o seu governo como democrático:

Θησεύς
 πρῶτον μὲν ἤρξω τοῦ λόγου ψευδῶς, ξένε,
 ζητῶν τύραννον ἐνθάδ': οὐ γὰρ ἄρχεται
 ἐνὸς πρὸς ἄνδρός, ἀλλ' ἐλευθέρα πόλις.
 δῆμος δ' ἀνάσσει διαδοχαῖσιν ἐν μέρει
 ἐνιαυσίαισιν, οὐχὶ τῷ πλοῦτῳ διδοῦς
 τὸ πλεῖστον, ἀλλὰ χῶ πένης ἔχων ἴσον.

Teseu
 Primeiro, começaste por falsa fala, estrangeiro,
 procurando tirano aqui; não tem governo
 de um só homem, mas é livre esta *pólis*.
 O povo reina, em parte, por turnos
 de um ano, sem conceder à riqueza
 o máximo, mas o pobre igualmente tem. (EUR., *Supp.* 402-408)

O mesmo Teseu que disse que Atenas era uma monarquia (verso 352), afirma nesta cena cujo gênero discursivo é o gênero da correção: ele está emendando a fala do arauto, apontando que o povo reina (verso 406). Logo, a monarquia ateniense é o regime em que o povo governa como um corpo

único e coeso, com liberdade (verso 405) e sem que a riqueza ou a pobreza tenham peso fundamental nas decisões. Tal quadro positivo da democracia recebe o contraponto do arauto:

ἄλλως τε πῶς ἂν μὴ διορθεύων λόγους
ὀρθῶς δύναιτ' ἂν δῆμος εὐθύνην πόλιν;
ὁ γὰρ χρόνος μάθησιν ἀντὶ τοῦ τάχους
κρείσσω δίδωσι. γαπόνος δ' ἀνὴρ πένης,
εἰ καὶ γένοιτο μὴ ἀμαθής, ἔργων ὑπο
οὐκ ἂν δύναιτο πρὸς τὰ κοῖν' ἀποβλέπειν.
ἦ δὴ νοσῶδες τοῦτο τοῖς ἀμείνοσιν,
ὅταν πονηρὸς ἀξίωμ' ἀνὴρ ἔχη
γλώσση κατασχῶν δῆμον, οὐδὲν ὦν τὸ πρῖν.

Além disso, como sem ter palavras retas,
o *dêmos* poderia dirigir retamente a *pólis*?
Pois o tempo, não a pressa, proporciona uma
melhor compreensão. Um agricultor, um homem pobre,
mesmo que não fosse ignorante, trabalhando
seria incapaz de dedicar-se a coisas comuns.
Na verdade, os melhores não consideram um sinal saudável
quando o homem sem valor obtém uma reputação
enganando com palavras o *dêmos*, embora antes ele não fosse nada. (EUR., *Supp.*
417-425)

A fala do arauto, cujo gênero discursivo é a descrição (no caso, de sua urbe, Tebas), apresenta no trecho indicado três cenografias: o questionamento da eficácia do *dêmos*, a indicação dos argumentos que embasam o questionamento e a manifestação da opinião dos melhores. A crítica à assembleia é que a deliberação precisa partir de palavras retas (versos 417-418); tempo para deliberar (versos 419-420); os pobres não conseguem se dedicar às demandas da assembleia (versos 420-421); e os melhores aprovam que o povo seja enganado.

A defesa feita por Teseu da democracia não responde a todos os questionamentos:

γεγραμμένων δὲ τῶν νόμων ὃ τ' ἀσθενής
ὁ πλούσιός τε τὴν δίκην ἴσῃν ἔχει,
ἔστιν δ' ἐνισπεῖν τοῖσιν ἀσθενεστέροις
τὸν εὐτυχοῦντα ταῦθ', ὅταν κλύη κακῶς,
νικᾷ δ' ὁ μείων τὸν μέγαν δίκαι' ἔχων.
τούλεύθερον δ' ἐκεῖνο: τίς θέλει πόλει
χρηστόν τι βούλευμ' ἐς μέσον φέρειν ἔχων;
καὶ ταῦθ' ὁ χρήζων λαμπρὸς ἐσθ', ὁ μὴ θέλων
σιγᾷ. τί τούτων ἔστ' ἰσαίτερον πόλει;
καὶ μὴν ὅπου γε δῆμος ἀυθέντης χθονός,
ὑποῦσιν ἀστοῖς ἦδεται νεανίαις;
ἀνὴρ δὲ βασιλεὺς ἐχθρὸν ἠγεῖται τόδε,
καὶ τοὺς ἀρίστους οὓς τ' ἂν ἠγῆται φρονεῖν
κτείνει, δεδοικῶς τῆς τυραννίδος πέρι.

Mas quando as leis são escritas, fracos
e ricos e fracos têm igual justiça,
e é aberto ao mais fraco
usar a mesma linguagem quando ele é insultado,
e prevalece sobre o mais forte se ele tem a justiça do seu lado.

Isto é liberdade: Quem deseja ao meio
aconselhar algo necessário à *pólis*?
Quem o quer é uma luz que brilha, quem não,
faz silêncio. Que maior igualdade pode haver em uma *pólis*?
Uma vez que o *dêmos* governa a terra,
ele se alegra em ter uma reserva de cidadãos jovens,
enquanto um rei considera isso um elemento hostil,
e se esforça para matar os nobres, que ele considera
prudentes, temendo por sua tirania. (EUR., *Supp.* 433-446)

A cena cujo gênero discursivo é a apologia, apresenta em sua cenografia os argumentos favoráveis à democracia: há nas assembleias a paridade diante da lei e a isegoria (versos 433-435); a prevalência da justiça (verso 437) e a liberdade (versos 438-441). Teseu ainda argumenta que a juventude é apreciada em uma democracia, mas não em uma tirania. Ele não responde, porém, à necessidade de deliberar a partir de palavras retas, não fala do tempo para de liberar, nem menciona os pobres que não conseguem se dedicar às demandas da assembleia (versos 420-421).

Uma das críticas do arauto às assembleias é repetida na descrição da assembleia de Argos feita por Adrasto:

Ἐτεοκλέους τε σύμβασιν ποιουμένου,
μέτρια θέλοντος, οὐκ ἐχρήζομεν λαβεῖν,
κάπειτ' ἀπωλόμεσθα.

Etéocles fazia o tratado,
tendo o propósito de moderação, não quisemos aceitar
e aí fomos destruídos. (EUR., *Supp.* 739-741)

O argumento memorial de Adrasto indica que a moderação não foi bem aceita na assembleia de Argos, e Adrasto culpa o povo por sua decisão de liderar a desastrosa expedição contra Tebas:

Ἄδραστος
νέων γὰρ ἀνδρῶν θόρυβος ἐξέπλησέ με.

Θησεύς
εὐψυχίαν ἔσπευσας ἀντ' εὐβουλίας.

Adrasto
Pois o clamor dos jovens me deixou aturdido.

Teseu
Agiste com bravura em vez de bom conselho. (EUR., *Supp.* 160-161)

A esticomitia não deixa claro se Adrasto foi intimidado pelo barulho dos jovens entusiasmados, mas a retomada do tema do verso 443 reabilita-o como um problema nas assembleias, como a falta de consulta a adivinhos, elemento religioso importante:

κοινὰς γὰρ ὁ θεὸς τὰς τύχας ἡγούμενος
τοῖς τοῦ νοσοῦντος πῆμασιν διώλεσε
τὸν συννοσοῦντα κούδὲν ἡδικηκότα.

ἐς δὲ στρατείαν πάντας Ἀργείους ἄγων,
 μάντεων λεγόντων θέσφατ', εἴτ' ἀτιμάσας
 βίᾳ παρελθὼν θεοὺς ἀπώλεσας πόλιν,
 νέοις παραχθείς, οἵτινες τιμώμενοι
 χαίρουσι πολέμους τ' αὐξάνουσ' ἄνευ δίκης,
 φθείροντες ἀστούς, ὁ μὲν ὅπως στρατηλατῆ,
 ὁ δ' ὡς ὑβρίζῃ δύναμιν ἐς χεῖρας λαβῶν,
 ἄλλος δὲ κέρδους οὕνεκ', οὐκ ἀποσκοπῶν
 τὸ πλῆθος εἴ τι βλάπτεται πάσχον τάδε.

Pois o deus, confundindo seus comuns destinos,
 destruiu com malefícios do enfermo
 o que não era seu companheiro de enfermidade, nem injusto.
 Conduziste todos os argivos para a guerra,
 desonrando as palavras divinas dos videntes,
 pela força junto aos deuses arruinaste sua *pólis*,
 levado por homens mais jovens, aqueles que cortejam a distinção
 e fazem crescer a guerra e crescer sem justiça,
 destruindo os cidadãos; um liderando um exército;
 outro transgredir para ter poder em suas mãos,
 outro por ganância, sem observar
 se assim a multidão sofre algum mal. (EUR., *Supp.* 226-237)

A resposta à súplica feita por Teseu utiliza um argumento religioso: a falta de consulta aos deuses. Logo, a condução pelos jovens impetuosos, que não têm responsabilidades para com o universo de cidadãos, mostra que a assembleia argiva está doente (verso 237), não sendo equilibrada, silente, determinada e corajosa como Teseu diz ser a assembleia de Atenas.

3.2.9. *Electra*

Electra de Eurípides, foi encenada entre 422 e 413 a.C., sendo possível encontrar na tragédia alusões a eventos reais: a referência ao “mar da Sicília” (verso 1347) parece aludir ao desastre ateniense na Sicília em 413 a.C., ou à expedição auxiliar de Demóstenes na primavera de 413 a.C. para resgatar as forças de Nícias após o cerco abortado de Siracusa. Porém, a métrica fornece evidências significativas para uma data entre 422-417 a.C.⁴⁷¹ *Electra* é ainda uma das peças de Eurípides com

⁴⁷¹ A ausência dos tetrâmetros trocaicos arcaizadores do discurso, utilizados por Eurípides nas peças a partir de *Troianas*, de 415 a.C. (ELIANO, *Varia historia* 2.8), e a utilização de duas sílabas curtas para uma curta ou uma longa nas resoluções dos versos apontam para uma data anterior a 417 a.C. Ver: ZUNTZ, G. *The Political Plays of Euripides*. Manchester: Manchester University Press, 1955, p. 64-71. Ver ainda: CROPP, M.; FICK, G. *Resolutions and chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. Londres: Institute of Classical Studies, University of Londres, 1985

maiores vínculos intertextuais. *Electra* tem relações intertextuais com os Poemas Homéricos, com a *Oresteia* de Ésquilo e com *Electra* de Sófocles.⁴⁷²

Um dos temas importantes de *Electra* é o exílio, especialmente a condição precária do exilado. Isso é referido na esticomitia entre Orestes e Electra, que se apresenta, em seu gênero discursivo, como uma cena de perseguição na perspectiva de Electra (verso 221), e como um informe para Electra proveniente do irmão na perspectiva de Orestes (verso 228):

Ἠλέκτρα: οὐ που σπανίζων τοῦ καθ' ἡμέραν βίου;
Ὅρέστης: ἔχει μὲν, ἀσθενῆς δὲ δὴ φεύγων ἀνήρ.

Electra: Certamente ele não tem com o que viver, dia após dia?

Orestes: Ele tem isso, mas um homem exilado é um indefeso. (EUR., *El.* 235-236)

Orestes fala na cenografia em que relata a precariedade da vida do irmão de Electra (ele mesmo!), a ausência de força do exilado – não da força econômica, mas força política. Juntamente com a precariedade do exilado, outra cena coloca em destaque a condição do homem do campo em relação aos assuntos da *pólis*:

Χορός
κάγῳ τὸν αὐτὸν τῷδ' ἔρον ψυχῆς ἔχω.
πρόσω γὰρ ἄστεως οὔσα τὰν πόλει κακὰ
οὐκ οἶδα, νῦν δὲ βούλομαι κάγῳ μαθεῖν.

Coro
Tenho comigo o mesmo desejo que ele.
Estando longe da *ásty*, males da *pólis*
não conheço, mas agora quero aprender. (EUR., *El.* 297-299)

O coro sugere ser ignorante quanto ao que ocorre na *pólis*, mas expressa em consonância ao lamento de Orestes (versos 290-296) o desidério de saber o que se passa nas áreas urbanas, especialmente as deliberações, ainda que habite no campo. Logo, a primeira crítica à assembleia é a exclusão aos que habitam no campo de suas decisões, a se considerar que o exilamento, outra crítica, parece se relacionar mais lateralmente à *pólis* e mais centralmente à ação tirânica que explica o retiro de Orestes ao exílio, e de Electra ao campo.

Outra crítica feita contra a assembleia – chamada pelo termo *pólis* – está nos versos que apresentam outra esticomitia entre Orestes e Electra em que há a confissão (gênero discursivo) desta para aquele (versos 900-956):

Ἠλέκτρα: αἰσχύνομαι μὲν, βούλομαι δ' εἰπεῖν ὁμῶς.
Ὅρέστης: τί χρῆμα; λέξον: ὡς φόβου γ' ἔξωθεν εἶ.
Ἠλέκτρα: νεκροὺς ὑβρίζειν, μὴ μέ τις φθόνῳ βάλῃ.

⁴⁷² FINGLASS, P. J. *Sophocles: Electra*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 3; BOND, G. W. 'Euripides' Parody of Aeschylus'. *Hermathena* 118, 1974, p. 1-14; KOVACS, D. Euripides, *Electra* 518-44: Further Doubt About Genuineness. *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 36, 1989, p. 67-78; BASTA DONZELLI, G. Euripide, *Electra* 518-44. *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 27, 1980, p. 109-119.

Ὅρεστης: οὐκ ἔστιν οὐδεις ὅστις ἂν μέμψαιτό σε.
 Ἡλέκτρα: δυσάρεστος ἡμῶν καὶ φιλόψογος πόλις.

Electra: Tenho vergonha, todavia quero dizer.
 Orestes: O quê? Fale, não tenha medo.
 Electra: De ser levada, por malícia, a ultrajar os mortos!
 Orestes: Ninguém há que te repreendesse.
 Electra: Nosso implacável censor é a *pólis*. (EUR., *El.* 900-904)

A metonímia do verso 904 (a referência à assembleia por meio do termo *pólis*) se desvenda ao indicar a função do corpo políade: julgar as ações de seus cidadãos, censurar as ações contrárias à lei. Ao indicar o caráter implacável da *pólis*, tal aspecto se manifesta nas restrições à cidadania que são apresentadas na sequência do texto:

κάκείνους στυγῶ
 τοὺς παῖδας, ὅστις τοῦ μὲν ἄρσενος πατρὸς
 οὐκ ὠνόμασται, τῆς δὲ μητρὸς ἐν πόλει.

Odeio esses
 filhos que na *pólis* se não nomeiam
 pelo nome do pai, mas pelo da mãe. (EUR., *El.* 933-935)

A ausência do nome do pai indica a impossibilidade de exercício de cidadania para um filho. A ausência do nome do pai pode denotar ainda que tal filho é bastardo. Outro exemplo que aponta para o caráter implacável do povo é a submissão do crime de assassinato ao tribunal – que é, no caso, ateniense:

Ὅρεστης
 ἀλλ' ἐγὼ οἴκων ἔξειμι πατρὸς
 καὶ ἐπ' ἀλλοτρίαις ψήφοισι φόνον
 μητρὸς ὑφέξω.

Διόσκουροι
 θάρσει: Παλλάδος
 ὁσίαν ἤξεις πόλιν: ἀλλ' ἀνέχου.

Orestes
 Mas eu sairei da casa do pai
 e submeterei a morte da mãe
 à votação alheia.

Dioscuros
 Ânimo! Irás para a sagrada *pólis*
 de Palas. Mas suporta! (EUR., *El.* 1316-1320)

A ideia de que Atena e Atenas executam o julgamento, e que tal precisa ser suportado, parece estar em consonância com a ideia da possibilidade de vanidade no julgamento dos litígios, sendo necessário a estes a consideração de que qualquer um que seja julgado é “um dos muitos”:

οὗτος γὰρ ἀνὴρ οὗτ' ἐν Ἀργείοις μέγας
 οὗτ' αὖ δοκῆσει δωμαίων ὠγκωμένος,

έν τοῖς δὲ πολλοῖς ὤν, ἄριστος ἠυρέθη.
οὐ μὴ ἀφρονήσεθ', οἷ κενῶν δοξασμάτων
πλήρεις πλανᾶσθε, τῆ δ' ὀμιλίᾳ βροτοῦς
κρινεῖτε καὶ τοῖς ἤθεσιν τοὺς εὐγενεῖς;

Pois este homem, que não é importante em Argos,
nem orgulhoso da boa reputação de sua família,
mas é um dos muitos, e foi considerado o melhor.
Não sejais tolos, vós que vagueais
cheios de noções vãs, mas julgai os nobres
entre os homens por seus hábitos. (EUR., *El.* 380-385)

Subentende-se em *Electra* de Eurípides, em síntese, a assembleia como lugar que corre o risco de julgar mal por considerar a origem dos que são julgados. Outra crítica é feita ao caráter implacável do povo, nas restrições à cidadania que ignoram a precariedade das relações familiares, bem como à dificuldade dos que moram no campo de se envolverem nos assuntos políticos.

3.2.10. *Héracles*

Héracles foi encenada entre 421 e 417 a.C., sendo próxima à encenação de *Electra* e *Troianas*.⁴⁷³ O enredo apresenta os familiares de *Héracles*, *Mégara*, *Anfitrião* e filhos, ameaçados por *Lico* na ausência do herói pan-helênico. *Héracles* retorna, pune *Lico*, mas mata os seus próprios parentes na loucura, sendo apoiado por seu pai *Anfitrião* e amparado por *Teseu*, que o leva ao fim para *Atenas*.

A tragédia *Héracles* aborda a masculinidade e a família como base para discutir a relação entre público e privado. *Atenas* é o espaço público de acolhimento dos homens que acabaram por falhar na gestão dos assuntos do οἶκος por causa das interferências dos assuntos póliades no cotidiano familiar.⁴⁷⁴

A cena de *Héracles* cujo gênero discursivo é a de saudação, é a que segue:

Ἡρακλῆς

⁴⁷³ BOND, G. W. *Heracles. Euripides*. Oxford: Clarendon Press, 1981, p. xxxi-xxxii; BARLOW, S. A. *Euripides: Heracles: Introduction, Translation and Commentary*. Warminster: Aris & Phillips, 1996, p. 180.

⁴⁷⁴ "Heracles feels spread thin in his ability to attend adequately to hearth and home, while at the same time completing his life's work. Unfortunately, this matter is resolved by Heracles' going mad and killing his family. One may see the similarities in "killing the family," when the traditional male feels he must choose between family and career. As Heracles' wife can painfully attest, there is a void created when father and husband are not present with their families. If interpreted in contemporary Western society, Heracles is experiencing an aspect of gender-role conflict-the negative psychological state that is brought about by restrictive gender roles (O'Neil et al., 1986). For Heracles, the specific type of gender role conflict is one between work and family." (Ver: BLAZINA, C. Mythos and Men: Toward New Paradigms of Masculinity. *The Journal of Men's Studies* 5 (4), 1997, p. 288 [p. 285-294]).

ὦ χαῖρε, μέλαθρον πρόπυλά θ' ἐστίας ἐμῆς,
 ὡς ἄσμενός σ' ἐσεῖδον ἐς φάος μολών.
 ἔα: τί χρήμα; τέκν' ὀρώ πρὸ δωμαίων
 στολμοῖσι νεκρῶν κρᾶτας ἐξεστεμμένα,
 ὄχλω τ' ἐν ἀνδρῶν τὴν ἐμὴν ξυνάρορον,
 πατέρα τε δακρύνοντα — συμφορὰς τίνας;
 φέρ' ἐκπύθωμαι τῶνδε πλησίον σταθεῖς:
 γύναι, τί καινὸν ἦλθε δώμασιν χρέος;

Héraclès

Salve! Casa e portões da minha casa,
 estou feliz em sair para a luz e te ver.
 Éa! O que é isto? Vejo meus filhos diante das moradas
 com as vestes da morte, com coroas na cabeça
 e minha esposa no meio de uma multidão de homens,
 e meu pai chorando — que infortúnio?
 Deixe-me aproximar-me deles e perguntar:
 senhora, que estranho golpe do destino caiu sobre a casa? (EUR., HF. 523-530)

O quadro desolador da casa é descrito, servindo na cenografia para organizar a cena teatral. O pressuposto é que mulheres sejam isoladas dentro de casa, especificamente para serem protegidas dos olhos do ὄχλος, o que não é o caso. Mais ainda: o pai ancião de Héraclès está a chorar. A casa, desordenada, coincide com a desordem que está no exterior da mesma, conforme explicado por Anfitrião:

Ἀμφιτρύων

πολλοὺς πένητας, ὀλβίους δὲ τῷ λόγῳ
 δοκοῦντας εἶναι συμμάχους ἄναξ ἔχει,
 οἱ στάσιν ἔθηκαν καὶ διώλεσαν πόλιν
 ἐφ' ἀρπαγαῖσι τῶν πέλας, τὰ δ' ἐν δόμοις
 δαπάναισι φροῦδα διαφυγόνθ' ὑπ' ἀργίας.
 ὤφθης ἐσελθὼν πόλιν: ἐπεὶ δ' ὤφθης, ὄρα
 ἐχθροὺς ἀθροίσας μὴ παρὰ γνώμην πέσης.

Anfitrião

O rei tem uma multidão de aliados,
 vilões necessitados que parecem ser prósperos
 que semearam a discórdia e derrubaram a *pólis*
 com o objetivo de saquear seus vizinhos; pois a riqueza que tinham
 nas moradas foi toda gasta, dissipada por sua preguiça.
 Tu foste visto entrando na *pólis*; e, sendo assim, tome cuidado
 para não reunir seus inimigos e ser morto desprevenido. (EUR., HF. 588-594)

A chegada de Héraclès causou a acumulação de seus inimigos (ἀθροίσας, verso 594), como se fora uma assembleia cujo ímpeto é impedir o fracasso do golpe contra a democracia por meio da implantação da discórdia entre os cidadãos (verso 590). Logo, a cena, cujo gênero discursivo é a informação e a cenografia é a anamnese, o relato dos eventos passados, mostra a operação de um golpe aristocrático que utilizou a discórdia como recurso.

O desfecho de *Héracles* se dá por meio do auxílio de Teseu, que conduz o herói a Atenas. Ao considerar a possibilidade de se exilar, Héracles amargamente reflete, ponderando a respeito da relação entre a opinião pública e o dano público o que segue:

ἄλλ' Ἄργος ἔλθω; πῶς, ἐπεὶ φεύγω πάτραν;
 φέρ' ἄλλ' ἐς ἄλλην δὴ τιν' ὀρμήσω πόλιν;
 κἄπειθ' ὑποβλεπώμεθ' ὡς ἐγνωσμένοι,
 γλώσσης πικροῖς κέντροισι κληδουχοῦμενοι:
 Οὐχ οὗτος ὁ Διός, ὃς τέκν' ἔκτεινέν ποτε
 δάμαρτά τ'; οὐ γῆς τῆσδ' ἀποφθαρῆσεται;

Mas ir para Argos? Como, sendo um exilado da pátria?
 Bem, há uma única outra *pólis* que eu possa correr?
 Devo então ser visto de soslaio como um homem marcado,
 preso por línguas cruéis e punhaladas:
 “Não é este o filho de Zeus que uma vez assassinou os filhos
 e a esposa? Não sumirá desta terra?” (EUR., *HF*. 1286-1290)

A cena, que tem por gênero discursivo a contestação (verso 1255) em resposta às advertências de Teseu, apresenta nos versos indicados (versos 1286-1290) a hipótese de recurso à migração para outra *pólis*. Porém, Héracles destaca que a opinião pública, cônica de que ele é o homem que assassinou os próprios filhos e esposa, pode puni-lo com “punhaladas” (verso 1288). Ao fim da peça, convencido de que Atenas o receberá por causa de seus feitos e da disposição dos atenienses de honrá-lo (versos 1313-1393), ele parte para a *pólis*. As críticas às assembleias, porém, perduram: a vulnerabilidade às intrigas semeadas e o risco da volatilidade da opinião pública.

3.2.11. *Troianas*

Troianas é a terceira peça de uma tetralogia apresentada entre 415-414 a.C., composta por este drama, por *Alexandre* e *Palamedes*, e tendo por drama satírico, *Sísifo*.⁴⁷⁵ *Troianas* é ambientada em Troia após a sua captura pelos gregos. Todos os homens troianos foram mortos, as troianas se tornaram cativas. Menelau e Taltíbio são as únicas personagens masculinas em cena, e Hécuba é a protagonista que permanece em cena durante todo o drama.

Em *Troianas*, os aqueus se preparam para deixar Troia. Estão em cena no prólogo Atena e Poséidon, que concordam que eles devem morrer no mar por causa de seus sacrilégios. Ao que parece, a peça denuncia o que acontecerá na campanha ateniense na Sicília.

⁴⁷⁵ AEL., *VH* 2.8; ESCÓLIA DE AR., *Av.* 1326; AR., *Vesp.* 842.

O coro da peça *Troianas* afirma que se é para ser escravo, que ao menos a escravidão se dê na “próspera terra de Teseu” (verso 209). A menção a Atenas tem por contraponto a rejeição de Esparta (versos 2010-211). Isso coloca em cena os principais atores no conflito bélico contemporâneo à encenação, a Guerra do Peloponeso.

O primeiro gênero discursivo que se destaca na avaliação das alusões diretas ou indiretas às assembleias é o diálogo entre Taltíbio, arauto grego, e Hécuba, com intervenções do coro. O diálogo é um anúncio, entrecortado com as reações das cativas:

Χορός
καὶ μὴν Δαναῶν ὄδ’ ἀπὸ στρατιᾶς
κῆρυξ, νεοχμῶν μύθων ταμίας,
στείχει ταχύπου ἵχνος ἐξανύων.
τί φέρει; τί λέγει; δοῦλαι γὰρ δὴ
Δωρίδος ἐσμὲν χθονὸς ἥδη.

Ταλθύβιος
Ἐκάβη, πυκνάς γὰρ οἴσθ’ ἀμ’ ἐς Τροίαν ὁδοὺς
ἐλθόντα κήρυκ’ ἐξ Ἀχαιικοῦ στρατοῦ,
ἐγνωσμένος δὲ καὶ πάροιθέ σοι, γύναι,
Ταλθύβιος ἦκω καινὸν ἀγγελῶν λόγον.

Ἐκάβη
αἰᾶ, τόδε
τόδε, φίλαι Τρωάδες, ὁ φόβος ἦν πάλαι.

Ταλθύβιος
ἦδη κεκλήρωσθ’, εἰ τόδ’ ἦν ὑμῖν φόβος.

Ἐκάβη
αἰᾶ, τίν’ ἦ
Θεσσαλίας πόλιν ἦ
Φθιάδος εἵπας ἢ Καδμείας χθονός;

Ταλθύβιος
κατ’ ἄνδρ’ ἐκάστη κοῦχ ὁμοῦ λελόγγατε.

Coro
Mas veja! Um arauto do exército dânao,
com um estoque de novas proclamações,
vem apressado aqui.
Qual é a missão dele? O que ele diz? Pois somos de fato
já somos escravas da terra dórica.

Taltíbio
Hécuba, conheces-me das minhas muitas idas
como arauto do exército aqueu no caminho de Troia.
Eu era reconhecido por ti, senhora, mesmo antes:
eu, Taltíbio, venho anunciar uma nova mensagem.

Hécuba
Aiai, isso,
isso, queridas troianas, que eu tinha medo.

Taltíbio

Já fostes sorteadas, se esse era o vosso medo.

Hécuba

Aiai, que

a *pólis* da Tessália, ou

da Ftia dizes, ou da terra de Cadmo?

Taltíbio

Sorteou-se cada uma por sua vez, não de uma só vez. (EUR., *Tro.* 230-243)

As reações das cativas e principalmente de Hécuba reflete o medo das decisões provenientes das assembleias (verso 239). A cenografia intercala o anúncio de que há um anúncio (versos 235-238), a declaração de pavor de Hécuba (verso 239), o prenúncio de que houve um sorteio (verso 240) e a pergunta sobre os locais de servidão feita por Hécuba, com sugestões (versos 240-242). A assembleia é, para escravos, lugar em que se deliberam coisas terríveis, deixando à mercê os cativos. No caso da cena destacada, as cativas foram alvo de um cuidado especial: elas foram sorteadas uma de cada vez (verso 243), o que indica uma decisão demorada e qualificada, e que será para o prejuízo inevitável das escravas, e para o benefício pleno dos homens que deliberaram.

Outra deliberação da assembleia, e que também terá o mesmo gênero discursivo (anúncio) está na esticomitia entre Taltíbio e Hécuba:

Ταλθύβιος

Φρυγῶν ἀρίστου πρὶν ποθ' Ἔκτορος δάμαρ,
μή με στυγῆσης: οὐχ ἑκὼν γὰρ ἀγγελῶ.
Δαναῶν δὲ κοινὰ Πελοπιδῶν τ' ἀγγέλματα...

Ἀνδρομάχη: τί δ' ἔστιν; ὥς μοι φροϊμίων ἄρχη κακῶν.

Ταλθύβιος: ἔδοξε τόνδε παῖδα ... πῶς εἶπω λόγον;

Ἀνδρομάχη: μῶν οὐ τὸν αὐτὸν δεσπότην ἤμῃν ἔχειν;

Ταλθύβιος: οὐδεὶς Ἀχαιῶν τοῦδε δεσπόσει ποτέ.

Ἀνδρομάχη: ἀλλ' ἐνθάδ' αὐτοῦ λείψανον Φρυγῶν λιπεῖν;

Ταλθύβιος: οὐκ οἶδ' ὅπως σοι ῥαδίως εἶπω κακά.

Ἀνδρομάχη: ἐπήνεσ' αἰδῶ, πλὴν ἔὰν λέγῃς καλά.

Ταλθύβιος: κτενοῦσι σὸν παῖδ', ὥς πύθη κακὸν μέγα.

Ἀνδρομάχη: οἴμοι, γάμων τόδ' ὥς κλύω μεῖζον κακόν.

Ταλθύβιος: νικᾷ δ' Ὀδυσσεύς ἐν Πανέλλησιν λέγων...

Taltíbio

Você que já foi esposa de Heitor, o mais bravo dos frígios,
não me odeie, pois não sou um mensageiro voluntário.
São anúncios comuns dos dânaos e dos pelópidas.

Andrômaca: O que é isso? Seu proêmio é um presságio de más notícias.

Taltíbio: Pareceu bem que o teu filho... como digo a decisão?

Andrômaca: Não terá o mesmo soberano que nós?

Taltíbio: Nenhum dos aqueus será seu soberano.

Andrômaca: Aqui deixarão o remanescente dos frígios?

Taltíbio: Não sei como te dizer facilmente as coisas más.

Andrômaca: Louvo o pudor, exceto se disseres coisas boas.
 Taltíbio: Matarão teu filho, ouça tão grande mal!
 Andrômaca: *Oíμοι!* Isso que ouvi é um mal maior que as núpcias!
 Taltíbio: Odisseu vence pelas palavras todos os helenos... (EUR., *Tro.* 709-721)

A cenografia inicial (versos 709-711) aponta para o constrangimento de Taltíbio, que diz de si mesmo não ser voluntário para dar as notícias. Isso pressupõe que a assembleia não apenas determina decisões que atingem os cativos, mas também determina serviços para cidadãos que são compulsórios, e causam vexame e constrangimento. A esticomitia que segue aponta que Hécuba já sabe que as notícias são más, e ela é surpreendida com a notícia da deliberação da morte de seu neto, um bebê.

Na cena seguinte, cujo gênero discursivo é a ordem, a cenografia migra da fala ao bebê sobre a necessidade de abandonar a mãe e obedecer à decisão por sufrágio (versos 783-785) à declaração de impiedade da decisão, que exigiria um ato impiedoso para cumprir a ordem (verso 787). A assembleia é caracterizada como impiedosa, indecente e sem sentimentos:

Ταλθύβιος
 ἄγε παῖ, φίλιον πρόσπτυγμα μεθείς
 μητρὸς μογερᾶς, βαῖνε πατρῶων
 πύργων ἐπ' ἄκρας στεφάνας, ὅθι σοι
 πνεῦμα μεθεῖναι ψῆφος ἐκράνθη.
 λαμβάνετ' αὐτόν. τὰ δὲ τοιάδε χρῆ
 κηρυκεύειν, ὅστις ἄνοικτος
 καὶ ἀναιδεῖα τῆς ἡμετέρας
 γνώμης μᾶλλον φίλος ἐστίν.

Vem, filho, deixe o abraço carinhoso
 de sua mãe sofrida, e suba às ancestrais
 torres sobre altas coroas, onde de ti
 o ar será retirado como foi determinado por sufrágio.
 Leve-o embora. É necessário que essas coisas
 sejam anunciadas pelo que é impiedoso
 e para quem a falta de decência é maior
 do que o nosso sentimento. (EUR., *Tro.* 782-789)

Uma vez que o próprio Taltíbio reconhece que o anúncio de algo tão grave e ímpio, decidido por sufrágio, deveria ser anunciado por um mensageiro impiedoso, uma variação disso aparece nos versos 895-902:

Ἑλένη
 Μενέλαε, φροῖμιον μὲν ἄξιον φόβου
 τόδ' ἐστίν: ἐν γὰρ χερσὶ προσπόλων σέθεν
 βία πρὸ τῶνδε δωμάτων ἐκπέμπομαι.
 ἀτὰρ σχεδὸν μὲν οἶδά σοι μισουμένη,
 ὅμως δ' ἐρέσθαι βούλομαι: γνῶμαι τίνες
 900 Ἑλλησι καὶ σοὶ τῆς ἐμῆς ψυχῆς πέρι;

Μενέλαος
 οὐκ εἰς ἀκριβὲς ἦλθες, ἀλλ' ἅπας στρατὸς
 κτανεῖν ἐμοὶ σ' ἔδωκεν, ὄνπερ ἠδίκεις.

Helena

Ó Menelau! Este proêmio pode muito bem me encher de medo;
pois fui apanhada pelos teus servos
com violência e levado diante destas tendas.
Ainda assim, embora eu tenha certeza de que tu me odeias,
ainda quero perguntar: o que tu
e os helenos decidiram sobre minha vida?

Menelau

Não foi decidido, mas todo o exército
deu-te para mim para te matar, exército que está injuriado. (EUR., *Tro.* 895-902)

A cena, cujo gênero discursivo é uma consulta a Menelau feita por Helena, a cenografia passa da declaração de medo diante do proêmio anunciado (versos 895-897), e a pergunta propriamente dita, emoldurada com a declaração de que Menelau pode não querer responder por causa do ódio (versos 898-900). A resposta de Menelau afirma que a deliberação foi colocar sobre ele o direito de decidir.

Há em *Troianas*, em suma, a indicação de que as deliberações em assembleias contra escravos são muito ruins contra eles, a não ser que os interesses privados de um cidadão ilustre como Menelau façam com que haja consideração a ponto de a assembleia delegar ao homem interessado a punição que melhor lhe aprouver, inclusive nenhuma – o que será o caso.

3.2.12. *Ifigênia em Táuris*

Ifigênia em Táuris é uma tragédia que evidencia, nas resoluções dos seus trímetros iâmbicos falados, uma alta taxa de resolução,⁴⁷⁶ o que aponta para uma data de composição entre 417-412 a.C.⁴⁷⁷ Já a análise de seus tetrâmetros trocáicos e dos diâmetros coriâmbicos de seus estâsimos, além de seu léxico, aponta para uma data entre 414-412 a.C.⁴⁷⁸ Auxilia na datação a referência à purificação de Delos pelos atenienses em 426-425 e dos eventos subsequentes (versos 1096-1105); ou a hostilidade ateniense contra os videntes após o fracasso da expedição siciliana (versos 570-575). A peça, portanto, pode ser datada após *Troianas* e próxima de *Íon* (entre 414 ou 413 a.C.).

Há em *Ifigênia em Áulis*, *Helena* e *Andrômaca* um mesmo padrão temático e estrutural: um longo sofrimento, a salvação que envolve reconhecimentos e intrigas. Porém, *Ifigênia em Táuris* parece

⁴⁷⁶ CROPP, M.; FICK, G. *Resolutions and Chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. Londres: Institute of Classical Studies, University of London, 1985, p. 20-23.

⁴⁷⁷ *Idem. Ibidem*, p. 23.

⁴⁷⁸ SMITH, J. A.; KELLY, C. Stylistic Constancy and Change Across Literary Corpora: Using Measures of Lexical Richness to Date Works. *Computers and the Humanities* 36, 2002, p. 411-430.

estar ligada mais à tragédia *Helena*, pois em ambas as heroínas escapam para lugares remotos (Táuris e Egito), são transportadas pelos deuses pouco antes do início da guerra de Troia sem o conhecimento de suas famílias e compatriotas, fogem após a chegada de um parente do sexo masculino, enganando os governantes locais e com o apoio do Coro.⁴⁷⁹

Ifigênia em Áulis coloca em destaque o repúdio do povo diante daquilo que parece covardia ou traição por *anandria*. Avança um pouco na indicação de que a reunião do povo coloca em destaque a maldade dessa coletividade:

Πυλάδης
 αἰσχρὸν θανάτῳ σοῦ βλέπειν ἡμᾶς φάος:
 κοινῇ τ' ἔπλευσα ... δεῖ με καὶ κοινῇ θανεῖν.
 καὶ δειλίαν γὰρ καὶ κάκην κεκτήσομαι
 Ἄργει τε Φωκέων τ' ἐν πολυπτύχῳ χθονί,
 δόξω δὲ τοῖς πολλοῖσι — πολλοὶ γὰρ κακοὶ —
 προδοῦς σεσῶσθαι σ' αὐτὸς εἰς οἴκους μόνος
 ἢ καὶ φονεύσας ἐπὶ νοσοῦσι δώμασι
 ῥάψαι μόρον σοι σῆς τυραννίδος χάριν,
 ἔγκληρον ὡς δὴ σὴν κασιγνήτην γαμῶν.
 ταῦτ' οὔν φοβοῦμαι καὶ δι' αἰσχύνης ἔχω,
 κούκ ἔσθ' ὅπως οὐ χρῆ συνεκπνεῦσαί μὲ σοι
 καὶ σὺν σφαγῆναι καὶ πυρωθῆναι δέμας,
 φίλον γεγῶτα καὶ φοβούμενον ψόγον.

Pílades
 É vergonhoso para mim viver quando tu estás morto;
 Eu naveguei junto a ti ... e devo morrer contigo.
 Pois parecerei covarde e vil
 em Argos e nas muitas dobras das montanhas da Fócia.
 Parecerá aos muitos - pois muitos são maus —
 que eu o traí e me salvei para voltar sozinho,
 ou planejei sua morte, nas enfermidades de suas moradas,
 por causa de seu reino,
 já que sou herdeiro pois me casei com sua irmã.
 Tenho medo dessas coisas e me envergonho;
 e devo dar meu último suspiro contigo,
 ser morto contigo e consumido na pira;
 porque sou seu amigo e temo reprovação. (EUR., *IT.* 674-686)

A cena apresenta o gênero discursivo e é a declaração de compromisso com a *philia*, com três cenografias: a do compromisso de morte (versos 674-675); a reflexão sobre como ele será considerado caso Orestes morra e ele não (versos 676-682); e a declaração de *philia* e de medo de reprovação (versos 683-684). O que diz a respeito à crítica da assembleia é a opinião (verso 678) que leva à reprovação (verso 686).

A crítica ao processo de deliberação se estende à descrição de Orestes ao seu próprio processo penal em Atenas:

Ὅρεστης

⁴⁷⁹ BURNETT, A. P. *Catastrophe Survived. Euripides' Plays of Mixed Reversal*. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. 1-14.

λέγοιμ' ἄν: ἀρχαὶ δ' αἶδε μοι πολλῶν πόνων.
 ἐπεὶ τὰ μητρὸς ταῦθ' ἅ σιγῶμεν κακὰ
 ἐς χεῖρας ἦλθε, μεταδρομαῖς Ἐρινύων
 ἠλαυνόμεσθα φυγάδες, ἔνθεν μοι πόδα
 ἐς τὰς Ἀθήνας δῆτ' ἔπεμψε Λοξίας,
 δίκην παρασχεῖν ταῖς ἀνωνύμοις θεαῖς.
 ἔστιν γὰρ ὅσια ψῆφος, ἦν Ἄρει ποτὲ
 Ζεὺς εἶσατ' ἔκ του δὴ χερῶν μιάσματος.
 ἐλθὼν δ' ἐκέϊσε — πρῶτα μὲν μ' οὐδεὶς ξένων
 ἐκὼν ἐδέξαθ', ὡς θεοῖς συγούμενον:
 οἱ δ' ἔσχον αἰδῶ, ξένια μονοτράπεζά μοι
 παρέσχον, οἴκων ὄντες ἐν ταύτῳ στέγει,
 σιγῇ δ' ἔτεκτῆναντ' ἀπόφθεγκτόν μ', ὅπως
 δαιτὸς γενοίμην πώματός τ' αὐτοῖς δίχα,
 ἐς δ' ἄγγος ἴδιον ἴσον ἅπασι βακχίου
 μέτρημα πληρώσαντες εἶχον ἠδονήν.
 κἀγὼ 'ξελέγξαι μὲν ξένους οὐκ ἠξίουں,
 ἦλγουν δὲ σιγῇ κἀδόκουں οὐκ εἰδέναι,
 μέγα στενάζων οὐνεκ' ἦ μητρὸς φονεύς.
 κλύω δ' Ἀθηναίοισι τὰμὰ δυστυχῆ
 τελετὴν γενέσθαι, κᾶτι τὸν νόμον μένειν,
 χοῆρες ἄγγος Παλλάδος τιμᾶν λεών.

Orestes

Eu vou te dizer; este é o começo de meus muitos problemas.
 Quando as maldades da minha mãe, das quais não posso falar,
 chegaram-me às mãos, fui levado à fuga pela perseguição das Erínias;
 então Lóxias me enviou a Atenas,
 para fazer justiça às deusas que não podem ser nomeadas.
 Pois ali há um tribunal sagrado, que Zeus estabeleceu
 outrora para Ares, quando as suas mãos estavam manchadas de sangue.
 Eu fui para lá - a princípio, nenhum anfitrião
 me acolheria de bom grado, como alguém odiado pelos deuses;
 então alguns que se envergonharam me ofereceram
 uma mesa à parte, como convidado, estando eles sob o mesmo teto,
 e em silêncio me impediram de falar,
 para que eu ficasse separado deles na comida e na bebida.
 Eles serviram uma medida igual de Báquio,
 para todos, e tiveram seu leite.
 E não julguei justo culpar os meus anfitriões,
 mas sofri em silêncio e fingia não saber,
 enquanto suspirava profundamente por ser o assassino de minha mãe.
 Ouvi dizer que meus infortúnios se tornaram em Atenas
 uma festa, e o costume permanece,
 e o povo de Palas honra a taça vertente. (EUR., *IT.* 939-960)

O texto tem por gênero discursivo o relato em forma de anamnese. No trecho destacado, Orestes mostra a deliberação em seu favor, e a inaceitação da lei por parte de seus acusadores, algumas Erínias. Indica Atenas como uma *pólis* acolhedora, que coloca Dioniso acima dos infortúnios de quem a visita. O trecho parece aludir à *pólis* que, nas Dionisiacas, acolhe a todos, inclusive criminosos, fazendo-os ter um alívio de suas dores. Portanto, a reprovação afirmada na cena anterior (versos 674-686) aparece regulada, submetida a princípios de hospitalidade, ainda que mantida em

termos mais gerais no silenciamento do transgressor (verso 962). Logo, a crítica que se observa às assembleias é indireta, e diz respeito ao julgamento da opinião pública que leva à reprovação em contexto deliberativo. Tal reprovação é negativa no sentido de ser uma disposição da multidão, que é má; mas é positiva no sentido de pressionar em favor de uma socialização que fortalece os laços de fidelidade à *phília*.

3.2.13. *Íon*

Íon é uma tragédia que remonta ao período de fracasso da expedição ateniense na Sicília, ocorrida no verão de 413 a.C. A derrota ateniense provocou uma série de revoltas e tensões sociais que estão refletidas na peça.⁴⁸⁰ Por essa razão, *Íon* parece ser uma peça com um tom conciliatório, e a falta de indícios da discussão do golpe oligárquico de 411 a.C. parece evidenciar que a tragédia foi composta antes do golpe.⁴⁸¹ *Íon* tem indicações métricas que apontam para uma data de encenação próxima a 410 a.C.⁴⁸² Os estudos de datação de *Íon* já apontavam tal data sem a consideração das questões métricas,⁴⁸³ e a consideração da métrica permite uma data que pode recuar até 412 a.C.⁴⁸⁴

O tema de *Íon* é a autoctonia ateniense, a estreita ligação da πόλις com Atena. Íon é filho de Creúsa com Apolo, sendo sua mãe a única sobrevivente dentre os descendentes de Erecteu após a morte de Cécrope, Orítia e Prócris. Após Apolo violentar Creúsa e a engravidar, ela concebeu e abandonou o menino na gruta em que foi estuprada, em Atenas. Hermes levou a criança para Delfos, ao templo, e a pítia do templo criou o menino no serviço religioso em honra a Apolo. Xuto, meteco, se casou com Creúsa; eles sofrem com a esterilidade, e vão para Delfos consultar como superá-la. A peça parece tragicômica,⁴⁸⁵ como *Ifigênia em Táuris* ou *Helena*, sendo protótipo da comédia no sentido

⁴⁸⁰ LEÃO, D. C. "Autoctonia, filiação legítima e cidadania no Íon de Eurípidés". *Humanitas* 63, 2011, p. 105-122.

⁴⁸¹ ZACHARIA, K. *Converging Truths. Euripides' Ion and the Athenian Quest for Self-Definition*. Leiden, Boston: Brill, 2003, p. 3-7.

⁴⁸² CROPP, M. J.; FICK, G. Resolutions and Chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies. *Bulletin Supplement* 43, 1985, p. 23 (p. iii, vii-ix, xi, 1-25, 27-92).

⁴⁸³ WILAMOWITZ, U. von. *Griechische Tragödien übersetzt*. Vol. 3. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1926, p. 24; OWEN, A. S. *Euripides Ion*. Oxford: Clarendon Press, 1957, p. xxxvi – xxxvii; MACURDY, G. H. *The Chronology of the Extant Plays of Euripides*. New York: Haskell House, 1966, p. 84-91; LEE, K. H. *Euripides Ion*. Warminster: Aris & Phillips, 1997, p. 40; LESKY, A. *Greek Tragic Poetry*. New Haven, Londres: Yale University Press, 1983, p. 316, 473 nota 252; ZACHARIA, K. *Converging Truths. Euripides' Ion and the Athenian Quest for Self-Definition*. Leiden, Boston: Brill, 2003, p. 3-5; PELLEGRINO, M. *Euripides Ion*. Bari: Palomar, 2004, p. 28-29; SWIFT, L. A. *Euripides. Ion*. Liverpool: Bristol Classical Press, 2008, p. 28-30; MARTIN, G. On the Date of Euripides' *Ion*. *Classical Quarterly* 60 (2), 2010, p. 647-651; *Idem*. *Euripides. Ion*. Berlim, Boston: De Gruyter, 2018, p. 24-32; GIBERT, J. C. *Euripides. Ion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 2-4.

⁴⁸⁴ ZACHARIA, K. *Converging Truths. Euripides' Ion and the Athenian Quest for Self-Definition*. Leiden, Boston: Brill, 2003.

⁴⁸⁵ SEIDENSTICKER, B. *Palintonos Harmonia. Studien zu Komischen Elementen in der Griechischen Tragödie*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982, p. 154.

moderno do termo.⁴⁸⁶ A peça também introduz elementos de realismo doméstico, como comida e bebida em cena, com toques de humor,⁴⁸⁷ ainda que se mantenha o propósito de comover o público.⁴⁸⁸

A condição política de Xuto em Atenas é alvo de discussão na cena que segue:

Ἴων: πόσις δὲ τίς σ' ἔγνημ' Ἀθηναίων, γύναι;
 Κρέουσα: οὐκ ἀστός, ἀλλ' ἑπακτὸς ἐξ ἄλλης χθονός.
 Ἴων: τίς; εὐγενῆ νιν δεῖ πεφυκέναι τινά.
 Κρέουσα: Ξοῦθος, πεφυκὼς Αἰόλου Διὸς τ' ἄπο.
 Ἴων: καὶ πῶς ξένος σ' ὦν ἔσχεν οὔσαν ἐγγενῆ;
 Κρέουσα: Εὐβοί' Ἀθήναις ἔστι τις γείτων πόλις ...
 Ἴων: ὄροις ὑγροῖσιν, ὡς λέγουσ', ὠρισμένη.
 Κρέουσα: ταύτην ἔπερσε Κεκροπίδαις κοινῶ δορί.
 Ἴων: ἐπίκουρος ἐλθών; κᾶτα σὸν γαμεῖ λέχος;
 Κρέουσα: φερνάς γε πολέμου καὶ δορὸς λαβῶν γέρας.

Íon: Quem é teu esposo dentre os atenienses, mulher?
 Creúsa: Não é cidadão, mas forasteiro de outra terra.
 Íon: Quem? Deve ser alguém bem-nascido.
 Creúsa: Xuto, filho de Éolo e oriundo de Zeus.
 Íon: Como um estrangeiro uniu-se a ti, nativa?
 Creúsa: Eubeia é uma *pólis* vizinha de Atenas.
 Íon: Faz fronteira por limites úmidos, como se diz.
 Creúsa: Tomou-a por meio da lança comum dos Cecrópidas.
 Íon: Foi ajudar? E assim obtive o teu leito?
 Creúsa: Tomou como dote de guerra e prêmio de lança. (EUR., *Íon* 289-298)

A esticomitia (versos 258-368) pertence ao gênero discursivo do reconhecimento: Íon fará um longo interrogatório a Creúsa sem saber que ela é sua mãe. A cenografia da parte selecionada consiste na mudança do assunto do reconhecimento: as perguntas que gravitavam em torno de Creúsa, agora serão a respeito de Xuto, seu esposo. É em tal contexto que a condição política de Xuto em Atenas é alvo de discussão. Xuto é de uma *pólis* vizinha a Atenas (Eubeia, verso 294), recebendo-a por dote e prêmio por lutar em favor dos cidadãos. Logo, insere-se no tema do valor do meteco, o que, no contexto de enunciação, poderia atrair a simpatia de parte significativa da audiência. Há, porém, na cena, uma certa crítica: Creúsa indica que ele não é cidadão (verso 290), inaugurando assim a discussão sobre cidadania que se estenderá a outras personagens. Destaca-se que, nesta cena, o que se apresenta é um defensor de Atenas, casado com uma ateniense, e que nem assim tinha o *status* de cidadão.

A segunda personagem que terá sua condição diante dos cidadãos de Atenas questionada é o próprio Íon. A cena que segue menciona a sua condição de *nóthos*, bastardo, diante dos cidadãos atenienses:

⁴⁸⁶ KNOX, B. M. W. *Word and Action: Essays on the Ancient Theatre*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979, p. 264.

⁴⁸⁷ GREGORY, J. "Comic Elements in Euripides". *Illinois Classical Studies* 24/25, 1999-2000, p. 59-74.

⁴⁸⁸ TAPLIN, O. "Fifth-Century Tragedy and Comedy." In: SEGAL, E. (ed.). *Oxford Readings in Aristophanes*. Oxford: Oxford University Press, 1996, p. 9-28.

Ἴων

οὐ ταύτῳ εἶδος φαίνεται τῶν πραγμάτων
 πρόσωθεν ὄντων ἐγγύθεν θ' ὀρωμένων.
 ἐγὼ δὲ τὴν μὲν συμφορὰν ἀσπάζομαι,
 πατέρα σ' ἀνευρών: ὧν δὲ γινώσκω, πάτερ,
 ἄκουσον. εἶναί φασι τὰς αὐτόχθονας
 κλεινὰς Ἀθήνας οὐκ ἐπέισακτον γένος,
 ἴν' ἐσπεσοῦμαι δύο νόσω κεκτημένος,
 πατρός τ' ἐπακτοῦ καὶ τὸς ὧν νοθαγενής.
 καὶ τοῦτ' ἔχων τοῦνειδος, ἀσθενής μὲν ὧν —
 μηδὲν καὶ οὐδὲν ὧν κεκλήσομαι:
 ἦν δ' ἐς τὸ πρῶτον πόλεος ὀρμηθεὶς ζυγὸν
 ζητῶ τις εἶναι, τῶν μὲν ἀδυνάτων ὑπο
 μισησόμεσθα: λυπρὰ γὰρ τὰ κρείσσονα:
 ὅσοι δέ, χρηστοὶ δυνάμενοί τ' εἶναι σοφοί,
 σιγῶσι κού σπεύδουσιν ἐς τὰ πράγματα,
 γέλωτ' ἐν αὐτοῖς μωρίαν τε λήψομαι
 οὐχ ἡσυχάζων ἐν πόλει φόβου πλέα.
 τῶν δ' ἂν λογίων τε † χρωμένων τε τῇ πόλει
 ἐς ἀξίωμα βὰς πλέον φρουρήσομαι
 ψήφοισιν. οὕτω γὰρ τὰδ', ὦ πάτερ, φιλεῖ:
 οἱ τὰς πόλεις ἔχουσι κάξιώματα,
 τοῖς ἀνθαμίλλοις εἰσὶ πολεμιώτατοι.

Íon

As coisas não têm a mesma aparência
 de longe como quando vistas de perto.
 Congratulo-me com minha fortuna,
 encontrando em ti meu pai.
 Mas ouça, pai. Diz-se que os famosos atenienses
 são autóctones, não uma raça estrangeira,
 de modo que eu os atacarei com duas doenças,
 meu pai um estrangeiro e eu de nascimento bastardo.
 E com esta censura, se eu for insignificante -
 eu serei chamado ninguém e nada.
 Se impelido a primeiro posto na *pólis*,
 eu tento ser alguém, pelos incapazes
 serei odiado, pois as coisas poderosas os fazem sofrer.
 E entre os nobres e capazes, e os que são sábios,
 que ficam calados e não estão ansiosos por assuntos públicos,
 parecerei para eles motivo de riso e um escárnio de estultícia,
 se não estiver calado numa *pólis* cheia de medo.
 Os † oradores †, que se servem da *pólis*,
 vigiarão meu ingresso em honrarias
 com votos. É provável que seja assim, pai;
 os que têm as *póleis* e têm honrarias
 são os mais hostis com os seus rivais. (EUR., *Íon* 585-606)

O texto apresenta a objeção como gênero discursivo, sendo tal objeção a resposta de Íon ao convite de Xuto, seu pretenso pai, para que eles se dirijam a Atenas. A cenografia começa com um aforisma (versos 585-586), seguindo com um agradecimento (versos 587-588), uma classificação de *status* (cidadãos, estrangeiros residentes e bastardos, versos 589-592), uma descrição do difícil ambiente político de Atenas na perspectiva de um *nóthos* (versos 593-594), o relato hipotético de

situações em que a reação ao progresso nos negócios públicos gerará ódio (versos 595-601). A cenografia prolonga as hipóteses de hostilidade para a própria assembleia (versos 602-606). Em suma, a assembleia é o lugar em que o ódio dos incapazes, o riso dos sábios, a fiscalização dos oradores e a hostilidade dos rivais tornará a vida do bastardo um sofrimento contínuo.

Ainda que Xuto pretenda que o *status* de Íon seja o de visitante (EUR., *Íon* 654-658) para manter a paz ao menos na dimensão do *oïkos*, ali também há hostilidade: a mãe de Íon, Creúsa, pensando ter que rivalizar com ele, delibera junto a um servo assassiná-lo por meio de um envenenamento, sem lograr êxito. Isso leva a um processo criminal em Delfos, que culmina na pena de morte:

Ὡ Γαῖα σεμνή, τῆς Ἐρεχθέως ὕπο,
ξένης γυναικός, φαρμάκοισι θνήσκομεν.
Δελφῶν δ' ἄνακτες ὤρισαν πετρορριφῆ
θανεῖν ἐμὴν δέσποιναν οὐ ψήφω μιᾶ,

“Ó Gaia sagrada, filha de Erecteu,
mulher estrangeira, tentaste me matar com veneno”.
Então, os senhores de Delfos decidiram
que minha senhora deveria morrer, e não por um voto apenas (EUR., *Íon* 1220-1223)

Há, no gênero discursivo sentença acima, duas cenografias: a denúncia (versos 1020-1021) e a pena (versos 1022-1023). Portanto, a deliberação penal, consistente com o crime planejado e tentado, contrasta com a injustiça das deliberações das assembleias de Atenas, movidas por ciúme e preconceito. Logo, a tragédia dá voz à crítica dos metecos e bastardos, os quais são muitas vezes benfeitores da *pólis*, mas são rechaçados injustamente por disputas sem sentido em assembleias em que os cidadãos buscam assegurar os seus direitos e privilégios.

3.2.14. Helena

Helena é uma tragédia que foi encenada em 412 a.C. Este drama euripidiano tem muitas inovações,⁴⁸⁹ e foi parodiado por Aristófanes (especialmente, em *Rãs* e em *Tesmoforiantes*),⁴⁹⁰ além de evidenciar uma ligação de Eurípides com Górgias,⁴⁹¹ já que ambos caracterizam Helena positivamente, contra a tradição mítica majoritária.⁴⁹²

⁴⁸⁹ TORRANCE, I. *Metapoetry in Euripides*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 282; D'ANGOUR, A. *The Greeks and the New: Novelty in Ancient Greek Imagination and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 194.

⁴⁹⁰ NIEDDU, G. F. The Poet at Work: The Parody of Helen in the *Thesmophoriazousae*. *Greece Rome and Byzantine Studies* 44, 2004, p. 331-360.

⁴⁹¹ DINUCCI, A. “Apresentação e tradução do *Elogio de Helena* de Górgias de Leontinos”. *ETHICA* 16 (2), 2009, p. 201-212.

⁴⁹² TORRANCE, I. *Metapoetry in Euripides*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 46.

Helena é um drama em que política e tragédia se sobrepõem⁴⁹³ em um enredo que apresenta uma heroína de beleza perfeita, de comportamento impecável e amor pelo marido.⁴⁹⁴ Por meio de uma das heroínas mais atraentes de Eurípides, ele ressalta o que o bom senso e a bondade cooperam na construção diante do fracasso no uso da força.⁴⁹⁵ A guerra contínua entre Atenas e Esparta está em cena na discussão, por meio da peça, entre a Esparta mítica e a Esparta real (análoga à Helena espectro e Helena real), e com os espartanos frequentemente acampados diante das muralhas de Atenas, Eurípides coloca em cena a discussão sobre o significado e sentido da identidade do inimigo ateniense.⁴⁹⁶

A única referência indireta à assembleia na tragédia é a fala de Castor, o *deus ex machina* da peça, que ao fim do seu discurso faz uma referência a um sem número de homens:

καὶ τῷ πλανήτῃ Μενέλεω θεῶν πάρα
μακάρων κατοικεῖν νῆσόν ἐστι μόρσιμον:
τοὺς εὐγενεῖς γὰρ οὐ στυγοῦσι δαίμονες,
τῶν δ' ἀναριθμῆτων μᾶλλον εἰσιν οἱ πόνοι.

E está destinado pelos deuses que o errante Menelau
habite nas ilhas dos bem-aventurados;
pois as divindades não odeiam os bem-nascidos,
mas os sofrimentos dos sem número são maiores. (EUR., *Hel.* 1676-1679)

O texto (versos 1642-1679), cujo gênero discursivo é a advertência/exortação, aponta para a injustiça da deliberação tirânica de Teoclímeno (verso 1642) contra os bem-nascidos amados pelas divindades (verso 1678). Já as massas populares sofrem (verso 1679) – um pensamento tipicamente favorável à aristocracia baseada no mérito. A vinculação de Esparta a esse modo de pensar constitui uma subscrição evidente do sentimento filolacedemônio em um contexto democrático. Logo, a referência não é à assembleia, nem mesmo em relação à crítica às multidões – o que há é um elogio à aristocracia que atende às demandas dos que pleiteiam a καλοκάγαθία [*kalokagathía*], ‘excelência’, autorreferência dos aristocratas.⁴⁹⁷ Não é de se estranhar que em Atenas esteja em guerra com Esparta e ao mesmo tempo abrigue discursos que a elogiem: Címon, um importante político ateniense, tinha um filho que se chamava Lacedemônio, mas ele liderou os hoplitas contra o exército espartano.⁴⁹⁸ Alcibiades tinha vínculos com Esparta, e era admirador do modo de vida espartano como Crítias, que elogiava inclusive as taças, modos e passos de dança espartanos.⁴⁹⁹

⁴⁹³ ARNOTT, P. D. *Public and Performance in the Greek Theatre*. Londres: Routledge, 1991, p. 52.

⁴⁹⁴ MURRAY, G. *Euripides and his Age*. Londres: Williams and Norgate, 1913, p. 144-145.

⁴⁹⁵ BOWRA, C. M. *Historia de la literatura griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1967, p. 93-94.

⁴⁹⁶ BURIAN, P. *Euripides: Helen*. Warminster: Aris & Phillips, 2007, p. 35.

⁴⁹⁷ DONLAN, W. “The Origin of *kalos kai agathos*”. *American Journal of Philology* 94 (4), 1973, p. 365-374. Ver ainda: BOURRIOT, F. *Kalos Kagathos, Kalokagathia*. Georg Olms: Hildesheim, 1995. Ver ainda: THUC. 4.40.2; XEN., *Hell.* 2.3.19, 5.3, 8-9; AR., Nu. 101.

⁴⁹⁸ PLUT., *Cimon* 16.8.

⁴⁹⁹ KRENTZ, P. *The Thirty at Athens*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

Mesmo sem crítica direta à assembleia, infere-se em *Helena* uma crítica à democracia, às assembleias, à isonomia e à isegoria, consideradas geralmente pelos filolacedemônios, injustas.

3.2.15. Fenícias

Fenícias é uma tragédia que pode ser datada próxima a *Helena* (412 a.C.) e *Ifigênia em Táuris* (413 a.C.).⁵⁰⁰ A análise dos metros sugere uma data anterior a peças como *Orestes* (408 a.C.).⁵⁰¹ É possível datar *Fenícias* em 410 ou 409 a.C.

Fenícias é uma peça caracterizada pela inovação e pelo seu novo estilo.⁵⁰² O recurso ao mito de Tebas e dos Labdácidas fez com que ele ultrapassasse os mitos narrados em suas fontes, como a *Tebaida*, de Estesícoro,⁵⁰³ ou a abordagem esquiliana de *Sete contra Tebas*. A proximidade de *Fenícias* com as fontes faz da peça drama intertextual; e as inovações introduzidas por Eurípides enriquecem ainda mais o mito.⁵⁰⁴ *Fenícias* narra a pré-história de Tebas, o parricídio de Laio, a história de Édipo até a sua maldição, a contenda de Etéocles e Polinices, a expedição contra Tebas, o duelo fratricida entre Etéocles e Polinices, o suicídio de Jocasta, o casamento de Antígona com Hémon, o enterro de Polinices e o exílio de Édipo em um único drama.⁵⁰⁵ E isso em uma estrutura complexa, que diverge de muitas narrativas que também abordam o ciclo épico tebano.

Uma primeira referência à opinião das mulheres faz uma crítica à sua capacidade oratória:

Παιδαγωγός
 ὃ τέκνον, ἔσβα δῶμα καὶ κατὰ στέγας
 ἐν παρθενῶσι μίμνε σοῖς, ἐπεὶ πόθου
 ἐς τέρψιν ἦλθες ὣν ἔχρηζες εἰσιδεῖν.
 ὄχλος γάρ, ὡς ταραγμὸς εἰσῆλθεν πόλιν,
 χωρεῖ γυναικῶν πρὸς δόμους τυραννικούς,
 φιλόψογον δὲ χρῆμα θηλειῶν ἔφθυ,

⁵⁰⁰ CROPP, M.; FICK, G. *Resolutions and chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. Londres: Institute of Classical Studies, University of Londres, 1985, p. 60-61.

⁵⁰¹ MASTRONARDE, D. J. *Euripides: Phoenissae*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 13-14.

⁵⁰² MICHELINI, A. "The 'packed-full' drama in late Euripides: *Phoenissae*." In: COUSLAND, J. R. C.; HUME, J. R. (eds.). *The Play of Texts and Fragments: Essays in honor of Martin Cropp*. Leiden: Brill, 2009, p. 169-182.

⁵⁰³ MAINGON, A. D. Form and Content in the Lille Stesichorus. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica* 31, 1989, p. 31-56 (especialmente, p. 52); ERCOLES, M.; FIORENTINI, L. Giocasta tra Stesicoro (PMGF 222 (b)) ed Euripide (Fenicie). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 179, 2011, p. 21-34; SWIFT, L. A. "Stesichorus on Stage." In: FINGLASS, P. J.; KELLY, A. (eds.). *Stesichorus in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p. 125-144.

⁵⁰⁴ PAPAPOULOU, T. *Euripides: Phoenician Women*. Londres: Duckworth, 2008, p. 27-48; BURIAN, P. "City, Farewell! Genos, Polis and Gender in Aeschylus's Seven Against Thebes and Euripides' *Phoenician Women*." MCCOSKEY, D.; ZAKIN, E. (eds.). *Tragedy and Sexual Difference*. Albany: Suny Press, 2009, p. 16-45; LAMARI, A. "Knowing a Story's End: Future Reflexive in the Tragic Narrative of the Argive Expedition Against Thebes." In: GRETHLEIN, J.; RENGAKOS, A. (eds.). *Narratology and Interpretation: The Content of Narrative Form in Ancient Literature*. Berlim: De Gruyter, 2009, p. 399-419.

⁵⁰⁵ PODLECKI, A. J. Some Themes in Euripides' *Phoenissae*. *TAPA* 93, 1962, p. 355-373; MASTRONARDE, D. J. *Studies in Euripides Phoinissai*. Tese de Doutorado. Toronto: Universidade de Toronto, 1974, p. 267-296; MUELLER-GOLDINGEN, C. *Untersuchen zu den Phoinissen des Euripides*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden, 1985, p. 1-5; FOLEY, H. *Ritual Irony. Poetry and Sacrifice in Euripides*. Ithaca: Cornell University Press, 1985, p. 112-132.

σμικράς τ' ἀφορμὰς ἦν λάβωσι τῶν λόγων,
πλείους ἐπεσφέρουσιν: ἡδονὴ δέ τις
γυναιξὶ μηδὲν ὑγιὲς ἀλλήλας λέγειν.

Pedagogo

Ó filha, vá para dentro e fique sob o abrigo
de seu quarto de solteira, agora que tu tiveste
seu desejo e viu tudo o que tu querias.
Pois uma multidão de mulheres está vindo para o palácio real,
enquanto a confusão entra na *pólis*.
Agora as mulheres, por natureza, gostam de encontrar falhas;
e se eles têm alguma tolerância para suas palavras,
elas exageram, pois as mulheres parecem ter prazer
em não dizer nada saudável umas sobre as outras. (EUR., *Phoen.* 193-201)

A cena apresenta o gênero discursivo da ordem dada pelo pedagogo. As cenografias indicadas são a ordem propriamente dita (versos 193-195); o informe da junção entre as mulheres e a confusão da *pólis* (versos 196-198); e a crítica às mulheres como oradoras e comentadoras umas sobre as outras (versos 199-201). Essa tentativa de confinar uma mulher de elite dentro de casa é um indício da influência de mulheres no espaço cívico.

A segunda cena é o anúncio da deliberação que antecedeu o combate, relatada pelo mensageiro, uma assembleia:

Ἄγγελος

αἰαῖ: τί μ' οὐκ εἶσας ἐξ εὐαγγέλου
φήμης ἀπελθεῖν, ἀλλὰ μηνῦσαι κακά;
τῷ παῖδε τῷ σὺ μέλλετον, τολμήματα
αἴσχιστα, χωρὶς μονομαχεῖν παντὸς στρατοῦ,
λέξαντες Ἀργεῖοισι Καδμείοισί τε
ἐς κοινὸν οἶον μήποτ' ὦφελον λόγον.
Ἐτεοκλέης δ' ὑπῆρξ' ἀπ' ὀρθίου σταθεῖς
πύργου, κελεύσας σῖγα κηρῦσαι στρατῶ:
ἔλεξε δ': ὦ γῆς Ἑλλάδος στρατηλάται
Δαναῶν ἀριστῆς, οἵπερ ἦλθετ' ἐνθάδε,
Κάδμου τε λαός, μήτε Πολυνείκους χάριν
ψυχὰς ἀπεμπολάτε μήθ' ἡμῶν ὑπερ.
ἐγὼ γὰρ αὐτὸς τόνδε κίνδυνον μεθεῖς
μόνος συνάψω συγγόνω τῶμῳ μάχην:
κἂν μὲν κτάνω τόνδ', οἶκον οἰκήσω μόνος,
ἡσώμενος δὲ τῷδε παραδώσω μόνω:
ὕμεῖς δ' ἀγῶν' ἀφέντες, Ἀργεῖοι, χθόνα
νίσεσθε, βίοντες μὴ λιπόντες ἐνθάδε,
Σπαρτῶν τε λαὸς ἄλλος ὅσος κεῖται νεκρός.
τοσαῦτ' ἔλεξε: σὸς δὲ Πολυνείκης γόνος
ἐκ τάξεων ὥρουσε κάπῃνει λόγους.
πάντες δ' ἐπερρόθησαν Ἀργεῖοι τάδε
Κάδμου τε λαὸς ὡς δίκαι' ἡγούμενοι.

Mensageiro

Aiaí! Por que não me deixaste com boa
nova partir, mas me fazes mostrar males?
Teus dois filhos estão prestes a coisas admiráveis
e ruins em um combate a sós sem a tropa.

Eles falaram aos argivos e aos cadmeus
 as mesmas palavras que nunca deviam.
 Etéocles deu início sobre a alta
 torre, ordenando à tropa que fizesse silêncio,
 dizendo: “Ó generais de tropa da terra grega,
 excelentes dânaos, que viestes aqui,
 e povo de Cadmo, não vendais vossas
 vidas, nem por Polinices, nem por nós.
 Eu próprio, me lançando a este perigo,
 combaterei sozinho o meu irmão;
 se eu o matar, governarei sozinho a casa,
 se eu for vencido, ele o fará sozinho.
 Vós, argivos, livres da luta, voltareis
 à terra, sem perderes aqui vossas vidas;
 à estirpe dos Semeados basta o quanto jaz morto”.
 Ele disse isso. O teu filho Polinices
 surgiu das fileiras e aprovou as palavras.
 Aplaudiram todos os argivos e o povo
 de Cadmo, considerando essas coisas justas. (EUR., *Phoen.* 1217-1239)

O gênero discursivo da cena selecionada é o anúncio, e a cenografia é a advertência (versos 1227-1228) para que os soldados não vendam a própria vida, comportando-se conforme o indicado: respeitando o combate individual entre Etéocles e Polinices, voltando para casa após a vitória de um deles – o que agradou o povo (versos 1238-1239). Logo, a peça tece críticas à possibilidade de que os cidadãos sejam vendidos (verbo ἀπεμπολάω no verso 1228), e que as cidadãs circulem em lugares públicos.

3.2.16. *Orestes*

A tragédia *Orestes* foi encenada em 408 a.C., 50 anos após a encenação da *Oresteia* de Ésquilo. O tema de *Orestes* é importante no contexto ateniense: ele terá de responder ao crime que cometeu, matando a sua própria mãe. No contexto de encenação de *Orestes*, os atenienses aprovaram uma lei que tornava legal matar qualquer um que tenha sido inimigo da democracia, estipulando que fazer isso não incorreria em culpa de sangue.⁵⁰⁶ Em *Orestes*, o protagonista e seu coadjuvante Píades são retratados como dois jovens aristocratas sitiados e perseguidos até a morte por um *dêmos* enfurecido. *Orestes* parece refletir o período conturbado de Atenas, com um sentimento antiguerra⁵⁰⁷ que subjaz no retrato do sofrimento colocado em cena. Encenada após o golpe oligárquico que provocou a constituição dos Quatrocentos, e a restauração da democracia em 410 a.C., *Orestes* tece críticas a líderes inescrupulosos (versos 770-771) e ao caráter volátil do *dêmos*.

⁵⁰⁶ SEALEY, R. Constitutional Changes in Athens in 410 B.C. *California Studies in Classical Antiquity* 8, 1975, p. 271-295.

⁵⁰⁷ CROALLY, N. T. *Euripidean Polemic: The Trojan Women and the Function of Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 253-277.

Em *Orestes*, o povo é visto em uma perspectiva crítica, quando age movido pela ira:

ὅταν γὰρ ἡβᾷ δῆμος εἰς ὄργην πεσών,
 ὁμοιον ὥστε πῦρ κατασβέσαι λάβρον:
 εἰ δ' ἡσύχως τις αὐτὸν ἐντείνοντι μὲν
 χαλῶν ὑπέικοι καιρὸν εὐλαβούμενος,
 ἴσως ἂν ἐκπνεύσειεν: ἦν δ' ἀνῆ πνοάς,
 τύχοις ἂν αὐτοῦ ῥαδίως ὅσον θέλεις.
 ἔνεστι δ' οἴκτος, ἔνι δὲ καὶ θυμὸς μέγας,
 καραδοκοῦντι κτῆμα τιμώτατον.

Pois quando o povo cai em uma fúria vigorosa,
 é semelhante a fogo violento difícil de extinguir.
 Mas se alguém afrouxar gentilmente seu aperto e ceder um pouco
 à tensão deles, observando cautelosamente sua oportunidade,
 eles podem se acalmar; as suas rajadas podem diminuir,
 e tu poderás obter facilmente o que quiser deles.
 Eles têm compaixão, e um temperamento quente também,
 uma qualidade inestimável se tu observares de perto. (EUR., *Or.* 696-703)

A cena dos versos 682-716, em relação ao seu gênero discursivo, é a resposta afirmativa à súplica de Orestes, feita por Menelau. Entre os argumentos que justificam o acolhimento da súplica está a descrição do povo quando se ira (versos 696-697): o povo é violento, e apenas uma abordagem que o acalme poderá ser bem-sucedida. Essa descrição do *páthos* do povo foge muito da perspectiva de que a justiça deveria ser considerada no julgamento da assembleia. Logo, a multidão que delibera apresenta duas faces: a ameaçadora de raiva, e a manipulável de pena e θυμός.

Outra caracterização da assembleia que delibera é dada pela personagem Pílates, que afirma:

Πυλάδης
 θᾶσσον ἢ με χρῆν προβαίνων ικόμην δι' ἄστεως,
 σύλλογον πόλεως ἀκούσας, τὸν δ' ἰδὼν αὐτὸς σαφῶς,
 ἐπὶ σὲ σύγγονόν τε τὴν σὴν, ὡς κτενοῦντας αὐτίκα.
 τί τάδε; πῶς ἔχεις; τί πράσσεις, φίλταθ' ἠλίκων ἐμοὶ
 καὶ φίλων καὶ συγγενείας; πάντα γὰρ τάδ' εἶ σύ μοι.

Pílates
 Atravessei a cidade mais veloz que devia,
 tendo ouvido que a *pólis* estava reunida, e vendo claramente
 que a intenção era matar a ti e à tua irmã.
 O que está acontecendo? Como estás? O que tens, melhor dos companheiros
 e amigos e parentes? Pois tu és tudo isso para mim. (EUR., *Or.* 729-733)

Os versos 729-733 apresentam o gênero discursivo da identificação e do reconhecimento. A cenografia apresenta o relato do modo de deslocamento de Pílates (versos 729-730), a intenção declarada da *pólis* de matar Orestes e sua irmã (verso 731) e a lembrança de que a ameaça não é apenas política/jurídica e pertencente ao campo das instituições e processos, mas é advinda de uma disposição contra Orestes. Por isso, a esticomitia que apresenta a decisão de Orestes de falar perante a assembleia coloca em destaque o potencial da multidão para o bem e para o mal:

Ὅρεστης: δεινὸν οἱ πολλοί, κακούργους ὅταν ἔχωσι προστάτας.
 Πυλάδης: ἀλλ' ὅταν χρηστοὺς λάβωσι, χρηστὰ βουλευούουσ' ἀεὶ.
 Ὅρεστης: εἶέν. ἐς κοινὸν λέγειν χρή.

Orestes: Os muitos são uma coisa terrível, quando eles têm líderes malfeitores.

Pílates: Mas quando têm alguém valioso, eles sempre deliberaram dignamente.

Orestes: Nós vamos então! É necessário falar para gente comum. (EUR., Or. 772-773)

Mesmo nesta passagem imediata, o tom das referências à assembleia por meio da menção ao povo é crítico, e contornado apenas por meio da persuasão. Isso fica mais evidente nos versos seguintes:

Πυλάδης
 πολεμία γὰρ ἦν.
 ἀλλ' ἔπειγ', ὡς μή σε πρόσθε ψῆφος Ἀργείων ἔλη,
 περιβαλὼν πλευροῖς ἐμοῖσι πλευρὰ νωχελῆ νόσω:
 ὡς ἐγὼ δι' ἄστεώς σε, σμικρὰ φροντίζων ὄχλου,
 οὐδέν αισχυνθεὶς ὀχρήσω. ποῦ γὰρ ὦν δείξω φίλος,
 εἶ σε μὴ 'ν δειναῖσιν ὄντα συμφοραῖς ἐπαρκέσω;

Ὅρεστης
 τοῦτ' ἐκεῖνο, κτᾶσθ' ἐταίρους, μὴ τὸ συγγενὲς μόνον:
 ὡς ἀνὴρ ὅστις τρόποισι συντακῆ, θυραῖος ὦν
 μυρίων κρείστων ὁμαίμων ἀνδρὶ κεκτῆσθαι φίλος.

Pílates
 Pois ela era uma inimiga.
 Mas apresse-se, para que o voto de Argos não o pegue primeiro,
 apoiando esses membros, lentos de doença, nos meus;
 pois vou levá-lo pela cidade, pensando pouco na multidão
 e sem ter vergonha. Pois como poderei provar minha amizade,
 senão ajudando-o em grande aflição?

Orestes
 Aquilo que se diz: “consiga amigos, não apenas familiares”.
 Pois um homem que se confunde com os vossos caminhos, embora seja um
 forasteiro,
 é melhor ter como amigo do que toda uma multidão de parentes. (EUR., Or. 799-
 806)

O gênero discursivo do compromisso de amizade (versos 799-804), com cenografia de orientação (versos 800-801), caracteriza o povo que decide pelo voto como precipitado, em claro contraste com a demora dos membros adoentados de Orestes. Logo, à denúncia do caráter volúvel da assembleia soma-se a acusação de sua precipitação em processos decisórios, que é contornada por meio da *philia*, descrita como melhor do que a cidadania por Orestes (versos 805-806).

O gênero discursivo do anúncio é o instrumento para o relato do mensageiro a respeito das decisões da assembleia. Na descrição mais longa de uma assembleia política na tragédia grega, o mensageiro mostra como o povo se comporta durante a discussão do matricídio cometido por Orestes:

Ἄγγελος

ἐτύγχανον μὲν ἀγρόθεν πυλῶν ἔσω
 βαίνων, πυθέσθαι δεόμενος τά τ' ἀμφὶ σοῦ
 τά τ' ἀμφ' Ὀρέστου: σῶ γὰρ εὖνοϊαν πατρί
 ἀεὶ ποτ' εἶχον, καὶ μ' ἔφερβε σὸς δόμος
 πένητα μὲν, χρῆσθαι δὲ γενναῖον φίλοις.
 ὀρῶ δ' ὄχλον στείχοντα καὶ θάσσοντ' ἄκραν,
 οὗ φασὶ πρῶτον Δαναὸν Αἰγύπτῳ δίκας
 διδόντ' ἀθροῖσαι λαὸν ἐς κοινὰς ἔδρας.
 ἀστῶν δὲ δὴ τιν' ἠρόμην ἄθροισμ' ἰδών:
 Τί καινὸν Ἄργει; μῶν τι πολεμίων πάρα
 ἄγγελμ' ἀνεπτέρωκε Δαναΐδῶν πόλιν;
 ὃ δ' εἶπ': Ὀρέστην κεῖνον οὐχ ὄρᾳς πέλας
 στείχοντ', ἀγῶνα θανάσιμον δραμούμενον;
 ὀρῶ δ' ἄελπτον φάσμ', ὃ μήποτ' ὠφέλον,
 Πυλάδην τε καὶ σὸν σύγγονον στείχονθ' ὁμοῦ,
 τὸν μὲν κατηφῆ καὶ παρειμένον νόσῳ,
 τὸν δ' ὥστ' ἀδελφὸν ἴσα φίλῳ λυπούμενον,
 νόσημα κηδεύοντα παιδαγωγίᾳ.
 ἐπεὶ δὲ πλήρης ἐγένετ' Ἄργείων ὄχλος,
 κῆρυξ ἀναστάς εἶπε: Τίς χρήζει λέγειν,
 πότερον Ὀρέστην κατθανεῖν ἢ μὴ χρεῶν,
 μητροκτονοῦντα; κάπῃ τῶδ' ἀνίσταται
 Ταλθύβιος, ὃς σῶ πατρί συνεπόρθει Φρύγας.

Mensageiro

Eu acabava de chegar do campo e entrava pelas portas,
 precisando saber o que estava decidido sobre ti
 e Orestes, pois sempre fui bem-disposto a teu pai
 quando ele estava vivo, e foi sua casa que me criou,
 pobre de fato, mas leal ao serviço dos amigos.
 Eu vi uma multidão indo e tomando seus assentos no alto,
 onde dizem que dânaos primeiro reuniram seu povo para uma reunião,
 fazendo as pazes com Egito. Assim, quando vi
 a multidão, perguntei a um cidadão:
 “Que novidades em Argos? As notícias do inimigo
 não perturbaram a *pólis* dos dânaos, não é?”
 Mas ele disse: “Você não vê Orestes lá,
 a caminho de ser julgado por sua vida?”
 Tive uma visão inesperada, que gostaria de não ter visto,
 Pílates e seu irmão se aproximando juntos,
 aquele de cabeça baixa, enfraquecido pela doença;
 o outro compartilhando a dor do amigo como um irmão,
 cuidando de sua doença com cuidado constante.
 Agora, quando os argivos estavam reunidos,
 um arauto se levantou e disse: “Quem quer dar sua opinião
 se Orestes deve ou não ser morto pelo assassinato de sua mãe?”
 Então se levantou Taltíbio,
 que ajudou seu pai a despedir os frígios. (EUR., *Or.* 866-888)

Entre as muitas cenografias no relato do mensageiro, a primeira é a declaração da necessidade de conhecimento das decisões da assembleia a respeito de Orestes e Electra (versos 866-870). Quem decide é chamado pelo vocábulo ὄχλος, que é volúvel, pendendo para decisões díspares:

ἐπερρόθησαν δ' οἱ μὲν ὡς καλῶς λέγοι,
 οἱ δ' οὐκ ἐπὶ γόνου. κάπῃ τῶδ' ἀνίσταται

άνήρ τις άθυρόγλωσσος, ισχύων θράσει,
 Άργεΐος ούκ Άργεΐος, ήναγκασμένος,
 θορύβω τε πίσυνος κάμαθει παρρησία,
 πιθανός έτ' αυτούς περιβαλεΐν κακῶ τιτι:
 όταν γάρ ήδύς τις λόγοις φρονῶν κακῶς
 πείθη τὸ πλήθος, τῆ πόλει κακὸν μέγα:

Alguns gritaram que suas palavras eram boas,
 mas outros desaprovaram. Em seguida levantou-se um sujeito,
 que não consegue fechar a boca; alguém cuja insolência é sua força;
 um argivo, mas não de Argos, imposto a nós;
 confiantes na arrogância e na liberdade de expressão ignorante,
 e plausíveis o suficiente para envolvê-los em algum mal mais cedo ou mais tarde;
 pois sempre que um homem com um truque de linguagem agradável,
 mas de princípios doentios, persuade a multidão, é um grande mal para a *pólis*;
 (EUR., Or. 901-908)

Há, no processo decisório, opiniões diversas, que se dissolvem pela persuasão, que se mostra um grande mal (versos 907-908). O poder da persuasão é tão grande que Orestes, ao falar em seu próprio nome, não obtém sucesso:

άλλ' ούκ έπειθ' ὄμιλον, εϋ̅ δοκῶν λέγειν.
 νικᾷ δ' έκεΐνος ὁ κακός έν πλήθει λέγων,
 ὃς ήγόρευσε σύγγονον σέ τε κτανεΐν.

Mas por tudo que ele parecia falar bem, ele não persuadiu a assembleia;
 mas aquele vilão que falou a favor de matar a ti e a teu irmão
 ganhou seu ponto apelando para a multidão. (EUR., Or. 943-945)

Ali, derrotado pela persuasão, Orestes promete morrer por suas próprias mãos:

μόλις δ' έπεισε μή πετρομένους θανεΐν
 τλήμων Όρέστης: αυτόχειρι δέ σφαγῆ
 ύπέσχετ' έν τῆδ' ήμέρα λείψειν βίον
 σύν σοί. πορεύει δ' αυτόν έκκλήτων άπο
 Πυλάδης δακρύων: σύν δ' ὀμαρτοϋσιν φίλοι
 κλαΐοντες, οϊκτίροντες: έρχεται δέ σοι
 πικρόν θέαμα καί πρόσσοψις άθλία.

O pobre Orestes mal os convenceu a não matá-lo
 por apedrejamento, prometendo morrer
 pelas próprias mãos, com você, neste dia.
 Pílates, em lágrimas, agora o traz do conclave;
 e os seus amigos fazem-lhe companhia,
 com lamentos e lamentações; então ele vem,
 uma visão amarga e visão lamentável. (EUR., Or. 946-952)

A assembleia é descrita em *Orestes* como um lugar em que vítimas conduzidas para serem julgadas pela lei serão alvos de oportunismo, vingança, incitação à turba, alienação, hostilidade, sendo necessária não uma avaliação conforme a lei, mas a persuasão para que alguém seja punido. Sendo assim, construir boas relações e adular as massas reunidas para delas obter algum favor se torna o caminho inevitável para não ser vítima das massas volúveis, passionais e influenciáveis.

3.2.17. *Bacantes*

Bacantes é uma tragédia encenada entre 407 e 406 a.C., pelo filho de Eurípides após a sua morte. A tragédia se passa em Tebas e a ação principal ocorre nas pastagens aos pés do Monte Citerão. O jovem rei Penteu, filho de Agave, uma das tias de Dioniso, enlouquecido por Dioniso, quer manter a ordem entre as mulheres por medo de que elas façam orgias sexuais. Dioniso, para ludibriá-lo, assume a forma de um belo jovem estrangeiro de longos cachos loiros e modos efeminados, e procura convencer Penteu a subir à montanha disfarçado e sem a companhia do exército para observar as mulheres. Penteu acaba sendo descoberto pelas mulheres, que o rasgam membro por membro e levam os seus restos para Tebas. Após as mulheres perceberem que estão de posse dos restos mortais de Penteu, Dioniso aparece e ordena que Agave e as suas irmãs deixem Tebas, e que Cadmo e sua esposa Harmonia sejam transformados em serpentes.

A crítica que se faz à assembleia parece ser dirigida em *Bacantes* às deliberações daquelas que não participam das assembleias regulares na *pólis*, que se reúnem em um espaço não-políade para adorar um deus errante, Dioniso:

λιπῶν δὲ Λυδῶν τοὺς πολυχρύσους γύας
 Φρυγῶν τε, Περσῶν θ' ἠλιοβλήτους πλάκας
 Βάκτριά τε τείχη τήν τε δύσχιμον χθόνα
 Μήδων ἐπελθῶν Ἀραβίαν τ' εὐδαίμονα
 Ἀσίαν τε πᾶσαν, ἢ παρ' ἄλμυρὰν ἄλλα
 κεῖται μιγᾶσιν Ἑλλησι βαρβάροις θ' ὁμοῦ
 πλήρεις ἔχουσα καλλιπυργώτους πόλεις,
 ἐς τήνδε πρῶτον ἦλθον Ἑλλήνων πόλιν,
 τάκεῖ χορεύσας καὶ καταστήσας ἐμὰς
 τελετάς, ἵν' εἶην ἐμφανῆς δαίμων βροτοῖς.

Deixe as ricas terras dos lídios
 e frígios, as planícies ressequidas pelo sol dos persas
 e as muralhas báctrias, e passei pela terra invernal
 dos medos, e a bem-aventurada Arábia,
 e toda a Ásia que fica ao longo da costa do mar salgado
 com suas *póleis* de belas torres cheias
 de helenos e bárbaros misturados;
 e vim primeiro a esta *pólis* dos gregos,
 já tendo posto essas outras terras para dançar e estabelecido meus mistérios ali,
 para que eu possa ser uma divindade manifestada entre os mortais. (EUR., *Bacch.*
 13-22)

O prólogo, cujo gênero discursivo é o proêmio trágico, que traz informações para que a audiência reconheça o enredo trágico, apresenta na cenografia dedicada ao *tópos* em que a cena se desenvolve (verso 20) o fluxo migratório que trará ao ambiente políade a perturbação que deslocará a assembleia de homens para o ajuntamento de mulheres, da *pólis* para o campo. A entrada em cena do coro de adoradores convoca todos para fora, e as mulheres se destacam neste movimento,

contrariando o seu *ethos* tradicional de permanecerem em casa. Logo, o frenesi de mulheres se relaciona à ameaça da violência cometida por mulheres que correm enlouquecidas:

αὐτίκα γὰ πᾶσα χορεύσει--
 Βρόμιος ὅστις ἄγη θιάσουσ--
 εἰς ὄρος εἰς ὄρος, ἔνθα μένει
 θηλυγενῆς ὄχλος
 ἀφ' ἰστών παρὰ κερκίδων τ'
 οἰστρηθεῖς Διονύσω.

Imediatamente toda a terra vai dançar –
 quem lidera a banda sagrada é Brômio –
 para a montanha, para a montanha, onde a multidão
 de mulheres espera,
 incitada por Dioniso
 para longe de sua tecelagem. (EUR., *Bacch.* 114-119)

Longe da tecelagem (verso 119) e ao contrário do que pode ser visto nas assembleias de cidadãos, mulheres se tornam um ὄχλος perigoso e curioso: perigoso, porque o desfecho será negativo; perigoso, porque suas ações são inusitadas e impróprias para mulheres.

Bacantes é uma tragédia afeita a realização de ajuntamentos e discussões dos problemas que surgem quando o arranjo políade é desfeito. Por essa razão, um pastor enuncia a Penteu eventos, utilizando-se do gênero discursivo do anúncio, reforçando a ideia de que as mulheres se tornaram uma multidão enlouquecida:

κυρεῖ δ' Ἀγαύη πλησίον θρώσκουσά μου:
 κἀγὼ 'ξεπήδησ' ὡς συναρπάσαι θέλων,
 λόχημν κενώσας ἐνθ' ἐκρυπτόμην δέμας.
 ἦ δ' ἀνεβόησεν: ἼΩ δρομάδες ἐμαὶ κύνες,
 θηρώμεθ' ἀνδρῶν τῶνδ' ὕπ': ἀλλ' ἔπεσθέ μοι,
 ἔπεσθε θύρσοις διὰ χερῶν ὠπλισμέναι.
 ἡμεῖς μὲν οὖν φεύγοντες ἐξηλύξαμεν
 βακχῶν σπαραγμόν, αἱ δὲ νεμομέναις χλόην
 μόσχοις ἐπήλθον χειρὸς ἀσιδήρου μέτα.
 καὶ τὴν μὲν ἂν προσεῖδες εὐθηλον πόριν
 μυκωμένην ἔχουσαν ἐν χεροῖν δίχα,
 ἄλλαι δὲ δαμάλας διεφόρουσ σπαράγμασιν.
 εἶδες δ' ἂν ἠ πλεῦρ' ἠ δίχηλον ἔμβασιν
 ῥιπτόμεν' ἄνω τε καὶ κάτω: κρεμαστὰ δὲ
 ἔσταζ' ὑπ' ἐλάταις ἀναπεφυρμέν' αἵματι.
 ταῦροι δ' ὕβρισται κὰς κέρας θυμούμενοι
 τὸ πρόσθεν ἐσφάλλοντο πρὸς γαῖαν δέμας,
 μυριάσι χειρῶν ἀγόμενοι νεανίδων.
 θᾶσσον δὲ διεφοροῦντο σαρκὸς ἐνδυτὰ
 ἠ σὲ ξυνάψαι βλέφαρα βασιλείοις κόραις.
 χωροῦσι δ' ὡστ' ὄρνιθες ἀρθεῖσαι δρόμῳ
 πεδίων ὑποτάσεις, αἱ παρ' Ἀσωποῦ ῥοαῖς
 εὐκαρπον ἐκβάλλουσι Θηβαίων στάχυν:
 ὕσις τ' Ἐρυθράς θ', αἱ Κιθαιρῶνος λέπας
 νέρθεν κατωκῆκασιν, ὥστε πολέμοι,
 ἐπεσπεσοῦσαι πάντ' ἄνω τε καὶ κάτω
 διέφερον: ἦρπαζον μὲν ἐκ δόμων τέκνα:

ὅποσα δ' ἐπ' ὤμοις ἔθεσαν, οὐ δεσμῶν ὑπο
 προσείχετ' οὐδ' ἔπιπτεν ἐς μέλαν πέδον,
 οὐ χαλκός, οὐ σίδηρος: ἐπὶ δὲ βοστρύχοις
 πῦρ ἔφερον, οὐδ' ἔκαιεν. οἳ δ' ὀργῆς ὑπο
 ἐς ὄπλ' ἐχώρουν φερόμενοι βακχῶν ὑπο:
 οὔπερ τὸ δεινὸν ἦν θέαμ' ἰδεῖν, ἄναξ.
 τοῖς μὲν γὰρ οὐχ ἤμασσε λογχωτὸν βέλος,
 κεῖναι δὲ θύρσους ἐξανιεῖσαι χερῶν
 ἐτραυμάτιζον κάπενώτιζον φυγῆ
 γυναῖκες ἄνδρας, οὐκ ἄνευ θεῶν τινος.
 πάλιν δ' ἐχώρουν ὄθεν ἐκίνησαν πόδα,
 κρήνας ἐπ' αὐτὰς ἄς ἀνήκ' αὐταῖς θεός.
 νίψαντο δ' αἶμα, σταγόνα δ' ἐκ παρηίδων
 γλώσση δράκοντες ἐξεφαίδρυνον χροός.
 τὸν δαίμον' οὔν τόνδ' ὄστις ἔστ', ὦ δέσποτα,
 δέχου πόλει τῆδ': ὡς τὰ τ' ἄλλ' ἐστὶν μέγας,
 κάκεϊνό φασιν αὐτόν, ὡς ἐγὼ κλύω,
 τὴν παυσίλυπον ἄμπελον δοῦναι βροτοῖς.
 οἴνου δὲ μηκέτ' ὄντος οὐκ ἔστιν Κύπρις
 οὐδ' ἄλλο τερπνὸν οὐδὲν ἀνθρώποις ἔτι.

Agave estava saltando perto de mim,
 e eu saltei, querendo agarrá-la,
 abandonando a emboscada onde me escondera.
 Mas ela gritou: "Ó minhas cadelas velozes,
 somos caçadas por esses homens; mas sigam-me!
 Sigam armadas com seus tirsos em suas mãos!"
 Fugimos e escapamos
 de ser dilacerados pelas bacantes, mas elas, de mãos desarmadas,
 saltaram sobre as novilhas que pastavam na grama
 despedaçando um bezerro gordo,
 enquanto outras destroçavam vacas.
 Pode-se ver costelas ou cascos fendidos
 jogados aqui e ali; apanhados nas árvores,
 eles pingaram, se envolveram em sangue.
 Touros que antes eram ferozes,
 e mostravam sua fúria com seus chifres, tropeçaram no chão,
 arrastados por inúmeras mãos jovens.
 A roupa de carne foi rasgada mais rápido
 do que poderia piscar os olhos reais.
 E como pássaros criados em seu curso,
 elas prosseguiram ao longo das planícies planas,
 que pelas correntes do Asopo produzem a abundante colheita tebana.
 E caindo como soldados sobre Hísias e Erítrae,
 cidades situadas abaixo do rochedo de Cíteron,
 viraram tudo de cabeça para baixo.
 Eles estavam tirando crianças de suas casas;
 e tudo o que puseram sobre os ombros,
 seja de bronze ou de ferro, não foi preso por laços,
 nem caiu por terra. Eles carregavam fogo em cabelos, mas não queimava.
 Algumas pessoas em fúria pegaram em armas, sendo saqueadas pelas Bacantes,
 e a visão disso foi terrível de se ver, senhor.
 Pois suas lanças pontiagudas não tiravam sangue,
 mas as mulheres, arremessando os tirsos de suas mãos,
 continuavam ferindo-os e fazendo-os fugir
 - as mulheres faziam isso com os homens, não sem a ajuda de algum deus.
 E voltaram de onde tinham vindo,

às mesmas fontes que o deus lhes mandara buscar,
 e lavaram o sangue, e as cobras limpavam
 as gotas das faces das mulheres com a língua.
 Receba este deus então, quem quer que seja,
 nesta *pólis*, mestre. Pois ele é grande em outros aspectos,
 e dizem isso também dele, segundo ouvi,
 que ele dá aos mortais a videira que põe fim à dor.
 Sem vinho não há mais Cípris
 ou qualquer outra coisa agradável para os homens. (EUR., *Bacch.* 728-774)

Aqui, uma longa cenografia com a anamnese dos eventos (versos 728-768) é seguida de uma cenografia com uma ordem no imperativo (em grego, δέχου), indicando a necessidade de receber Dioniso para que haja ordem. A ameaça representada pela multidão de bacantes pode ser controlada se o acolhimento ao deus que as anime proporcionar a vide que faz cessar a dor (verso 772). O campo potencial para a formação de uma sociedade hostil ou zombeteira é a dor e a ausência do elemento dionisiaco na *pólis*. Logo, a peça parece refletir a inoperância do governo masculino políade diante de dois problemas: o ajuntamento indiscriminado de mulheres e qualquer descuido relacionado ao dionisismo. A antiassembleia representada pelas mulheres em ambiente não-urbano impede a ordem políade.

3.2.18. *Ifigênia em Áulis*

Ifigênia em Áulis, segundo o escólio de *Rãs* de Aristófanes, foi produzida postumamente em Atenas, junto com *Bacantes* e *Alcméon em Corinto*, por Eurípides, o Jovem, filho ou sobrinho de Eurípides,⁵⁰⁸ por volta de 405 a.C. O drama encenado apresenta diante da audiência a crise política de Atenas nos últimos anos da Guerra do Peloponeso, para destacar a importância da diplomacia e do pragmatismo como meios para obter a paz.⁵⁰⁹

Ifigênia em Áulis descreve em seu prólogo a união das forças gregas, e o problema da excessiva acumulação de homens sem conseguirem partir, sem um lugar para ir:

τούντεῦθεν οὖν Ἕλληνας ἄξαντες δορί,
 τεύχη λαβόντες στενόπορ' Αὐλίδος βάθρα
 ἤκουσι τῆσδε, ναυσὶν ἀσπίσιν θ' ὁμοῦ
 ἵπποις τε πολλοῖς ἄρμασὶν τ' ἠσκημένοι.
 κάμῃ στρατηγεῖν † κᾶτα Μενέλεω χάριν †
 εἴλοντο, σύγγονόν γε. τάξιωμα δὲ
 ἄλλος τις ὠφελ' ἀντ' ἐμοῦ λαβεῖν τόδε.

⁵⁰⁸ ESCÓLIO DE AR., *Ran.* 67.

⁵⁰⁹ BLUME, H.-D. "Euripides' Iphigenia at Aulis: War and Human Sacrifice." In: MARKANTONATOS, A.; ZIMMERMANN, B. (eds.). *Crisis on Stage: Tragedy and Comedy in Late Fifth-Century Athens*. Berlim, New York: De Gruyter, 2012, p. 181-188 (especialmente, p. 182).

ἠθροισμένου δὲ καὶ ξυνεστῶτος στρατοῦ
ἡμεσθ' ἀπλοῖα χρώμενοι κατ' Αὐλίδα.

E assim os helenos, brandindo suas lanças
e vestindo seus arreios, chegaram ao estreito de Áulis
com armamentos de navios e tropas,
com muitos cavalos e carros, e me escolheram
para capitaneá-los † por causa de Menelau, †
meu irmão. Quem dera tivesse ganhado essa distinção
algum outro em vez de mim!
Mas depois que o exército foi reunido e constituído,
ainda permanecemos nas intempéries de Áulis. (EUR., IA. 80-88)

A condição precária do exército em Áulis desencadeia, no enredo, a ação de violação da norma de confinamento feminino e isolamento da multidão. O encontro entre a virgem e a multidão masculina indica o efeito da presença feminina em um contexto de homosocialização masculina:

ἐγὼ δὲ πρόδρομος σῆς παρασκευῆς χάριν
ἦκω: πέπυσται γὰρ στρατός — ταχεῖα γὰρ
διῆξε φήμη — παῖδα σὴν ἀφιγμένην.
πᾶς δ' ἐς θένα ὄμιλος ἔρχεται δρόμῳ,
σὴν παῖδ' ὅπως ἴδωσιν:

Mas eu como precursor deles para tua preparação
venho, pois o exército já sabe da chegada de sua filha,
e rapidamente se espalhou o boato.
E todo o povo acorre à vista,
para ver a tua filha. (EUR., IA. 424-428)

Aqui tem início a discussão em *Ifigênia em Áulis* da exposição feminina no ὄχλος, e como a interferência de tal influência escapa ao monitoramento e julgamento de protagonistas no processo de deliberação poliade, como Agamêmnon:

Μενέλαος: πῶς; τίς δ' ἀναγκάσει σε τὴν γε σὴν κτανεῖν;
Ἀγαμέμνων: ἅπας Ἀχαιῶν σύλλογος στρατεύματος.
Μενέλαος: οὐκ, ἦν νιν εἰς Ἄργος γ' ἀποστείλης πάλιν.
Ἀγαμέμνων: λάθοιμι τοῦτ' ἄν. ἀλλ' ἐκεῖν' οὐ λήσομεν.
Μενέλαος: τὸ ποῖον; οὔτοι χρὴ λίαν ταρβεῖν ὄχλον.

Menelau: Como assim? Quem vai obrigá-lo a matá-la?
Agamêmnon: Todo o exército aqueu aqui reunido.
Menelau: Não, se a mandar de volta para Argos.
Agamêmnon: Eu posso fazer isso despercebido, mas haverá outra coisa que eu não posso.
Menelau: O que é aquilo? Você não deve temer a multidão. (EUR., IA. 513-517)

Esta cena está presente em uma esticomitia cujo gênero discursivo é o juramento (verso 473), sendo os termos expostos no juramento propostos por Menelau a Agamêmnon. A cenografia presente na esticomitia selecionada é a das perguntas e respostas acerca da decisão da assembleia de guerreiros aqueus (versos 513-514), que, desobedecida por Agamêmnon, precisa sê-lo de maneira furtiva (verso

516). Logo, a temática do sacrifício da própria filha, sob decisão e coação da assembleia, ganha uma nova dimensão a partir do fato de que descumprir a ordem exige sigilo (verso 516) e coragem (verso 517).

A presença da jovem virgem perturba e estimula a deliberação equivocada dos aqueus. Porém, de igual modo é a presença da mãe de Ifigênia, Clitemnestra, que é lembrada da norma de que as mulheres devem ficar longe da reunião de homens:

Ἀχιλλεύς
τίς δ' εἶ; τί δ' ἦλθες Δαναϊδῶν ἐς σύλλογον,
γυνή πρὸς ἄνδρας ἀσπίσιν πεφραγμένους;

Aquiles
Quem és tu, e porque vieste à reunião dos dânaos,
tu, mulher, a um acampamento cercado de homens? (EUR., IA. 825-826)

Clitemnestra implora a Aquiles que a ajude, pois ela não pode esperar ter um resultado positivo encontro com a multidão de marinheiros:

οὐδὲ φίλος οὐδεὶς γελᾷ μοι: τὰ δ' Ἀγαμέμνονος κλύεις,
ὠμὰ καὶ πάντολμ': ἀφῖγμαι δ', ὥσπερ εἰσορᾷς, γυνή
ναυτικὸν στράτευμ' ἄναρχον κάπῃ τοῖς κακοῖς θρασύ...
χρήσιμον δ', ὅταν θέλωσιν. ἦν δὲ τολμήσης σύ μου
χεῖρ' ὑπερτεῖναι, σεσώσμεθ': εἰ δὲ μή, οὐ σεσώσμεθα.

Nenhum amigo está ao meu lado. Tu ouviste de Agamêmnon
o cruel esquema abandonado; e eu, uma mulher, vim, como tu viste,
vim a um acampamento de marinheiros sem lei, ousados na causa dos males...
embora úteis quando desejam. Agora, se tu corajosamente estenderes
teu braço para mim, estamos salvas; se não, não estamos salvas. (EUR., IA. 912-916)

O gênero discursivo da petição apela – não a aspectos relacionados à influência de Aquiles como guerreiro apenas, mas à consideração de que o acampamento de marinheiros é um lugar de homens sem lei, que delibera coletivamente e tem lado (verso 912). Logo, não se trata de um grupo amorfo de guerreiros dispostos a lutar, mas de homens que deveriam decidir a partir da lei, e com quem Clitemnestra não cultiva relações de *philia*. São críticas, portanto, à assembleia, por uma via indireta e representacional.

Aquiles, por sua vez, a adverte para não trazer Ifigênia para vê-lo, por medo de que o exército reunido a reprove, visto ser afeito a uma conversa caluniosa:

Ἀχιλλεύς
σύ μήτε σὴν παῖδ' ἕξαγ' ὄψιν εἰς ἐμήν,
μήτ' εἰς ὄνειδος ἀμαθῆς ἔλθωμεν, γύναι:
στρατὸς γὰρ ἄθρόος, ἀργὸς ὦν τῶν οἴκοθεν,
λέσχας πονηρὰς καὶ κακοστόμους φιλεῖ.
πάντως δέ μ' ἱκετεύοντέ θ' ἦξεν' εἰς ἴσον,
εἴ τ' ἀνικέτευτος: εἷς ἐμοὶ γάρ ἐστ' ἀγὼν
μέγιστος ὑμᾶς ἐξαπαλλάξαι κακῶν.
ὡς ἔν γ' ἀκούσασ' ἴσθι, μὴ ψευδῶς μ' ἐρεῖν:

ψευδῆ λέγων δὲ καὶ μάτην ἐγκερτομῶν,
θάνοιμι: μὴ θάνοιμι δ', ἦν σώσω κόρην.

Aquiles

Não traga sua filha para eu ver,
nem nos deixe incorrer na reprovação dos ignorantes, mulher;
porque um exército, quando reunido sem deveres domésticos,
ama conversas maldosas e línguas maliciosas.
Afinal, se vós duas me suplicarem,
obterão um resultado semelhante, eu mesmo estou envolvido
em uma luta poderosa para livrá-las de seus problemas.
Ouça e fique certa, não vou mentir.
Se eu fizer isso ou zombar de ti à toa,
que eu morra, mas viva se eu preservar a garota. (EUR., IA. 998-1007)

O gênero discursivo da ordem apresenta na cenografia da explicação (versos 1000-1001) duas peculiaridades que dizem respeito não às habilidades do combate, mas aos defeitos típicos de participantes de assembleia que não consideram as matérias em debate por meio da informação, mas pelos boatos. Por isso, há um esforço de Aquiles para persuadir as massas a poupar a vida de Ifigênia. Além disso, a assembleia reunida provoca preocupação em quem tem sua vida decidida por ela, mas não pode participar, pois a assembleia traz consigo notícias de males:

Ἀχιλλεύς

ἡμεῖς σε φύλακες οὔ χρεῶν φυλάξομεν,
μὴ τίς σ' ἴδῃ στείχουσιν ἐπτοημένην
Δαναῶν δι' ὄχλου: μηδὲ πατρῶον δόμον
αἴσχυν': ὁ γάρ τοι Τυνδάρεως οὐκ ἄξιος
κακῶς ἀκούειν: ἐν γὰρ Ἑλλήσιν μέγας.

Aquiles

Eu estarei de guarda para te guardar,
onde a ocasião chamar, para que ninguém te veja aturdida
pela multidão dos dánaos. Não envergonhe a casa de seu pai;
pois Tindáreo não merece
ouvir males; pois foi grande entre os helenos. (EUR., IA. 1028-1032)

O mito de Ifigênia na peça *Ifigênia em Áulis*, portanto, é uma decisão da assembleia, sendo o papel do pai de Ifigênia, Agamêmnon, temer a assembleia como um político que atua em uma democracia formada por uma multidão de homens despudorados e linchadores. A longa esticomitia de Aquiles e Clitemnestra mostra Agamêmnon mais fraco do que o exército/assembleia reunida:

Κλυταιμῆστρα: οὐ ψευδῆ θροεῖς.

Ἀχιλλεύς: δεῖν' ἐν Ἀργείοις βοᾶται ...

Κλυταιμῆστρα: τίνα βοήν; σήμαινέ μοι.

Ἀχιλλεύς: ἀμφὶ σῆς παιδός ...

Κλυταιμῆστρα: πονηρὸν εἶπας οἰωνὸν λόγον.

Ἀχιλλεύς: ὡς χρεῶν σφάξαι νιν.

Κλυταιμῆστρα: οὐδεὶς τοῖσδ' ἐναντίον λέγει;

Ἀχιλλεύς: ἐς θόρυβον ἐγὼ τι καυτὸς ἤλυθον ...

Κλυταιμῆστρα: τίν', ὦ ξένη;

Ἀχιλλεύς: σῶμα λευσθῆναι πέτροισι.

Κλυταιμῆστρα: μῶν κόρην σώζων ἐμήν;
 Ἀχιλλεύς: αὐτὸ τοῦτο.
 Κλυταιμῆστρα: τίς δ' ἂν ἔτλη τοῦ σώματος τοῦ σοῦ θιγεῖν;
 Ἀχιλλεύς: πάντες Ἕλληνες.
 Κλυταιμῆστρα: στρατὸς δὲ Μυρμιδῶν οὐ σοι παρῆν;
 Ἀχιλλεύς: πρῶτος ἦν ἐκεῖνος ἐχθρός.
 Κλυταιμῆστρα: δι' ἄρ' ὀλώλαμεν, τέκνον.
 Ἀχιλλεύς: οἶ με τὸν γάμων ἀπεκάλουν ἤσσονα.
 Κλυταιμῆστρα: ἀπεκρίνω δὲ τί;
 Ἀχιλλεύς: τὴν ἐμήν μέλλουσιν εὐνήν μὴ κτανεῖν ...
 Κλυταιμῆστρα: δίκαια γάρ.
 Ἀχιλλεύς: ἦν ἐφήμισεν πατήρ μοι.
 Κλυταιμῆστρα: καὶ Ἀργόθεν γ' ἐπέμψατο.
 Ἀχιλλεύς: ἀλλ' ἐνικώμην κεκραγμοῦ.
 Κλυταιμῆστρα: τὸ πολὺ γὰρ δεινὸν κακόν.
 Ἀχιλλεύς: ἀλλ' ὅμως ἀρήξομέν σοι.
 Κλυταιμῆστρα: καὶ μαχῆ πολλοῖσιν εἶς;
 Ἀχιλλεύς: εἰσορᾷς τεύχη φέροντας τούσδε;

Clitemnestra: Nenhum equívoco isso.
 Aquiles: Um grito de medo é ouvido entre os argivos.
 Clitemnestra: O que é isso? Diga-me.
 Aquiles: Diz respeito à sua filha.
 Clitemnestra: Anunciaste um mau presságio.
 Aquiles: Dizem que o sacrifício dela é necessário.
 Clitemnestra: E não há ninguém para dizer uma palavra contra eles?
 Aquiles: Na verdade, eu mesmo estava em algum perigo por causa do tumulto.
 Clitemnestra: Em perigo de quê, estranho?
 Aquiles: De ser apedrejado.
 Clitemnestra: Certamente não por tentar salvar minha filha?
 Aquiles: A própria razão.
 Clitemnestra: Quem ousaria encostar um dedo em você?
 Aquiles: Todos os homens da Hélade.
 Clitemnestra: Seus guerreiros Mirmidões não estavam ao seu lado?
 Aquiles: Eles foram os primeiros que se voltaram contra mim.
 Clitemnestra: Minha filha! Ao que parece, estamos perdidas.
 Aquiles: Menor que núpcias me dizem.
 Clitemnestra: E o que você respondeu a eles?
 Aquiles: Para não matar aquela com quem pretendia me casar...
 Clitemnestra: Justamente assim.
 Aquiles: A esposa que seu pai me prometeu.
 Clitemnestra: Sim, e enviado para buscar em Argos.
 Aquiles: Mas fui dominado por gritos clamorosos.
 Clitemnestra: Verdadeiramente a turba é um mal terrível.
 Aquiles: Mas eu vou te ajudar com tudo isso.
 Clitemnestra: Você realmente vai lutar contra eles sozinho?
 Aquiles: Você vê esses guerreiros aqui, carregando meus braços? (EUR., IA. 1346-1358)

A esticomitia, cujo gênero discursivo é o do anúncio das decisões da assembleia (verso 1350) – servindo Aquiles de mensageiro -, mostra em sua cenografia a dialética desencadeada por perguntas e respostas, em que a decisão é tomada, o contraditório no embate discursivo é possível, mas há violência contra oradores contrários e apenas Aquiles contra a maioria que deseja a morte da jovem. O próprio cumprimento da ordem envolve aspectos relacionados à assembleia:

Κλυταιμῆστρα: παῖς ἄρ' οὐκέτι σφαγήσεται;
 Ἀχιλλεύς: οὐκ, ἔμοῦ γ' ἐκόντος.
 Κλυταιμῆστρα: ἦξει δ' ὅστις ἄψεται κόρης;
 Ἀχιλλεύς: μυρίοι γ', ἄξει δ' Ὀδυσσεύς.
 Κλυταιμῆστρα: ἄρ' ὁ Σισύφου γόνος;
 Ἀχιλλεύς: αὐτὸς οὗτος.
 Κλυταιμῆστρα: ἴδια πράσσω, ἢ στρατοῦ ταχθεῖς ὕπο;
 Ἀχιλλεύς: αἶρεθεῖς ἐκῶν.
 Κλυταιμῆστρα: πονηράν γ' αἶρεσιν, μαιφονεῖν.

Clitemnestra: Então minha filha não será abatida agora?
 Aquiles: Não, não com o meu consentimento de qualquer forma.
 Clitemnestra: Mas será que algum deles virá pôr as mãos na empregada?
 Aquiles: Milhares deles, com Ulisses à frente.
 Clitemnestra: O filho de Sísifo?
 Aquiles: Ele mesmo.
 Clitemnestra: Agindo por conta própria ou por ordem do exército?
 Aquiles: Voluntário escolhido.
 Clitemnestra: Uma má escolha, de fato, manchar suas mãos de sangue. (EUR., *IA*. 1361-1364)

Aquiles quer lutar contra todas as probabilidades, mas há uma estrutura políade que delibera inclusive quem fará cumprir suas decisões (verso 1363). Com isso, está-se entre resistir à assembleia e cumprir sua decisão, com clara preponderância do domínio da multidão masculina e cidadã sobre qualquer iniciativa pessoal contrária a si, por meio de dispositivos eficazes, ainda que aplicados a decisões erradas. Logo, a peça estabelece uma clara crítica à obstinação nas deliberações injustas, que sacrificam aqueles cuja deliberação não passou por sua adesão, sem possibilidade de argumentar, visto estarem excluídos dos processos decisórios.

3.2.19. *Reso*

Reso é uma tragédia atribuída a Eurípides e que está relacionada à *Ilíada* de Homero, canto 10. Em seu enredo, os chefes gregos decidiram confiar a Odisseu e a Diomedes a missão de ir até o acampamento dos troianos para espioná-los, verificando a intenção ou não de atacar os aqueus.⁵¹⁰ Concomitante a isso, Heitor ofereceu aos troianos a melhor carruagem e os melhores cavalos gregos como recompensa a quem espionasse os aqueus, para constatar se eles tinham a intenção de partir. Os espiões se cruzam. Odisseu e Diomedes convencem o espião Dólón a revelar onde estão as tropas aliadas aos troianos, especialmente os trácios, os quais estão relacionados a *Reso*.⁵¹¹ Por essa razão,

⁵¹⁰ FENIK, B. *Iliad X and the Rhesus: The Myth*. Bruxelas, Berchem: Latomus, Revue d'Études Latines, 1964, p. 40-41.

⁵¹¹ RITCHIE, W. *The Authenticity of the Rhesus of Euripides*. Cambridge: Cambridge University Press, 1964, p. 64-81.

os aqueus massacraram Reso e doze de seus companheiros, e fugiram com os seus cavalos para o acampamento grego.

Reso apresenta, em seu enredo, indícios da desconexão com Eurípides que reforçam a acusação de que ela seria uma peça espúria. Se, formalmente, a evidência é a ausência do prólogo, tematicamente, há vários elementos que constituem uma ruptura significativa com as características do drama euripídiano. Há diálogos entre Atena e personagens da peça, bem como a Musa – uma personagem que não aparece nos dramas euripídianos supérstites. Outro aspecto a se destacar é o enredo eivado de personagens em interações várias sem a ocorrência de esticomitias com maior extensão.

O principal aspecto, porém, que parece indicar o caráter espúrio de *Reso* é a ausência de discussão da política ateniense, ao menos no que diz respeito à abordagem tipicamente euripídiana demonstrada nas outras peças. Odisseu, personagem que representa o demagogo e o orador inescrupuloso nas outras peças, não é caracterizado assim em *Reso*. Os artifícios euripídianos para lançar uma discussão a respeito da democracia, do povo ou de processos deliberativos cede m espaço em *Reso* para um conflito que se desdobra nos ocultamentos e revelações que dizem respeito às trajetórias das personagens. Em síntese, é possível afirmar que a autoria não é euripídiana, entre outras coisas, pela distância abissal que separa *Reso* das demais peças, especialmente na ausência da discussão a respeito de Atenas e da democracia (ou até mesmo dos demais regimes políticos gregos).

Este capítulo apresentou uma discussão pormenorizada e com exemplos das ocorrências diretas ou indiretas das assembleias atenienses no drama euripídiano. Por meio da análise das peças, observou-se basicamente três modalidades de peças:

- dramas que discutem diretamente a assembleia, colocando em cena menções ou alusões diretas a deliberações, como *Hécuba*, *Orestes*, *Suplicantes*, *Troianas*, *Íon*, *Heraclidas* e *Andrômaca*;
- dramas que não mencionam assembleias, mas fazem referências furtivas ou indiretas a elas ao promover comportamentos e práticas vivenciados ou que se desejava vivenciar ou desestimular nas assembleias, como é o caso de *Ciclope*, *Alceste*, *Medeia*, *Hipólito*, *Electra*, *Héacles*, *Ifigênia em Táuris*, *Helena*, *Fenícias* e *Bacantes* e *Ifigênia em Áulis*;
- um drama que não alude ao tema, que é *Reso*.

Por meio da análise dessas tragédias e drama satírico, foram observadas as estratégias de Eurípides para tratar do tema político, indicando como a democracia, em geral, e as assembleias, em particular, eram alvos de tratamento especial na sua produção dramática.

Viu-se, por fim, que a análise do discurso permite, por meio do reconhecimento das cenas (englobante, gênero discursivo e cenografia), ampliar a análise para que se vislumbre como os

discursos se relacionam com o cotidiano, intervindo nele por meio da compreensão pelos interlocutores/audiência das opiniões e críticas feitas por Eurípides, o dramaturgo.

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou demonstrar como a Atenas em que e para a qual Eurípides encenou os seus dramas era imbuída de memórias sobre governantes, legisladores, conflitos e conquistas. Tais se tornaram a base a partir do qual a democracia se consolidou. Porém, houve críticas à democracia feitas tanto pelos que viviam às margens do sistema democrático, quanto pelos que viam a democracia como um entrave aos seus interesses mais ou menos conspícuos. De todas as instituições democráticas em que seria possível observar tais críticas, são enfatizadas as assembleias de cidadãos atenienses. Partiu-se da hipótese de que houve uma relação entre as assembleias atenienses da segunda metade do século V a.C. e as suas representações nos dramas colocados em cena por Eurípides.

A introdução deste trabalho consistiu na apresentação do tema, da relevância do tema, dos referenciais teórico-metodológicos utilizados e das fontes. Indicou-se a proposta de ser realizada uma análise das imagens e representações políticas, considerando-se as teorias da história cultural. O *corpus* adotado, as tragédias euripidianas, foram apresentadas preliminarmente e foi proposta uma discussão a respeito dos sentidos de mito, de ὕβρις, de 'trágico', do efeito catártico das tragédias na audiência, da análise retórica e da análise do discurso.

Foi explicado que o recurso ao discurso se justifica por ser ele um instrumento de conservação da memória, um acesso à cultura. No caso do discurso euripidiano, evidenciou-se a polifonia em suas peças, e o cruzamento de conteúdos que produziam identificação e reflexão na audiência. O destaque dado às assembleias encenadas conecta, por meio do discurso, o mundo encenado e o mundo que é objeto de encenação.

O primeiro capítulo deste trabalho apresentou o contexto dos dramas de Eurípides no que diz respeito às assembleias. Foram demonstradas as correlações entre as assembleias da segunda metade do séc. V a.C. e aquelas colocadas em cena nas tragédias e no drama satírico *supérstites* de Eurípides. As fragilidades da democracia ateniense foram postas em destaque, para servirem de subsídios ao reconhecimento das críticas às assembleias em textos dramáticos.

O segundo capítulo mapeou as menções às deliberações e as reações às decisões tomadas em assembleias reais e representadas. Foram demonstrados os aspectos contextuais das assembleias atenienses, o que forneceu o contexto de enunciação dos dramas euripidianos. Em seguida, as assembleias representadas nos dramas de Eurípides são mapeadas e descritas.

O terceiro capítulo submeteu a passos específicos da análise do discurso proposta por Dominique Maingueneau os dramas *supérstites* de Eurípides, com o objetivo de colocar em destaque as críticas feitas à democracia que se manifestam nas peças. As ocorrências de críticas à democracia ateniense em Eurípides evidenciaram a existência de dramas que discutem diretamente a assembleia,

colocando em cena menções ou alusões diretas a deliberações; dramas que não se referem às assembleias, mas mencionam comportamentos e práticas vivenciados em contextos deliberativos coletivos; e até mesmo de um drama que não alude ao tema, *Reso*.

As críticas à democracia observadas são diversas: em *Ciclope*, a crítica à dificuldade em estabelecer consensos em nome das necessidades comuns; em *Alceste*, a crítica à oposição política que visa desabilitar e desacreditar o orador; em *Medeia*, a crítica ao ambiente decisório, onde são comuns decisões impensadas; em *Heraclidas*, a crítica à desobediência às leis sagradas e ao peso desigual da influência de alguns em detrimento dos demais; em *Hipólito*, a crítica aos obstáculos para um julgamento justo; em *Andrômaca*, a crítica à vulnerabilidade do povo diante de uma delação mentirosa, e à recusa indevida de que pessoas justas possam se defender de acusações falsas; em *Hécuba*, a crítica à manipulação das decisões por meio de oradores influentes, à transgressão das leis divinas, à ruptura com aliados e à má aplicação do conceito de honra; em *Suplicantes*, a crítica à assembleia doente, desequilibrada, silente; em *Electra*, a crítica ao julgamento preconceituoso, ao caráter implacável do povo e às restrições à cidadania que ignoram a precariedade das relações familiares, bem como à dificuldade dos que moram no campo de se envolverem nos assuntos políticos; em *Hércules*, a crítica às intrigas semeadas e à volatilidade da opinião pública; em *Troianas*, a crítica à prevalência dos interesses privados dos cidadãos ilustres; em *Ifigênia em Táuris*, a reprovação da má disposição da multidão, que é má; em *Íon*, a crítica à injustiça das deliberações das assembleias de Atenas, movidas por ciúme e preconceito; em *Helena*, a crítica à democracia, às assembleias, à isonomia e à isegoria; em *Fenícias*, a crítica à possibilidade de que os cidadãos sejam vendidos, e que as cidadãs circulem em lugares públicos; em *Orestes*, a crítica ao oportunismo, vingança, incitação à turba, alienação, hostilidade, e às massas volúveis, passionais e influenciáveis que deliberam; em *Bacantes*, a crítica à inoperância do governo masculino políade; e em *Ifigênia em Áulis*, a crítica à obstinação nas deliberações injustas, que sacrificam aqueles cuja deliberação não passou por sua adesão, sem possibilidade de argumentar, visto estarem excluídos dos processos decisórios.

O fato de a democracia ateniense ser uma democracia conhecida pelo engajamento ativo de seus cidadãos nos assuntos públicos; e pela votação direta, em que os cidadãos votavam livremente em projetos de lei e legislações sem serem classificados por suas classes econômicas, não a isentou de muitas deficiências. A discriminação das mulheres, dos escravos e dos estrangeiros residentes eliminou a maior parte da população da participação política. É no teatro popular e exótico de Eurípides que é possível encontrar uma das fontes para o reconhecimento das vozes críticas à democracia em ação nas assembleias. Analisar criticamente Eurípides permite vislumbrar que o sistema político democrático ateniense tinha deficiências que provavelmente explicam a sua crise e desaparecimento.

O sistema político moderno, especialmente sob a influência de John Locke e de John Stuart Mill, fez renascer a ideia de que o pensamento democrático remonta à antiga Atenas, suprimindo as

razões de seu colapso. O sistema democrático liberal moderno, e as suas noções de liberdade política e econômica dos cidadãos, de proteção da propriedade, de proteção dos interesses privados, de direito dos cidadãos ao voto, de liberdade de expressão, de oportunidades iguais e de direitos iguais, procuram muitas vezes se lastrear em uma perspectiva distante e pouco crítica da democracia na Antiguidade. O olhar mais aproximado e cuidadoso a respeito dos limites da democracia ateniense auxilia na tarefa de, neste particular, recalibrar o discurso e observar as incoerências persistentes da democracia, ontem e hoje.

REFERÊNCIAS

- AESCHYLUS. *Oresteia*. Introdução, tradução e notas de Oliver Taplin. New York, Londres: Liveright Publishing Corporation, 2018.
- AISER, W., MOATTI, C.; PÉBARTHE, C. (eds.). *Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009.
- AKRIGG, B. *Population and Economy in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- ALESHIRE, S. B. *The Athenian Asklepieion. The People, their Dedications, and the Inventories*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1989.
- ALLAN, W. *Euripides: Medea*. Londres: Duckworth, 2002.
- ALLAN, W. *Euripides: The Children of Heracles*. Londres: Warminster, 2001.
- ALLAN, W. *The Andromache and Euripidean Tragedy*. Oxford: 2000.
- ALMEIDA, C. A. Pais de. *Eurípides. Ifigênia em Áulide*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.
- ARNOTT, G. W. *Menander III*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- ARNOTT, P. D. *Public and Performance in the Greek Theatre*. Londres, New York: Routledge, 1989.
- AUSTIN, C. *Menander. Eleven Plays*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 2013.
- AUSTIN, C.; OLSON, S. D. *Aristophanes. Thesmophoriazusae*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- AZOULAY, V. *Périclès: La démocratie athénienne à l'épreuve du grand homme*. 12 ed. revisada e aumentada. Paris: Armand Colin, 2015.
- BADIAN, E. "Phrynichus and Athens' οἰκίη κακά". *Scripta Classica Israelica* 15, 1988, p. 55-60.
- BALOT, R. "Pericles' anatomy of democratic courage". *American Journal of Philology* 122, 2001, p. 505-525.
- BALOT, R. K. *A Companion to Greek and Roman Political Thought*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- BARBATO, M. *The Ideology of Democratic Athens Institutions, Orators and the Mythical Past*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2020.
- BARKER, E. T. E. *Entering the Agon Dissent and Authority in Homer: Historiography and Tragedy*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009.
- BARLOW, S. A. *Euripides: Heracles: Introduction, Translation and Commentary*. Warminster: Aris & Phillips, 1996.
- BARLOW, S. A., *Euripides: Trojan Women*. Warminster: Aris and Phillips, 1986.
- BARRETT, W. S. *Euripides. Hippolytus*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- BASTA DONZELLI, G. Euripide, *Electra* 518-44. *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 27, 1980, p. 109-119.
- BAUMAN, R. *Political Trials in Ancient Greece*. Londres: Routledge, 1990.
- BEES, N. A. *Corpus der griechisch-christlichen Inschriften von Hellas, I, Die griechisch-christlichen Inschriften des Peloponnes*, Atenas 1941.
- BENJAMIN, W. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERTRAND, J.-H. (ed.). *La Violence dans les Mondes Grec et Romain. Actes du Colloque international (Paris, 2-4 mai 2002)*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2005.

- BETTINI, M. (ed.). *La maschera, il doppio, il ritratto*. Bari: Laterza, 1991.
- BISHOP, C. *Participation*. Londres: White Chapel Gallery, 2006.
- BISSA, M. A. E. *Governmental Intervention in Foreign Trade in Archaic and Classical Greece*. Londres: University College London, 2013.
- BLAIKLOCK, E. M. *The Male Characters of Euripides. A Study in Realism*. Wellington: New Zealand University Press, 1952.
- BLAZINA, C. "Mythos and Men: Toward New Paradigms of Masculinity". *The Journal of Men's Studies* 5 (4), 1997, p. 285-294.
- BLOK, J. "Becoming Citizens: Some Notes on the Semantic of Citizen in Archaic Greece and Classical Athens". *Klio: Beiträge zur alten Geschichte* 87, 2005, p. 7-40.
- BLONDELL, R.; GAMEL, M.-K.; RABINOWITZ, N. S.; ZWEIG, B. *Women on the Edge: Four Plays by Euripides: Alcestis, Medea, Helen, Iphigenia at Aulis*. New York: Routledge, 1999.
- BOECKH, A. *Corpus Inscriptionum Graecarum*, I-IV. Berlin: Officina Academica, 1828-1877.
- BOMENY, H. "Encontro suspeito: história e ficção". *DADOS - Revista de Ciências Sociais* 33 (1), 1990, p. 83-118.
- BOND, G. W. 'Euripides' Parody of Aeschylus'. *Hermathenu* 118, 1974, p. 1-14.
- BOND, G. W. *Heracles. Euripides*. Oxford: Clarendon Press, 1981.
- BOURRIOT, F. *Kalos Kagathos, Kalokagathia*. Georg Olms: Hildsheim, 1995.
- BOUVRIE, S. *Women in Greek Tragedy*. Londres: Norwegian University Press, 1990.
- BOWRA, C. M. *Historia de la literatura griega*. México: Fondo De Cultura Economica, 1967.
- BRADEEN, D. W. *Inscriptions. The Funerary Monuments. The Athenian Agora 17*. Princeton: American School of Classical Studies, 1974.
- BRANDÃO, J. S. *Eurípides. Alceste*. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1968.
- BRASETE, M. F. *Eurípides. Electra*. Lisboa: Relógio de Água, 1998.
- BREMER, J. M. *Hamartía*. Amsterdam: A. M. Hakkert-Publisher, 1969.
- BRUNSCHWIG, J. *Aristote: Topiques*. Livres I-IV. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- BUCKLEY, T. *Aspects of Greek History 750-323 BC: A source-based approach*. Londres: Routledge, 2010.
- BURGESS, J. S. "Performance and the Epic Cycle." *The Classical Journal* 100, No. 1, 2004, p. 1-23.
- BURIAN, P. *Euripides: Helen*. Warminster: Aris & Phillips, 2007.
- BURNETT, A. P. *Catastrophe Survived. Euripides' Plays of Mixed Reversal*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- BUTCHER, S. H. *Aristotle's Theory Poetry and Fine Art*. Londres: Macmillan, 1932.
- CAIRNS, D.; LIAPIS, V. (eds.). *Dionysalexandros: Essays on Aeschylus and His Fellow Tragedians: In Honour of Alexander F Garvie*. Swansea: Classical Press of Wales, 2006.
- CALAME, C. "Facing Otherness: The Tragic Mask in Ancient Greece". *History of Religions* 26 (2), 1986, p. 125-142.
- CAMMACK, D. L. *Rethinking Athenian Democracy*. Tese de Doutorado. Cambridge (MA): Harvard University, 2013, p. 39-40.
- CÂNDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo: Nacional, 1985.

- CANEVARO, M. "Making and Changing Laws in Ancient Athens." *The Oxford Handbook of Ancient Greek Law*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- CARAWAN, E. "The Trial of the Arginousai Generals and the Dawn of "Judicial Review".' *Dike* 10, 2007, p. 19-56.
- CARDOSO, C. F. Tinham os antigos uma literatura? *Phônix/UFRJ*, Laboratório de História Antiga. Ano V. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 102-103.
- CAREY, C. (ed.). *Lysias, Selected Speeches*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CAREY, C. *Aeschines. Oratory of Classical Greece 3*. Austin: University of Texas Press, 2000.
- CARNEIRO, C. P. *Fronteiras Irmãs: Transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.
- CARPENTER, T.; FARAONE, C. (eds.). *Masks of Dionysus*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1993.
- CARTER, D. "Was Attic Tragedy Democratic?" *Polis: the Journal for Ancient Greek Political Thought* 21, 2004, p. 1-25.
- CARTER, D. (ed.) *Why Athens? A Reappraisal of Tragic Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- CARTER, D. M. "Reported Assembly Scenes in Greek Tragedy". *Illinois Classical Studies* 38, 2013, p. 23-63.
- CARTER, D. M. (ed.). *Why Athens? A Reappraisal of Tragic Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- CARTER, D. M. Was Attic Tragedy Democratic? *Polis* 2, 2004, p. 1-25.
- CARTER, D. The Demos in Greek Tragedy. *The Cambridge Classical Journal* 56, 2010, p. 47-94.
- CARTER, D. *The Politics of Greek Tragedy: Greece and Rome Live*. Exeter: University of Exeter Press, 2007.
- CARTER, L. *The Quiet Athenian*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- CASTIAJO, I. *O teatro grego em contexto de representação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- CAWTHORN, K. *Becoming Female: The Male Body in Greek Tragedy*. Londres: Duckworth, 2008.
- CHALK, H. H. O. Ἀρετή and βία in Euripides' *Heracles*. *Journal of Hellenic Studies* 82, 1962, p. 7-18.
- CHARLE, C. *A gênese da sociedade do espetáculo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARTIER, R. *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- CHEVITARESE, A. L. "Estratégias de Sobrevivência dos Agricultores na Atenas Clássica". *Phônix* 6, 2000, p. 63-89.
- CHONG-GOSSARD, J. H. K. O. *Gender and Communication in Euripides' Plays. Between Song and Silence*. Leiden, Boston: Brill, 2008.
- COLLARD, C. "The Funeral Oration in Euripides' *Supplikes*". *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 19, 1972, p. 39-53.
- COLLARD, C. (ed.). *Euripides: Supplikes*. Groningen: Bouma's Boekhuis Publishers, 1975.
- COLLARD, C. *Tragedy, Euripides and Euripideans*. Bristol: Liverpool University Press, 2007.
- CONNOR, W. R. *Thucydides*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

- COUSLAND, J. R. C.; HUME, J. R. (eds.). *The Play of Texts and Fragments: Essays in honor of Martin Cropp*. Leiden: Brill, 2009.
- CROALLY, N. T. *Euripidean Polemic: The Trojan Women and the Function of Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- CROISSET, A.; CROISSET, M. *Histoire de la Litterature Grecque*. Paris: Ancienne Librairie Thorin et fils, 1899.
- CROPP, M. J. *Euripides: Electra*. Warminster: Aris and Phillips, 1988.
- CROPP, M. J., *Euripides. Iphigenia in Tauris*, Warminster: Aris and Phillips, 2000.
- CROPP, M. J.; FICK, G. "Resolutions and Chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies". *Bulletin Supplement* 43, 1985, p. iii, vii-ix, xi, 1-25, 27-92.
- CROPP, M. J.; LEE, K. H.; & SANSONE, D. (eds.). *Euripides and Tragic Theatre in the Late Fifth Century*. Champaign: Stipes Publishing L. L. C., 1999-2000.
- CROPP, M.; FANTHAM, E.; SCULLY, S. E. (eds.). *Greek Tragedy and its Legacy. Essays presented to D. J. Conacher*. Calgary: University of Calgary Press, 1986.
- CROPP, M.; FICK, G. *Resolutions and chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. Londres: Institute of Classical Studies, University of Londres, 1985.
- CSAPO, E. "Introduction". *Illinois Classical Studies* 24-25, 1999-2000, p. 301.
- CSAPO, E.; SLATER, W. J. (eds.). *The Context of Ancient Drama*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- D'ANGOURE, A. *The Greeks and the New: Novelty in Ancient Greek Imagination and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- DABDAB TRABULSI, J. A. *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Humanitas; Editora UFMG, 2004.
- DAIN, A. *Inscriptions Grecques du Musée du Louvre: les textes inédits*. Paris: Les Belles Lettres, 1933.
- DAITZ, S. G. *Euripides: Hecuba*. Leipzig: Teubner, 1973.
- DALE, A. M. *Euripides: Alcestis*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- DAVIES, M. *The Epic Cycle*. Bristol: Bristol Classical Press, 1989.
- DAWE, R. D. "Some Reflections on *áte* and *hamartía*". *Harvard Studies on Classical Philology* 72, 1968, p. 82-123.
- DELEBECQUE, E. *Euripide et la Guerre du Péloponnèse*. Paris: C. Klincksieck, 1951. DELEBECQUE, E. *Euripide et la Guerre du Péloponnèse*. Paris: C. Klincksieck, 1951.
- DENNISTON, J. D. (ed.). *Euripides: Electra*. Oxford: Clarendon Press, 1939.
- DENTZER, J.-M. *Le motif du banquet couché dans le Proche-Orient et le monde grec du VIIe au IVe siècle avant J.-C.* Rome: École Française de Rome, 1982.
- DIGGLE, J. *Euripidis Fabulae*. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 1981-1994.
- DILEO, D. "Tragedy against tyranny". *Journal of Politics* 75 (1), 2013, p. 254-265.
- DINUCCI, A. "Apresentação e tradução do *Elogio de Helena* de Górgias de Leontinos". *ETHICA* 16 (2), 2009, p. 201-212.
- DODDS, E. R. *Euripides. Bacchae*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1960.
- DONELLY, F. P. *Art Principles in Literature*. New York: The Nacmillan Company, 1923.
- DONLAN, W. "The Origin of *kalos kai agathos*". *American Journal of Philology* 94 (4), 1973, p. 365-374.

- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- DUFOUR, M.; WARTELLE, A. *Aristote, Rhétorique*. 3 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1960–1973.
- DUNN, F. M. *Tragedy's End: Closure and Innovation in Euripidean Drama*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- EASTERLING, E. A. *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- EASTERLING, P. E. "Euripides outside Athens: a speculative note". *Illinois Classical Studies* 19, 1994, p. 73-80.
- EDMUNDS, L. & WALLACE, R. W. (eds.). *Poet, Public, and Performance in Ancient Greece*, Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.
- EGLI, F. *Euripides im Kontext zeitgenössischer intellektueller Strömungen. Analyse der Funktion philosophischer Themen in den Tragödien und Fragmenten*. Munique, Leipzig: K. G. Saur, 2003.
- EHRENBERG, V. *The Greek State*. Londres: Methuen, 1969.
- ERCOLES, M.; FIORENTINI, L. "Giocasta tra Stesicoro (PMGF 222 (b)) ed Euripide (Fenicie)". *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 179, 2011, p. 21-34.
- ALVES-MAZZOTI, Alda Judith; FUMES, Neisa de Lourdes; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira (orgs.). *Estudos sobre a atividade docente: aspectos teóricos e metodológicos em questão*. São Paulo: EDUC; EDUFAL, 2010.
- EUBEN, J. P. (ed.). *Greek Tragedy and Political Theory*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- EURÍPIDES. *Eurípide*. Volume 4. Paris: Les Belles Lettres, 1927.
- FALKNER, C. "Astyochus, Sparta's Incompetent Navarch?" *Phoenix* 53(3/4), 1999, p. 206-221.
- FENIK, B. "Iliad X and the Rhesus: The Myth". Bruxelas, Berchem: Latomus, Revue d'Études Latines, 1964.
- FERGUSON, J. *A Companion to Greek Tragedy*. Austin: University of Texas Press, 1972.
- FERLA, K. *Von Homers Achill zur Hekabe des Euripides: das Phänomen der Transgression in der griechischen Kultur*. Munique: Tuduv, 1996.
- FERREIRA, J. R. *Eurípides - As Suplicantes*. Coimbra: FESTEIA, 2006.
- FERREIRA, J. R. *Eurípides. Helena*. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, 2009.
- FEYEL, Christophe. *Δοκιμασία: La Place et le rôle de l' examen préliminaire dans les institutions des cités grecques*. Paris: de Boccard for Association pour la Diffusion de la Recherche sur l' Antiquité, 2009.
- FICK, G. *Resolutions and chronology in Euripides: The Fragmentary Tragedies*. Londres: Institute of Classical Studies, University of Londres, 1985
- FIGUEIRA, T. J. *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.
- FINGLASS, P. J. *Sophocles: Electra*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- FINGLASS, P. J.; KELLY, A. (eds.). *Stesichorus in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- FINLEY, M. *Democracy Ancient and Modern*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985.
- FINLEY, M. R. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

- FISHER, N. R. E. *Hybris: a study in the values of honor and shame in ancient Greece*. Warminster: Aris and Phillips, 1992.
- FLENSTED-JENSEN, P.; HEINE NIELSEN, T.; RUBINSTEIN, L. (eds.). *Polis and politics: Studies in Ancient Greek History presented to Mogens Herman Hansen on his Sixtieth Dirthday, August 20, 2000*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2000.
- FOLEY, H. P. *Female Acts in Greek Tragedy*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- FOLEY, H. *Ritual Irony. Poetry and Sacrifice in Euripides*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- FORNARA, C. W. (ed.). *Archaic Times to the End of the Peloponnesian War*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- FORNARA, C. W.; SAMONS II, L. J. (eds.). *Athens from Cleisthenes to Pericles*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- FOSTER, E. Aristophanes' Cleon and Post-Peloponnesian War Athenians: Denunciations in Thucydides. *Histos* Supplement 6, 2017, p. 129-152.
- FOSTER, E. *Thucydides, Pericles, and Periclean Imperialism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FRAENKEL, E. "The Authenticity of the Rhesus of Euripides". *Gnomon* 37, 1965, p. 228-241.
- FRANCISCATO, C. R. *Eurípides. Hércules*. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- FREESE, J. *Aristotle, The Art of Rhetoric*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1926.
- FRENCH, A. Athenian Ambitions and the Delian Alliance. *Phoenix* 33 (2), 1979.**
- FUSILLO, M. *Il dio ibrido: Dioniso e le 'Baccanti' nel Novecento*. Bologna: Il Mulino, 2006.
- GAGARIN, M. Background and Origins: Oratory and Rhetoric before the Sophists. In: WORTHINGTON, I. *A Companion to Greek Rhetoric*. Malden, Oxford: Blackwell, 2007, p. 27-36.
- GAGARIN, M. *Writing Greek Law*. New York, Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- GAGARIN, M.; MACDOWELL, D. M. *Antiphon and Andocides*. Oratory of Classical Greece 1. Austin: University of Texas Press, 1998.
- GAMSEY, P. D. A.; WHITTAKER, C. R. (eds.). *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 79-80;
- GARVIE, A. F. (ed.). *Aeschylus: Choephoroi*. Oxford, 1986.
- GEFEN, A. *La Mimèsis*. Paris: Flammarion, 2002.
- GIBERT, J. C. *Euripides*. Ion. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- GILL, C.; WISEMAN, T. P. (eds.). *Lies and Fiction in the Ancient World*. Exeter: University of Exeter Press, 1993.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GODLEY, A. D. *Herodotos*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
- GODOY, M. E. B. de. Rumor (Φήμη) Razão (Λόγος) em Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne: considerações sobre a tragédia ática. *Revista Angelus Novus*, 1, 2010, p. 1-30.

- GOFF, B. *Citizen Bacchae: Women's Ritual Practice in Ancient Greece*. Berkeley: University of California Press, 2004.
- GOLDHILL, S. "The Great Dionysia and Civic Ideology". *Journal of Hellenic Studies* 107, 1987, p. 58-76.
- GOOSSENS, R. *Euripide et Athènes*. Bruxelles: Palais des Académies, 1962.
- GREENBLATT, S. *Material Possessions: The Wonder of the New World*. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1992.
- GREGOIRE, H. & MERIDIER, L. *Euripide. Hélène, Les Phéniciennes*. Paris: Belles Lettres, 1950.
- GREGORY, J. "Euripides as Social Critic". *Greece & Rome* 49 (2), 2002, p. 145-162.
- GREGORY, J. (ed.). *A Companion to Greek Tragedy*, Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- GREGORY, J. (ed.). *Euripides: Hecuba*. Atlanta: Scholars Press, 1999.
- GREGORY, J. [ed.]. *A Companion to Greek Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- GREGORY, J. "Comic Elements in Euripides". *Illinois Classical Studies* 24/25, 1999-2000, p. 59-74.
- GREGORY, J. "Euripides' *Alcestis*". *Hermes* 107, 1979, p. 259-270.
- GREIMAS, A. J; FONTANILLE, J. *Sémiotique des passions*. Paris: Seuil, 1991.
- GRETHLEIN, J.; RENGAKOS, A. (eds.). *Narratology and Interpretation: The Content of Narrative Form in Ancient Literature*. Berlin: De Gruyter, 2009.
- GRIFFIN, J. "The Epic Cycle and the Uniqueness of Homer". *Journal of Hellenic Studies* 97, 1977, p. 39-53.
- HALL, E.; & HARROP, S. *Theorising Performance: Greek Drama, Cultural History and Critical Practice*. Londres: Duckworth, 2010.
- HALL, R. *Introducing Ancient Greeks: From Bronze Age Seafarers to Navigators of Western Mind*. New York: W. W. Norton, 2014.
- HALLERAN, M. R. *Euripides. Hippolytus*. Warminster: Aris & Philips, 1995.
- HALPERIN, D.; WINKLER, J.; ZEITLIN, F. (eds.). *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- HANINK, J. "Literary Politics and the Euripidean *Vita*". *The Cambridge Classical Journal* 54, 2008, p. 115-135.
- HANSEN, M. (ed.). *The Imaginary Polis*. Copenhagen: The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2005.
- HANSEN, M. H. "The Concepts of Demos, Ekklesia, and Dikasterion in Classical Athens". *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 50, 2010, p. 499-536.
- HANSEN, M. H. *Polis: An Introduction to the Ancient Greek City-State*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HANSEN, M. H. *The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes*. 2 ed. Londres: Duckworth/Bristol Classical Press, 1999.
- HANSEN, M. H. *The Athenian Ecclesia*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1983.
- HANSEN, M. H. *The Sovereignty of the People's Court in Athens in the Fourth Century B.C.* Odense: Odense University Press, 1974.
- HANSEN, M. H.; NIELSEN, T. H. (eds.). *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

- HANSEN, P. A. *Carmina Epigraphica Graeca*. Volume I: *Saeculorum VIII-Va. C.*; Volume II: *Saeculi IV a.C.* Berlim, New York: De Gruyter, 1983-1989.
- HARLOE, K; MORLEY, N. (eds.). *Thucydides and the Modern World: Reception, Reinterpretation and Influence from the Renaissance to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- HARRIS, E. M. How often did the Athenian Assembly meet? *The Classical Quarterly* 36, 1986, p. 363-377.
- HARRIS, E. M.; LEÃO, D. F.; RHODES, P. J. *Law and Drama in Ancient Greece*. Londres, New York: Bloomsbury, 2010.
- HARRISON, A. R. W. "Law-Making at the End of the Fifth Century BC". *Journal of Hellenic Studies* 75, 1955, p. 26-35.
- HEDRICK JR., C. W. "Phratry shrines of Attica and Athens". *Hesperia* 60, 1991, p. 241-268.
- HENDERSON, J. *Aristophanes*. Loeb Classical Library, 4 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1998-2002.
- HENDRIKS, L. *Athens and the Attic Demes: A History of Assimilation and Integration*. Dissertação de Mestrado. Leiden: University of Leiden, 2012.
- HESÍODO. *Hesiod: Theogony, Works and Days*. Oxford: 1988.
- HICKS, E. L.; NEWTON, C. T.; HIRSCHFELD, G.; MARSHALL, F. H. *The Collection of Ancient Greek Inscriptions in the British Museum, I-IV*, Oxford: Clarendon Press, 1874-1916.
- HILL, F. C. *Catalogue of the Greek Coins in the British Museum*. Londres: British Museum, 1873-1927.
- HILLER VON GAERTRINGEN, F., *Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores*, editio minor, 1924. 1³: *Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores*.
- HIRATA, F. Y. A *hamartía* aristotélica e a tragédia grega. *Anais de Filosofia Clássica* 2 (3), 2008, 1982, p. 83-96.
- HOGAN, J. C. "Thucydides 3.52-68 and Euripides' *Hecuba*". *Phoenix* 26, 1972, p. 241-257.
- HOLMBERG, I. The Creation of the Epic Cycle. *Oral Tradition* 13, 1998, p. 456-478.
- Homeric Hymns. Homeric Apocrypha. Lives of Homer*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- HOMERO. *The Odyssey*. Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press 1966.
- HORNBLOWER, S. *A Commentary on Thucydides*, Volume I. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- HUNTER, V.; EDMONDSON, J. (eds.). *Law and Social Status in Classical Athens*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- IGGERS, G. G. (ed.). *The Theory and Practice of History: Leopold von Ranke*. Londres: Routledge, 2011.
- IGGERS, G. G.; POWELL, J. M. (eds.). *Leopold von Ranke and the Shaping of the Historical Discipline*. Syracuse: Syracuse University Press, 1990.
- IRWIN, T. H., "Euripides and Socrates". *Classical Philology* 78 (3), 1983, p. 183-197.
- ISAAC, B. *The Greek Settlements in Thrace until the Macedonian Conquest*. Leiden: Brill, 1986; SEARS, M. A. *Athens, Thrace, and the Shaping of Athenian Leadership*. Cambridge, New York,: Cambridge University Press, 2013.
- JACOB, D. I.; PAPAZOGLU, E. (eds.). *Ekkyklema: Theatrical Studies in Honour of Professor N. C. Hourmouziades*. Heraklion, 2004.
- JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

- JOHNSTONE, C. L. (ed.). *Theory, Text, Context*. Albany: State University of New York Press, 1996.
- JOUAN, F. *Euripide. Iphigénie a Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- KAGAN, D. *The Fall of the Athenian Empire*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- KAGAN, D. *The Outbreak of Peloponnesian War*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1969.
- KAGAN, D. *Thucydides: The Reinvention of History*. New York: Viking, 2009.
- KAIBEL, G. *Epigrammata Graeca ex lapidibus conlecta*. Berlin: Berolini, Apud G. Reimer, 1878.
- KAISER, W., MOATTI, C.; PÉBARTHE, C. (eds.). *Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009.
- KAMEN, D. *Status in Classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- KIBUUKA, B. G. L. A guerra e o teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015.
- KIBUUKA, B. G. L. A Súplica em Suplicantes de Eurípides. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- KIBUUKA, B. G. L. Eurípides e a Guerra do Peloponeso: representações da guerra nas tragédias de Hécuba, Suplicantes e Troianas. Niterói: UFF, 2012.
- KIBUUKA, B. G. L. Mito, Representações e Gênero em Medeia de Eurípides. *Hélade* 4 (1), 2018, p. 56-87.
- KIBUUKA, B. G. L. Mulheres masculinas, homens femininos: representações e identidade de gênero no teatro de Eurípides. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021, p. 546).
- KIRCHNER, J. *Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores*, editio minor, 1913-1940.
- KITTO, H. D. F. "The *Rhesus* and related matters". *Yale Classical Studies* 25, 1977, p. 317-350.
- KITTO, H. D. F. *Greek Tragedy: A Literary Study*. New York: Routledge, 1961.
- KLIMEK-WINTER, R. (ed.). *Andromedatragödien: Sophokles, Euripides, Livius Andronikos, Ennius, Accius*. Stuttgart: Teubner Verlag, 1993.
- KNOX, B. M. W. *Word and Action: Essays on the Ancient Theatre*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.
- KONSTAN, D. *Pity transformed*. Londres: Duckworth, 2001.
- KOVACS, D. "Euripides, *Electra* 518-44: Further Doubt About Genuiness". *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 36, 1989, p. 67-78.
- KOVACS, D. "Toward a reconstruction of Iphigenia Aulidensis". *Journal of Hellenistic Studies* 123, 2003, p. 77-103.
- KOVACS, D. *Euripidea*. Leiden: Brill, 1994.
- KRAUT, R. "Socrates and Democracy". *Popper and the Human Sciences* 19, 1985, p. 185-203.
- KRENTZ, P. *The Thirty at Athens*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.
- LALONDE, G. V.; LANGDON, M. K.; WALBANK, M. B. *Inscriptions. Horoi. Poletai records. Leases of public lands*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1991.
- LAMARI, A. A. (ed.) *Reperformances of Drama in the Fifth and Fourth Centuries BC: Authors and Contexts*. Berlin-Boston: De Gruyter, 2015.
- LAMARI, A. A. *Reperforming Greek Tragedy. Theater, Politics, and Cultural Mobility in the Fifth and Fourth Centuries BC*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017.
- LAMBERT, S. D. *The Phratries of Attica*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993.

- LANG, M. L. *Ostraka, The Athenian Agora* 25. Princeton: American School of Classical Studies, 1990.
- LANNI, A. *Law and Justice in the Courts of Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LATTIMORE, S. *The Peloponnesian War*. Indianapolis: Hackett, 1998.
- LAVELLE, B. *Fame, Money, and Power: the rise of Peisistratos and 'democratic' tyranny at Athens*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2005.
- LAWRENCE, S. "Audience Uncertainty and Euripides' *Medea*". *Hermes* 125, 1997, p. 49-55.
- LEÃO, D. C. "Autoctonia, filiação legítima e cidadania no *Íon* de Eurípides". *Humanitas* 63, 2011, p. 105-122.
- LEÃO, D. F. "Do polites ao cosmopolites". *Anuario de Estudios Filológicos* 32, 2009, p. 157-174.
- LEÃO, D. F. "Sólón e a legislação em matéria de direito familiar". *Dike: Rivista di storia del diritto greco ed ellenistico* 8, 2005, p. 5-31.
- LEÃO, D. F. *Sólón. Ética e política*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- LEÃO, D. F.; RHODES, P. J. (eds.). *The Laws of Solon: A New Edition with Introduction, Translation and Commentary*. Londres, New York: I. B. Tauris, 2015.
- LEE, K. H. *Euripides Ion*. Warminster: Aris & Phillips, 1997.
- LEFKOWITZ, M. R. "The Euripides Vita". *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 20, 1979, p. 187-210.
- LEHMANN, G. A. *Perikles. Staatsmann und Stratege im klassischen Athen: eine Biographie*. Munique: C. H. Beck, 2008.
- LEITE, P. G. "Breves considerações sobre a democracia e o *demos* em Heródoto e Aristóteles". *Phoînix* 25 (1), 2019, p. 68-82.
- LESKY, A. *Greek Tragic Poetry*. New Haven, Londres: Yale University Press, 1983.
- LEVETT, B. "Verbal Autonomy and Verbal Self-Restraint in Euripides' *Medea*". *Classical Philology* 105, 2010, p. 54-68.
- LEWIS, D. M.; BOARDMAN, J.; DAVIES, J. K.; OSTWALD, M. *The Cambridge Ancient History*. Volume 5. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- LEWIS, D., *Decreta et tabulae magistratuum*. Berlin, New York: 1981.
- LEWIS, D.; JEFFERY, L. *Dedications. Catalogi. Termini. Tituli sepulcrales. Varia. Tituli attici extra Atticam reperti. Addenda*. Berlin, New York: 1994.
- LIANERI, A. (ed.). *The Western Time of Ancient History: Historiographical Encounters with the Greek and Roman Pasts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- LIAPIS, V.; PETRIDES, A. K. *Greek Tragedy After the Fifth Century: A Survey from Ca. 400 BC to Ca. Ad 400*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2019.
- LIGHT, A.; SMITH, J. (eds.). *The Production of Public Space*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998.
- LISSARRAGUE, F. *The Aesthetics of the Greek Banquet*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- LLOYD-JONES, H. & WILSON, N. G. *Sophoclis Fabulae*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- LLOYD-JONES, H. *Aeschylus: Oresteia, Eumenides*. Londres: 1970.
- LLOYD, C. "The Polis in *Medea*: Urban Attitudes and Euripides' Characterization in '*Medea*'". *The Classical World* 99 (2), 2006, p. 214-224.

- LORAUX, N. *Mothers in Mourning: with essay Of Amnesty and its Opposite*. Ithaca, Londres: Cornell University Press, 1998.
- LORAUX, *The invention of Athens: the Funeral Oration in the Classical city*. Cambridge (MA): MIT Press, 1986.
- LOURENÇO, F. *Eurípides. Hipólito*. Lisboa. Colibri, 1993.
- LOURENÇO, F. *Eurípides. Íon*. Lisboa: Colibri, 1994.
- LUPPE, W. "Ein weiteres Zeugnis für zwei MΗΔΕΙΑ - Dramen des Euripides". *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 173, 2010, p. 15-16.
- LURAGHI, N. (ed.). *The Historian's Craft in the Age of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LUSCHNIG, C. A. E. *Granddaughter of the Sun: A Study of Euripides' Medea*. Leiden: Brill, 2007.
- MA, J. et al (eds.). *Interpreting the Athenian Empire*. Londres: Bristol Classical Press, 2009.
- MACURDY, G. H. *The Chronology of the Extant Plays of Euripides*. New York: Haskell House, 1966.
- MAFFESOLI, A. *Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MAINGON, A. D. "Form and Content in the Lille Stesichorus". *Quaderni Urbinati di Cultura Classica* 31, 1989, p. 31-56.
- MAINGUENEAU, D. A. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MARKANTONATOS, A. (ed.). *Brill's Companion to Euripides*. Volume 1. Leiden, Boston: Brill, 2020.
- MARKANTONATOS, A. (ed.). *Brill Companion to Euripides*. Vol. 2. Leiden: Brill, 2020.
- MARKANTONATOS, A. *Euripides' Alcestis: Narrative, Myth, and Religion*. Berlim, Boston: De Gruyter, 2013.
- MARKANTONATOS, A.; ZIMMERMANN, B. (eds.). *Crisis on Stage: Tragedy and Comedy in Late Fifth-Century Athens*. Berlim, New York: De Gruyter, 2012.
- MARSHALL, C. W.; WILLIGENBURG, S. van. "Judging Athenian Dramatic Competitions". *The Journal of Hellenic Studies* 124, 2004, p. 90-107.
- MARSHALL, M. H. B. Cleon and Pericles: Sphacteria. *Greece & Rome* 31, 1984, p. 19-36.
- MARTIN, G. "On the Date of Euripides' Ion". *Classical Quarterly* 60 (2), 2010, p. 647-651.
- MARTIN, G. *Eurípides. Ion*. Berlim, Boston: De Gruyter, 2018.
- MASTRONARDE, D. J. (ed.). *Eurípides: Medea*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- MASTRONARDE, D. J. (ed.). *Eurípides: Phoinissae*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MASTRONARDE, D. J. *Studies in Euripides Phoinissai*. Tese de Doutorado. Toronto: Universidade de Toronto, 1974.
- MASTRONARDE, D. J. *The Dramatic Art of Euripides*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- MATTINGLY, H. B. *The Athenian Empire Restored: Epigraphic and Historical Studies*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996.
- MCCOSKEY, D.; ZAKIN, E. (eds.). *Tragedy and Sexual Difference*. Albany: Suny Press, 2009.
- MENESES E SOUSA, J. C. *Eurípides. Alceste*. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua, 1908.
- MÉRIDIÉ, L. *Platon, Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

- MEYER, E. A. *The Inscriptions of Dodona and a New History of Molossia*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013.
- MILES, M. M. *The City Eleusinion*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1998.
- MILLENDER, E. G. *“The teacher of Hellas”: Athenian democratic ideology and the “barbarization” of Sparta in Fifth-century Greek thought*. Tese de Doutorado. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1996.
- MILLS, S. *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- MONOSON, S.; LORIAUX, M. “The Illusion of Power and the Disruption of Moral Norms: Thucydides’ Critique of Periclean Policy”. *American Political Science Review*, 92, 1998, pp. 285-297.
- MORWOOD, J. “Euripides and the Demagogues”. *The Classical Quarterly* 59 (2), 2009, p. 353-363.
- MORWOOD, J. (ed.). *Euripides, Suppliant Women*. Oxford: Aris & Phillips, 2007.
- MOSSÉ, C. *Atenas a história de uma democracia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- MOSSÉ, C. *Histoire d’une Démocratie: Athènes*. Paris: Éditions du Seuil, 1971.
- MOSSÉ, C. *Les institutions grecques à l’époque classique*. Paris: Armand Colin, 2008.
- MOSSMAN, J. (ed.). *Euripides: Medea*. Oxford: Oxbow Books, 2011.
- MOSTAÇO, E. (org.). *Para uma história cultural do teatro*. Florianópolis/Jaraguá do Sul: Editora Design, 2010.
- MUELLER-GOLDINGEN, C. *Untersuchen zu den Phönissen des Euripides*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden, 1985.
- MUNTEANU, D. L. *Tragic Pathos: Pity and Fear in Greek Philosophy and Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- MURRAY, A. T. *Homer Iliad*. Loeb Classical Library. 2 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MURRAY, G. *Euripides and his Age*. Londres: Williams and Norgate, 1913.
- MURRAY, G. *Euripides: The Bacchae*. Londres: Allen and Unwin, 1904.
- MURRAY, O. [ed.]. *Symptica. A Symposium on the Symposion*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- NASCIMENTO, C. Euripides. *Medéia*. Mem Martins: Inquérito, 1973.
- NEILS, J.; ROGERS, D. K. *The Cambridge Companion to Ancient Athens*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2021.
- NIEDDU, G. F. The Poet at Work: The Parody of Helen in the *Thesmophoriazusae*. *Greece Rome and Byzantine Studies* 44, 2004, p. 331-360.
- NOVICK, P. *That Noble Dream: The “Objectivity Question” and the American Historical Profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- O’CONNOR-VISSER, E. *Aspects of Human Sacrifice in the Tragedies of Euripides*. Amsterdam: B.R. Grüner Pub. Co., 1987.
- O’SULLIVAN, P.; COLLARD, C. *Euripides’ Cyclops and Major Fragments of Satyric Drama*. Oxford: Aris & Phillips, 2013.
- OBER, J. *Democracy and knowledge: innovation and learning in classical Athens*. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- OBER, J. *Fortress Attica. Defense of the Athenian Land Frontier*. Leiden: Brill, 1985.
- OBER, J. *Mass and Elite in Democratic Athens*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

- OBBER, J. *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual Critics of Popular Rule*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- OBBER, J. *The Rise and Fall of Classical Greece*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.
- OBBER, J.; HEBRICK, C. (eds.). *Demokratia: A Conversation on Democracies, Ancient and Modern*. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- OLIVEIRA E SILVA, A. F. *Eurípides. Orestes*. Brasília: Ed. UnB, 1999.
- OLIVEIRA, F. R. de. *Medéia – Eurípides*. São Paulo: Odysseus, 2007.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ORMAND, K. (ed.) *A Companion to Sophocles*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- OSBORNE, R. *Athens and Athenian Democracy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- OWEN, A. S. *Euripides Ion*. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- PAGE, D. L. *Aeschylus Septem Quae Supersunt Tragoedias*. Oxford: Oxford University Press, 1972.
- PAPADOPOULOU, T. *Euripides: Phoenician Women*. Londres: Duckworth, 2008.
- PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PELLEGRINO, M. *Euripide Ione*. Bari: Palomar, 2004.
- PEREIRA, M. H. R. (dir.). *Eurípides*. Lisboa: Verbo, 1973.
- PEREIRA, M. H. R. *Eurípides. Medéia*. Coimbra: INIC, 1991.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PESCHEL, I. *Die Hetäre bei Symposium und Komos in der attisch-rotfigurigen Vasenmalerei des 6.–4. Jahrh. v. Chr.* Frankfurt: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 1987.
- PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. *The Dramatic Festivals of Athens*. 2 ed. Londres: Clarendon Press, 1989.
- PITCHER, Luke. *Writing Ancient History: An Introduction to Classical Historiography*. Londres: I. B. Tauris & Co. Ltd., 2009, p. 54-57.
- PODLECKI, A. J. "Polis and Monarch in Early Attic tragedy." In: EUBEN, J. P. (ed.). *Greek Tragedy and Political Theory*. Berkeley: University of California Press, 1986, p. 76-100.
- PODLECKI, A. J. "Some Themes in Euripides' *Phoenissae*". *TAPA* 93, 1962, p. 355-373.
- PODLECKI, A. J. (ed.). *Aeschylus: Eumenides*. Warminster, 1989.
- PODLECKI, A. J. *The Early Greek Poets and their Times*. Vancouver: University of British Columbia Press, 1984.
- POHLENZ, M. *La Tragedia Greca*. Brescia: Paideia Editrice, 1978.
- POMEROY, S. B. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves*. New York: Schocken books, 1975.
- POMPEU, A. M. C. "Eurípides aristofânico: a tragédia como artifício cômico". *Letras Clássicas* 12, 2008, p. 83-98.
- POPE, M. *Thucydides and Democracy*. *Historia* 37, 1988, p. 276-296.
- POSSENTI, S. "Observações sobre interdiscurso". *Revista Letras* 61, 2003, Curitiba, p. 253-269.
- POWELL, A. (ed.). *Euripides, Women and Sexuality*. London: Routledge, 1990.

- POWELL, A. *Athens and Sparta: constructing greek political and social history from 478 BC*. Londres: Routledge, 2001.
- POWERS, M. *Athenian Tragedy in Performance: A Guide to Contemporary Studies and Historical Debates*. Iowa: University of Iowa Press, 2014.
- PRITCHARD, D. *The Fractured Imaginary: Popular Thinking on Citizen Soldiers and Warfare in Fifth-Century Athens*. Tese de Doutorado. Sydney: Macquarie University, 1999.
- RAAFLAUB, K. A. "Democracy, Oligarchy, and the Concept of the 'Free Citizen' in Late Fifth-Century Athens." *Political Theory* 11, 1983, p. 517-544.
- REBUFFAT, R. *Le Sacrifice humain en Grèce ancienne*. Liège, Athènes: Presses universitaires de Liège, 1994.
- REINELT, J. G.; ROACH, J. R. (Orgs.). *Critical Theory and Performance*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.
- RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. (eds.). *Brill's Companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006.
- REVERMANN, M. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek Comedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- REVERMANN, M.; WILSON, P. (eds.). *Performance, Iconography, Reception. Studies in Honour of Oliver Taplin*. Nova York: Oxford University Press, 2008.
- RHODES, P. "Nothing to do with democracy: Athenian drama and the polis". *Journal of Hellenic Studies* 123, 2003, p. 104-119.
- RHODES, P. J. "Demagogues and Demos in Athens." *Polis* 33, 2016, p. 243-264.
- RHODES, P. J. *The Athenian Boule*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- RHODES, P. J. "Public Documents in the Greek States: Archives and Inscriptions". *Greece and Rome* 48 (1), 2001, p. 33-44.
- RHODES, P. J. "The Organization of Athenian Public Finance". *Greece & Rome* 60 (2), 2013, p. 208.
- RIBEIRO JR., W. A. "Vitae Euripidis". *Calíope* 16, 2007, p. 127-139.
- RITCHIE, W. *The Authenticity of the Rhesus of Euripides*. Cambridge: Cambridge University Press, 1964.
- ROBERTS, J. W. *City of Socrates, an introduction to classical Athens*. 2 ed. Londres, New York: Routledge, 1998.
- ROEHL, H. *Inscriptiones Graecae antiquissimae praeter Atticas in Attica repertas*. Berlin: Reimer, 1882.
- ROISMAN, J. "'On Phrynichos' Sack of Miletos and Phoinissai". *Eranos* 86, 1988, p. 15-23.
- RORTY, A. O. (ed.), *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- ROSELLI, D. K. "Gender, Class, and Ideology: The Social Function of Virgin Sacrifice in Euripides' *Children of Herakles*". *Classical Antiquity* 26 (1), 2007, p. 81-169.
- ROSELLI, D. K. *Theater of the People: Spectators and Society in Ancient Athens*. Austin: University of Texas Press, 2011.
- ROSIÈRE, S. *Géographie Politique et Géopolitique: Une Grammaire de L'Espace Politique*. Paris: Elipses, 2007.
- ROSIVACH, V. "Autochthony and the Athenians". *Classical Quarterly* 37, 1987, p. 294-306.
- SALDUTTI, V. *Cleone, un politico ateniese*. Bari: Edipuglia, 2014.
- SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. Londres: Duckworth, 1991, p. 57-58;

- SAXONHOUSE, A. "Another Antigone: The Emergence of the Female Political Actor in Euripides' Phoenician Women". *Political Theory* 33, 2005, p. 472-494.
- SCHMITT PANTEL, P. *La cité au banquet. Histoire des repas publics dans les cités grecques*. Collection de l'École Française de Rome 157. Rome: École Française de Rome, 1992.
- SCHÜLER, D. *Eurípides. As Fenícias*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- SCHWARTZBERG, M. "Athenian Democracy and Legal Change." *American Political Science Review* 98 (2), 2004, p. 311-325.
- SCHWARTZBERG, M. "Shouts, Murmurs and Votes." *Journal of Political Philosophy* 18, 2010, p. 448-468.
- SCHWARTZBERG, M. "Was the *Graphé Paranomon* a Form of Judicial Review?" *Cardozo Law Review* 34, 2013, p. 1049-1062.
- SCODEL, R. *The Trojan Trilogy of Euripides*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1980.
- SEAFORD, R. "The Social Function of Attic Tragedy: A Response to Jasper Griffin". *The Classical Quarterly* 50, 2000, p. 30-44.
- SEAFORD, R. *Eurípides, Cyclops. With introduction and Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- SEAFORD, R. *Eurípides. Bacchae*. Warminster: Aris and Phillips, 1996.
- SEAFORD, R.; BOSTOCK, R. *Tragedy, Ritual and Money in Ancient Greece: Selected Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- SEALEY, R. "Constitutional Changes in Athens in 410 B.C." *California Studies in Classical Antiquity* 8, 1975, p. 271-295.
- SEBASTIANI, B. B.; LEÃO, D. F.; SANO, L.; SOARES, M.; WERNER, C. *A poiesis da democracia*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- SEGAL, C. "Pentheus and Hippolytus on the Couch and on the Grid: Psychoanalytic and Structuralist Readings of Greek Tragedy". *The Classical World* 72 (3), 1978, p. 129-148.
- SEGAL, C. *Eurípides and the Poetics of Sorrow: Art, Gender, and Commemoration in Alcestis, Hippolytus, and Hecuba*. Durham: Duke University Press, 1993.
- SEGAL, E. (ed.). *Oxford Readings in Aristophanes*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SEGAL, E. (ed.). *Oxford Readings in Greek Tragedy*. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- SEIDENSTICKER, B. *Palintonos Harmonia. Studien zu Komischen Elementen in der Griechischen Tragödie*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.
- SERNA, J.; PONS, A. *La historia cultural: autores, obras, lugares*. Madrid: Akal, 2005.
- SHAPIRO, H. A. *Art and Cult under the Tyrants in Athens*. Mainz: Von Zabern, 1989.
- SHAW, M. "The Female Intruder: Women in Fifth-Century Drama". *Classical Philology* 70, 1975, p. 255-266.
- SHEAR, J. *Polis and Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- SILK, M. S. (ed.) *Tragedy and the Tragic: Greek Theatre and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SILVA, B. M. da. "A democracia ateniense e o ideal de liberdade na obra *Os Heráclidas*, de Eurípides". *Faces da História* 4 (2), 2017, p. 42-57.
- SILVA, C. R. C. *Eurípides. Os Heraclidas*. Lisboa: Edições 70, 2000.

- SINCLAIR, R. *Democracy and Participation in Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SLATER, W. J. (ed.). *Dining in a Classical Context*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991.
- SMITH, J. A.; KELLY, C. "Stylistic Constancy and Change Across Literary Corpora: Using Measures of Lexical Richness to Date Works". *Computers and the Humanities* 36, 2002, p. 411-430.
- SOARES, C.; BRANDÃO, J. L.; CARVALHO, P. C. (coords.). *História Antiga: Relações Interdisciplinares. Fontes, Artes, Filosofia, Política, Religião e Recepção*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- SOARES, C.; FIALHO, M. do C.; FIGUEIRA, T. (coords.). *Pólis/Cosmópolis: identidades locais & globais*. Coimbra, São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2016.
- SOLMSEN, F. *Kleine Schriften*. Vol. 1. Hildesheim: Georg Olms, 1968.
- SOMMERSTEIN, A. H. et al. (eds.). *Tragedy, Comedy and the Polis: Papers from the Greek Drama Conference, Nottingham, 18-20 de julho de 1990*. Bari: Levante editori, 1993.
- SOUSA, E. de. *As Bacantes de Eurípides*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- STANLEY, R. "Plato on Democracy". *Polis: the Journal of the Society for Greek Political Thought* 21 (1-2), 2004, p. 160-168
- STARR, C. G. *The Economic and Social Growth of Early Greece, 800–500 B.C.* New York: Oxford University Press, 1977.
- STERNBERG, R. H. *Pity and Power in Ancient Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- STEVENS, P. T. "Eurípides and the Athenians". *Journal of Hellenic Studies* 76, 1956, p. 87-94.
- STINTON, T. C. W. Hamartia in Aristotle and Greek Tragedy. *Classical Quarterly* 25, 1975, p. 221-254.
- SUNDAHL, M. "The Rule of Law and the Nature of the Fourth Century Athenian Democracy." *Classica & Mediaevalia* 54, 2003, p. 127-156.
- SUTTON, D.F. *The Greek Satyr Play*. Meisenheim am Glan: A. Hain, 1980.
- SWIFT, L. A. *Eurípides*. Ion. Liverpool: Bristol Classical Press, 2008.
- TAYLOR, M. *Thucydides, Pericles, and the Idea of Athens in the Peloponnesian War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- TANCREDI, M. P. de C. B. *Honra no Direito Ático*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2013.
- TANDY, D. *Warriors into Traders: The Power of the Market in Early Greece*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- The Oxford Dictionary of the Classical World*. Acessado em 2 de fevereiro de 2022. <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803105654533>.
- THOMAS, R. *Herodotus in Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- THOMPSON, W. E. "Internal Evidence for the Date of the Kallias Decrees". *SymbOslo* 48, 1973, p. 24-46.
- THORLEY, J. *Athenian Democracy*. 2 ed. Londres, New York: Routledge: 2004.
- TODD, R. "The use and abuse of the Attic Orators". *Greece & Rome* 37 (2), 1990, p. 159-178.
- TODD, S. C. *Lysias*. Oratory of Classical Greece 2. Austin: University of Texas Press, 2000.
- TODD, S. *The Shape of Athenian Law*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- TORRANCE, I. *Metapoetry in Eurípides*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TORRANO, J. A. A. *Eurípides*. Bacas. São Paulo: Hucitec, 1995.

- TORRANO, J. A. A. Eurípidés. *Medéia*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- TRAILL, J. S. *Inscriptions. The Athenian Councillors, The Athenian Agora* 15. Princeton: American School of Classical Studies, 1974.
- TSETSKHLADZE, G. R. (ed.). *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas*. Volume 2. Leiden, Boston: Brill, 2008.
- TZANETOU, A. "Supplication and Empire in Athenian Tragedy." In: UBERSFELD, A. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VELOSO, Cláudio William. *Aristóteles Mimético*. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- VERBAUCK-PIÉRARD, A.; VIVIER, D. (eds.). *Culture et cité. L'avènement d'Athènes à l'époque archaïque. Actes du colloque international organisé à l'Université Libre de Bruxelles du 25 au 27 avril 1991*. Paris: De Boccard, 1995.
- VERNANT, J.-P. A identidade trágica. In: VERNANT, J.-P. *Entre Mito e Política*. 2 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.
- VERNANT, J.-P. O Homem Grego. Lisboa: Presença, 1994.
- VERNANT, J.-P. e VIDAL-NAQUET, P. Mito e tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VIEIRA, T. As Bacantes de Eurípidés. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- VIEIRA, T. Electra(s). *Sófocles*. Eurípidés. Cotia: Ateliê, 2009.
- VIRGOLINO, M. F. *Redes, Stásis e Estabilidade na Grécia Antiga: um Estudo em Cultura Política*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.
- VLISSOPOULOS, K. "Free spaces: identity, experience and democracy in classical Athens". *Classical Quarterly* 57, 2007, p. 33-52.
- VLISSOPOULOS, K. "Slavery, freedom and citizenship in classical Athens: beyond a legalistic approach". *European Review of History: Revue Européenne D'histoire* 16 (3), 2009, p. 347-363.
- VOLONAKI, E. "'Apagoge' in homicide cases". *Díke: Rivista di storia del diritto greco ed ellenistico* 3, 2000, p. 147-176.
- VVAA (eds.). *Plato, Complete in Twelve Volumes*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1952.
- WALTON, J. M. *The Greek Sense of Theatre: tragedy and comedy reviewed*. 3 ed. Londres, New York: Routledge, 2015.
- WEBSTER, T. B. L., (ed.). *Sophocles: Philoctetes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- WERNER, C. Eurípidés. Duas tragédias gregas: Hécuba e Troianas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WEST, M. L. *Aeschylus Tragoediae*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- WEST, M. L. *Euripides: Orestes*. Warminster: Aris and Phillips, 1987.
- WEST, M. L. *Hesiod Theogony*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- WESTLAKE, H. D. "ΛΕΓΕΤΑΙ in Thucydides". *Mnemosyne* 30, 1977, p. 345-362.
- WHITEHEAD, D. *The Ideology of the Athenian Metec*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1977.
- WHITEHORNE, J. E. G. :The Dead as Spectacle in Euripides' *Bacchae* and *Supplikes*. *Hermes* 114 (1), 1986, p. 68-72.
- WILAMOWITZ, U. von. *Griechische Tragödien übersetzt*. Vol. 3. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1926.

- WILES, D. *Greek Theatre Performance: an Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- WILKINS, J. *Euripides: Heraclidae*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- WILLIAMS, R. *The Tragic Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- WILLIAMS, R. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- WILLINK, C. W. (ed.). *Euripides: Orestes*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- WILSON, P. *The Athenian Institution of the Khoregia: The Chorus, the City and the Stage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- WILSON, P. "Tragic Honours and Democracy: Neglected Evidence for the Politics of the Athenian Dionysia". *Classical Quarterly* 59, 2009, p. 8-29.
- WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (eds.). *Nothing to do with Dionysos? Athenian Drama in its Social Context*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- WOHL, V. *Euripides and the Politics of Form*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- WOODHEAD, A. G. *Inscriptions. The Decrees, The Athenian Agora* 16. Princeton: American School of Classical Studies, 1997.
- WOODRUFF, P. *Euripides: Bacchae*. Indianapolis: Hackett Publishing, 1998.
- WORTHINGTON, I.; COOPER, C. R.; HARRIS, E. M. *Dinarchus, Hyperides, and Lycurgus. Oratory of Classical Greece* 5. Austin: University of Texas Press, 2001.
- WUENSCH, R. *Inscriptiones Atticae aetatis romanae, pars. 3, Defixionum tabellae*, editio maior, 1897.
- ZACHARIA, K. *Converging Truths: Euripides' Ion and the Athenian Quest for Self-Definition*. Leiden, Boston: Brill, 2003.
- ZUNTZ, G. *The Political Plays of Euripides*. Manchester: Manchester University Press, 1955.